JULIANA KASE TANNO

Massao Ohno
Só poeticamente
Se pode viver

SÃO PAULO
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T161m Tanno, Juliana Kase Tanno
Massao Ohno/ Só poeticamente/ Se pode viver /
Juliana Kase Tanno Tanno ; orientador Wataru Kikuchi
Kikuchi. - São Paulo, 2019.
435 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

1. editoração. 2. arte-vida. 3. poesia. 4. cultura
nipo-brasileira. 5. editor independente. I. Kikuchi,
Wataru Kikuchi, orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Juliana Kase Tanno

Data da defesa: 20/08/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. Wataru Kikuchi

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 21/11/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

JULIANA KASE TANNO

Massao Ohno
Só poeticamente
Se pode viver

versão corrigida

Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas
Área de concentração: Língua,
Literatura e Cultura Japonesa
para obtenção do título de mestre
Orientador: Prof. Dr. Wataru Kikuchi

SÃO PAULO
2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra Alice Kiyomi Yagyu

Instituição Universidade de São Paulo

Prof.Dra. Leila Danziger

Instituição Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Welington Wagner Andrade

Instituição Faculdade Cásper Libero

Nome: Juliana Kase Tanno

Título: Massao Ohno/Só poeticamente/Se pode viver

Dissertação apresentada à

Faculdade de Filosofia,

Letras e Ciências Humanas

Área de concentração: Língua,

Literatura e Cultura Japonesa

para obtenção do título de mestre

Orientador: Prof. Dr. Wataru Kikuchi

Aprovado em 20/08/2019

SÃO PAULO
2019

À Sakae Kaneko

*que trouxe em seus bolsos pobres
as sementes do sentimento poético eterno*

À Massao Ohno

com quem as colhi

À memória do amigo Tuguo Ogava

18.05.1936–31.05.2019

Abstract

This is Massao Ohno, the Publisher and Editor. He pulled these writings from within, starting from the premise that his within spreads for of all the human beings. This is Massao, giving a new poetic view to what was stigmatized until today as oppression. Here we have a free man, revivifying freely his experiences, exorcised from all the chains, wether they belong to the province or to the metropolis.

His work is not simply a book, it is a philosophy. A way of life, balance of the days. It encloses a larger scale than the first reading shows: it comes to change the shades of its time, to document the formation of a generation full of love, who are also ready to assume this break with immobility and rigidity. New people closely following their organic rhythm without restrictions.

An example of love and fidelity to Art that frames and completes his image as a renowned professional and a very loving Man, so dear and respected like only a few were able to be.

Title: Massao Ohno/ Only poetically/ Life is possible

Keywords: publishing; art-life; poetry; nipo-brazilian culture; independent publisher

Resumo

Este é Massao Ohno, o Editor. De seu dentro ele tirou estes textos, partindo da premissa de que seu dentro estende-se ao de todos os seres humanos. Este é Massao, dando uma nova dimensão poética ao que até agora tinha sido estigmatizado como opressão. Aqui temos um homem livre, revivendo livremente suas vivências, exorcizado de todas as cadeias, sejam elas da província ou da metrópole.

Sua obra não é simplesmente um livro, é uma filosofia. Um modo de vida, balanço dos dias. Ela encerra uma balança maior do que a que transparece numa primeira leitura: ela vem para mudar a tonalidade de seu tempo, para documentar a formação de uma geração de pessoas plenas de amor, dispostos a também assumir essa ruptura com o imobilismo e a rigidez. Pessoas novas acompanhando atentamente seu ritmo orgânico, sem restrições.

Exemplo de amor e fidelidade à Arte que emolduram e completam sua imagem de profissional renomado e Homem amantíssimo, tão estimado e respeitado como só raros conseguiram ser.

Palavras-chave: editoração; arte-vida; poesia; cultura nipo-brasileira; editor independente

Agradeço aos que ampliaram o sentido dos vocábulos:

Prof. Orientador Wataru Kikuchi	lucidez
Renan Dias	alvoradas
Jiro Takahashi	estrada
Ricardo Redisch	<i>miles</i>
Ruy Pereira	amizade
José Castilho	luta
João Noro e João Affonso	<i>savoir faire</i>
Kazuo Wakabayashi	心
Ricardo Ohno	sucessão
Sumiye Ohno Maeda	vitalidade
Cláudio Willer, Carlos Felipe Moisés	abertura
Guilherme Ziggy, José Armando Pereira da Silva	mãos dadas
Keiko Nishie, Gabriela Itocazo, Ana Yokohama, Simonia Fukue	irmandade
Gutenberg Medeiros	memento
Joana D'Arc Moreno de Andrade	meio-dia
Marilza Dutra Pinto	garagem
Rizio Bruno Sant'Ana	silêncio
Flávia Bertinato	olhar
Jérôme Florent	constância
Beatriz Ohno	troca
Marjorie Sonnenschein	faróis
Profa. Leiko Matsubara	campo
Profa. Alice K	mistério
Álvaro Machado	precisão
Rafael Miyashiro	agulhas
Alaor Tanno e Rosa Mitsuko	chance
Toshi Tanaka e Ciça Ohno	sensibilidade
Angélica Figueira, Beatriz Sano, Carolina Minozzi	ouvidos
Marilucia Melo Meireles	espelho
Marco Aurelio Velloso	ordem
Teruco Kase, Aya Ohara, Katsue Yuba	eu
Trazedores da palavra benigna	reverberações

ORDEM DO CONTEÚDO

INICIAL	11
Considerações	19
Notas sobre o conteúdo	20
Introdução	20
A OBRA	31
Cada livro, um livro	34
Editor & Autor	59
Poesia corpo-a-corpo	64
I Feira de Poesia e Arte	67
Poster-poema	85
Poeticamente	105
Arte-Vida	107
Editor-Leitor	115
Desenhar com texto, Escrever com imagens	133
Editor Independente	144
Editor-Poeta	161
Poeticamente viver	166
内 UCHI	177
Uma experiência nipo-brasileira	183
Hiato editorial	197
大野	203
<i>Shokunin</i>	213
FINAL	220
REFERÊNCIAS	226
ANEXOS	236

Estudos do Editor para o livro Ramalhete de Haikais

INICIAL

Considerações

Os vocábulos em japonês estão grafados de acordo com o sistema de transliteração *Hepburn* (*Hebon-shiki* ヘボン式), desenvolvido pelo missionário norte-americano James Curtis Hepburn (1815-1911). Seu dicionário inglês-japonês, publicado em 1887, interpreta os sons da língua japonesa para o alfabeto latino. Nesse sistema, lê-se o *ch* como *ty*, o *ge* e o *gi* como *gue* e *gui*, e o *s* simples não tem o som de *z*. As vogais longas são indicadas por meio do acento mácron (*ā, ē, ī, ō, ū*) ou do uso de *h* (portanto, *ah, eh, ih, oh, uh*). Em português, a grafia pode receber o acento circunflexo (*â, ê, î, ô, û*), já que os vocábulos não são acentuados por mácron no nosso idioma. O texto adotou o acento mácron para vogais longas, como em *Taishō*, mantendo, por outro lado, vocábulos transliterados com *h* já assimilados pelo uso em nossa cultura, como em *Ohno*; assim, neste trabalho, o acento circunflexo não é empregado para as palavras japonesas.

Nomes de instituições, períodos históricos e nomes próprios vindos do japonês não estão em itálico, apesar de serem palavras estrangeiras. Palavras estrangeiras de uso menos frequente estão em itálico. Palavras de origem japonesa adaptadas localmente também não estão em itálico; assim, o estilo japonês de poesia, originalmente chamado no Japão de *haiku*, segue a grafia popularizada no Brasil pela Massao Ohno Editor, *haikai*, embora no dicionário Aurélio e Michaelis conste como *haicai*. No texto, o uso de letra maiúscula para Editor foi empregado quando se refere especificamente a Massao Ohno.

Os nomes próprios das personalidades japonesas (artísticas ou históricas) mantêm a ordem da grafia convencionalmente usada no Japão, ou seja, nome da família primeiro, seguido pelo nome do indivíduo (por exemplo, *Kurosawa Akira*). Os nomes próprios pertencentes ao contexto histórico e geográfico brasileiro, mesmo tratando-se de pessoas com nacionalidade japonesa, foram mantidos na ordem convencional da língua portuguesa, isto é, prenome e sobrenome (por exemplo, *Kazuo Wakabayashi*). No caso das referências bibliográficas, é seguida a forma convencionada pela ABNT (SOBRENOME, Prenome).

As normas da ABNT foram adaptadas por vários motivos. Entre eles, a fluência da leitura, a consideração pelo público não acadêmico que venha também a se interessar pelo assunto, em coerência com Massao Ohno, cuja atuação sempre se inseriu na cultura da sociedade brasileira de forma ampla, a estabelecer diversas pontes – entre obra, autor e público, entre culturas distintas, entre diferentes linguagens artísticas e entre diversos campos do saber –, e principalmente para dar protagonismo ao mais importante neste trabalho, que são os livros. Portanto, utilizamos notas de rodapé, escritas com todas as informações possíveis de cada referência; evitando abreviar com expressões latinas (*idem*, *op. cit.*, *ibidem*...). Prefaciadores, capistas e principalmente os ilustradores foram inseridos nas referências bibliográficas da Massao Ohno Editor, para facilitar o acesso à informação, que consideramos importante no contexto deste estudo. Número de exemplares e número de edição são colocados, quando parecem indispensáveis. Massao sempre incluía a equipe técnica – diagramadores, montadores, gráfica e endereço do estúdio –, o que não fizemos aqui, devido ao recorte do estudo, e não porque consideramos menos importante mencioná-la. Os endereços eletrônicos, quando há, foram reservados para a listagem final.

Para melhor localizar o leitor não familiarizado com assuntos japoneses, segue-se uma periodização histórica, cujas datas de início e fim correspondentes ao calendário ocidental estão entre parênteses.

Períodos históricos:

Jōmon, Yayoi	Muromachi (1336–1573)	Taishō (1912-1926)
Yamato	Azuchi-Momoyama (1573-	Shōwa (1926-1989)
Nara (712-793)	1603)	Heisei (1989-2019)
Heian (794-1192)	Edo (1603-1868)	Reiwa (2019-)
Kamakura (1192-1336)	Meiji (1868-1912)	

Notas sobre o conteúdo

A trajetória desta pesquisa, relatada mais detidamente na Introdução, foi subsidiada por fontes variadas, entre as quais destacam-se:

- O contato direto com Massao Ohno, por meio de gravações audiovisuais em 2006;
- O trabalho de edição, em 2014 e 2015, do material audiovisual gravado em 2006;
- Os livros da Massao Ohno Editor, publicados entre 1959 e 2010, principalmente a Coleção Massao Ohno, pertencente à Biblioteca Mario de Andrade (BMA), São Paulo, contabilizando aproximadamente setecentos títulos¹, além de outros, adquiridos em sebos de forma particular;
- O contato direto e entrevistas com pessoas do convívio de Massao – editores, familiares, autores, amigos – a partir de 2015;
- Referências audiovisuais e textuais sobre a obra de Massao e seu contexto histórico;
- A compilação dos escritos de Massao Ohno, anexada a esta dissertação;
- O arquivo Massao Ohno ou arquivo M.O., composto por cerca de trinta caixas de papelão doadas pela família à BMA que foi organizado, categorizado e selecionado, como parte da pesquisa. O conteúdo das caixas: originais anotados,

¹ Os livros consultados na Biblioteca Mario de Andrade (BMA) se localizavam em quatro coleções diferentes. Após esta pesquisa, foram reunidos no acervo da Coleção de Obras Raras e Especiais. A Coleção Massao Ohno inclui alguns títulos que não são da Massao Ohno, mas tiveram alguma participação do Editor como coordenador editorial, ou planejador gráfico. Outros livros na mesma coleção foram remetidos e dedicados ao Massao. José Armando Pereira da Silva afirma a existência de oitocentas publicações em seu livro *Massao Ohno Editor*, a ser lançado em 2019 pela Ateliê Editorial. No entanto, pode-se estimar que a produção de Massao Ohno ultrapasse mil títulos diferentes, se forem considerados os trabalhos comerciais (assuntos relacionados a política, ciências sociais, por exemplo) e publicações relacionadas a artes plásticas. Há livros não assinados pelo Editor, porém facilmente identificáveis pelo seu estilo de capa, como são os da Hipocampo e da Cortez e Moraes, para quem Massao prestou serviços.

bonecos, projetos e estudos de livros publicados e não publicados, correspondências, bilhetes, anotações pessoais, acervo de imagens para publicações, fotolitos, entrevistas publicadas e inéditas, artigos de jornais sobre Massao e artigos de sua leitura (quase sempre com alguma anotação) e livros.

Livros da Massao Ohno Editor, acervo da Biblioteca Mário de Andrade,
uma década de produção por mesa, 2017

Sou péssimo para falar das minhas coisas, e fico sem graça. Meu negócio é o visual, é assim que eu consigo me expressar e criar.²

A familiarização com todas estas fontes me permitiu gradualmente entender que Massao Ohno raramente falava sobre si em primeira pessoa do singular. O Editor revelava-se, mormente escrevendo sobre os autores e obras por ele publicados, em um verdadeiro processo de alteridade. “Falar é falar-se”, como diz a linguista búlgaro-francesa Julia Kristeva. Assim, a partir das fontes da pesquisa, configuraram-se dois vértices cruciais, onde o falar sobre o outro e o falar sobre si, no caso de Massao, aconteciam de forma precípua: o primeiro, por meio da linguagem editorial – implicando a escolha dos originais e das imagens, tiragem, paginação, prefácios, posfácios, orelhas, contracapas etc. –; o segundo, por meio de seus escritos, localizados esparsamente nos livros, aqui transcritos e anexados em uma compilação.

Tendo em vista a qualidade da produção do Editor (seus textos e livros) e a pouca divulgação dos mesmos, assumi, como critério, dar-lhe a palavra como protagonista, mesmo que ele tenha escolhido se expressar por meio da editoração, atividade de natureza preponderantemente discreta. Por esses motivos, tentei reunir o material que está disperso e foi pesquisado, bem como privilegiei ao máximo a sua obra. O recorte do estudo, muito particular, parte do aprendizado que realizei com ele. A pesquisa se configurou, assim, como parte de um processo para mim vital, que se permitiu criativa na fase escrita. De forma diversa, não teria sido possível, nem considero que fosse adequado, falar sobre a obra de Massao tendo em vista o que experienciei.

² OHNO apud ALMEIDA, Sergio Pinto de. *O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros*. Folha de São Paulo, Ilustrada, 15 de Julho de 1978.

Não é por acaso que o Editor nos lembra: “não há nada que diga mais a respeito de um criador do que sua própria obra”³. Aquilo que ele deixou impresso pela sua editora, a Massao Ohno Editor, após selecionado, trabalhado, sintetizado e acalantado, é o mais próximo que se pode chegar de sua essência. Nesse sentido, entendo que o presente estudo não substitui a experiência poética do contato direto com os livros; ao contrário, é movido pelo desejo de levar o leitor a buscar a obra e, assim, experienciá-la e tirar suas próprias conclusões.

Espero elencar, portanto, algumas questões que me foram suscitadas pela obra de Massao, articulando-as ao aprendizado e repertório que fui construindo durante a pesquisa e, inevitável que seja, ao meu olhar de pesquisadora, de artista plástica, de documentarista, de descendente de japoneses e de leitora da Massao Ohno. Um recorte parcial, pois.

O reconhecimento da obra artística de Massao nas culturas brasileira e nipo-brasileira, tão predispostas atualmente a apagar seus verdadeiros heróis, e a revitalização das formas de perceber esse extenso trabalho de amor à poesia, a que se deu o Editor durante toda a sua carreira, são de grande significância para o momento de desencanto e contradições político-sociais que hoje se acirram no país, pois fazem exercitar uma noção fundamental de humanidade, a ser perfilada incessantemente.

³ Nota manuscrita por Massao Ohno em papel encontrado no arquivo M. O., junto ao material do livro *Ramalhete de Haikais*, de Marisa Sarmiento Silveira (2008). Na página 114 deste, Sarmiento atribui a citação a Kurosawa Akira, retirada de seu *Relato autobiográfico*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

Introdução

⁴ still do filme Editor por Editor

Inadvertidamente de minha parte, Massao Ohno (1936-2010) se tornou um de meus maiores mentores (ou mestres). A imagem que o Editor suscita é a daquele que ensina silenciosamente, sem pretensão alguma. Sendo exemplo, ele persistiu durante cinquenta anos na atividade poética, indo contra qualquer pedido convencional do meio editorial e social. Este trajeto de aprendizado que fiz com Massao Ohno não tem começo exato nem fim, mas se deu mais intensamente entre o final de 2014 e a conclusão deste trabalho, em 2019.

Conheci o Editor em sua casa, em 2006. Tinha 26 anos de idade e imaturidade bastante para não conseguir lançar uma visão panorâmica sobre minha própria trajetória, portanto ignorava o valor da bagagem cultural do hibridismo brasileiro e do hibridismo nipônico, dentro dos quais havia me formado, e dentro dos quais Massao Ohno, mais intensamente do que eu, se formou⁵, segunda geração nipo-descendente que era. Assim, à época, também fui incapaz de perceber que durante a vida não encontraria muitas pessoas como este senhor de 70 anos, com quem tive a oportunidade de conviver durante alguns meses, dada a ocasião de um convite para gravar os nossos encontros⁶. O material audiovisual coletado foi acrescido posteriormente, em 2014, de entrevistas com poetas e familiares, ganhando a forma do documentário *Massao Ohno – Poesia Presente*⁷ em 2015. Dois momentos do processo de produção deste filme foram importantes para perceber a importância de Massao Ohno para meu próprio aprendizado. O primeiro aconteceu na decupagem⁸ do material bruto das gravações com Massao, intocado por nove anos, e o segundo, na ilha de edição⁹.

O bem feito Cronos não devora: ao contrário, se prova melhor. Assim foi com a palavra de Massao, que falecera quatro anos antes da etapa de edição do filme. Sua

⁵ Capítulo *Uchi*, p.186

⁶ Convite realizado por **Paola Prestes**, doutoranda pela Escola de Comunicações e Artes da USP, idealizadora e diretora do documentário *Massao Ohno – Poesia Presente*, proprietária da Serena Filmes.

⁷ MASSAO Ohno: *Poesia Presente*. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.

⁸ Seleção que se faz previamente à edição do filme.

⁹ Edição de *Massao Ohno – Poesia Presente*, realizada conjuntamente por Paola Prestes, Matias Lanceti e Juliana Kase; edição adicional de Pedro Carvalho.

ausência serviu, de fato, para ressaltar a singularidade da sua figura e do encontro. Ademais, tendo iniciado estudos sobre a cultura e as artes japonesas, ao mesmo tempo em que resgatava minha própria história familiar, pude perceber, então, que vivi com Massao um momento fugaz, precioso e único nos encontros de 2006. No Japão, esta noção do tempo que não se repete e do instante oportuno é traduzida pelo termo *ichi-go ichi-e*¹⁰, correspondente às águas cantadas por Lucrécio.¹¹

Convivi intensamente, portanto, com a sua palavra, através destes arquivos audiovisuais em 2015. E, a partir do ano seguinte, mergulhei mais detidamente em sua obra, através dos livros por ele editados entre 1959 e 2010. Aproximadamente setecentos compõem o acervo da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), localizada no centro da cidade de São Paulo, além dos adquiridos em sebos e consultados em coleções particulares, que contabilizam cerca de mais cem. Também detive-me a pesquisar o conteúdo de caixas não catalogado, que pertenceu a Massao, doado pela família à mesma Biblioteca. Tive acesso a este material bruto de editor, aqui chamado de arquivo Massao Ohno ou arquivo M.O., a partir do projeto do documentário *Editor por Editor*¹², que elaborei em 2015, com a anuência da família¹³ e a parceria da BMA¹⁴.

¹⁰ *Ichigo-ichi-e* 一期一会 literalmente quer dizer “um tempo”, “um encontro”. Está presente no *Chanoyu*, *Chadō* ou *Sadō* 茶道 (a Cerimônia do Chá), que na cultura japonesa enfatiza o sentimento de impermanência, *Mujō* 無常. Ainda que com as mesmas pessoas, no mesmo local, o momento é único, e a transformação e o movimento, constantes. Por isso, toma-se consciência da passagem do tempo e valoriza-se o encontro.

¹¹ Tudo flui, segundo Tito Lucrécio Caro (99 a.C.-55 a.C), no livro *De rerum natura* (Sobre a Natureza das Coisas):

“Tal do espaço e lugar é a natureza,
Qual a de um claro rio, que fluísse
Ab aeterno em perpetuo, e logo curso,
Que não andara mais, que o que lhe resta,
Tanto é, pois, desmedido este universo,
Sem limites alguns de parte alguma!
É lei constante, enfim, da natureza,
Que nada seja termo ao Universo”.

¹² EDITOR por Editor. Direção: Juliana Kase. São Paulo: Wasurezuni, 2019. DVD 75 min, documentário, HD, cor.

¹³ Os familiares de Massao Ohno que sempre apoiaram os projetos que conduzimos são: Ricardo Ohno (1963), professor de Educação Física, filho de Massao e Delcia Matsumoto (1937); Beatriz Figueiredo Ohno (1973), recordista mundial de paraquedismo, filha de Massao e Christina Figueiredo; e Marjorie Sonnenschein (1944), fotógrafa, última companheira de Massao.

O conteúdo do arquivo de Massao Ohno – erudito não só das letras, mas também das visualidades – tornou necessária a presença de um olhar experiente na área editorial (bem como o espectador do filme necessitaria de um interlocutor para narrar-lhe o que seria desvelado). Assim, convidei para as tarefas o editor Jiro Takahashi¹⁵, amigo de Massao, colaborador inestimável de todo o projeto.

Outros colaboradores além de Jiro – Ricardo Redisch¹⁶, Ruy Pereira¹⁷, José Castilho Marques Neto¹⁸, João Junhiti Noro¹⁹, João Affonso²⁰, Kazuo Wakabayashi²¹ –, que trabalharam com Massao Ohno em diferentes períodos de sua carreira, também foram convidados para dar depoimento ao documentário, tornando-se importante base de consulta para a presente pesquisa de mestrado, iniciada em 2016. Esses depoimentos, mas principalmente a convivência com os editores e amigos próximos a Massao, foram vitais

¹⁴ A pesquisa teve o aval da diretoria e foi apoiada por toda a equipe da Biblioteca Mário de Andrade, principalmente, do começo ao fim, por Joana D’Arc Moreno de Andrade, bibliotecária da Coleção de Obras Raras e Especiais, bem como por Marilza Dutra Pinto, funcionária do mesmo setor.

¹⁵ **Jiro Takahashi** (1948), editor. Na Editora Ática, esteve à frente de coleções, como as séries *Vaga-lume* e *Para Gostar de Ler*. Foi um dos criadores da Estação Liberdade e diretor editorial da Nova Fronteira, Abril Educação e Ediouro, entre outras. Lecionou no curso de Letras, Tradutor e Intérprete da Unibero, atual Kroton, além da Fecap, da Universidade do Livro da Editora Unesp, e foi convidado para lecionar no curso de Editoração da USP. Trabalha atualmente na Editora Nova Aguilar. Foi amigo de Massao.

¹⁶ **Ricardo Redisch** (1958), editor, poeta e consultor de empresas da área de livros científicos, técnicos e profissionais, trabalhou no Grupo Editorial Nacional (GEN), na Editora Nova Fronteira, na Editora Campus-Elsevier, ampliou o catálogo de títulos universitários e séries na área de ensino de idiomas, como *Urgente!* e *Como dizer tudo em....*. Começou sua carreira com Massao Ohno, em 1981.

¹⁷ **Ruy Pereira** (Ruy Garcia de Melo Pereira, 1949) é desenhista e editor (*Guitar Player*, *Modern Drummer* e inúmeros livros e outras revistas), foi colaborador e produtor gráfico de Massao desde 1972 e, com alguns hiatos, manteve relação com ele até 2010.

¹⁸ **José Castilho** (1953) foi um dos sócios proprietários junto com Magali Gomes Nogueira e Moisés Limonad, da Kairós Livraria e Editora (1978 a 1983), diretor-presidente da Editora Unesp, de 1996 a 2015, diretor da Biblioteca Mario de Andrade, de 2002 a 2005, e presidente de diversas instituições ligadas à leitura, como a Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe, além de Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura, de 2006 a 2011 e de 2013 a 2016. Recebeu apoio de Massao no começo de sua carreira.

¹⁹ **João Junhiti Noro** (1941) foi gerente de produção editorial da Abril, diretor editorial do Círculo do Livro, diretor geral da Saraiva, diretor da área de livros e fascículos da antiga Rio Gráfica, atual Globo, diretor da Planeta DeAgostini em Barcelona, diretor da RBA Editora em Portugal, sócio da Casa Amarela, que editou a revista *Caros Amigos*, sócio de Ruth Rocha na Quinteto Editorial e sócio da JSN Editora. Começou sua carreira editorial com Massao em 1961.

²⁰ **João Damasceno Affonso** (1938) é gráfico, proprietário da AM Produções Gráficas, trabalhou com Massao em 1961 e 1962, ao mesmo tempo em que era bancário.

²¹ **Kazuo Wakabayashi** (1931), artista plástico, emigrou do Japão para o Brasil em 1961, participou do grupo Seibi, ao lado de Manabu Mabe, Tomie Ohtake, entre outros. Diversas imagens de suas pinturas e arte caligráfica japonesa (*shodō*) são encontradas em capas e miolos de livros publicados por Massao.

para o entendimento e a absorção das diversas fases da trajetória do Editor. Assim, também essas conversas contribuíram com a familiarização de tendências literárias e artísticas de contextos históricos que não vivi, principalmente os prolíficos anos 1960 em São Paulo.

A pesquisa envolveu múltiplas triagens do conteúdo das caixas e tentativas de criação de categorias. O início desta etapa contou com a colaboração de Jiro Takahashi e da bibliotecária responsável pela Coleção de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade (BMA), Joana D’Arc Moreno de Andrade. A categorização do arquivo Massao Ohno, no entanto, necessitou ser refeita diversas vezes, à medida que o material era organizado, identificado, comparado e, finalmente, agrupado. A ideia inicial de organizar em ordem cronológica não foi possível, pela indeterminação de datas de alguns materiais. Após dois dias de abertura dessas caixas com Jiro e Joana, o material começou a ser organizado nas seguintes quatro categorias: manuscritos esparsos (correspondências, desenhos, esboços) de Massao; originais de terceiros; produção editorial Massao Ohno (projetos de livros); e acervo de imagens (fotos, desenhos, xerox, etc.). Após esse momento, prossegui o trabalho, com o auxílio do amigo, sociólogo e produtor cultural Jairo Basilio Araldi²² e consultoria pontual do amigo, editor de texto, Aristóteles Angheben Predebon²³. O trabalho não só se constituiu do acondicionamento do material e da criação de distinções necessárias para categorizá-los, como também da seleção por relevância editorial e histórica. Remeti-me a esse material inúmeras vezes ao longo da pesquisa, para assimilar e filtrar o que foi possível do seu conteúdo. A maior parte do material se refere aos últimos anos de trabalho editorial de Massao Ohno, na década de 2000.

²² **Jairo Araldi** (1980) é sociólogo e produtor cultural. No documentário *Editor por Editor* desempenha as funções de produtor executivo, produtor de set e assistente de pesquisa. É membro do Comitê de Disciplinas Especiais da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Nacional de Assunção e diretor do Centro de Investigação em História Social Paraguaia, ambos no Paraguai.

²³ **Aristóteles Angheben Predebon** (1979) é editor de texto da Unifesp e professor do Instituto de Ensino Superior de Mairiporã. É doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Em meio ao arquivo M.O., alguns objetos se destacaram por revelar o estilo editorial de Massao. Seus escritos em forma de cartas, projetos e notas (manuscritas ou datilografadas), as diversas anotações em originais e bonecos, além das entrevistas concedidas a jornais e revistas, entendidos no contexto de seu momento pessoal e histórico, revelam a sua condução Ética mesclada à sua Estética, de maneira íntegra.

Durante todo o processo de trabalho com o arquivo, tive a expectativa de encontrar poemas escritos por Massao, pois havia diversos rumores sobre a existência deles, porém constatei que o Editor provavelmente deve ter se desfeito de seus versos, como havia afirmado nas gravações de 2006 e conforme a matéria de jornal de 1990: “só não se animou, até agora, a editar sua própria produção poética, parte da qual destruiu num momento de desencanto nos anos 70”²⁴.

Na desventura de não localizar os poemas de Massao, decidi, então, compilar os seus escritos que se encontram esparsos nos títulos por ele publicados, a exemplo de textos de contracapa, orelhas de livro, apêndices etc.²⁵. Anexei-os integralmente a este trabalho, pois foram material de referência central desta pesquisa, na medida em que trazem uma visão de mundo e sensibilidade artística raras, não só para o meio editorial como também para as artes.

Simultaneamente ao período de convivência com a obra de Massao Ohno, iniciei em 2010, aproximadamente, o lento resgate da minha identidade cultural que não encontrava correspondências na cultura brasileira. Em grande parte, o processo se deu através da observação e das experiências práticas com as expressões artísticas japonesas contemporâneas, além das ditas tradicionais. Tiveram papel essencial neste processo o estudo incipiente da língua japonesa, o *Butō*²⁶ 舞踏, o *Shodō*²⁷ 書道 e, mais tarde, o *Nō*²⁸

²⁴ MASSAO não desiste. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 fev. 1990. A matéria foi parcialmente transcrita pela autora Neusa Cardoso para o livro *Cantigas de amor, sem escárnio e maldizer*, publicado em 1996 pela Massao Ohno Editor.

²⁵ A compilação ainda pode ser complementada, pois foi possível consultar aproximadamente 700 dos livros da Massao Ohno Editor.

²⁶ *Butō*: dança criada no Japão, pós Segunda Guerra Mundial. Teve, como precursores, Hijikata Tatsumi (1928-1986) e Ohno Kazuo (1906-2010). O *Butō* assimila referências ancestrais japonesas e recém-chegadas do

能楽, a cujas noções temporais, espaciais, sensíveis e poéticas filiei-me imediatamente. O aprendizado também estaria muito incompleto sem a presença do professor e artista Toshi Tanaka²⁹ e a transmissão da percepção sensível do corpo, sobre a qual está baseada a experiência japonesa e a sua própria. Posteriormente, ingressada no curso de pós-graduação e no grupo de estudos de arte asiática GEAA, pude estudar, na companhia de outros pesquisadores, o que já vinha experienciando, os conceitos originados dentro da cultura e das artes japonesas. Todo esse conjunto me instrumentalizou minimamente para perceber algumas relações entre a maneira estética e ética de Massao publicar e a sua cultura híbrida nipo-brasileira, e, a partir disso, pude expandir meus próprios conceitos de Arte e Vida.

Para perceber a produção de Massao Ohno como arte e sua pessoa como artista, é preciso ir além do conceito de arte que ainda predomina nas sociedades urbanas ocidentalizadas e remeter-se a conceitos e práticas expandidos, pertinentes a períodos anteriores à Europa industrial e capitalista. Essa cultura, espalhada desde o século XVIII pelo globo, com as expansões mercadológicas, ainda perdura no XXI, apesar de estar demonstrando fragilidades. Voltei-me, então, às práticas-conceitos de arte desenvolvidas

ocidente, principalmente da Europa e dos Estados Unidos, criando movimentos extremamente particulares a seus autores.

²⁷ *Shodō*: literalmente “caminho da escrita”, arte caligráfica japonesa. Teve origem na caligrafia chinesa, que data da Dinastia Yin, século I, 300 a.C., e desenvolveu-se mais fortemente na Dinastia Han (206 a.C.), sendo introduzido no Japão pelos monges budistas, a partir dos séculos V e VI.

²⁸ *Nō* ou *Nōgaku* 能楽: apresenta-se hoje como uma forma tradicional de teatro japonês. Foi configurando-se fortemente durante o período medieval japonês, na era Muromachi (1336-1573), ou seja, há mais de seis séculos. O principal expoente do *Nō* é Motokiyo Zeami (1363-1443), que deixou escritos diversos tratados para a transmissão aos sucessores dos princípios estéticos e filosóficos que guiam a expressão.

²⁹ **Toshi Tanaka** (1960), nascido em Tokyo, artista-performer criador do *Fūgaku* 風楽, literalmente “alegria/caminho artístico do vento”. Coordenador do projeto Jardim dos Ventos, professor da PUC-SP no curso de Comunicação das Artes do Corpo, professor de *Seitai-hō* e *Dō-hō*, licenciado no Instituto de Pesquisas de Educação Corporal do Seitai Kyokai (Associação de Seitai), em Tokyo, e professor da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Literatura e Artes na PUC de São Paulo, com notório saber em performance. É casado com Maria Cecília Ohno (1966), também artista do corpo, sobrinha de Massao Ohno. O *Dō-hō* 動法 é uma prática desenvolvida no Japão por Noguchi Hiroyuki (1948), atual diretor da Seitai Kyokai. Através do ponto de vista do *Seitai-hō*, fundado por seu pai Noguchi Haruchika (1911 – 1976), pesquisou a movimentação nas diversas modalidades das artes populares, tradicionais, marciais e movimento em geral, chegando em *kata* (código de movimento cultural que sustenta a cultura e a ordem da natureza), nomeando de *Dō-hō*. *Dō* significa movimento e *hō* técnica, princípio: é um princípio/método que pesquisa o movimento, a partir do entendimento sensível do corpo.

no arquipélago japonês até o período shogunal Edo (1603-1868), e que ainda resistiam no período Meiji (1868-1912) ao afastamento dos modos de vida antes praticados.

Minha primeira ida ao Japão, durante três meses no inverno de 2017-2018, parcialmente promovida pelo intercâmbio da Universidade de Kanagawa, em Yokohama, com a Universidade de São Paulo, me revelou um país desenvolvido e majoritariamente adaptado ao funcionamento e valores do mundo ocidental-capitalista, muito mais do que eu esperava. Provavelmente tinha esperanças, mesmo que inconscientes, de encontrar a cultura trazida pela minha avó, com quem convivi na minha infância. No entanto, lá me dei conta de que o parâmetro geográfico ao qual eu atribuía parte da minha identidade era, na verdade, de origem histórico-geográfica. Sob este aspecto, foi vital estar pessoalmente na comunidade Yuba, perto da cidade de Mirandópolis, e me dar conta dos contornos da cultura nipo-brasileira, bem como iniciar um contato com a cultura originária indígena³⁰. Essas experiências não estão retoricamente expressas no texto, mas sem elas a elaboração sobre o pretérito, o presente e a simultaneidade de culturas tão distintas que habitam em nós nipo-brasileiros seria difícil.

Pude intuir, então, a partir da observação da obra e da metodologia de Massao, que os princípios estéticos revelados por suas escolhas gráficas e sua postura artística possuíam uma herança cultural japonesa, cujas raízes busquei verificar em sua cultura familiar. A partir desse enfoque, pude contemplar a sua produção, ou seja, ante esse *background* da cultura japonesa de que eu mesma compartilho em certa medida. Não se trata de teorizar, apenas de observar que muito do que encontrei nas páginas publicadas e no material de trabalho de Massao Ohno se ilumina, tendo em vista esses conceitos-práticas do Japão pré-Segunda Guerra Mundial, que hoje ainda são exercidos nas artes chamadas tradicionais. Nesse sentido, a figura do *shokunin*, um correspondente aproximado ao experto-artista-artesão é apontada. O aspecto japonês ou nipo-brasileiro presente na obra

³⁰ Este trabalho não abrange as culturas autóctones, mas o conceito formado a partir das práticas artísticas talvez encontrem diálogo, sem perder de vista as devidas particularidades, com a cultura do Japão feudal. Naquele período, não havia diferenciação entre arte e artesanato, entre objeto de contemplação e objeto de uso, ideias particularmente difundidas dentro da cultura europeia.

de Massao nos ajuda a expandir conceitos de arte ainda estanques em nossa cultura, aqui se tratando especificamente do livro como criação artística.

A partir de parâmetros de conceitos de arte diferentes dos praticados nas culturas urbanas ocidentalizadas, podemos observar que Massao Ohno escreveu poesia utilizando a pena da edição, que tendo em vista a filosofia oriental e poética, não difere da que escreve a própria Vida. “Só poeticamente se pode viver”³¹, gostava de citar Massao. O entendimento do Editor sobre a poesia se aproxima muito da minha visão sobre arte, que se desenvolveu a partir dos quinze anos de experiência na área. É possível que tenha sido Massao mesmo um dos ativadores desse processo, desde o ano de 2006, em que o frequentei.

A partir do que apreendi com Massao, posso dizer que o poeta não é aquele que se exprime em uma determinada linguagem artística; para além disso, cria irrestritamente sem conceitos pré-determinados, inclusive faz poesia de sua ação, vivendo. Conforme afirmou Álvaro Alves de Faria, Massao Ohno foi “um poeta dos livros”³².

³¹ Massao atribuíu a frase a Fernando Pessoa.

³² Citação completa: “Falar de Massao só será possível na linguagem da poesia. É um poeta dos livros, um monge que dedicou sua vida a isto. (...) Ele está aí nesse meio como um Dom Quixote a combater a miséria de um tempo feito quase só de angústias”. FARIA, Álvaro Alves de. *Editor da Esperança*. São Paulo: Agência Fapesp, 10/12/2014.

33

³³ Detalhe da capa de Ramalhete de haikais

A OBRA

Algumas existências têm pontos altos. Massao Ohno desenhou com a sua uma cordilheira de milhares de páginas, palavras, imagens, vozes múltiplas testemunhando suas épocas através de sensações³⁴. Um livro em mãos mais uma vez desvela no folhear uma visão estética que só o pensamento intuitivo³⁵, aliado ao repertório intelectual e à experiência sensível do mundo, pode fornecer. Acontece só às grandes obras de arte: quanto mais se vê, mais se alimenta o desejo de rever, em virtude das múltiplas camadas de interesse nelas contidas.

A partir da convivência intensa durante todo o processo de pesquisa com os livros publicados pela Massao Ohno Editor e com o arquivo dos remanescentes materiais da manufatura editorial de Massao (arquivo Massao Ohno ou M.O.), ambos em quase sua totalidade pertencentes ao acervo da Biblioteca Mário de Andrade, selecionei um, entre cerca de oitocentos consultados, para refletir sobre a sua poética: o *Ramalhete de Haikais*, de Marisa Sarmiento da Silveira, publicado em 2008.

Este livro aparentemente singelo se destacou em meio aos nomes, hoje consagrados, dos incógnitos jovens poetas e designers incentivados por Massao nos anos 1960, entre o profuso experimentalismo de formatos dos 1970 e entre a enorme produção dos 1980 e 90. O motivo da escolha se deveu, em parte, à intrigante quantidade de material editorial relacionado à sua execução, encontrada no arquivo M.O., mas principalmente pelas múltiplas camadas artístico-editoriais que se podem investigar a partir dele.

Assim, na expectativa de delinear, mesmo que em linhas de esboço, o estilo estético do Editor-poeta Massao, cuja conduta ética lhe é inseparável, observei características no *Ramalhete de Haikais*, associando-as a obras de outros períodos e vice-versa, em que se fez necessária a correlata contextualização histórica.

³⁴ Dizia Massao Ohno: "A tarefa do escritor, no meu entender, é a mais árdua de todas: dar o testemunho de uma época através da sua sensação". In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

³⁵ Para ler sobre a intuição ou a razão intuitiva, Cf. BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005; BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Ramalhete de Haikais, um livro de suma importância na produção derradeira do Editor, nos convida a ver além das imagens, a ler além do texto, *ver sem ver* como poderia nos dizer a autora, em um dos múltiplos sobrevoos possíveis pelo corpo impresso entre 1959 e 2010 pela Massao Ohno Editor.

Cada livro, um livro

Em mãos, o *Ramalhete*³⁶ de Marisa Sarmiento da Silveira. Um livro 14x21³⁷, formato comum para o mercado editorial, bem como para a produção impressa por Massao Ohno devido ao aproveitamento de papel³⁸, encadernado em brochura (capa mole unida a lombada por cola), laminação fosca, imagem contínua entre contracapa, lombada e capa, mostrando uma paisagem em cores frias, miolo em preto e branco sobre papel offset, 160 páginas, poucas imagens (a maioria pequenas) e muitos haikais.

As características simples do livro podem enganar o olhar desatento que se prenda à superfície das imagens, alienando seus fortes dados processuais. Cada página mostra os detalhes editoriais, resultantes da relação editor-autor de mútua estima, que vai se tornando evidente à medida que se lê. O conjunto dos haikais configura a parte central do livro e é antecedido pelos agradecimentos por parte da autora (p. 7 e 8), pela apresentação e dedicatória escritas pelo Editor (p. 13 a 15), e sucedido pela reflexão da autora sobre o significado do haikai para a sua trajetória (p.119 a 137), pela carta a Massao, onde a autora relata o processo de construção do livro (p. 140 a 151) e finalmente pela palavra final do Editor (p. 157 a 159). Esse substancial contorno indicia a densa experiência da publicação, confirmada pelo material de produção e criação relativo ao livro, presente no arquivo Massao Ohno.

A distância em que se deu o trabalho – a autora de Porto Alegre e o Editor de São Paulo –, a predileção destes por correspondência postada ao invés da digital e a ocasião da mudança de residência de Ohno em sua fase final de vida, terminaram por preservar as evidências materiais processuais correspondentes a este livro, compostas por estudos de projeto gráfico, diversas provas impressas com anotações, cartas etc.

³⁶ SILVEIRA, Marisa Sarmiento da. *Ramalhete de Haikais*. São Paulo: Massao Ohno, 2008.

³⁷ 14x21 ou “catorze por vinte e um” é praticamente um termo jargão no meio editorial. O sentido é de um livro não luxuoso, nem oneroso, comum. Os números fazem referência à dimensão (largura x altura) em centímetros, muito recorrentemente adotada para os livros no Brasil, devido ao bom aproveitamento que ele faz da folha gráfica.

³⁸ O formato 14x21cm possibilita o maior aproveitamento (18 partes) dentro da folha gráfica 66x96cm.

Nas orelhas (lapelas) do livro, sobre fundo de cor sólida com matiz e tom semelhante às áreas mais escuras da capa, há um breve texto de apresentação da autora, professora universitária de ampla carreira ligada à educação, dizendo: “não sendo escritora, cultiva sua forma como artesã da palavra escrita”.

Fotocópia do original de Ramallete de Haikais, onde se vê revisão feita pela autora (em azul) e pelo Editor (em vermelho) – arquivo M.O.

A atenção dada a cada palavra e o esmero evidenciado pelas inúmeras revisões nas provas impressas desta publicação, realizadas não só pela autora mas também pelo Editor, demonstram que a imagem da “artesã”, atribuída à autora na apresentação escrita por sua filha, é muito oportuna e pode tranquilamente também ser destinada ao Editor. Os remanescentes processuais do livro – anotações minuciosas, em caligrafias de Marisa e Massao, que se espalham pelas três fotocópias dos originais manuscritos e pelas sete provas completas de impressão revisadas, além das provas parciais, estudos de capa, de formato e de tipologia – mostram o extremo cuidado que ambos tiveram com os detalhes.

A prática de revisão detalhada no texto também pode ser observada nas fotocópias de preparo à edição das obras completas de Idelma Ribeiro de Faria (1924-2001), *Emoção e Memória*³⁹, publicada em 1999. Comenta o editor Jiro Takahashi, ao ver os apontamentos feitos por Massao nas fotocópias dos livros de Idelma, que, mesmo em um projeto de reedição, ele cuida para que o texto se aperfeiçoe, sugerindo a remoção de todas as vírgulas aos finais de verso, já que a mudança de linha já assinalaria uma pausa⁴⁰. Em geral, este tipo de revisão para um livro já publicado anteriormente não é comum; de acordo com Jiro, “um detalhe tão pequeno, vamos dizer assim, minimalista, ele cuida (...) é um verdadeiro editor”⁴¹.

Prova heliográfica de *Ramalhete de Haikais*, com anotação de Massao

³⁹ FARIA, Idelma Ribeiro de. *Emoção e Memória – obra poética reunida: 1949-1999*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/10/99.

⁴⁰ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

⁴¹ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

Assim como as provas de impressão comuns de *Ramalhete de Haikais*, as provas heliográficas não são poupadas de correções, ou seja, a um passo da impressão final do livro, com a matriz de offset já queimada, Massao ainda permite que sejam feitas alterações no texto, o que, segundo Jiro Takahashi, “seria contra qualquer regra de bom senso”, isto é, “Ninguém permitiria fazer esse tipo de correção nessa fase da produção, faria em uma segunda edição”; “ele praticamente usa uma prova heliográfica como se fosse uma prova comum, do ponto de vista de economia, de administração financeira, ele fez tudo aquilo que ninguém faria”⁴².

não tive tempo de enriquecer⁴³

⁴² TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

⁴³ OHNO, Massao apud MAYRINK, Geraldo. Um Samurai da Sombra. In: *Homenagem a Massao Ohno* – 45 anos de atividade editorial. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 6/12/2004.

contrariando toda a lógica, a poesia circula e é lida. Rejeitando o mercado, custando quase nada, ela passa de boca em boca, como o ar e a água. Seu valor e sua utilidade não podem ser medidos; um homem rico em poesia pode ser mendigo. E os poemas não podem ser economizados para formar uma poupança: eles têm que ser gastos.⁴⁴

As escolhas editoriais de Massao Ohno realmente tornam notório o fato de que seu objetivo não era o lucro financeiro, mas sempre a obra bem realizada e a satisfação de suas necessidades (poéticas, sobretudo). Em correspondência datilografada à autora Rebeca Honig, escreve: “o que eu penso viável é uma edição sem luxo, mas muito bem feita”⁴⁵ – assim pode-se definir as obras da Massao Ohno Editor. Esta característica do ‘simples e bem feito’ na edição correspondia à primeira ponte editorial estabelecida, a ponte com os autores.

Jovens desconhecidos, debutantes na literatura, de certo não poderiam prometer um retorno comercial significativo; entretanto, receberam de Massao edições trabalhadas, de soluções gráficas elaboradas. Mesmo em uma coleção como a que o Editor chamou de *Coleção dos Novíssimos*, no início dos 1960, onde deu visibilidade aos autores cuja maioria beirava os 20 anos de idade, há a grande dedicação do Editor.

A obra de estreia é sempre uma incógnita que o tempo irá decifrar.⁴⁶

A, hoje célebre, *Novíssimos* não apresenta um projeto gráfico estandardizado, o que justamente costuma caracterizar uma coleção editada de modo a reduzir consideravelmente os custos de produção. Pelo contrário, contou com formatos variados, imagem colorida na capa, realizada por um artista, proposta de diagramação de acordo com cada texto, diverso do que era feito no mercado editorial da época.

⁴⁴ O trecho, de autoria do poeta mexicano Octavio Paz, pertence ao ensaio *A Poesia e o Livre Comércio*. Ele foi publicado por Massao Ohno em diversos livros da década de 1990. O texto está incluso na compilação *Escritos – Massao Ohno*, que foi anexada a este trabalho.

⁴⁵ Carta datilografada por Massao Ohno, em 13/07/2006, à autora Rebeca Honig, para acompanhar o boneco preliminar do seu livro *Tinanina*; arquivo Massao Ohno. O livro não foi localizado entre as publicações da Massao Ohno Editor.

⁴⁶ OHNO, Massao In: FERNANDES, José Roberto. *Tempos diversos*. São Paulo: Massao Ohno/Stefanowski/ Editores, 27/10/1990. (Texto de apresentação nas orelhas do livro).

(...) com raras exceções os livros tinham uma capa padronizada. Em cima o nome do autor, no meio, bem grande, o nome do livro, e embaixo o nome da editora. Quase nunca uma foto ou desenho ilustrado. Massao rompeu com esse tradicionalismo. Além de modificar as capas, passou a ilustrar todos os livros que editava com trabalhos de grandes desenhistas, como Wesley Duke Lee, Aldemir Martins, Manabu Mabe e outros. A partir daí as outras editoras também seguiram o seu exemplo.⁴⁷

Segundo Jacó Guinsburg (1921-2018), editor da Perspectiva, “é evidente que uma capa adequada, uma particularização visual para cada obra, trazem um custo adicional muito grande”⁴⁸. Entretanto, parece inevitável que Massao Ohno o fizesse, observando pela lógica artística, cujas demandas com frequência contradizem a lógica pragmática de mercado. Para o Editor, conforme constata o seu colega de atividade José Castilho Marques Neto, “cada livro é um livro”⁴⁹, ou seja, cada original recebia uma proposta individualizada de edição.

cada livro é único e merece atenção especial.⁵⁰
Ichi-go ichi-e

Segundo Jiro Takahashi, Massao não pensava da seguinte maneira: “para facilitar a minha vida, eu vou criar um gabarito e vou sempre seguir aquele gabarito. Ele nunca fez isso. Isso seria confortável até, mas dá impressão que, para ele editar, conforto não era uma coisa importante”⁵¹. Podemos dizer que a característica de não-padronização cria o pré-requisito sine qua non da criação artística, que não só permitia a Massao inovar a cada publicação como também parecia ser a sua força motriz.

⁴⁷ ALMEIDA, Sergio Pinto de. *O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros*. Folha de São Paulo, Ilustrada, 15/07/1978.

⁴⁸ GUINSBURG, Jacó. O editor e o projeto: uma proposta editorial In: BOCCHINI, Maria Otília; FERREIRA, Jerusa Pires; FILHO, Plínio Martins; GUINSBURG, Jacó. *Livros, Editoras & Projetos*. São Paulo: Ateliê Editorial-Com-Arte, São Bernardo do Campo: Bartira, 1997, p.33.

⁴⁹ MARQUES NETO, José Castilho. Informação verbal em *Editor por Editor* (2019).

⁵⁰ Trecho pertencente a uma carta manuscrita, de Massao Ohno à autora Sonia Salmerón, como uma espécie de contrato de trabalho, datado de 17 de abril de 2002; arquivo Massao Ohno. É lida pelo Editor Ricardo Redisch em *Editor por Editor* (2019).

⁵¹ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

(...) essa harmonia que ele tem com cada obra, com cada poeta, é que eu acho que é o grande talento de editor. Ele harmoniza, ele não publica com o poeta aquilo que ele já tem e as obras e os autores têm que se encaixar, têm que se engessar no projeto que ele já tem. Não. Ele é flexível, e vai trabalhando de acordo com cada obra.⁵²

A harmonia, para Massao, não é apenas uma questão de programação visual, portanto. É como se, da própria harmonia vivida no processo junto ao autor, derivasse o livro. Em meio à variedade de expressões gráficas da Editora, é possível ver quando Massao age empregando mais o seu estilo editorial ou quando ele recebe as propostas. O Editor envolvia no processo de elaboração do livro, quem estivesse por perto. Testemunhei isso diversas vezes, na breve convivência durante as gravações audiovisuais em 2006. Eram propostas pontuais, como a seleção dos poemas, trazer mais textos, trazer imagens, escolher o local onde colar as figuras, etc.

Na época, estava intrigada com o seu silêncio, então decidi gravá-lo. Propus-me intuitivamente a um jogo, em que não seria eu a quebrar o silêncio. Queria saber o que ele faria se invertêssemos os papéis. Sem dizer nada, fiquei observando Massao com a câmera ligada e sobre o tripé. A cena está registrada no documentário *Massao Ohno – Poesia Presente*. O que deixamos de fora do corte é a quebra do silêncio, que foi: “Juliana, onde estão as fotos?”. Parecia que tudo era permeado pelo livro, pelos textos, pelas imagens. Nunca levei minhas fotos, não sei se ele percebeu que em outra linguagem, do vídeo, já estávamos em movimento.

A autoria com Massao é preponderantemente conjunta, e estava longe de ser ponto de disputa, vide a discreta inserção do nome da Editora nos livros. Ele surge raramente na capa, às vezes toma forma de carimbo vermelho à moda da assinatura japonesa (dizem desenhado por Wesley Duke Lee), se reserva à contracapa em letras sóbrias e pequenas, ou completamente ausente na capa e contracapa. Massao estava sempre promovendo a obra e o autor.

⁵² TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal em *Editor por Editor* (2019).

Em livros feitos com outros parceiros, como a Aliança Cultural Brasil–Japão, a discrição é ainda maior; ele escreve belos textos e deixa sem assinatura própria, e assina na ficha técnica em menos funções do que realizou. Dado compreensível, visto que a humildade e a hierarquia são traços valorados na cultura japonesa. O que importava era o conteúdo, e Massao foi fiel a isso.

Projetar um livro e realizá-lo bem é como revelar uma foto. Tudo está nele contido. Basta não cometer erros primários e, sobretudo, amar a empreitada que se apresenta. Assim, cada livro é único e merece atenção especial.⁵³

Criando e tratando das particularidades de cada projeto, Massao surpreendia, mesmo sem que este fosse o intuito. A longevidade do ato inovador, da particularização dos projetos editoriais na obra de Massao, a despeito de pressões de toda ordem – crises econômicas, instabilidade financeira, opressão ao livre conhecimento –, não nos deixa dizer que as características dos seus livros sejam uma questão de ‘querer parecer’ para o outro, ou de ‘adoção’ de um estilo; ao revés, trata-se da existência material lúdica do Editor. O colaborador de longa data Ruy Pereira explica: “Era até o modo de vida dele. Quanto menos, mais. Quanto mais duro (sic), mais gracioso ele conseguia ser. Então não era uma pessoa que buscava o conforto, buscava sempre a corda bamba. Ele queria viver no tempo de uma forma desafiadora”⁵⁴.

Como se te perdesse, assim te quero.
Como se não te visse (favas douradas
Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
Inamovível, e te respiro inteiro⁵⁵

⁵³ Trecho pertencente a uma carta manuscrita, de Massao Ohno à autora Sonia Salmerón, como uma espécie de contrato de trabalho, datado de 17 de março de 2002; arquivo Massao Ohno.

⁵⁴ PEREIRA, Ruy. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

⁵⁵ HILST, Hilda. *Amavisse*. Orelhas: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Massao Ohno Editor, 14/01/1989.

Livros da Massao Ohno Editor do começo dos anos 1960

LUGAR AO SOL PARA OS NOVOS

Imagem de matéria da Revista Visão, vol.17, no.20, 11/11/1960

Coleção dos Novíssimos⁵⁶ (autor, *título*, capista):

Clóvis Beznos, *Poemas do Amor mais puro*, 1960, Acácio Assunção
 João Ricardo Penteado, *Os rumos*, 1960, vol.2, Acácio Assunção
 Eunice Arruda, *É tempo de noite*, 1960, João Suzuki
 Eduardo Alves da Costa, *Fátima e o Velho – Post-mortem*, 1960, João Suzuki
 Lília A. Pereira da Silva, *A estrela descalça*, 1960, Manabu Mabe
 Carlos Felipe Moisés, *A poliflauta de Bartolo*, 1960, vol.6, Cyro Del Nero
 Augusto Boal, *A revolução na América do Sul*, 1961, Acácio Assunção
 Paulo del Greco, *Lamentações de Fevereiro*, 1960, vol.8, Acácio Assunção
Antologia dos Novíssimos, 1960, João Suzuki
 Jocy de Oliveira, *Apague meu spotlight*, 1961, vol.10, Acácio Assunção
 Lea Mott, *Treze Mulheres Azuis*, 1961, vol.11 (folha de rosto como vol.10),
 capa e ilustrações de João K. Suzuki
 Lindolf Bell, *Os Póstumos e as Profecias*, 1962, vol.12, C. A. Seixas Lima
 Roberto Piva, *Paranóia*, 1963, fotografias e desenhos de Wesley Duke Lee
 Mamede Coelho, *O Embaixador do Vento*, 1963, vol.13

⁵⁶ Conforme confirmado com José Armando Pereira da Silva, autor do livro *Massao Ohno Editor*, a ser lançado pela Ateliê Editorial. Além destes, consta da lista do poeta Carlos Felipe Moisés, em seu registro de março de 2014,

Décio Bar, *No temporal*, 1965 (que José Armando não inclui na lista, pois, segundo ele, Massao e Gráfica Hamburg publicaram em conjunto, já que Massao já tinha fechado as oficinas da Rua Vergueiro). Segundo a mesma listagem, Moisés considera que deveriam também ter sido incluídos na *Coleção dos Novíssimos*: Bruno Tolentino, *Anulação e outros reparos*, 1963; Rubens Rodrigues Torres Filho, *A investigação do olhar*, 1963; Lúcia Ribeiro da Silva, *Os outros*, 1963; Carlos Soulié do Amaral, *Tributo poético*, 1963; Sérgio Lima, *Amore*, 1963; Neide Archanjo, *Primeiros ofícios da memória*, 1964; Otoniel Santos Pereira, *A pedra na mão*, 1964; Cláudio Willer, *Anotações para um apocalipse*, 1964.

As casas editoras no Brasil dos anos 1960, período em que Massao Ohno iniciava sua carreira editorial de poesia, eram insuficientes para atender à demanda de produção que havia, além de estarem focadas em seus autores, já consagrados. Massao entendeu, como principal missão, o apoio a escritores e poetas que não tinham espaço para divulgar suas obras. Vários autores, em diferentes períodos, eram considerados impubescíveis, por motivos variados, mas ganharam espaço, aberto pelo trabalho do Editor. A missão de Massao não era uma obstinação racional de sua responsabilidade como editor apenas, mas era uma questão de estro poético, como veremos adiante.

Espelho e vetor de seu tempo, nos *Novíssimos*, o jovem Massao se mostra atento à profusão de talentos que havia à sua volta no início dos 1960, sempre com abertura para ouvir as vozes que poderiam ser difundidas, transformando a sua casa editora, na Rua Vergueiro, 688 (parte de onde se localiza hoje o Centro Cultural São Paulo), em um polo ativo e interdisciplinar de produção artística e cultural. Lá, circularam não só escritores e poetas como também artistas plásticos, músicos, diretores de teatro e artistas gráficos, que se reuniam para realizar objetivamente um livro e, ao mesmo tempo, para conviver.

Nesse ambiente de trocas profusas, outro fruto da postura receptiva de Massao Ohno é elaborado, antes mesmo da *Novíssimos*: a série (não intitulada) orientada de publicações de 1959, cujo décimo sétimo título é *Pássaro na Gaveta*, com poemas de Roberto Schwarz, Lourival Gomes Machado e Sérgio Milliet, e o décimo quinto título, orientado por Alexis Pommerantzeff (1939), *Cartas à Dançarina*, também de 1959, com texto de Sérgio Milliet e ilustrações de Fernando Odriozola.

não faço distinção de autor novo ou veterano⁵⁷

⁵⁷ Entrevista em jornal. MASSAO Ohno: um livro aberto. Diário da Manhã. Goiânia, 11/07/1987.

Ambas coleções (*Novíssimos* e a orientada) afirmam a postura aberta de Massao para receber sem preconceitos, fossem eles recém-saídos da escola – como muitos dos *Novíssimos*, para quem o Editor agia como um jovem mecenas da poesia –, fossem eles autores mais velhos e consagrados, com quem o Editor tinha a humildade para aprender, como é o caso de Milliet (1898-1966), que já havia participado da Semana de Arte Moderna de 22 e dirigido a Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

O esquema de distribuição dos livros era pequeno, basicamente o Editor conseguia engajar o círculo próximo aos autores para criar um público sensível à causa.

Cada autor novo tinha uma pequena corte de admiradores, não só familiares, mas amigos, conhecidos, e eu consegui sensibilizá-los a ponto de adquirirem sempre os livros de autores novos que eu editava. Isso virou praxe, eles compareciam e compravam os livros mesmo de autores que não conheciam, justamente pra me ajudar neste mister.⁵⁸

Além das compras diretas, Massao, em 1960, embora em escala quase doméstica, reproduzia o sistema de entrega a domicílio das “edições por assinatura, em remessas de dois livros por mês”⁵⁹, à moda da Editora Clube do Livro, que nutriu a biblioteca da família Ohno desde a infância de Massao.

A Clube do Livro, com o editor Mário Graciotti (1901-1994) à frente, iniciou as atividades em 1943, contando com assinaturas a preços populares, feito que conseguia atingir com as entregas mensais domiciliares, portanto sem intermediários, e a impressão do miolo dos livros em papel jornal. Encadernados em brochura e capa mole, como os que Massao Ohno viria a publicar, as publicações da Clube contavam com uma proposta gráfica trabalhada. Os títulos visavam difundir o hábito da leitura, e chegou a ter 50 mil associados em 1969.⁶⁰ O esquema de distribuição da Clube do Livro teve bastante êxito na São Paulo pré-entretenimento televisivo, sendo também o consumo de enciclopédias, pagas a prestações, um grande negócio, entre os 1960 e 1970, segundo Hallewell.

⁵⁸ OHNO, Massao. Informação verbal pertencente ao *Projeto Memória Oral* da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, 03/04/2009.

⁵⁹ WILLER, Claudio. Massao Ohno, Hilda Hilst e a busca da poesia total. *Revista da Biblioteca Mario de Andrade*. São Paulo, v. 69, nov. 2013.

⁶⁰ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985.

São Paulo, na transição dos 1950 para os 60, era uma cidade em expansão, impulsionada principalmente pelo mercado têxtil; ao mesmo tempo, guardava muito de província, de acordo com o poeta Rodrigo de Haro (1939): “ainda existia o febricitante, o calor da pamonha de milho na Av. São João que é o emblema de toda uma cidade desaparecida”⁶¹. Com um terço da população atual, formada em grande parte por imigrantes ou pessoas vindas do interior, São Paulo, então, era simultaneamente cosmopolita, “hierarquizada e careta”⁶², segundo Claudio Willer (1945). Nessa sociedade, a geração lançada por Massao Ohno, composta em grande parte por poetas “de classe média, sofrendo todo tipo de restrições, mas gente de bom nível de convivência e bastante preocupados com o mundo (...) completamente contrários ao sistema”⁶³, representou um choque.

(...) nós expressávamos uma rebelião romântica que se caracteriza, desde o final do século 18, por ridicularizar a burguesia filisteia. Hoje a burguesia é mais aberta, mas naquela época era coisa séria, engravatada. O que pudéssemos fazer para execrar burguês, nós fazíamos. Aqui em São Paulo, tínhamos uma burguesia escandalizável, provinciana e retrógrada. E isso só começou a abrir no final da década de 60, com a contracultura. E também porque eles começam a cheirar cocaína e queimar os próprios miolos em vez de encher o saco da gente. Mas no começo da década, era triste.⁶⁴

A cidade não contava com as altas taxas de criminalidade, decorrentes de problemas sociais que vieram a se tornar endêmicos de 1970 em diante. Havia, nos 50 e 60, uma frequência assídua de jovens às bibliotecas, choperias, livrarias da região central, para onde confluíam os bondes e transporte público vindos de diversos bairros. Toda a área nas proximidades da Praça D. José Gaspar, Av. São Luís, Rua 7 de Abril, Rua Xavier de Toledo, 24 de Maio concentrava muito da vida cultural e também comercial da cidade. A sede temporária do MASP (Museu de Arte de São Paulo), a Cinemateca e diversos outros cinemas, a Biblioteca Mário de Andrade, a Galeria Metrópole, o Teatro Municipal,

⁶¹ DE HARO, Rodrigo. Informação verbal em UMA OUTRA cidade. Direção: Ugo Giorgetti. São Paulo: SP Filmes de São Paulo e TV Cultura, documentário, 58 min., cor, 2000

⁶² WILLER, Claudio. Ibidem.

⁶³ OHNO, Massao In: HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p.19 e 20.

⁶⁴ WILLER, Claudio In: Ibidem, p. 44 e 45.

faculdades da USP, os grandes magazines etc. se alojavam na região e faziam gravitar toda a efervescência cultural ao redor. Podemos perceber que a convivência constante e intensa da geração que ali circulava acabava por determinar uma postura plural, em que as experiências se davam no espaço urbano compartilhado.

Na esfera política federal, o Brasil também efervescia. Jânio Quadros não chega a ficar sete meses na presidência, em 1961, seguido de todo o impasse pelo sucessor, passando por presidente não eleito – Ranieri Mazzilli – durante treze dias e, finalmente, para o empossamento do vice de Jânio, João Goulart, em condição parlamentarista, revogada por plebiscito dois anos mais tarde. Esse cenário instável, pré-golpe militar de 1964, propiciou debates, diálogos e discussões. Vemos na escala civil posicionamentos bem definidos, fossem eles ideológicos, filosóficos ou políticos; e, apesar das diferenças, convivia-se. O poeta Antonio Fernando de Franceschi fala sobre a convivência do grupo de poetas próximo a Massao:

Nós nunca tivemos excludências de natureza ideológica (...) existem monarquistas, como o Wesley (Duke Lee), o (Roberto) Piva, e existem marxistas na outra ponta. Eu acho que essa extrema liberdade com que nós pudemos conduzir as nossas relações entre pessoas tinha um outro cimento, que era o quê? Era a afetividade. A marca d'água desse grupo é que a vida foi uma experiência feliz. Foi bom ter vivido. Foi bom ter sabido olhar a vida por esse modo amplo, variado. O modo generoso. (...) Quantos militantes existem no grupo e quantos diletantes? É um grupo que tem mais diletantes e jamais um diletante foi excluído. Porque a comunhão se dava muito mais do que na prática artística, e sim nas relações interpessoais e no afeto que nos unia.⁶⁵

É nesse ambiente de trocas profusas e despontar de talentos que o próprio Massao, como um deles, não apenas atende e dá vazão às inquietudes dos que o circundam como também corresponde, criando sem se ater a convenções. Esperar do jovem, inquieto Editor em plenos anos 60, uma formatação muito constricta de publicação não corresponderia à sua época, nem ao seu círculo de convívio, nem à sua disposição criativa.

O esquema de prodigalização dos livros de poesia neste período contava com o respaldo financeiro dos trabalhos comerciais que Massao realizava: as apostilas para

⁶⁵ FRANCESCHI, Antonio Fernando. Informação verbal em UMA OUTRA cidade. Direção: Ugo Giorgetti. São Paulo: SP Filmes de São Paulo e TV Cultura, documentário, 58 min., cor, 2000

cursinhos pré-vestibular. Havia o intuito de reduzir o custo de produção, pois, segundo o Editor, fosse o preço de capa elevado e “sendo um autor novo e desconhecido, por mais boa vontade que o público tivesse, a rejeição seria maior”⁶⁶. Visando reduzir os custos, então, o trabalho manual de impressão, feito na gráfica de Massao, não contava com restrições de horários, incluía sábados, domingos, pós-horário comercial, e era feito muitas vezes pelo próprio Massao, conhecedor hábil da linguagem gráfica. Consta do colofão de *Anulação e outros reparos*⁶⁷, do Bruno Tolentino, a inscrição: “Acabou-se de imprimir o primeiro volume da edição original deste livro, nas oficinas de Massao Ohno Editora à rua Vergueiro 688 S. Paulo, na madrugada de 7 de Novembro de 1963 em que se comemorava o cinquentenário de nascimento de Albert Camus”. A tiragem era mínima, mil exemplares no máximo, utilizando muitas vezes o saldo de papel que sobrava das apostilas. Quanto às imagens, seria muito oneroso encomendar a realização de capas ou pagar pelo direito de uso, porém elas são constantes. Massao, muito próximo aos artistas plásticos e gráficos, nunca precisou fazê-lo. Os artistas as cediam sem quaisquer ônus, como Manabu Mabe (1924-1997) fez desde que se conheceram. O pintor “de boa vontade assinou várias capas sem cobrar nada (...) se bem que ele fosse considerado um mercenário como artista plástico, comigo pelo menos, ele foi de uma cortesia, de uma amabilidade sem fim”⁶⁸.

Quando comecei, praticamente todo o pessoal da pesada na área de artes plásticas estava junto. A comunicação era muito mais fácil. Havia uma consciência de que a gente deveria circular, trocar ideias, as pessoas se frequentavam muito mais. Lia-se muito.⁶⁹

⁶⁶ OHNO, Massao. Informação verbal pertencente ao *Projeto Memória Oral* da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, 03/04/2009.

⁶⁷ TOLENTINO, Bruno. *Anulação e outros reparos*. Prefácio de José Guilherme Melquior. Fotos de Wesley Duke Lee. Planejamento de Tide Hellmeister. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1963.

⁶⁸ OHNO, Massao. Informação verbal pertencente ao *Projeto Memória Oral* da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, 03/04/2009.

⁶⁹ OHNO, Massao. *Resgatar os Olhos da Descoberta*. In: TIDE Hellmeister – Design Gráfico. São Paulo: SESC Pompéia, 1994, P. 8. Catálogo da exposição *Obras Públicas*, de Tide Hellmeister –23 de junho a 24 de julho de 1994, São Paulo.

Um dos poucos predecessores de Massao no cuidado com as imagens do livro foi José de Barros Martins, da Livraria Martins Editora. Nos anos 1940 e 50, Martins fazia questão de contratar artistas para realizar as capas, época em que, “com exceção de José Olympio, a regra era confiar a capa ao primeiro desenhista comercial à mão, Martins invariavelmente escolhia artistas genuínos como Darcy Penteado e Clóvis Graciano”⁷⁰, de acordo com o pesquisador Laurence Hallewell. O mesmo constata que José Martins contratou o artista Aldemir Martins para ser capista dos romances de Jorge Amado, pagando muito mais do que o mercado costumava.

Os artistas Darcy Penteado⁷¹, Clóvis Graciano⁷² e Aldemir Martins⁷³, valorizados ilustradores no ramo editorial, estão muito presentes em livros de diferentes períodos da

⁷⁰ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985, p. 428.

⁷¹ **Darcy Penteado** (1926-1987) na Massao Ohno Editor:
ECHAIME, Leila; PENTEADO, Darcy (ilustrações). *Flauta silente*. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 1981.
FRAGETTI, Lucila; PENTEADO, Darcy (capa e ilustrações). *Esse amor cada vez mais raro*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 16/09/1982.
NETO, Juvenal; PENTEADO, Darcy (capa e ilustrações). *O silêncio da flauta: Abordagem crítico-exegética sobre a "Flauta Silente" de Leila Echaime*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 09/11/1983.
COSTA, Franz Rulli; PENTEADO, Darcy (capa e ilustrações). *Porto das damas*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/10/1991
OLIVEIRA, Inocência; PENTEADO, Darcy (capa: desenho, 1978, acervo da Editora). *O caminho do social-liberalismo*. Massao Ohno Editor, outubro de 1999.

⁷² **Clóvis Graciano** (1926-1987) na Massao Ohno Editor:
ÁVILA, J. Antonio d'; GRACIANO, Clóvis (capa e ilustrações); MARTINS, Aldemir (ilustrações). *Pastor de temporais*. São Paulo: Massao Ohno, Editor, 13/02/1979, 500 exemplares *hors commerce*.
LEX, Nieta; GRACIANO, Clóvis (capa e ilustrações). *Novamente é chegado o amor*. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 17/11/1980. 500 exemplares
CAMPOS, Geir; GRACIANO, Clovis (capa: Bombardeio, 1943, óleo s/e tela, acervo MAB Faap). *Tarefa*. col. Poesia Sempre v.5. São Paulo: Massao Ohno-Civilização Brasileira/ Editores INL, 09/12/1981.

Massao Ohno, assim como tantos outros, dos quais mais reincidentem: os óleos de Arcangelo Ianelli, as pinturas e grafismos de Kazuo Wakabayashi, os desenhos a traço de Henri Matisse e de Pablo Picasso, os óleos e desenhos de Gustav Klimt, os grafismos e óleos de Manabu Mabe. Também Wesley Duke Lee, Fernando Odriozola, Tide Hellmeister, Flávio de Carvalho, Tomie Ohtake, Acácio Assunção, Fúlvia Gonçalves, etc.: todos entusiasticamente cediam as imagens a Massao, com exceção dos estrangeiros – Matisse, Picasso, Klimt, os artistas japoneses de longa tradição de pintura, como Tawaraya Sōtatsu (c.1570-c.1630), Ogata Kōrin (1658-1716), a produção anônima da antiguidade grega e indiana etc. – a quem Massao mesmo entendeu que poderia recorrer.⁷⁴

A colaboração com artistas plásticos iniciada desde este princípio da carreira de Massao se manteve por toda a obra, mas é na fase entre 1973 (ano que marca a volta de Massao à editoração após um hiato de sete anos⁷⁵) e o final do decênio que o conjunto dos livros se torna mais experimental em sua forma. Há os mais variados formatos, papéis, imagens.

O Editor se afina tanto à proposta trazida pelo conteúdo, que produz o que se chama atualmente de livros de artista. É a comunhão entre texto, imagem e edição.

⁷³ **Aldemir Martins** (1922-2006) na Massao Ohno Editor:

COTRIM, Lupe; MARTINS, Aldemir (ilustrações). *Cânticos da terra*. São Paulo: Massao Ohno Editora, dezembro de 1963.

XAVIER, Livio; MARTINS, Aldemir (capa e ilustrações). *Infância na granja*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1974.

SAVARY, Olga; MARTINS, Aldemir (desenhos); COELHO, Nelly Novaes. *Sumidouro*. Massao Ohno/João Farkas/ Editores, 20/09/1977, 2000 exemplares.

JAPIASSU, Celso; MARTINS, Aldemir (desenhos). *O itinerário dos Emigrantes*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1980.

ROSA, João Guimarães; TOLEDO, Marcelo de Almeida; MARTINS, Aldemir (capa). *Grande Sertão: Veredas – as trilhas de amor e guerra de Riobaldo Tatarana*. Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 05/12/1982.

TRICÂNICO, Marina; MARTINS, Aldemir (capa e ilustrações). *Taça da noite*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 16/09/1982.

ALCÂNTARA, Beatriz; MARTINS, Aldemir (capa). *Daquém e Dalém-Mar*. São Paulo: Massao Ohno- Raimundo Gadelha/ Editores, 1993.

⁷⁴ Datas de nascimento e morte dos citados: Arcangelo Ianelli (1922-2009); Kazuo Wakabayashi (1931); Henri Matisse (1869-1954); Pablo Picasso (1881-1973); Gustav Klimt (1862-1918); Manabu Mabe (1924-1997) ; Wesley Duke Lee (1931-2010); Fernando Odriozola (1921-1986); Tide Hellmeister (1948-2008); Flávio de Carvalho (1899-1973); Tomie Ohtake (1913-2015); Acácio Assunção (1935); Fúlvia Gonçalves (1937).

⁷⁵ Ver Capítulo *Uchi*, p.186

Interior do livro *Pennacchi*, onde se vê litografia do original manuscrito em italiano à direita e, à esquerda, a versão traduzida em português

Não sei mais se o que falo é que vibra, ou são tuas letras, teus espaços, teus ritmos, nesta composição em que a intenção do verbo se funde no cadinho da forma, parecendo que ambas nascem juntas.

Para o Massao do
Almeida Salles⁷⁶

⁷⁶ Dedicatória no olho do livro *Rebolo*, escrita pelo autor **Francisco Luiz de Almeida Salles** (1912-1996). Mais sobre Francisco em *Editor Independente.*, p/150

Capa e contracapa fotográfica de *Pennacchi*, 1973, envoltas em sobrecapa de acetato, sobre a qual estão impressas as informações textuais

Edições surpreendentes são produzidas, como o enorme livro, medindo 53.5 x 35cm, de folhas soltas e gramatura alta, comemorativo para a ocasião da mostra retrospectiva de *Pennacchi*⁷⁷, inaugurada no MASP em 4 de abril de 1973 e, no mesmo formato, *Rebolo*⁷⁸, para a mostra retrospectiva de quarenta anos de pintura, inaugurada seis dias mais tarde no mesmo museu.

É interessante notar o movimento contrastante que essa produção da Massao Ohno promove, frente às circunstâncias dessa primeira metade dos 1970. Na escala global, coincide com uma crise do petróleo, elevando o valor do elemento principal do livro, o papel. Segundo Hallewell, “os preços mundiais do papel estavam subindo dramaticamente. No Brasil o preço do papel subiu 125% entre junho de 1973 e fevereiro de 74”⁷⁹. Massao não responde economizando matéria prima, mas realiza edições perenes, outra maneira de evitar o dispêndio supérfluo.

⁷⁷ PENNACCHI, Fúlvio; FIALDINI, Romulo (fotografia da capa). *Pennacchi*. São Paulo: Massao Ohno-Fabio Porchat/ Editores, abril de 1973. 200 exemplares, dos quais 50 acompanham litogravuras assinadas pelo artista; trabalho litográfico: Otavio Pereira; planejamento técnico e execução: Graphic Estúdio A, R.

⁷⁸ SALLES, Francisco Luiz de Almeida; CARNEIRO, Dulce. *Rebolo: quarenta anos de pintura*. São Paulo: Massao Ohno-Antonio Gonçalves de Oliveira/ Editores, abril de 1973. 300 exemplares, dos quais 50 acompanham litogravuras assinadas pelo artista; trabalho litográfico: Otavio Pereira; planejamento técnico e execução: Graphic Estúdio A, R.

⁷⁹ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985, p. 390.

Dez poemas de Livio Xavier, terceiro livro do autor (1900-1988), que estreara na poesia com Massao aos 74 anos de idade. Desenhos de Noemia Mourão. São Paulo: Editora Cultura Brasileira/Massao Ohno, 15/04/1978. 47.5 x 31.5cm

Entre os livros grandes, também há o *Dez poemas de Livio Xavier*⁸⁰, com desenhos de Noemia Mourão (1912-1992), o *Altaonda*⁸¹, da poeta carioca Olga Savary etc. Há formatos horizontais ou quadrados, que vão de acordo com a necessidade das imagens, fotográficas no caso de *Possession*⁸², *Gretta*⁸³ e *América, Latina*⁸⁴. Enfim, há farto material de artistas plásticos, fotógrafos, cartunistas, para quem Massao não economizou criatividade e papel.

⁸⁰ XAVIER, Lívio; MOURÃO, Noemia (desenhos). *Dez poemas de Livio Xavier*. São Paulo: Editora Cultura Brasileira/Massao Ohno, 15/04/1978. 47.5 x 31.5cm

⁸¹ SAVARY, Olga; NETO, Calasans (ilustrações). *Altaonda*. Prefácio de Jorge Amado. São Paulo: Edições Macunaíma/Massao Ohno/ Editores, mar/1979.

⁸² LOUAFI, Alain; CUNHA, Juliana Carneiro da; FRANCO, Hugo (ensaio fotográfico). *Possession*: espetáculo baseado na vida e obra de Santa Tereza D'Ávila e São João da Cruz. Massao Ohno/João Farkas/ Editores, 1977. Planejamento gráfico: Massao Ohno, 30x29cm, 500 exemplares.

⁸³ WAKAHARA, Júlio Abe; GRETTA; WAKAHARA, Julio Abe (fotos). *Gretta*. São Paulo: Massao Ohno, Editor; Massao Ohno/ Miriam Strauss, 20/04/1978.

⁸⁴ GUIMARÃES, Geraldo. *América, Latina*. o trabalho fotográfico de Geraldo Guimarães. São Paulo: Massao Ohno/ Miriam Strauss Studio, maio/1978.

publicar poesia e recorrer a Massao foram sinônimos.⁸⁵

Ao contrário de cobrar pelo uso das imagens, os artistas procuravam por Massao. Ruy Pereira conta que, em abertura de exposição comemorativa à imigração japonesa no Instituto Tomie Ohtake, o artista Kazuo Wakabayashi foi a Massao e perguntou: “Massao, não tem livro pra gente ilustrar?”⁸⁶.

Havia, portanto, motivações de diversas ordens para esta colaboração voluntariosa entre os autores das imagens e o Editor. Além da afinidade pessoal, era sabido que a proposta da Massao Ohno Editor focava a divulgação de poesia, gênero que entusiasmava os artistas plásticos. O entendimento das prioridades era comum; como o poeta e diplomata mexicano Octavio Paz (1914-1998) diz, “os poemas não valem nada: não são produtos suscetíveis de intercâmbio mercantil. O esforço que se gasta em sua criação não pode ser reduzido ao valor trabalho”⁸⁷. Visão compartilhada pelo pintor japonês radicado no Brasil, Wakabayashi:

Uma das posições dos artistas que eu mais respeito é (dos) poetas,
porque (com) pintura às vezes (se) faz sucesso, ganha(-se) dinheiro
mas poesia, nunca (se) pensa (em) ganhar dinheiro,
(o) futuro de vida dele (do poeta) não tem riqueza.
(Poesia) é o serviço mais puro né.
(...) Falar é fácil, mas fazer é difícil.⁸⁸

⁸⁵ WILLER, Claudio. Massao Ohno, Hilda Hilst e a busca da poesia total. *Revista da Biblioteca Mario de Andrade*. São Paulo, v. 69, nov. 2013.

⁸⁶ PEREIRA, Ruy. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

⁸⁷ PAZ, Octavio apud OHNO, Massao. In: GOLDMAN, Sara. *Da Noite à Aurora*. col. Prata vol.1. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985.

⁸⁸ WAKABAYASHI, Kazuo. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

Além de princípios em comum, os artistas plásticos entregavam as próprias imagens sem qualquer tipo de formalização pois sabiam que o trabalho seria conduzido por alguém de extrema sensibilidade visual e talento criador. A trabalho pelas mãos do Editor, que arranjava os pares textuais e expandia o significado do conteúdo, já era em si uma messe, enfim, os artistas viam em Massao um par. “Ele é uma pessoa assim, artista. Coração de artista mesmo. Até agora, posso falar 100% eu acredito na posição dele”⁸⁹.

⁸⁹ WAKABAYASHI, Kazuo. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

A editores não cabe colocar o mérito dos títulos publicados no fiel de uma balança. Cabe-lhes, isto sim, o papel de fazer com que cada trabalho, da melhor forma, encontre seu público e ecoe positivamente dentro de seu círculo – às vezes restrito, outras vezes mais amplo – mas sempre ditado pela concepção primeira do artista.⁹⁰

CALIXTE, Marien. *Livro de haikais*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/12/1990. Capa: Flores de outono e verão, pintura de Sakai Hōitsu (1761-1828), acervo do Museu Nacional de Tóquio; grafismos: Masao Okinaka; 15x15cm; prefácio: Carlos Nejar; orelhas: desenho do autor, visto por Iberê Camargo

⁹⁰ PARENTE, Lilian. *Aconchego*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 6/12/1989.

Editor & Autor

acho importante que o leitor se inteire do intenso relacionamento biunívoco que se estabelece entre Autor & Editor durante o processo gestatório do livro, desde o momento da concepção até a obra acabada e entregue.⁹¹

Prova com sugestão de alteração de Massao (a lápis), arquivo M.O.
Prevaleceu no livro a original - Ramalhete de Haikais, p. 151

Massao, aos seus 70 anos de idade, age essencialmente conforme o Massao aos seus 24 anos, da *Coleção dos Novíssimos*. É a postura de receptividade, propiciada pelo modo independente de trabalho, que torna o veterano Editor hábil para desenvolver plena correspondência com a autora estreante, Marisa Sarmento da Silveira, e realizar o livro *Ramalhete de Haikais*. Sobre a autora, escreve ao final do livro: “Sua convicção e firmeza de propósitos colocam-na no mesmo nível de Guilherme de Almeida, Pedro Xisto, Carlos Nejar, Oldegar Vieira, Mário Quintana, Alice Ruiz, Helena Kolody, Olga Savary, Lêdo Ivo, Osório Dutra, Érico Veríssimo, para citar alguns nomes que me vêm à baila no momento”⁹².

⁹¹ OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

⁹² OHNO, Massao In: SILVEIRA, Marisa Sarmento da. *Ramalhete de Haikais*. São Paulo: Massao Ohno, 2008.

Pela sua erudição, contato com artistas de renome e baixas tiragens, chegou a ser chamado de elitista nos anos 1970, e a isso respondeu em 2008: “De certa maneira eu me sinto provocado e lisonjeado com a afirmação. Acredito que não é elitismo a pessoa ser informada, ter acesso às informações mais qualificadas.”⁹³ Já nos anos 1980, recebe críticas a respeito de seu critério de escolha ou de sua visão poética, tendo a qualidade dos textos que publicava contestada. “Alguns de seus opositores chegaram a chamá-lo de paternalista”⁹⁴, diz matéria de 1982. Sobre a escolha dos originais, afirma: “Nunca estabeleci rígidos critérios de edição. Meus critérios são totalmente abertos e pessoais. Edito livros que gosto, que possuem valor, e que acho importante serem divulgados”⁹⁵. Ele mesmo bem define a sua atuação:

Eu sempre evitei qualquer atitude paternalista. Imponho uma diretriz de trabalho de baixo para cima, procuro estar atento ao talento das pessoas que me rodeiam, perceber suas inquietações e projetá-las através de seus trabalhos. Não sou um editor de *best sellers*, acredito no autor em potencial. Por isso mesmo, sou mais tolerante do que os outros. Talvez, se eu passasse um pente fino, sobriam bem poucas obras, mas isto não me interessa. Afinal, não se pode pretender que todos os escritores lançados sejam uns gênios.⁹⁶

⁹³ OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008. p. 85 e 86.

⁹⁴ OHNO, Massao apud O TRABALHO editorial de Massao em uma retrospectiva. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23/09/1982.

⁹⁵ OHNO, Massao apud ALMEIDA, Sergio Pinto de. *O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros*. Folha de São Paulo, Ilustrada, São Paulo, 15/07/1978.

⁹⁶ OHNO, Massao apud O TRABALHO editorial de Massao em uma retrospectiva. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23/09/1982.

Todo cuidado é pouco, principalmente quando autor e editor não podem estar juntos para resolver os problemas, na medida em que vão aparecendo. Não é trabalho para dias e sim para meses.⁹⁷

O processo latente no *Ramalhete de Haikais*, concluído dois anos antes de seu falecimento, na verdade, enfatiza a percepção que podemos ter de seu envolvimento com a obra e de seu compromisso enquanto Editor independente. Não é qualquer editor e autor que se dedicam à conversa, ao labor colaborativo meticuloso, como ambos fizeram durante o período aproximado de quatro anos.^{98 99}

A contagem do tempo dedicado ao trabalho não é uma questão de valorização por si, porém atender às demandas da obra, mesmo que isto vá contra a lógica e funcionamento do sistema editorial e social, diz muito dos realizadores. Talvez a experiência mais próxima que nós, os leitores, podemos ter da compreensão poética de Massao Ohno seja observar o coeficiente que há entre os pedidos que cada obra faz e quais são atendidos, tanto pelo autor quanto pelo editor, até que chegue a nossas mãos.

Impasses entre editor e autor, como coloca Emmanuel Araújo em *A Construção do livro: princípios da técnica de editoração*¹⁰⁰, no caso da autora que se decepcionou vendo o livro pronto, talvez seja uma situação comum no mercado editorial. Araújo atribui o descontentamento dela ao próprio texto, à diferença entre concepções de formatação, e questiona até mesmo a capacidade da escritora. Prossegue praticamente desdenhando da

⁹⁷ Trecho pertencente a uma carta manuscrita, de Massao Ohno à autora Sonia Salmerón, como uma espécie de contrato de trabalho, datado de 17 de abril de 2002; arquivo Massao Ohno.

⁹⁸ Conforme Marisa Sarmiento da Silveira escreve nos agradecimentos do livro *Ramalhete de Haikais*, p. 8:
Ao mestre Massao Ohno,
meu editor, por sua sabedoria
e incondicional confiança
em minha palavra e em meu trabalho,
durante esses quatro anos;
profundamente grata serei,
por toda a vida.

⁹⁹ Na bela *Carta ao Mestre*, a Autora relata a Massao sobre o processo de escrita do livro (*Ramalhete de Haikais*, p.139 a 150). Datado do verão de 2006, consta, como primeiro contato telefônico com o Editor, o inverno do ano de 2002. O tradicional colofão de Massao registra o final da impressão na primavera de 2008. Praticamente seis anos, portanto, entre a possibilidade e a concretização do livro.

¹⁰⁰ ARAÚJO, Emmanuel. *A Construção do livro: princípios da técnica de editoração*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1986, p. 23 a 25.

argumentação da autora, que lamenta ver a conclusão do trabalho depois de tanto tempo dedicado ao texto. O relato, na verdade, parece evidenciar o distanciamento e o tipo de relação que se estabelece entre esses agentes na feitura de um livro. Guiados por valores e princípios distintos, editor e autora colidem nesta oportunidade de convívio que o livro promove. Podemos observar o caso e entender que a metodologia e estilo editorial de Massao Ohno não davam tanta margem a frustrações como essa. As publicações mostram a escuta atenta às demandas poéticas das obras e a sua corporificação, bem realizada, a despeito de qualquer interposição contextual. Podem ter ocorrido surpresas pelo ineditismo das propostas trazidas pelo Editor, como relata a poeta Renata Pallottini (1931) sobre seu livro *Sonetos*, feito de cartões soltos, não encadernados, não numerados, de formato completamente fora dos padrões de 1961, quando foi publicado: “eu estranhei o livro, eu não esperava (...) ele não tem nada do que é o comum, do que é o de se esperar num livro. Eu fiquei desgostosa com a dificuldade que o livro me apresentava e apresentava à minha ignorância”¹⁰¹.

No caso do *Ramalhete de Haikais*, a obra pediu à autora um tempo dilatado de trabalho, em que ela escreveu, reescreveu, questionou, pediu conselhos, corrigiu, aprovou seus versos. Em correspondência, a autora diz: “mortifica-me a pressa e a minha autocrítica. Eu tenho que me aprovar! Enquanto há dúvida em qualquer ideia ou palavra não adequada, em conteúdo, ou em ritmo, enfim, o Sr. sabe!”¹⁰². Foi pedido ao Editor, portanto, a compreensão do processo de criação. Houve a tentativa de finalizar o livro em diversas ocasiões, antes de 2008, mas ele acabou não só por compreender e respeitar o tempo da escrita como participar e aconselhar na criação do livro, a despeito do momento financeiro austero que vivia.

¹⁰¹ PALLOTTINI, Renata. In: MASSAO Ohno: Poesia Presente. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.

¹⁰² SILVEIRA, Marisa Sarmiento da. Carta manuscrita. Porto Alegre, 11/02/2005. Arquivo M.O.

Não, nem de longe ser publicado por Massao se assemelhava à relação impessoal que se costuma ter com editoras, de entregar os textos, assinar contrato, reunir-se apenas para tratar de lançamento ou de algum outro detalhe. (...) A publicação de *Anotações para um apocalipse* correspondeu a um sem-número de encontros para almoçar, sempre no mesmo local, sempre a mesma refeição completa de um restaurante japonês no fundo de uma pensão na praça João Mendes, perto da gráfica onde o livro era impresso.¹⁰³

Por telefonema, Marisa Sarmiento da Silveira, em 2018, relata que o processo de realização do livro incluiu também conversas telefônicas semanais com o Editor, entre as capitais rio-grandense e paulista. Nunca se encontraram pessoalmente. Foi com emoção que ela recebeu o nome de Massao, mesmo após dez anos da conclusão do livro. Seu nome, para muitos poetas, significou uma experiência *sui generis*.

Prova de Ramalhete de Haikais, onde se vê revisão feita pela autora (em verde) e pelo Editor (a lápis e em vermelho), arquivo M.O.

¹⁰³ WILLER, Claudio. Texto publicado na brochura *Homenagem a Massao Ohno— 45 anos de atividade editorial*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 6/12/2004.

Poesia corpo-a-corpo

SAVARY, Olga; NETO, Calasans (ilustrações). *Altaonda*. Prefácio de Jorge Amado. Edições Macunaíma-Massao Ohno/ Editores, mar/1979.

Todo o país dorme
com as mãos no coldre
e os nervos no despertador
Pálpebras tremem como panos ao vento do deserto
: o medo não dorme.
Nem dorme a ida de nossos tempos¹⁰⁴

¹⁰⁴ WAKI, Akemi. *Aldeia de Arcozelo*. Fotos do acervo de Orlanda Carlos Magno, Armando Pinto Martins, Fundacen. São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/07/88.

I Feira de Poesia e Arte

Em dado momento da década de 70, ele chegou a pensar que não teria mais originais para colocar na praça.¹⁰⁵

As pessoas simplesmente deixaram de produzir.¹⁰⁶

No contexto nacional, de ditadura militar, a censura recrudesce sob a política do general Emílio Garrastazu Médici (1905-1985), que ocupa a presidência da República e promove o plano do então ministro da Fazenda, Delfim Neto, baseada em índices absolutos da economia, não em distribuição de renda ou desenvolvimento social da população; Economia que chamaram de “milagre”.

A resposta dada pelos livros de Massao Ohno ao período foi em voz alta e afirmativa.

Não só as edições de Massao falaram alto. No seguinte ano, 1976, no governo militar ditatorial de Ernesto Geisel (1907-1996), o Editor idealiza um evento, possivelmente o mais emblemático do cenário cultural de São Paulo desde os modernos de 1922¹⁰⁷: a I Feira Paulista de Poesia e Arte. O evento, composto por múltiplas linguagens artísticas, ocorreu no Teatro Municipal, durante os dias 8, 9 e 10 de novembro, de segunda a quarta-feira. Inicialmente Massao tinha pensado em um lançamento coletivo de títulos de poesia, e seria realizado no MIS (Museu da Imagem e do Som), mas, com a adesão do círculo à sua volta, o evento tomou outras proporções.

O estúdio de Massao, na época localizado em uma vila entre as ruas Cravinhos e Caçapava, era frequentado por intelectuais, majoritariamente poetas, que insistiam no convívio, apesar do esvaziamento do centro de São Paulo, tão vivenciado durante os anos

¹⁰⁵ BRINDE à poesia – Um gênero em plena ascensão. Revista Visão, 08/12/1980.

¹⁰⁶ Fala de Massao Ohno no artigo BRINDE à poesia – Um gênero em plena ascensão. Revista Visão, 08/12/1980.

¹⁰⁷ A Semana de Arte Moderna de 1922 ocorreu no Teatro Municipal, entre os dias 11 e 18 de fevereiro, a partir do sábado. Encabeçado por Mário de Andrade e coordenado por Oswald de Andrade e Di Cavalcanti, o evento reuniu produção em artes plásticas, como de Anita Malfatti, leitura de poemas e recitais musicais, buscando afirmar um caráter livre do conservadorismo acadêmico nas artes.

1960, em decorrência da repressão do governo militar. “Havia um clima de insatisfação com a nação e com um estado das coisas. Aquilo simbolizava um desejo de todos por uma libertação, significava que queríamos mudar as coisas”¹⁰⁸. A Feira amplificou ações que ocorriam em grupos isolados para a esfera pública, e dentro de um aparelho público que é o Teatro Municipal.

Éramos estrategistas do caos.¹⁰⁹

Era um momento de linguagem de vanguarda completamente alternativo, o início desse comportamento contemporâneo de hoje. Eram livros diferentes, que não seguiam nenhum padrão editorial vigente. E todos os dias, no final da tarde, havia encontros muito animados, cheios de discurso, poesia, brigas, e vários inconvenientes todos os dias. Com esse movimento é que foi aparecendo a Feira de Poesia e Arte. O evento era um demonstrativo desse exercício libertário que vínhamos fazendo na cidade.¹¹⁰

¹⁰⁸ PEPE, Oswaldo. In: HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p. 128 e 129.

¹⁰⁹ WILLER, Cláudio In: Ibidem, p.120.

¹¹⁰ GRANATO, Ivald. In: Ibidem.

O secretário de Cultura do Estado, Sábato Magaldi, e o diretor do Teatro Municipal, Maurice Vaneau, na gestão do prefeito Olavo Setúbal, endossaram a Feira, sendo esse o motivo para ela ocorrer no Teatro Municipal. Do círculo de Massao, o poeta Claudio Willer e Oswaldo Pepe (1948), publicitário recém-dissidente da advocacia, encabeçaram a coordenação do evento, que organicamente começou a juntar criadores e produtores, além de amantes das artes, de variadas linguagens artísticas.

A partir do momento que o evento decolou no coração das pessoas produziu-se um frenesi, uma excitação, uma vibração que contaminava todo mundo. Durante três dias o teatro não fechou. A gente ficou morando lá. Dormíamos, acordávamos, saíamos para comer fora e voltávamos. Aquele era o ponto paulistano para se estar. Foi juntando gente, chegando artistas, e virou um *happening*, uma loucura.¹¹¹

Havia sede de expressão e de encontro. E muita ousadia também. A Feira foi um catalisador de música, performance, leituras de poemas, venda de livros, exposição de artes plásticas, este último a cargo da organização dos artistas Augusto Peixoto e Maninha Cavalcante.

As obras expostas cobriam um gradiente que ia desde os monstros sagrados como Volpi, Reboló e Maria Bonomi até os menos conhecidos, que neste meio tempo já ganharam espaço e o reconhecimento que lhes era devido. A imaginação plástica de Augusto Peixoto levou-o a tentar transformar o próprio Teatro em ambiente ou proposta conceitual: painel gigante de Jimi Hendrix em cima do saguão, imensas luvas com dedos que acendiam e apagavam sinalizando as entradas, panôs pendurados do terceiro andar até o chão. E se houvesse condições, teria ido mais longe ainda no seu furor dessacralizante: planejava cercar o Municipal com esses rolos de arame farpado usados pelo Exército nas manobras militares, e a inauguração consistiria no Secretário de Cultura abrindo rolos com uma tesoura de cortar arame...¹¹²

A diferir da Semana de Arte Moderna de 22, a I Feira de Poesia de Arte de 76 possuía um caráter espontâneo, libertário e heterogêneo, com pessoas vindas de diversas classes sociais, muitas delas adentrando o austero espaço do Teatro pela primeira vez, enquanto a primeira foi composta preponderantemente por uma elite paulistana.

¹¹¹ PEPE, Oswaldo In: Ibidem, p. 117.

¹¹² WILLER, Cláudio. In: Ibidem, p. 123 e 124.

Dezenas de poetas mostraram a sua produção a milhares de pessoas que passaram pelo Teatro durante os três dias de evento. Quem escrevia decidiu então, desgavetar originais. Grupos e movimentos foram formados. Há até passeatas poéticas, invenção do grupo *Sanguinovo*¹¹³, e poesias escritas em muros de grandes cidades”¹¹⁴.

Era o “corpo-a-corpo” da poesia, a que também foram integrados os artistas do Rio de Janeiro, provavelmente trazidos por Roberto Piva, como o *Nuvem Cigana*¹¹⁵ e o *Dzi Croquettes*¹¹⁶, cuja apresentação no Teatro foi contestada pela imprensa conservadora: “Para o diretor do Teatro, o Municipal seria o local indicado até mesmo para uma temporada de espetáculos como este, de travestis”¹¹⁷ – imprimia o jornal O Estado de S. Paulo, dez dias após a Feira.

¹¹³ O grupo paulistano Sanguinovo, encabeçado pelo poeta Antonio Carlos Lucena, o Touchê, promovia eventos em prol da democratização da poesia, indo às ruas, fazendo passeatas poéticas, intervenções em lugares públicos, leituras de poemas, fixação de pôsteres, com vários poetas em postes, o chamado “Poema do Poste”. Para mais, Cf. FINATTO, Jorge Adelar. *Grupo Sanguinovo*. Disponível em: <<https://ofazedordeauroras.blogspot.com/2010/03/grupo-sanguinovo.html>> Acesso em: 20/05/2019.

¹¹⁴ BRINDE à poesia – *Um gênero em plena ascensão*. Artigo publicado na Revista Visão, 08/12/1980.

¹¹⁵ O Nuvem Cigana foi um coletivo carioca de poetas e artistas plásticos, que promoveram diversas publicações, happenings, entre outros, durante os anos 1970 e 1980. Para mais, Cf. AS INCRÍVEIS Artimanhas da Nuvem Cigana. Direção: Claudio Lobato e Paola Vieira. Rio de Janeiro: Paola Vieira, 2016. 80 min, documentário.

¹¹⁶ Grupo teatral e musical carioca que atuou entre 1972 a 1976, alinhado à contracultura, escancarando a sexualidade homossexual e transexual nas performances que realizava em casas noturnas. Para mais, Cf. DZI Croquettes. Direção: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. NY, RJ: TRIA Productions e Canal Brasil, 2009. 110 min, documentário.

¹¹⁷ UMA FEIRA para Massao Ohno vender poesia e arte. Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 05/10/1976.

(...) a turma do Rio não tinha nem dinheiro e nem lugar para ficar. Aí, foram para minha casa, deitaram todos no tapete, uns vinte deles. Quando a minha então esposa chegou, entrou na casa, não entendeu nada e foi pulando até chegar ao quarto!¹¹⁸

Os poetas Cláudio Willer, Raul Fiker, Maria da Graça Biatto, Jorge da Cunha Lima (atrás), não identificado, integrantes do Nuvem Cigana (ladeiam Massao Ohno), na I Feira Paulista de Poesia e Arte, 1976, Teatro Municipal de São Paulo. Fonte: Guilherme Ziggy

¹¹⁸ OHNO, Massao HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p. 117.

A manchete dada pelo Jornal da Tarde um mês mesmo antes da Feira ocorrer já sinalizava a disposição da imprensa para receber o evento: “*Uma feira para Massao Ohno vender poesia e arte*”¹¹⁹ era o título da matéria. Apesar do conteúdo do artigo falar sobre o trabalho sério de Massao na área editorial, o chamariz já era sensacionalista. A maior parte da imprensa recebeu o evento com bastante rechaço, enfocando o fato de um indivíduo subir ao palco e urinar, deixando à revelia todas as expressões artísticas que interessaram a 15 mil pessoas que lá estiveram presentes. Da mesma maneira, as duras críticas não comentaram nada sobre a representatividade do acontecimento, ombreando-o ao contexto histórico do país.

Eu sei que estava cheio de agentes infiltrados lá no teatro. Mandei o pessoal manear um pouco, se não a gente ia sair de lá de camburão. Tanto eu quanto o Willer por vezes achávamos que seríamos presos a qualquer momento.¹²⁰

O perigo de prisão dos organizadores do evento era real. O “massacre da Lapa” ou “chacina da Lapa”, como ficou conhecida a operação conduzida pelas forças armadas brasileiras, resultante em três mortes de dirigentes do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) que se reuniam na Rua Pio XI, no bairro da Lapa em São Paulo, ocorreu no dia 16 de dezembro de 1976, apenas um mês após a Feira. O ambiente repleto de pessoas no Teatro talvez tenha criado proteção, pelo excesso de testemunhas potenciais e risco de protesto em caso de repressão, e possivelmente pelo tom de irreverência desnorteador das ações.

Fui preso e solto meia dúzia de vezes lá dentro, eu estava usando uma máscara de macaco e ficava desfilando abraçado com o Massao Ohno. Ainda havia repressão e esse tipo de coisa era mal vista, nem a sociedade e nem a polícia sabiam como reagir àquele delírio coletivo.¹²¹

¹¹⁹ UMA FEIRA para Massao Ohno vender poesia e arte. Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 05/10/1976.

¹²⁰ OHNO, Massao. In: HUNGRIA, Camila; D’ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p.129.

¹²¹ GRANATO, Ivald. In: *Ibidem*.

Ivald Granato veste máscara de macaco, I Feira de Poesia e Arte, 1976, Teatro Municipal de São Paulo, fonte: site ivaldgranato.com.br

Os presentes tinham uma interpretação política do evento, (...) Poemas com alguma mensagem política eram mais aplaudidos. Era o caso dos da Renata Pallottini e do Ricardo G. Ramos, que leu sobre a morte de Vladimir Herzog.¹²²

Há de perguntarmo-nos como um evento multidisciplinar, democrático e revolucionário, como foi a I Feira de Poesia e Arte de 76, não é de conhecimento geral atualmente, nem consta dos livros didáticos de literatura. Ao verificar a reação da imprensa, é imaginável o provincianismo vigente na época. Seria capaz a cultura de assimilar uma potência tão disruptiva como a desses poetas, artistas plásticos, cênicos, músicos?

¹²² WILLER, Cláudio In: Ibidem, p. 125.

Eu urrava nos poliedros da Justiça meu momento abatido na extrema paliçada
os professores falavam da vontade de dominar e da luta pela vida
as senhoras católicas são piedosas
os comunistas são piedosos
os comerciantes são piedosos
só eu não sou piedoso
se eu fosse piedoso meu sexo seria dócil e só se ergueria aos sábados à noite
eu seria um bom filho meus colegas me chamariam cu-de-ferro e me fariam
perguntas: por que navio bóia? por que prego afunda?
eu deixaria proliferar uma úlcera e admiraria as estátuas de fortes dentaduras
iria a bailes onde eu não poderia levar meus amigos pederastas ou barbudos
eu me universalizaria no senso comum e eles diriam que tenho todas as virtudes
eu não sou piedoso
eu nunca poderei ser piedoso
meus olhos retinem e tingem-se de verde
Os arranha-céus de carniça se decompõem nos pavimentos
os adolescentes nas escolas bufam como cadelas asfixiadas
arcanjos de enxofre bombardeiam o horizonte através dos meus sonhos¹²³

¹²³ A Piedade In PIVA, Roberto; LEE, Wesley Duke *Paranoia*. Col. Novíssimos vol.13. Editora Massao Ohno, 1963.

Coxias do Teatro Municipal, com poetas, músicos; entre eles, Conrado Silva, Geraldo Carneiro, Roberto Piva,
I Feira de Poesia e Arte, 1976, foto: Paulo Klein, fonte: Guilherme Ziggy

Muitos dos poetas lançados por Massao Ohno na *Antologia dos Novíssimos* em 1960, que reuniu 24 autores, puderam recitar seus poemas e ganharam notoriedade na Feira de Poesia e Arte. No Rio de Janeiro, uma ação no mesmo sentido em 1975 foi a de Heloisa Buarque de Hollanda com o *26 Poetas Hoje*. Segundo Franceschi, a sociedade e a academia paulistana não estavam interessados em poetas marginais, já “a Helô foi professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Aqui não havia essa abertura. Você não tinha professores interessados e nem facilidade perante o mercado editorial”¹²⁴. Por outro lado, os poetas eram muito anárquicos para se interessarem por esse tipo de legitimação; como Antonio Fernando de Franceschi afirma, “Nós não tínhamos nenhuma intenção de ter presença institucional da forma que fosse. Então o nosso grupo ficou muito mais marginalizado do que eles ficaram no Rio de Janeiro”¹²⁵.

São Paulo não parecia estar preparada para uma poesia tão contra a cultura e uma afirmação tão firme dos desejos posta em prática, como realizaram os poetas lançados por Massao, posição que levou um par de décadas para começar a mudar.

26 Poetas Hoje teve um imediato sucesso de mídia, mas em meio à muita reclamação de crítica literária. E mesmo com essa abertura acontecendo no Rio, quando já éramos tema de algumas matérias jornalísticas, continuávamos marginais aqui em São Paulo. Independente de já termos publicado livros por uma editora. O alcance de nossa poesia só melhorou mesmo a partir dos anos 80.¹²⁶

26 Poetas Hoje, Rio de Janeiro: Aeroplano, 1975

¹²⁴ FRANCESCHI, Antonio Fernando de. In: HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Franceschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p. 117.

¹²⁵ FRANCESCHI In: Ibidem

¹²⁶ WILLER, Cláudio In: Ibidem

*Antologia dos novíssimos. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1960.
Coleção dos Novíssimos vol. 9. Capa: João Suzuki*

Cobrado pelo jornal temerário de mudanças, O Estado de S. Paulo, em *Dias que fazem temer o futuro do Municipal*, Massao faz o balanço da Feira:

Quase 15 mil pessoas de todas as classes sociais puderam, ordeira e entusiasmaticamente, frequentar o Teatro, assistir o Quarteto de Cordas executando Mozart, aplaudir o Ballet Stagium, ouvir o Coral Martim Luther King ou a Tradicional Jazz Band, apreciar obras de artistas plásticos como Volpi, Scliar, Koguri, Maria Bonomi, Augusto Peixoto, Romildo Paiva, Tomie Ohtake, Agi Strauss e escutar em silêncio dezenas de poetas recitando suas obras. (...) Acreditamos que um pequeno incidente não possa deslustrar um acontecimento de tamanha importância cultural. (...) A ocorrência de um fato isolado não pode incriminar a administração do Teatro, a Secretaria Municipal de Cultura e tampouco a Feira de Poesia e seus organizadores.¹²⁷

Durante a Feira, não houve conflito entre artistas renomados e jovens buscando o novo. Expressões de música erudita se apresentaram no mezanino do Teatro, abaixo da foto de Jimi Hendrix, com o público assistindo a poucos centímetros, espalhado pelas escadarias e *foyer*; também não houve problema em emprestar o palco para poetas marginais que só declamavam nas ruas e dentro de seus grupos. Editores experientes, como Massao, convocaram todos os outros produtores de livros. Havia cordel, revistas literárias, e naturalmente muita poesia. A atmosfera eclética da Feira de Poesia e Arte para os artistas e amantes das artes foi de ruptura dos padrões sociais de convívio estabelecidos pelo *status quo*. Expressões que geralmente ficam claustradas a seus públicos específicos e ambientes determinados dividiram o mesmo ambiente.

A imprensa, por sua vez, não foi capaz de ver qualidades positivas no evento. No jornal Folha de São Paulo, o jornalista e editor da revista *Escrita*, participante da Feira, Wladyr Nader, disse: “Ganhou a literatura brasileira com isso? Ganhou a poesia, ganhou a pintura, ganhou a escultura, ganhou a música? Nada: foi confraternização por confraternização”¹²⁸. E seguiu argumentando sobre a baixa lucratividade de venda dos livros. Vendas que de fato não aconteceram pelo sucesso imprevisto de público. A réplica a essa matéria da Folha foi impressa um mês depois, em dezembro, através do meio que os

¹²⁷ MASSAO Ohno apud DIAS que fazem temer o futuro do Teatro Municipal. Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 20/11/1976.

¹²⁸ NADER, Wladyr. *Vejam só, o Municipal*. Folha de S. Paulo, Ilustrada, São Paulo, 10/11/1976.

autores, não detentores dos meios de comunicação de massa, tinham em mãos: o livro. Em *Véspera de Aquarius*, impresso em dezembro de 1976, com autoria do poeta Jorge da Cunha Lima¹²⁹ e Massao Ohno na diagramação e coordenação técnica, a matéria da Folha é reproduzida com o cabeçalho, foto e manchete idênticos ao original, mas com a redação do artigo subvertida.

¹²⁹ LIMA, Jorge da Cunha. *Véspera de Aquarius*. Col. Literatura e teoria literária vol. VIII. Arte da capa: Elifas Andreato; diagramação e coord. técnica: Massao Ohno. São Paulo: Paz e Terra, 08/12/1976.

É o austero reduto da cultura paulista: transformou-se em palco para um "happening" de uma audácia heterogênea na I Feira de Poesia e Arte.

Vejam só, o Municipal

O Municipal das temporadas líricas, dos espetáculos importados e dos concertos matinais, não tem sido o mesmo nestes dias: segunda-feira, por exemplo, invadido por uma população heterogênea formada por escritores, artistas plásticos, músicos, seus convidados ou simples interessados não se sabe bem em que: em poesia, nos rápidos números do Traditional Jazz Band, na pobre e colorida coreografia dos Saltimbancos, nos quadros expostos no primeiro andar ou no Quarteto de Cordas que executou Mozart no mezanino. Foi um "happening" do tipo que se podia esperar de um editor como Massao Ohno, que apadrinha uma nova geração de poetas, repetindo um trabalho que desenvolve há pelo menos dez anos. Os textos dos livros de Massao que duas dezenas de poetas vendiam ao redor das escadarias do teatro são o que menos importa: o que interessa é o trabalho gráfico, as ilustrações, normalmente encomendadas a artistas jovens. O texto corrido merece todo o desprezo.

Realmente: para quem chegou às 18h30 e uma hora depois es-

tava vendo o suntuoso Quarteto de Cordas do Municipal no mezanino, o temor de que a festa lá se tornar qualquer coisa literomusical era justo. Mas essa previsão foi desmentida algum tempo depois com a chegada do circunspeto-sorridente candidato a vencedor pelo MDB, Flávio Bierrenbach, que ao lado de outros senhores engravatados andou distribuindo um jornalzinho de quatro páginas, "Votar, uma Forma de Viver", que fazia naturalmente a propaganda do seu nome. Com "Os Saltimbancos", que dançaram e rolaram pelas escadarias do teatro, assistindo as pessoas mais suscetíveis, com o bem comportado Coral Luther King no palco, com a leitura de poemas, com a possibilidade de todos que quisessem usar o microfone à disposição no mezanino, com os comentários paralelos, com o vinho que era gratuito mas pouco. Os poetas — afinal a coisa se chama I Feira Paulista de Poesia e Arte — estavam escondidos atrás das mesinhas onde vendiam livros.

Roberto Piva, Cláudio Willer, Renata Pallotini, Jorge da Cunha Lima, Eunice Arruda, Maria

José de Carvalho, Regina Helena Cunha Lima, Dora Ferreira da Silva, Eduardo Gianetti Fonseca e Raul Fiker, entre outros, lançaram livros ou disseram alguns dos seus poemas, mas a "loucura" não parou aí. Távinho Pass, contista carioca, pegou o microfone e disse que precisava tomar um banho. Perguntou se alguém se habilitava a levá-lo para casa e afirmou que em São Paulo ninguém ia. "Por que em São Paulo não se fala?" Alguém respondeu que ele, sim, falava demais e o negócio ficou por isso mesmo. Távinho, o leucutor improvisado, resolveu depois entrevistar pessoas. Perguntou a uma moça o que ela achava do amor, ela respondeu "ótimo" e o contista foi em frente. Um outro rapaz pegou o microfone e propôs, ao invés de um momento de silêncio, um minuto de barulho.

E foi realmente o que aconteceu: o barulho dominou o Municipal, com apresentações simultâneas de músicos, poetas e cantores, e certo deslumbramento do público diante de um "happening" que ninguém esperava.

Ganhou a literatura brasileira com isso? Ganhou a poesia,

ganhou a pintura, ganhou a escultura, ganhou a música? Nada: foi confraternização por confraternização. Poetas ficaram satisfeitos com a venda de dois ou três exemplares, comprados espietamente pela família. Não ignoram que vão ter que sair com os livros nas costas para tentarem passá-los adiante. É a rotina do escritor brasileiro, normalmente do contista, mas que a partir de agora os poetas também vão seguir. Afinal, só com muita insistência conseguirão convencer alguém a comprar um ou outro volume dos seus livros, geralmente pagos com o dinheiro dos próprios bolsos.

Os livros quase não saem mas a festa continua por mais um dia pelo menos: hoje.

O português Antônio Teófilo, hoje lavrador em Roselândia, a 30 km de São Paulo, é o único autor estrangeiro na I Feira Paulista de Poesia e Arte. "Elegiada" também foi lançado por Massao Ohno, o editor da grande maioria dos livros da feira.

Teófilo nunca publicou nada em Portugal, de onde veio há um ano. Mas faz uma poesia revolucionária, "porque toda

poesia tem algo de revolucionária". Influências? Principalmente dos surrealistas portugueses Raul de Carvalho e Mário Cesarini de Vasconcelos. "Poesia não é só divertimento, nem refúgio", diz o poeta de "Elegiada". "É o resultado de uma tentativa de salvação e isso não tem nada de cristão. É a beleza pode surgir a qualquer hora, na hora em que eu vou escrever, por exemplo. Mas poesia não é uma sensualidade a sós, é sobretudo trabalho."

Antônio Teófilo, que há três meses está com o irmão num sítio arrendado em Roselândia, nas proximidades de Cuiabá, cuida lá de cobritos, galinhas e porcos e garante que come "ovos extraordinários toda manhã."

Como os outros poetas brasileiros da feira ele também vai ter que trabalhar para vender os mil exemplares do seu livro, a Cr\$ 50,00. Teófilo escreve assim: "De pés descalços... o peito nu/ a mão a querer agarrar alguma coisa que já não existe/ na boca um esgar cru/ Para que recordar o passado/ não será melhor fazer um verso/ enfim há que conquistar o Universo..."

Wladyr Nader

Pollaxes, bailarinas, estílores ocuparam o seu modo as escadarias do teatro.

INFORMAÇÃO:

FOLHA DE S. PAULO
FOLHA ILUSTRADA
São Paulo, quarta-feira, 10 de novembro de 1976

O austero teatro de cultura paulistana transformou-se em palco para um "happening" de uma multidão heterogênea na I Feira de Poesia e Arte.

Vejam só, o Municipal

Nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 1976, uma feira de poesia mudou os rumos do Teatro Municipal de São Paulo.

De fato, a iniciativa do editor Mas-sao Ohno, destinada a promover o lançamento simultâneo de 25 livros de poesia, de autores cuja idade variava de 18 a 70 anos, transformou-se no mais importante acontecimento cultural deste ano. As portas do austero teatro, mais voltado para espetáculos de elite, se abriram para abrigar mais de 15 mil pessoas de todas as classes sociais, muitas das quais entraram pela primeira vez naquele Teatro.

Espectáculos de ballet, concertos de música de câmara e de vanguarda,

exposições de pintura, fotografia e gravuras, balizaram a leitura de poemas, aplaudidos cada noite com mais entusiasmo.

A atitude insólita de um jovem que urinou no palco quase serviu de pretexto para que se transformasse a iniciativa num escândalo político orquestrado para demitir o Secretário de Cultura e fazer o Municipal retroceder a uma orientação conservadora e antipopular.

O sucesso da I.ª Feira Paulista de Poesia e Arte surpreendeu os próprios organizadores, mas já estimulou os poetas a prepararem espetáculos da mesma natureza em todo o país.

Outros veículos de comunicação também fizeram questão de expressar os valores que defendiam, acarretando em penalidades aos organizadores do evento. “O jornal conservador O Estado de S. Paulo protestou. A direita protestou. Pediram o impeachment de Olavo Setúbal e a prisão de Sábato Magaldi”¹³⁰. O coreógrafo, diretor, cenógrafo e figurinista, nascido na Bélgica e naturalizado no Brasil, Maurice Vaneau, defendeu o evento dos ataques da imprensa e dos conservadores, o que veio a lhe custar o cargo de diretor.

Para certas pessoas, o Municipal é uma espécie de monopólio particular. E eu sou a favor da abertura do Teatro. Tanto para as temporadas líricas, balés, espetáculos ditos tradicionais, como para manifestações como a Feira de Poesia e Arte. Concorro que haja diferença na qualidade, mas nada garante que um balé possa ser bom, antes de apresentado. O que acontece, é que as pessoas têm o hábito de estabelecer uma pré-censura estética. O Municipal é um tabu.¹³¹

¹³⁰ PEPE, Oswaldo. In: HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p. 129.

¹³¹ VANEAU, Maurice apud DIAS que fazem temer o futuro do Teatro Municipal. *Jornal da Tarde*, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 20/11/1976.

Mesmo com toda a polêmica e reação contrária, muitas iniciativas de publicação, leituras e eventos saíram desses três dias. O debate na esfera pública e o conceito do que é público também se fizeram. O secretário Sábato Magaldi publica uma página inteira no Jornal da Tarde, do grupo Estado, sob o título “Eu explico:” em letras garrafais. Seu olhar de crítico teatral, ensaísta, historiador e professor “Colocou um chapéu de burro em toda a direita”, diz Osvaldo Pepe. “Foi aí que São Paulo percebeu que a visão cultural da ditadura tinha acabado e o país tinha mudado”¹³². Interpelado novamente sobre a apresentação do *Dzi Croquettes* no Municipal, Sábato discorre:

Se se leva em conta o princípio estético segundo o qual não há gêneros nobres e plebeus e artes maiores e menores, superiores e inferiores, mas valores apreciáveis em qualquer manifestação cênica honesta, *Romance*, do *Dzi Croquettes*, poderia ser tomado como uma incursão de máscaras da *Commedia dell'Arte* italiana no clima do Carnaval brasileiro (e o Carnaval tem sido uma das constantes do Municipal carioca). Ademais, *Romance* está recebendo o patrocínio da Funarte, órgão do Ministério da Educação e Cultura, e da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo de São Paulo. Em face da sólida programação desenvolvida no Teatro Municipal, as poucas récitas de *Romance*, aproveitando um cancelamento de última hora, não comprometeriam a imagem de uma casa austera e de gosto artístico apurado. Com o apoio financeiro recebido dos governos federal e estadual, e os 60 mil cruzeiros de bilheteria em quatro espetáculos do Municipal, quando o ingresso mais caro custava 20 cruzeiros, os *Dzi Croquettes* estão a caminho de superar suas dificuldades. E, não obstante as restrições que nós críticos teatrais, fizemos ao espetáculo, um público imenso aplaudiu de pé as quatro récitas de *Romance*. O que não deixa de ser uma alentadora lição democrática.¹³³

¹³² PEPE, Osvaldo. In: HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p. 129 e 130.

¹³³ MAGALDI, Sábato. *Eu explico*: O Secretário Municipal de Cultura Sábato Magaldi fala das realizações de sua Secretaria, dos seus projetos culturais e dos discutidos acontecimentos do Municipal. Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 1976. In: HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p. 132.

Que ninguém se espante se um dia a cidade amanhecer com poemas ao invés de anúncios de massa de tomate, desodorante ou calcinhas nos out-doors. Essa é uma idéia antiga do artista gráfico Massao Ohno, que jura que algum dia ainda vai realizá-la.

Enquanto esse dia não chega a Iª Feira Paulista de Poesia — nos dias 20, 21 e 22 no Museu da Imagem e do Som — reunirá 18 poetas novos e mais dez reapresentações em livros editados por Massao Ohno. A mostra ainda apresentará dez fotografos, seus amigos, três gravadores e muita música.

A proposta inicial do MIS era de fazer uma retrospectiva da obra de Massao. Mas, como ele acha que não é tão velho para esse tipo de coisa, resolveu organizar uma apresentação de autores novos, o que inclusive facilita e economiza tempo. Autores que estão se iniciando na poesia, como Lívio Xavier, com 73 anos de idade.

Sua sensibilidade oriental diz que a exposição terá “Parece que há algo no ar, talvez possa surgir alguma coisa dessa mostra. Artistas plásticos consagrados como Noemia Mourão e Aldemir Martins estão ilustrando as poesias de autores inéditos”.

Essa coisa que no ar talvez seja uma maior consideração pela poesia. Até agora ela tem sido sonogada pelos editores que preferem o romance e o livro didático, explica Massao. Mas chegou o momento ideal para sua divulgação. Um meio de expressão, que por ser o inverso de todo o sistema de massificação atual, está sendo necessário. Mesmo a poesia mais aleatória toma um significado importante, acredita.

Massao tem intenções de transformar a feira em uma manifestação de âmbito nacional. Por isso, irá levá-la para o Museu de Arte Moderna do Rio e para a Universidade de Belo Horizonte. Mais do que tudo ele quer que essa seja uma mostra aberta e está convidando todos que tenham um livro de poesias para comparecer com o volume debaixo do braço e divulgá-lo.

134

¹³⁴ Detalhe de matéria publicada um mês antes de ocorrer a Feira de Poesia e Arte. In: UMA FEIRA para Massao Ohno vender poesia e arte. Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 05/10/1976.

Poster-poema

A transição dos anos 1970 para os 1980 é um período de paulatina abertura política. Em 1977, o general anticomunista extremista Silvío Frota (1910-1996) é exonerado por Geisel do ministério do exército. Em 1978, o AI-5 (Ato Institucional número 5, que decretou recesso do congresso desde 1968 conferindo ao legislativo poderes de cassar mandatos e suspender direitos políticos) é revogado. Em 1979, o general João Batista de Oliveira Figueiredo (1918-1999) é eleito presidente por colégio eleitoral, promulgando no mesmo ano a lei nº 6.683 (“lei da anistia”), possibilitando a reforma partidária e anistiando os civis que haviam participado da luta armada – o que também se estendeu aos servidores dos poderes legislativo e judiciário, e aos militares. Todas as mudanças são promovidas e acompanhadas pela crescente mobilização popular, que acabou culminando, em 1983, no *Diretas Já*¹³⁵. Há intensas disputas políticas e ventos de mudanças.

Nesse contexto, a Massao Ohno Editor inicia o seu período de maior produção editorial, que se estende por duas décadas. “Sua editora lançou em apenas dois meses dezoito títulos novos. E 80% eram de autores estreantes”¹³⁶. Realmente houve um boom editorial nos primeiros anos de 1980, que Massao atribui parcialmente “ao grande crescimento da população universitária e também um interesse mais qualificado, ou seja saindo das vias normais de comunicação – jornal e televisão – as pessoas estão procurando na literatura uma forma de acrescentar a formação básica. Existe um interesse maior das pessoas em ampliar os conhecimentos em qualquer área, por isso as edições cresceram em gênero, número e grau”¹³⁷.

¹³⁵ Movimento civil nacional, entre 1983 e 1984, por eleições presidenciais diretas; contava com partidos políticos de oposição ao regime ditatorial, sindicatos, civis, artistas, estudantes e jornalistas.

¹³⁶ BRINDE à poesia – Um gênero em plena ascensão. Revista Visão, 8 de dezembro de 1980.

¹³⁷ OHNO, Massao. *Massao Ohno: um livro aberto*. Entrevista concedida ao jornal Diário da Manhã. Goiânia: 11 de julho de 1987.

A contrastar com o começo dos 1970, Massao estava muito entusiasmado com a produção no início da nova década. “A partir de 1º de janeiro de 1981 teremos a década da poesia, anote isso”¹³⁸. O cenário promissor, porém, não consegue chegar ao final daqueles anos. O Brasil começa a sentir os efeitos da dívida externa promovida na década anterior, antes mesmo do fim do regime ditatorial, que terminou em 1985. Inflação e a tentativa de planos econômicos falhos – Cruzado, Bresser, Verão – produzem uma crise econômica que bate recordes em 1987.

A fome dói no estômago
como uma facada no meio da vida.
A fome come o próprio sonho
e se esvai nas bocas perdidas.
A fome se forma num alicerce
e constrói um prédio
de trinta e três andares.
Quando a fome explode na garganta
os dedos apertam o gatilho
e a notícia sai no jornal.¹³⁹

¹³⁸ BRINDE à poesia – Um gênero em plena ascensão. Revista Visão, 8 de dezembro de 1980.

¹³⁹ FARIA, Álvaro Alves de. *Motivos Alheios*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1983.

PHILOBIBLION
MASSAO OHNO / ROSWITHA KEMPF
EDITORES

apresentam

Affonso Romano de Sant'Anna
Carlos Drummond de Andrade
Ferreira Gullar
Hilda Hilst
João Cabral de Melo Neto
Mario Chamie
Moacyr Félix
Paulo Mendes Campos
Thiago de Mello
Vinicius de Moraes

em posters, formato 53 x 73 cm,
com reproduções de trabalhos de

FLAVIO DE CARVALHO, FERNANDO
LEMON, MANABU MABE, MARILIA
KRANZ, PAULO GOMES GARCEZ,
PEDRO DE MORAIS E
PABLO PICASSO.

Dia 19 de setembro de 1981
a partir das 20 horas, com a presença
da maioria dos autores e ilustradores.

Museu da Imagem e do Som
AV. EUROPA, 158

convite do lançamento

Não obstante a situação econômica, a Massao Ohno Editor consegue se manter produtiva devido às inúmeras parcerias que estabelece e também pelos originais que recebe. Distribuição e viabilização financeira se fomentam, permitindo o grande volume de publicações. A recepção do trabalho que Massao realizou anteriormente também parece mais positiva por parte da imprensa, e as parcerias são muitas. Entre as principais, estão: entre 1980 a 1982, Roswitha Gary Kempf (1928-?), alemã, de família imigrante que prosperou nas fazendas de Rolândia, Paraná; em 1981, uma das maiores editoras do país, a Civilização Brasileira, sediada no Rio de Janeiro, conduzida por Ênio Silveira (1925-1996), conhecido por sua atuação política durante o período ditatorial; entre 1982 e 1987, aproximadamente, Maria Lydia Pires e Albuquerque (c.1941), com quem Massao teve relacionamento conjugal; além da prolífera parceria com a Aliança Cultural Brasil-Japão, principalmente entre 1989 a 1995, e pontualmente com pessoas do meio gráfico, como Ismael Guarnelli. Nesse período, Massao fica entre São Paulo e Rio de Janeiro, onde conhece diversos poetas e artistas, como Olga Savary, Jaguar, Millôr Fernandes, Ferreira Gullar etc.

Massao Ohno e Ênio Silveira tinham em comum o gosto pela poesia. “Acreditam os dois editores que, cada vez mais, a poesia é necessária, indispensável à salvaguarda do que ainda resta de humano no angustiado animal chamado homem, nesta quadra final do século XX”¹⁴⁰. Ênio, filiado ao Partido Comunista Brasileiro, fora preso diversas vezes durante o regime, a primeira delas quase um ano após o golpe, em março de 1965, em razão de uma feijoada que ofereceu em homenagem ao ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes. A prisão por razão pífia gerou um manuscrito em papel timbrado do gabinete da presidência, pelo então presidente Castello Branco ao general Ernesto Geisel, chefe do gabinete militar, que iniciava assim: “Por que a prisão do Ênio? Só para depor? A repercussão é contrária a nós, em grande escala. O resultado está sendo absolutamente negativo”. Na página quatro do mesmo manuscrito, continua: “Apreensão de livros. Nunca se fez isso no Brasil. Só de alguns (alguns!) livros imorais. Os resultados são os

¹⁴⁰ MENEZES, Carlos. Ênio Silveira e Massao Ohno unidos para editar poesia e poster-poemas. Rio de Janeiro: O Globo, 29/07/1981.

piores possíveis contra nós. É mesmo um terror cultural”, escreveu o presidente. “A prisão de Ênio gerou protestos e resultou na elaboração de um manifesto assinado por cerca de mil pessoas ligadas à cultura”¹⁴¹.

Massao coedita com a Civilização Brasileira várias coleções: *Ficção Hoje*, *Vera Cruz* e, as mais alimentadas, *Poesia Hoje* e *Poesia Sempre*. Em *Poesia Hoje*, composta por obras de autores estreantes ou menos conhecidos, inicia a participação a partir do número 51, já que desde 1963 a Civilização havia publicado 50 títulos; em *Poesia Sempre*, participa desde o início, com títulos reconhecidos na história da literatura. Também em parceria com a Civilização, mais precisamente com a Philobiblion, dirigida por Ênio, lança uma série de onze pôsteres, os *poster-poemas*¹⁴², cujo espírito vai ao encontro da ideia da poesia corpo-a-corpo, manifestada de forma condensada na Feira de Poesia e Arte e, de maneira profusa, por muitos poetas e coletivos artísticos. Em 1983, o poeta Alberto Beuttenmüller rememora no texto de orelha de *Motivos Alheios*, do seu amigo da faculdade de jornalismo, o poeta Álvaro Alves de Faria (1942), de que modo a geração 60 viveu a poesia corpo-a-corpo.

O poeta Lindolf Bell cumpria a sua catequese poética até em boates. Cláudio Willer e Roberto Piva escandalizavam a cidade com vários manifestos contra a poesia tradicional. O concretismo estava na moda e lutava com a poesia *Práxis* buscando ambos a hegemonia de suas teses e antíteses. Era um tempo polêmico e de exceção política. O *Sermão do Viaduto*¹⁴³ foi um gesto. Pela primeira vez um poeta – sozinho – desafiava a cidade para ouvir poesia. Um rebuliço.¹⁴⁴

Massao, o Editor da diversidade de correntes literárias e expressões artísticas dos anos 1960 e 70, muitas delas antagonistas em suas propostas, como o Concretismo e a

¹⁴¹ GASPARI, Elio. Prisão de Ênio Silveira irrita Castello Branco. APGCS/HF, 26/5/1965.

¹⁴² Adotaremos a grafia utilizada na imprensa e no uso que se popularizou no meio (“poster-poemas”), embora não seja a flexão adequada para a palavra.

¹⁴³ FARIA, Álvaro Alves de. *Sermão do Viaduto*. Edição do autor, 1965, 2ª ed. 1966. Ação de leitura do *Sermão do Viaduto*, no Viaduto do Chá, centro de São Paulo, em meados de 1960.

¹⁴⁴ BEUTTENMULLER, Alberto In: FARIA, Álvaro Alves de. *Motivos Alheios*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1983.

poesia Práxis¹⁴⁵, de Mário Chamie (1933-2011), a partir das parcerias dos 1980, tem a chance de ampliar sua atividade e abranger autores dos mais diversos campos de atuação.

Gosto de românticos, simbolistas, parnasianos, modernistas, concretistas, vanguardistas, sem preconceito algum, desde que a proposta e a formulação sejam bem elaboradas.¹⁴⁶

Em *Poesia de corpo-a-corpo com a vida*, Jiro Takahashi, contextualiza o termo:

A expressão “corpo-a-corpo com a vida” aplicada à literatura é do contista João Antônio, do clássico *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). Para além da literatura atrelada à realidade, ele e outros companheiros de jornada foram levando a literatura para onde o povo estava. Essa mesma prática, de corpo-a-corpo com a vida foi aplicada por ousados poetas que, nos anos 1960 e 1970, também foram levar a poesia para as ruas, praças e viadutos por onde caminhava o povo. Lindolfo Bell, Ilka B. Laurito, Álvaro Alves de Faria, Neide Archanjo. Rubens Jardim, Roberto Piva, Cláudio Willer e muitos outros carregavam caixotes e varais para exporem e declamarem seus primeiros poemas publicados pelo Massao Ohno, “um samurai da sombra”, como disse o poeta Antônio Fernando De Franceschi. Era a “poesia na praça” resgatando sua oralidade. Gritando num tempo de silêncio.¹⁴⁷

Assim, em potente manifestação de poesia corpo-a-corpo, na forma de grande objeto a se inserir no cotidiano e ocupar o lugar de visibilidade de um quadro na parede, Massao cria os *poster-poemas*, lançados em 19 de setembro de 1981. A grande superfície do papel 73 x 53 cm permite que o Editor desempenhe sua exímia habilidade de congregar o texto e a imagem. E ainda convoca uma ancestralidade cultural.

¹⁴⁵ Poesia Práxis tem como figuras centrais Mário Chamie (1933-2011) e Cassiano Ricardo (1894-1974).

Divergente da ênfase dada à forma visual pela poesia Concreta, valoriza a palavra, o ritmo e o verso como evocadoras de múltiplas imagens e interpretações. Depoimento de Mário Chamie no *Projeto Memória Oral*, da Biblioteca Mário de Andrade: “Práxis: fazer e refazer constantemente as coisas, os signos, as pessoas, as emoções, os sentimentos, as palavras, em busca de novos, surpreendentes e contraditórios significados, porque o mundo não é uma inércia adormecida, o mundo não é uma lesma que tomou Lexotan, o mundo é uma coisa vigorosa” (p. 32 e 33). Transcrição disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/memoria_oral/index.php?p=7962> Acesso em: 27/05/2019.

¹⁴⁶ OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

¹⁴⁷ TAKAHASHI, Jiro. *Poesia de corpo a corpo com a vida*. Texto inédito de 09/11/2017, escrito para ocasião do projeto de livro sobre a obra de Massao Ohno, parte integrante do documentário *Editor por Editor* (2019).

Poster-poema ou *kakemono* (sic)¹⁴⁸ ocidental. *Kakemono* do japonês, que literalmente pode ser traduzido como “coisa de se pendurar”. São aqueles quadros, muito frequentes nos restaurantes e lojas do bairro da Liberdade, que invariavelmente contêm um poema (escrito em ideogramas) com uma paisagem de fundo. Pois foi o milenar *kakemono* o inspirador do projeto Poster-Poema, a ser lançado em São Paulo hoje, às 19 horas(...) por Massao Ohno e Philobiblion (Civilização Brasileira), tendo como finalidade a difusão da poesia.¹⁴⁹

¹⁴⁸ O termo correto seria *kakejiku*.

¹⁴⁹ Massao lança primeira coleção de poster-poema. *O Estado de S. Paulo*, 19/09/1981. Arquivo M.O.

Poster-poemas:

Em Nome da Vida de Moacyr Félix e *Guernica*, de Pablo Picasso

Poema Didático de Paulo Mendes Campos e bico de pena de Flávio de Carvalho

Devaneio de Mário da Silva Brito, desenho de Zélio

Objeto Selvagem, de Mário Chamie e óleo de Manabu Mabe

Que País é Este? de Affonso Romano de Sant'Anna e desenho de Paulo Gomes Garcez

O Haver de Vinicius de Moraes e foto de Pedro de Moraes

Coisas da Terra, de Ferreira Gullar e fotografia urbana

Poema a Federico Garcia Lorca, de Hilda Hilst sobre criação de Fernando Lemos

A Educação Pela Pedra, de João Cabral de Melo Neto e óleo de Marília Kranz

Elegia 1938 de Carlos Drummond de Andrade e *Retrato de Sabartés*, de Pablo Picasso

Entrevista de Picasso e fotografia *Picasso em Jules-les-Pins* de Man Ray,¹⁵⁰

¹⁵⁰ Estava previsto a inclusão de *Canto do Canavial*, de Thiago de Mello acompanhada por xilografia de Ciro Fernandes, conforme matéria de O Globo, 29/07/1981, no entanto, é lançado este com reconfiguração de conteúdo de PICASSO, Pablo; SELVAGGI, Giuseppe. *Erosmemória*. São Paulo: Expressão-Massao Ohno/ Editores, c.1986. Capa: *A Posse*, desenho a tinta, 1940; contracapa: foto de Man Ray, *Picasso em Jules-les-Pins*, 1926; 21x23cm; orelhas: citações de Picasso; editor: Ismael Guarnelli; coord editorial: Marcelo Tápia e André Luiz Teixeira

EM NOME DA VIDA

Título fragmento da poesia "Canto para as transformações do Homem"

— Meu pai, o que é a liberdade?

— É o seu rosto, meu filho, o seu jeito de indagar o mundo a pedir guarida no brilho do seu olhar. A liberdade, meu filho, é o próprio rosto da vida que a vida quis desvendar. É a sua irmã numa escada iniciada há milênios em direção ao amor, seu corpo feito de nuvens carne, sal, desejo, cálculo e fundamentos de dor. A liberdade, meu filho, é o próprio rosto do amor.

— Meu pai, o que é a liberdade?

A mão limpa, o copo d'água na mesa qual um altar aberto ao homem que passa com o vento verde do mar. É o ato simples de amar o amigo, o vinho, o silêncio da mulher olhando a tarde — laranja cortada ao meio, tremor de barco que parte, esto de crina sem freio.

— Meu pai, o que é a liberdade?

É um Homem morto na cruz por ele próprio plantada, é a luz que sua morte expande pontuada como uma espada. É Cuauhtemoc a criar sobre o braseiro que o mata uma rosa de ouro e prata para a alívea mexicana. São quatro cavalos brancos quatro bússolas de sangue na praça de Vila Rica e mais Felipe dos Santos de pé a cuspir nos mantos do medo que a morte indica. É a blusa aberta do povo bandeira branca atirada jardim de estrelas de sangue do céu de maio tombadas dentro da noite goyescas. É a guilhotina madura cortando o espanto e o terror sem cortar a luz e o canto de uma lágrima de amor.

É a branca barba de Karl a se misturar com a neve de Londres fria e sem lá, seu coração sobre as fábricas qual gigantesca maçã. É Van Gogh e a sua tortura de viver num quarto em Arles com o sol preso em sua pintura. É o longo verso de Whitman, fornalha descomunal cozendo o barro da Terra para o tempo industrial. É Federico em Granada. É o Homem morto na cruz por ele próprio plantada e a luz que sua morte expande pontuada como uma espada.

— Meu pai, o que é a liberdade?

A liberdade, meu filho, é coisa louca que assusta: visão terrível (que luta!) da vida contra o destino traçado de ponta a ponta como já contada conta pelo som dos altos sinos. É o homem amigo da morte por querer demais a vida — a vida nunca podrida. É o sonho que finda em desgraça na alma que, combatida, deixa suas penas de graça na grade em que foi ferida... A liberdade, meu filho, é a realidade do fogo do meu rosto quando ardo na imensa noite a buscar a luz que pede guarida nas trevas do nosso olhar.

•

O homem, os homens são vitórias da morte a circular as vidas ou sombras opacas de uma Vida em que esse anti-salto, a morte não existe e nem nunca existiu a não ser em seu não-ser de ser desvão ao lado de desvão na ponte?

Se os cães falassem, ah, como ririam (em frente ao sol) dos nossos medrosos altares.

•

É inútil querer parar o Homem, o que transforma a pedra em piso, o piso em casa e a casa em fonte de novas músicas da carne. É inútil querer parar o Homem, o que gira em torno de si próprio a velocidade da luz e da sombra no mistério da vida a cavalgar os cavalos aéreos da semântica sob uma indeferida eternidade. É inútil querer parar o Homem e o impulso que o transforma sempre na pátria sem fim do ato livre que arranca a vida e o tempo e as coisas do espelho imóvel dos conceitos. Ah, que mistério maior é este que liga a liberdade e o homem e une o homem a outros homens como o curso de um rio ao mar! (Quando a noite é uma e indivisível, nos olhos da mulher que eu amo acende-se o deus deste segredo — e uma sombra só nos transporta ao fundo sem nome da vida.)

É inútil querer parar o Homem. Do que morre fica o gesto alto a ser o germe de outro gesto que ainda nem vemos no tempo. Isto as crianças nos lembram quando rodam em nossas portas os ossos do dia que foi nosso e agora são as espantosas bicicletas que as vias levando para outros dias do acaso, do desejo e do fazer em que não seremos mais, eternamente. É inútil querer parar o Homem e o seu sonho a dar longas voltas ou a inventar estradas no cárcere, o seu sonho mais essencial a destruir e a enfiar metais de qualquer ditadura.

É inútil querer parar o Homem e o seu sonho, o mais de flor, de apagar dos lábios da terra o rictus do medo que estica no céu de aço a bomba atômica; o seu sonho, que é o seu movimento mais moderno e mais para frente, de ver no armário dos museus o manual oco e sem asas que aprisiona o corpo e o sexo em desgraças dadas na infância (e os livros de Deve & Haver dos poderosos de Manhattan comerciando Deus e o mundo).

É inútil querer parar o Homem e o seu sonho de enterrar sob o verde passo de uma história livre os dogmas do stalinismo grudado como esparadrapo sobre a boca múltipla da vida (e a subdesenvolvida farda dos tiranos que bebem o uísque pago com o sangue de sua pátria). É inútil querer parar o Homem: em tudo que de amor cantar o seu sonho caminhará a encaminhá-lo na direção dele próprio a inteirar-se em ócios libertados do econômico em que ora se fratura. É inútil querer parar o Homem, o que transforma a pedra em piso, o piso em casa e a casa em fonte de novas músicas da carne. A andar em formas de palavras sob os arvores da vida o sonho do Homem caminhará do pensamento para as mãos e das mãos para o pensamento, noite e dia caminhará. Até tornar as mãos em pássaros livres, inteiramente livres, para amar o azul ou as várias almas do céu dentro do Homem que se movimenta na liberdade, no amor e no desejo em que a si próprio inventa.

•

Moacyr Félix

Título fragmento da poesia "Canto para as transformações do Homem" / Gortius, Placido

FOTOGRAFIA: RENATO LIMA / ARTE: RUY FREITAS / ESTILO

PHILOBIBLION - MASSAO OHNO / EDITORES

POEMA DIDÁTICO

Não vou sofrer mais sobre as armações metálicas do mundo
 Como o fiz outrora, quando ainda me perturbava a rosa.
 Minhas rugas são prantos da véspera, caminhos esquecidos,
 Minha imaginação apodreceu sobre os lodos do Orco.
 No alto, à vista de todos, onde sem equilíbrio precipitei-me,
 Clown de meus próprios fantasmas, sonhei-me,
 Morto de meu próprio pensamento, destruí-me.
 Pausa repentina, vocação de mentira, dispersei-me.
 Quem sofreria agora sobre as armações metálicas do mundo,
 Como o fiz outrora, espreitando a grande cruz sombria
 Que se deita sobre a cidade, olhando a ferrovia, a fábrica,
 E do outro lado da tarde o mundo enigmático dos quintais.
 Quem, como eu outrora, andaria cheio de uma vontade infeliz,
 Vazio de naturalidade, entre as ruas poentas do subúrbio
 E montes cujas vertentes descem infalíveis ao porto de mar?

Meu instante agora é uma supressão de saudades. Instante
 Parado e opaco. Difícil se me vai tornando transpor este rio
 Que me confundiu outrora. Já deixei de amar os desencontros.
 Cansci-me de ser visão: agora sei que sou real em um mundo real.
 Então, desprezando o outrora, impedi que a rosa me perturbasse,
 E não olhei a ferrovia — mas o homem que sangrou na ferrovia —
 E não olhei a fábrica — mas o homem que se consumiu na fábrica —
 E não olhei mais a estrela — mas o rosto que refletiu o seu fulgor.

Quem agora estará absorto? Quem agora estará morto?
 O mundo, companheiro, decerto não é um desenho
 De metafísicas magníficas (como imaginei outrora)
 Mas um desencontro de frustrações em combate.
 Nele, como causa primeira, existe o corpo do homem
 — cabeça, tronco, membros, aspirações a bem-estar —
 E só depois consolações, jogos e amarguras do espírito.
 Não é um vago hábito de inefável ansiedade poética
 Ou vaga adivinhação de poderes ocultos, rosa
 Que se sustentasse sem haste, imaginada, como o fiz outrora.
 O mundo nasceu das necessidades. O caos, ou o Senhor,
 Não filtraria no escuro um homem inconsequente,
 Que apenas palpitasse ao sopro da imaginação. O homem
 É um gesto que se faz ou não se faz. Seu absurdo —
 Se podemos admiti-lo — não se redime em injustiça.
 Doou-nos a terra um fruto. Força é reparti-lo
 Entre os filhos da terra. Força — aos que o herdaram —
 É fazer esse gesto, disputar esse fruto. Outrora,
 Quando ainda me perturbava a flor e não o fruto,
 Quando ainda sofria sobre as armações metálicas do mundo,
 Acuado como um cão metafísico, eu gania para a eternidade,
 Sem compreender que, pelo simples teorema do egoísmo,
 A vida enganou a vida, o homem enganou o homem.
 Por isso, agora, organizei meu sofrimento ao sofrimento
 De todos: se multipliquei a minha dor,
 Também multipliquei a minha esperança.

Paulo Mendes Campos

DEVANEIO

Conversar com a noite
quando as estrelas sonham.

Pedir a bênção aos peixes
enquanto no rio as águas correm.

Esperar a serpente oculta
no ventre do bosque.

Tatear o teu rosto como um cego
e colher amores em teus seios.

Demandar sonhos e delírios
— e sorvê-los de olhos abertos.

Tingir de sangue a memória
— e pedir aos pássaros no céu
um pouco do ar que me falta.

Abrir a janela
— e encher a casa de nuvens.

Mário da Silva Brito

MABE

No espaço do campo, passa o homem e sua miragem.
No espaço da cidade, dorme o homem em sua passagem.
No espaço da consciência, gera o vírus a sua voragem.
Por todos esses espaços, de surda força indomável,
passa o espaço da palavra com sua selva sem margem.
Na selva dessa paisagem, no centro de sua arena,
age a força do poema, meu objeto selvagem.

MÁRIO CHAMIE

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

QUE PAÍS É ESTE?

Há 500 anos caçamos índios e operários,
há 500 anos queimamos árvores e hereses,
há 500 anos estupramos livros e mulheres,
há 500 anos sugamos negras e alugueis.

Há 500 anos dizemos:
que o futuro a Deus pertence,
que Deus nasceu na Bahia,
que São Jorge é que é guerreiro,
que do amanhã ninguém sabe,
que conosco ninguém pode,
que quem não pode sacode.

Há 500 anos somos pretos de alma branca,
não somos nada violentos,
quem espera sempre alcança
e quem não chora não mama
ou quem tem padrinho vivo
não morre nunca pagão.

Há 500 anos propalamos
este é o país do futuro,
antes tarde do que nunca,
mais vale quem Deus ajuda
e a Europa ainda se curva.

Este é um país de síndicos em geral,
este é um país de cínicos em geral,
este é um país de civis e generais.

Este é o país do descontínuo
onde nada congemma,
e somos índios perdidos
na eletrônica oficina.

Nada nada congemma:
a mão leve do político
com nossa dura rotina,

o salário que nos come
e nossa sede canina,
a esperança que emparedam
e a nossa fé em ruína,
nada nada congemma:
a placidez desses santos
e nossa dor peregrina.

e nesse mundo às avessas
— a cor da noite é obsclara
e a claridez vespertina.

O HAVER

Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura
essa intimidade perfeita com o silêncio.
Resta essa voz íntima pedindo perdão por tudo.
Perdoai: eles não têm culpa de ter nascido.

Resta esse antigo respeito pela noite
esse falar baixo
essa mão que tateia antes de ter
esse medo de ferir tocando
essa forte mão de homem
cheia de mansidão para com tudo que existe.

Resta essa imobilidade
essa economia de gestos
essa inércia cada vez maior diante do infinito
essa gagueira infantil de quem quer balbuciar o inexprimível
essa irredutível recusa à poesia não vivida.

Resta essa comunhão com os sons
esse sentimento da matéria em repouso
essa angústia da simultaneidade do tempo
essa lenta decomposição poética
em busca de uma só vida
de uma só morte
um só Vinicius.

Resta esse coração queimando
como um cirio numa catedral em ruínas
essa tristeza diante do cotidiano
ou essa súbita alegria ao ouvir na madrugada
passos que se perdem sem memória.

Resta essa vontade de chorar diante da beleza
essa cólera cega em face da injustiça e do mal-entendido
essa imensa piedade de si mesmo
essa imensa piedade de sua inútil poesia
de sua força inútil.

Resta esse sentimento da infância subitamente desentranhado
de pequenos absurdos
essa tola capacidade de rir à toa
esse ridículo desejo de ser útil
e essa coragem de comprometer-se sem necessidade.

Resta essa distração, essa disponibilidade,
essa vagueza de quem sabe que tudo já foi,
como será e virá a ser.
E ao mesmo tempo esse desejo de servir
essa contemporaneidade com o amanhã
dos que não tem ontem nem hoje.

Resta essa faculdade incoercível de sonhar,
de transfigurar a realidade
dentro dessa incapacidade de aceitá-la tal como é
e essa visão ampla dos acontecimentos
e essa impressionante e desnecessária presciência
e essa memória anterior de mundos inexistentes
e esse heroísmo estático
e essa pequenina luz indecifrável
a que às vezes os poetas tomam por esperança.

Resta essa obstinação em não fugir do labirinto
na busca desesperada de alguma porta
quem sabe inexistente
e essa coragem indizível diante do grande medo
e ao mesmo tempo esse terrível medo de renascer
dentro da treva.

Resta esse desejo de sentir-se igual a todos
de refletir-se em olhares sem curiosidade, sem história.
Resta essa pobreza intrínseca, esse orgulho,
essa vaidade de não querer ser príncipe senão do seu reino.

Resta essa fidelidade à mulher e ao seu tormento
esse abandono sem remissão à sua voragem insaciável.
Resta esse eterno morrer na cruz de seus braços
e esse eterno ressuscitar para ser reencarnado.

Resta esse diálogo cotidiano com a morte
esse fascínio pelo momento a vir, quando, emocionada,
ela virá me abrir a porta como uma velha amante
sem saber que é a minha mais nova namorada.

VINICIUS DE MORAES

COISAS DA TERRA

Todas as coisas de que falo estão na cidade
entre o céu e a terra.

São todas elas coisas perecíveis
e eternas como o teu riso
a palavra solidária
minha mão aberta
ou este esquecido cheiro de cabelo
que volta
e acende sua flama inesperada
no coração de maio.

Todas as coisas de que falo são de carne
como o verão e o salário.
Mortalmente inseridas no tempo,
estão dispersas como o ar
no mercado, nas oficinas,
nas ruas, nos hotéis de viagem.

São coisas, todas elas,
cotidianas, como bocas
e mãos, sonhos, greves,
denúncias,

acidentes do trabalho e do amor. Coisas,
de que falam os jornais
às vezes tão rudes
às vezes tão escuras
que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade.

Mas é nelas que te vejo pulsando,
mundo novo,
ainda em estado de soluções e esperança.

FERREIRA GULLAR

A Federico García Lorca

Companheiro, morto desassombrado, rosácea ensolarada
 Quem, senão eu, te cantará primeiro. Quem senão eu
 Pontilhada de chagas, eu que tanto te amei, eu
 Que bebi na tua boca a fúria de umas águas
 Eu, que mastiguei tuas conquistas e que depois chorei
 Porque dizias: «amor de mis entrañas, viva muerte».
 Ah, se soubesses como ficou difícil a Poesia.
 Triste garganta o nosso tempo, **TRISTE TRISTE**.
 E mais um tempo, nem será lícito ao poeta ter memória
 E cantar de repente: «los arados van e vén
 dende Santiago a Belén».
 Os cardos, companheiro, a aspereza, o luto
 A tua morte outra vez, a nossa morte, assim o mundo:
 Deglutindo a palavra cada vez mais fundo.

Que dor de te saber tão morto. Alguns dirão:
 Mas está vivo, não vês? Está vivo! Se todos o celebram
 Se tu cantas! **ESTÁS MORTO**. Sabes por quê?

«El pasado se pone
 su coraza de hierro
 y tapa sus oídos
 con algodón del viento.
 Nunca podrá arrancársele
 un secreto.»

E o futuro é de sangue, de aço, de vaidade. E vermelhos
 Azuis, brancos e amarelos hão de gritar: morte aos poetas!
 Morte a todos aqueles de lúcidas artérias, tatuados
 De infância, o plexo aberto, exposto aos lobos. Irmão.
 Companheiro. Que dor de te saber tão morto.

HILDA HILST

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta;
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

*

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Picasso-

ELEGIA 1938

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Caminhas entre mortos e com eles conversas
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

el fenómeno biológico
y dinámico
que constituye el cubismo
de
Picasso
ha sido
el primer gran catalizador imaginativo
sobrepasando las ambiciones experimentales
de la física matemática
moderna.

La vida de Picasso
formará la base política
sin incomprenderla
según la cual
la psicología física
abierta de nuevo
una brecha de carne viva
y de conciencia
a la filosofía.
Pero a causa
del pensamiento materialista
antiguo
y moderno
de
Picasso
podremos conocer finalmente
experimentalmente
y sin necesidad
de las teorías «problemáticas» psicológicas
de sabor kantiano
de los «genialistas»
toda la esencia
de los
objetos de conciencia
localizados y confesables
con sus diversas figuras
las sensaciones infinitas
y
diploómicas.

Para el pensamiento hiper-materialista
de Picasso
prueba
que el cambaleo de la raza
devora
«la especie intelectual»
que el virus regional
muja ya
la herencia familiar
de las matemáticas fenomenológicas
del
poverum
que crean «figuras estrictas»
extra-psicológicas
intermedias
entre

la gran imaginativa
y
los idealismos mentarios
entre
las aritméticas transformadas
y las matemáticas experimentales
entre la entidad «estructural»
de un «lenguaje» «objetivo»
y la conducta de los seres vivos
en contacto con el lenguaje objetivamente
por el lenguaje en ciencia
permanece
totalmente exterior
a la comprensión
de
la
general-teoría
puesto que
esta teoría de la figura
entraña
y de la estructura
no posee
medios físicos
que permitan
el análisis
el uso
el registro
del comportamiento humano
frente
a las estructuras
y a las figuras
que se presentan
objetivamente
como
ficciones delirantes
para
no existir
en nuestros días
que no sea
una física
de la psico-patología
una física de la persona
la que no podría ser considerada
como
la base experimental
de la próxima
filosofía
de la
psico-patología
de la próxima
filosofía de la actividad «psico-critica»
la cual un día
tratará de examinar polémicamente
si tiempo tiempo
y haber.

Salvador Dalí

«Eu sou categórico ao afirmar que jamais
considerarei a pintura como simples arte do
agradável, da distração; eu quis, pelo desenho
e pela cor, uma vez que eram estas as minhas
armas, penetrar sempre mais no conhecimento
do mundo e dos homens, a fim de que este
conhecimento nos libere a todos, cada dia
mais... Agora eu compreendi que isto só não
é suficiente; estes anos de terrível opressão
me demonstraram que eu devo combater não
somente através da minha arte, mas de todo
o meu ser...»

Entrevista de Picasso ao "Humanité", Paris, 5-10-1944

Poeticamente

Só poeticamente se pode viver.
F. Pessoa

151

¹⁵¹ Detalhe de manuscrito s/d de Massao Ohno, apresentando a obra da escultora Daisy Nasser. Material referente ao projeto do livro, não publicado, está no arquivo M.O.

Arte-Vida

Num sentido amplo, amo o poeta e seu desvario, a sua dualidade mártir-herói, o sacro e o profano nele contidos, “Pan e Cristo, Cristo e Pan”. A poesia é inalienável da condição humana, “só poeticamente se pode viver” no dizer de Pessoa. Jovens ou velhos, estilos e modismos à parte, importante é sentir o mundo e as coisas através da ótica da poesia.¹⁵²

Lançar poesia às ruas, ir para a linha de frente, de encontro à objetividade diária, fazendo-se corpo-a-corpo, como fez Massao Ohno e sua geração, é a semente para a “filosofia de trabalho”¹⁵³ que o guiou em sua expressão e exercício editorial durante todas as décadas seguintes. A expressão se dá pela fortuna impressa, o que está conformado de acordo com a Estética do Editor. O exercício da filosofia é a prática diária de devotar-se à atividade de editor independente, seu *modus operandi*, a sua Ética.

A citação, atribuída por Massao a Fernando Pessoa e rememorada sempre que tinha oportunidade – “só poeticamente se pode viver”¹⁵⁴ –, é a filosofia do ato poético não circunscrito exclusivamente a questões de estilo, arte pela arte, lógica racional, acadêmica ou mesmo uma forma de expressão apartada de todas as outras experiências. Era, sim, inequívoca, arte-vida. Willer fala sobre Piva: “A condição de arqui-marginal dá razão à sua insistência na contradição entre poesia autêntica e sociedade e as suas apóstrofes contra a contradição burocrática entre poesia e vida”¹⁵⁵.

¹⁵² OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

¹⁵³ WAKABAYASHI, Kazuo, em *Editor por Editor* (2019), diz: “Primeira vez que encontro com uma pessoa que nem assim (sic) pra ganhar dinheiro. Trabalho, a filosofia dele, bacana né”.

¹⁵⁴ A frase é citada por Massao em todos os seguintes livros que editou:

OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

MUSA, Nhô. *Só poesia*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 10/05/1986.

PINOTTI, José Aristodemo. *Espiral*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

FERNANDES, José Roberto. *Tempos diversos*. Massao Ohno/Stefanowski/ Editores, 27/10/1990.

MELLO, Donaldo. *Véspera de Azul*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 2002.

¹⁵⁵ WILLER, Claudio. Texto sobre Roberto Piva para portfolio do Instituto Moreira Salles, na ocasião de reedição de *Paranóia*, em 2000. Recebido por e-mail enviado pelo autor em 28/05/2019.

Quando nossos poetas
vão cair na vida?
Deixar de ser broxas
pra serem bruxos?¹⁵⁶

A grande produção dos anos 1980 e 1990, de Massao Ohno, parece ter ensejado a reflexão sobre a própria atividade de editor e a função da poesia em relação ao entorno e em relação à sua origem. Acompanhando a abundância de publicações, os textos que escreve se proliferam, tornando nítido este olhar voltado para a macroesfera histórico-social e principalmente para a vida do autor. A partir da perspectiva do último, escreve sobre o aprendizado promovido por cada livro, e convida o leitor à experiência, o que pode explicar, em parte, a manutenção da postura de troca e diálogo, marca da geração dos anos 60, mesmo nos períodos posteriores, quando valores humanos continuavam a se alterar, em razão da propagação de uma cultura monetária, pelo crescimento da população urbana, pelas mudanças sociais após os 21 anos da ditadura militar, e pela realidade cada vez mais complexa que a metrópole adquiria.

Entendi que o seu compromisso é com a vida, e a dos seus pares – eu que
pactuei sempre com a memória, com a marca, *vanita vanitatis*,
olimpicamente desprezando o comezinho diuturno inglório e
dessignificativo. Muito aprendi.¹⁵⁷

¹⁵⁶ PIVA, Roberto. *Ciclones*. São Paulo: Nankin Editorial, 1997.

¹⁵⁷ OHNO, Massao. In: GOLDMAN, Sara. *Da Noite à Aurora*. col. Prata vol.1. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985.

158

Nos textos escritos por Massao, é possível observar sua particular leitura e valorização do ato de escrever (poesia), relacionando-o com as contingências de sua produção. Assim, notas e textos biográficos são quase invariavelmente colocados nas orelhas, contracapas e textos de apresentação dos livros. Em muitos casos, Massao mesmo escreve a “bioapreciação” (lê a obra-experiência vivida). Se atualmente há a tendência ou até o preconceito de não considerar profissional o bastante aquilo que deixa entrever o lado pessoal, para a poesia e para a leitura de Massao sobre a poesia, a vida é inseparável da leitura, assim como “A poesia é inalienável da condição humana”¹⁵⁹.

¹⁵⁸ PIVA, Roberto; PIRAHY, João (capa e ilustrações). *20 poemas com brócolis*. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 1981.

¹⁵⁹ OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

A partir da mesma lógica, o retrato fotográfico pictórico ou gráfico do autor igualmente se torna constante nas publicações. Essas informações, ainda tratando-se de autores desconhecidos, eram bastante inacessíveis antes da disseminação da internet no cotidiano. O Editor promove, assim, uma aproximação entre leitores e autores, e a consequente ampliação do entendimento da obra. A oferta do Editor ao leitor coincide com sua própria experiência, uma leitura arte-vida. Ademais, a biografia e o retrato, pelas mãos de Massao, se convertiam em mais elementos de criação gráfica.

Ideograma, *hito*, pessoa, humano. Contracapa de HILST, Hilda. WAKABAYASHI, Kazuo (desenhos).
Sobre a tua grande face. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/10/1986

SAVARY, Olga. *Linha-d'água*. São Paulo:

Massao Ohno-Hipocampo/ Editores,
20/06/1987. Desenhos de Kazuo

Wakabayashi; foto de capa: Ciça Alves

Pinto, col. Toda a Poesia vol.2; prefácio:

Felipe Fortuna

WERNECK, Giorgia. *Balada terna para...*

São Paulo: Massao Ohno Editor,

05/08/1989. Capa: óleo de Markus Lüpertz,

da série *Seis quadros da Vida de um Poeta*,

1981; ilustrações de Fernando Fernandes;

foto da autora: Carlos Alberto Barreto,

orelhas: Carlos Felipe Moisés

SANZ HERNANDEZ, Juan. *Horas queridas*.

São Paulo: Massao Ohno Editor,

13/11/1984. Ilustrações: Michel Veber

MORAES, Ivan Wrigg. *3 x 4 poesia*. São

Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1996.

Capa: grafismo de Manabu Mabe, 1961,

acervo do Editor; orelhas: Massao Ohno;

apresentação: Moacir C. Lopes; posfácio:

Olga Savary

SALMERON, Sonia. *Saudade cidade*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/11/2003. Capa: Marjorie Rose Sonnenschein, foto (nascer do sol em Brasília); 500 exemplares

SAVARY, Olga. *Retratos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/10/1989. Capa: óleo de Kazuo Wakabayashi, Retratos; ilustrações: nankins de Henri Matisse; prefácio: Dalma Nascimento; orelhas: desenho e biografia da autora

HILST, Hilda. *O caderno rosa de Lori Lamby*, 2ª ed. São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/06/1990. Capa e ilustrações: Millôr Fernnades; orelhas: Eliane Robert Moraes, contracapa: foto e texto de Hilda

Editor-Leitor

Sou um leitor apaixonado pela poesia. Um leitor que apostou nela e como editor viu seu sucesso.¹⁶⁰

Todo editor é o primeiro leitor de um original. Além de ler para si, também lê com os olhos de outros e, assim, decide pela publicação. As decisões editoriais e gráficas, necessariamente se atrelam à imagem e ao conceito que faz do outro (o leitor), que receberá a obra viabilizada por meio de seu trabalho.

Por mais iletrado e despreparado que seja o leitor brasileiro, ele percebe quando há um bom trabalho de tratamento do texto, nem que seja num simples trabalho de narração esportiva ou num mínimo folheto de propaganda. A tendência a toda água represada é um dia romper os diques.¹⁶¹

Quando questionado por Antônio Abujamra, no programa televisivo *Provocações*, se os editores achavam que o leitor brasileiro era ignorante, Luiz Schwarcz (1956), sócio-fundador da Cia das Letras responde que, quando começou a trabalhar no mercado editorial (final dos anos 1970), sim, achavam, “havia editores que julgavam que não devia se mandar livros para imprensa, [pois] a imprensa publicaria uma resenha, e o público brasileiro era de natureza tal que, lendo uma resenha, ele [consideraria que] não precisaria ler o livro, quer dizer, o editor tinha um preconceito contra o público leitor”¹⁶². E completa, dizendo não haver mais isso à época do depoimento, em 2006.

Para Massao, não paternalista no trabalho junto aos autores, a capacidade de inteligência do leitor era um pressuposto para completar a obra. Portanto, nunca tornava o conteúdo literal: reservava mistérios a serem desvendados pelo leitor, elipsava informações e prodigalizava sempre uma obra aberta.

¹⁶⁰ OHNO, Massao apud O TRABALHO editorial de Massao em uma retrospectiva. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23/09/1982.

¹⁶¹ OHNO, Massao. Manuscrito, projeto de livro de Bell Marcondes, s/d da década de 2000, não publicado pela Massao Ohno Editor.

¹⁶² SCHWARCZ, Luiz. Trecho de entrevista para Antônio ABUJAMRA, no programa *Provocações*, da TV Cultura (2006). Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/61981_provocacoes-luiz-schwarcz-2006.html. Acesso em: 02/05/2019.

o poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser contemplada e vivida por um novo leitor¹⁶³

Em depoimento ao documentário *Editor por Editor*, Jiro Takahashi comenta o livro *Amore*¹⁶⁴, do poeta Sérgio Lima (1939), onde não há nenhuma explicação sobre o fato do miolo ser inteiro composto por reprodução manuscrita. No meio do texto, Sérgio o define como narrativa sagrada, o que remete à ideia dos textos escritos à mão, feitos pelos copistas medievais. Jiro ainda diz que, se o livro fosse publicado nos dias atuais, certamente haveria alguma explicação. Não é possível afirmar se explicações e informações são hoje inseridas nos livros por demanda do leitor ou por decisão dos editores (de acordo com a sua visão de leitor), ou se tornaria o livro mais vendável para um público mais amplo. Massao não inclui explicação (textual ou iconográfica). Suas publicações mostram uma estética editorial sutil, que elipsa informações, economiza elementos gráficos e de conteúdo e, assim, reserva espaço para o leitor participar. No caso de *Amore*, não explica, pois espera do Leitor a descoberta, presume que, a seu tempo, o Leitor atento se dê conta da relação entre forma manuscrita e remissão histórica. A informação, ademais, não se configura como pré-requisito de acesso à obra. O único pré-requisito para ler é a própria disposição e abertura para a descoberta – disposições para as quais o Editor sempre convidou o leitor.

¹⁶³ OHNO, Massao. *Uma Trajetória poética* (texto de orelha) In: ECHAIME, Leila. *Poesia-Poesia*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/03/1986.

¹⁶⁴ LIMA, Sérgio. *Amore*. Massao Ohno Editora, 06/11/1963

Uma capa incomum para a produção de Massao Ohno é a do livro *Síssi – A Menina Iluminada*, de 1997. Nela, vemos o rosto da criança sorridente, circundado por formas geométricas e fundo azulado, figurando nuvens. Por comparação, este livro não se assemelhava em nada aos outros: aqueles pareciam mais sofisticados e, esse, um pouco mais estranho. Desconfiando do conteúdo, antes mesmo de saber do que se tratava, deparo-me com o texto das orelhas, escrito por Massao¹⁶⁵:

Confira, não seja incrédulo, caro leitor. Coisas fantásticas acontecem a cada átimo, sem que nos percebamos, vão desperdício. Estejamos atentos, sensíveis, e seremos plenos.

A Vida é finalidade em si, não meio ou circunstância. Portanto, não pode ser vilipendiada. Tem de ser prestigiada ao máximo, cantada por todos os poetas em e por todo o Mundo. Benditos os sensíveis, os artistas criadores que renovam a cada momento uma realidade que não se condiz.

Este o sentido mágico e maior deste livro que irá sensibilizar os mais pétreos corações, assim creio.

M.O.

Massao tão bem imaginava nós leitores, que, em diversos momentos, ao ter em mãos um livro seu, tive a experiência de estar sendo observada pelo Editor, que predizia reações comuns e ainda dava uma palavra de fé ao autor e à poesia. A experiência, em muitos livros, é a de percorrer uma trilha já aberta por ele quando os fez. No caso de *Síssi*, vi-me simultaneamente frente à minha limitação (ao meu preconceito), ao convite do Editor que previu a minha reação e à amplitude imensa de sua visão poética.

Durante longo tempo, ficava a olhar as luzinhas verdes fosforescentes, que também piscavam nos terrenos e na rua pouco iluminada e deserta.¹⁶⁶

O Editor conseguia ler o que o original significava para a experiência do autor, não utilizava como critério (rígido) superlativos de qualidade literária segundo o seu repertório apenas. Isso nos mostra que, para a sua filosofia, seu entendimento ou intuição, o ser

¹⁶⁵ OHNO, Massao. Texto de orelha In: LUTTI, Leyde Zorovich Ribeiro. *Síssi: A Menina Iluminada*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1997.

¹⁶⁶ LUTTI, Leyde Zorovich Ribeiro. *Síssi: A Menina Iluminada*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997.

humano não é algo acabado; é, pelo contrário, algo em movimento, a ser perfilado incessantemente, sempre a se desenvolver. O conjunto das pessoas, portanto, só pode ser heterogêneo: doutos e iniciantes, rebeldes e complacentes, e a poesia só pode corresponder. “Assim, interessa a poesia em todos os níveis, porque é nos diversos níveis que ela vai sensibilizar as diversas pessoas. E o círculo se fecha e pode se elevar em espiral ‘desde que a alma não seja pequena’. Vale a pena, pois, sempre”¹⁶⁷.

A produção editorial de Massao também é muito heterogênea. Entende as propostas em sua singularidade: “a obra resulta pessoalíssima, única”¹⁶⁸. Onde cada livro realmente é um livro. Ao mesmo tempo, quando decide por publicá-la, pressupõe a capacidade dela ser compartilhada pelo meio da poesia: “Creio na linguagem universal da poesia”¹⁶⁹.

O livro *All, a língua luz A*¹⁷⁰, do mesmo modo que *Síssi*, se destaca em seu projeto gráfico diferenciado. Além de ter um buraco que perpassa todo o miolo, é cheio de gráficos e esquemas. Massao esboça possíveis definições no texto de abertura: “Este livro de Aluísio Dias Lopes tanto pode parecer um monturo desconexo como uma descoberta beirando a genialidade. Depende do ponto de vista. Se se é crédulo ou incrédulo. Fantasiado ou realista”¹⁷¹. Assim, o Editor nos convoca a olhar sem desconfiança e avaliar. Ele mesmo se entusiasma pela possibilidade que o livro oferece, e o apresenta de forma inusitada, irremediavelmente intrigando-nos e colocando a pergunta primordial da proposta: “o que é isso?”.

¹⁶⁷ OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

¹⁶⁸ OHNO, Massao. Texto final In: LUDMER, Paulo. *Línguaçodada*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 28/09/1994.

¹⁶⁹ OHNO, Massao. Entrevista concedida ao Semanário “O Avaré” In: MUSA, Nhô. *Só poesia*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 10/05/1986, p.141 e 142.

¹⁷⁰ LOPES, Aluisio Dias. *All: a língua luz A*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/10/1989.

¹⁷¹ OHNO, Massao. Apresentação, texto de orelha In: LOPES, Aluisio Dias. *All, a língua luz A*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/10/1989.

detalhe do livro *All – a língua luz A*

Dirigindo a palavra com frequência a nós, leitores, Massao nos convida ao desconhecido, à reflexão, à sensibilidade, à emoção, ao exercício crítico, à surpresa, à imaginação e até a opinar, enviando correspondência aos autores. Da mesma maneira, escreve sobre o efeito da obra no leitor – que, no caso, é ele e outro (nós), ou é o Editor se colocando no lugar do leitor.

É preciso lê-lo além dos rótulos e o leitor ficará surpreso, como fiquei¹⁷²

é para ser habitada pela imaginação do leitor¹⁷³

pequena jóia literária que tocará fundo a sensibilidade dos leitores.¹⁷⁴

O Autor muito prezaria saber das opiniões dos leitores sobre este seu livro de estreia¹⁷⁵

O tom de incentivo ao autor é constante; por exemplo, na estreia de José Roberto Fernandes, o Editor escreve: “Creio sinceramente que o Autor tem os predicados todos de um grande poeta. Portanto, deve ser estimulado a prosseguir, a poesia como um todo tem

¹⁷² NEJAR, Carlos. *A idade da aurora*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 21/08/1990.

¹⁷³ NEJAR, Carlos. *A idade da aurora*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 21/08/1990.

¹⁷⁴ MAIER, Mathilde. *Os jardins de minha Vida*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981.

¹⁷⁵ LEONARDOS, Roberto. *Alguma andança*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/09/1995.

de ser prestigiada”¹⁷⁶, ou seja, o tom também é direcionado a nós, leitores. A leitura é sempre incentivada por Massao, pelo próprio encanto com o processo.

Fascina também o imaginar a quantos atinge uma edição e a inter-relação livro (fomites) - leitor (consumidor); por quantos meandros capilares a seiva criadora irá percorrer até fecundar a imaginação do receptor qualificado. A tantas, se perde absolutamente o controle desse alcance mágico. E é inevitável e bom que assim seja.¹⁷⁷

178

De forma similar, o incentivo ao leitor também é dado. Massao não contava apenas com o mínimo que o leitor poderia realizar para a obra; ao contrário, convidava-nos a contribuir o máximo e, assim, reservava-nos espaço para “desenhar, criar figuras pelo espírito”.

Assim, também procede com o tratamento que dá às imagens, nunca em relação óbvia ou explícita com o texto, nunca redundante para o leitor. Massao deixa expresso em correspondência ao autor amazonense Elson Farias (1936) como pensava as imagens:

Anexo um estudo de capa que não imponho como definitivo. Baseei-me num conceito abstrato, inusual, fugindo do lugar comum de florestas, índios, etc. que habitam o imaginário do cidadão comum não-amazônico. Acredito que o efeito é simpático, de impacto positivo, agradável aos olhos e tato. Mas outros estudos poderão ser desenvolvidos. Aceito sugestões suas e de terceiros sensíveis.¹⁷⁹

¹⁷⁶ FERNANDES, José Roberto. *Tempos diversos*. São Paulo: Massao Ohno/Stefanowski/ Editores, 27/10/1990.

¹⁷⁷ OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

¹⁷⁸ Bilhete de Massao Ohno, pertencente ao arquivo M.O., s/d.

¹⁷⁹ A correspondência encontrada no arquivo M.O. data de 12 de abril de 1995. Embora Massao e Elson Farias tenham se correspondido, acabaram não publicando juntos.

O Editor reproduziu diversas vezes, entre 1980 até o fim do decênio, um trecho de *O Poeta e o Mundo*, do poeta mexicano Octavio Paz, que discorre a certa altura sobre o papel do leitor na obra:

Creio que toda obra literária é uma obra histórica, está datada. (...), mas também essa obra se desprende de sua época, é lida de modo diferente dez, vinte, cinquenta anos depois; cada leitura é uma modificação da obra, cada leitura é uma recriação da obra. Assim, pois, os leitores sucessivos, as gerações sucessivas, de um lado continuam a obra, a repetem, repetem o gesto original do poeta ao escrever a obra, ao mesmo tempo a mudam: há continuidade e há variação, há invenção e há repetição. A literatura está feita, na minha opinião, dessas duas forças.¹⁸⁰

É ao leitor que cabe descobrir essa compatibilidade, porque a obra publicada já não pertence ao autor, se é que lhe pertenceu alguma vez.¹⁸¹

¹⁸⁰ O texto, de autoria do poeta mexicano Octavio Paz, pertence à dissertação *O Poeta e o Mundo*. Um trecho dele foi publicado por Massao Ohno em diversos livros da década de 1980. Está incluso na compilação *Escritos – Massao Ohno*, que foi anexada a este trabalho.

¹⁸¹ OHNO, Massao. Texto de contracapa. In: LISBOA, Luiz Carlos. *Ante-sala*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988.

procura encaminhar a sensibilidade do leitor à percepção do espírito milenar do Haikai, que nunca se entrega por inteiro, antes, transcende a página constituindo-se, em sua simplicidade, num expressivo convite para que ele encontre o autor que **existe dentro de si.**¹⁸²

183

¹⁸² SILVEIRA, Marisa Sarmiento da. *Ramalhete de Haikais*. São Paulo: Massao Ohno, 2008, adendo enviado à autora por Marisa.

¹⁸³ POMMERANTZEFF, Alexis. *Impressões*. São Paulo: Massao Ohno Editora, Jul-59. Coleção não intitulada n.18.

Todos os poemas impressos pela Massao Ohno Editor receberam generoso espaço, área de papel, para reverberarem. A poesia pede uma lógica de publicação diferente da de outros gêneros literários. Não é adequado espremer um texto poético em margens exíguas para economizar número de páginas, e consequentemente papel, como é comum ver em livros de bolso ou em didáticos. Nestes, o papel é repositório das palavras, não há branco, pois, segundo Jiro Takahashi, uma página em branco também é paga pelo comprador¹⁸⁴. Para citar alguns exemplos onde o branco é muito eloquente na edição da Massao Ohno Editor, podemos observar a capa de *Impressões*, de Alexis Pommerantzef, publicado em julho de 1959, onde o título em preto e caixa baixa, sem serifa, diminuto em tamanho para uma capa, se faz imprimir duas vezes (na capa e contracapa), no plural (assim como o título) e em desalinho. O texto no interior, também desalinhado, potencializa a leitura, emprega-lhe ritmo. Da mesma série de publicações, *Mêdo*¹⁸⁵, de Helena Calil (1932-2002), impresso em novembro de 1959, traz características tipográficas semelhantes: as pequenas letras em preto trazem apenas o título e mais nenhuma informação na capa; acabam, assim, engrandecendo a área em branco do papel, e enfatizam o sentido da palavra.

Não há mais fascinante jornada neste micro-universo tão infinito ou tão curvo que é o espaço branco em que as palavras são constelações específicas e múltiplos sistemas, equilibrando-se entre o Caos e o Verbo.¹⁸⁶

A alvura é a qualidade mais imanente do papel. Nos inúmeros outros títulos em que o branco do papel é empregado como proposta por Massao, o sentido é de transcendência da própria matéria. O livro encomendado por Janine Goossens, de 1981, sócia-fundadora de rede de salões de beleza, traz uma proposta repleta de fotos coloridas, retratando mulheres maquiadas e penteadas, para quem Massao dá a capa completamente

¹⁸⁴ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

¹⁸⁵ CALIL, Helena. *Mêdo*. Col. Tempo Moderno, n.2. São Paulo: Massao Ohno Editora, nov/1959.

¹⁸⁶ Texto de quarta capa de NETO, Juvenal. *O Silêncio da Flauta*: Abordagem crítico-exegética sobre a "Flauta Silente", de Leila Echaime. Capa e ilustrações de Darcy Penteado. Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 09/11/1983.

branca e a inscrição apenas do título, em delicada fonte, *Beleza Sempre*¹⁸⁷; na sobrecapa, novamente o título, o nome da autora e uma pequena foto de 2x2cm da autora, arestas delineadas por cor sólida dourado escuro, formato de pequena iluminura. Em sentido semelhante, o projeto gráfico para os dois livros, de 1993, de Mauro Salles, conhecido por sua carreira publicitária, também se faz valer apenas dos títulos nas capas, em tipologia clássica, com serifa, emoldurados por linha em cor única nas margens – dourado escuro e cinza prata em cada uma –, o que direciona a atenção unicamente para a palavra: *O Gesto* e *O Recomeço*. No caso de Salles, Jiro Takahashi observa que talvez a proposta tenha sido justamente enfatizar a aparência explicitamente literária do livro, para contrapor-se à expectativa que se poderia ter de um livro mais “*high tech* ou *pop*”, que utilizaria as milhões de imagens e recursos que o reconhecido publicitário teria à sua disposição¹⁸⁸.

Eu queria escrever
o poema com letras brancas,
a pomba rolando o espaço,
bico levando o inseto,
vôo
atrás das torres,
onde estão as casas.¹⁸⁹

¹⁸⁷ GOOSSENS, Janine. *Beleza Sempre*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 09/12/1981.

¹⁸⁸ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

¹⁸⁹ Poema “Desejo” (FARIA, Álvaro Alves de. *Motivos Alheios*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 6/12/1983).

*Sete Cantos do Poeta para o Anjo*¹⁹⁰, de Hilda Hilst (1930-2004), publicado em 1962, talvez seja o maior exemplo do uso do branco na obra de Massao. Extremamente fora dos padrões da época, o livro se aproxima mais à linguagem das edições de gravura das artes visuais. A produção editorial no começo dos anos 60 respondia à efervescência política e debates acalorados do período. A proposta de *Sete Cantos* realizada em papel algodão (usualmente utilizado por gravuristas), relevo seco na capa e no contorno das

¹⁹⁰ HILST, Hilda; LEE, Wesley Duke (imagens), 1931-2010. *Sete Cantos do Poeta para o Anjo*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962

imagens coloridas – feitas pelo artista Wesley Duke Lee (1931-2010), coladas manualmente – cadernos soltos, formato avantajado e margens brancas fartas conformam um livro muito sofisticado, que Jiro chama de “revolução na edição”¹⁹¹. *Sete Cantos* é uma afirmação poética que não corresponde ao que está sendo feito pela maioria no momento. Como “um monge zen”¹⁹², Jiro assim o compara, Massao se isola de toda turbulência e cria uma edição onde o tom caminha de acordo com o texto de Hilda, para o sublime. Há diversos títulos mais condizentes com o espírito da época: *Guernica – poema vozes do quadro de Picasso*¹⁹³, o *Paranóia*¹⁹⁴ do Roberto Piva, trabalhos impressos para o Centro de Cultura Popular (CPC) da UNE, além de cartilhas Paulo Freire; porém, neste de Hilda, Massao faz exceção, privilegia as áreas em branco, a sutileza e a quietude. Para uma autora ainda sem grande reconhecimento, Hilda com 32 anos, e para o jovem Editor Massao, aos 26 anos de idade, a edição também surpreende, pois poderia facilmente ser considerada uma produção de alguém mais maduro.

Detalhes do relevo seco na capa e no contorno das imagens em *Sete Cantos do Poeta para o Anjo*

¹⁹¹ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

¹⁹² TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

¹⁹³ FERRAZ, Geraldo; DEL NERO, Ciro (layout). *Guernica: poema vozes do quadro de Picasso*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962.

¹⁹⁴ PIVA, Roberto; LEE, Wesley Duke (fotografia, desenho) *Paranóia*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1963.

Diferentes culturas nos fazem ver diferentemente. É conhecido o fato dos habitantes do Círculo Polar Ártico utilizarem nomes distintos para o que denominamos apenas por “branco”. Ao olhar para um papel em branco, o que vemos? “A noção ocidental da ‘tabula rasa’, uma página em branco, é uma de um espaço esperando a ser preenchido”, como afirma a artista de *sumië* britânica, radicada em Nara (Japão), Christine Flint Sato. Segundo ela, “o calígrafo [de *shodō*], defrontando a página em branco antes de começar a escrever, não se pergunta como preenchê-la, mas como melhor ativá-la”¹⁹⁵. Talvez seja mais próximo da percepção japonesa falarmos em folha, ao invés de página, pois trata-se de um espaço que pertence ao mundo enquanto objeto. A imagem não se descola em nada da experiência do real. Os japoneses se referem de várias maneiras a esse branco, e todas contêm uma ideia positiva. No caso do papel utilizado na arte caligráfica, o nome atribuído à área é *yohaku* 余白, o branco livre.

yohaku no bi 余白の美, cujo significado literal é “beleza do espaço branco”. O conceito *yohaku* não é o mesmo das artes ocidentais, cujo espaço negativo na composição é um espaço em relação a um contorno e tende a ser estático, onde a linha inclui uma área e corta outra. Já o conceito oriental, é dito que a parte branca da composição é tão importante quanto a parte traçada em preto. No Japão, a palavra *yohaku* refere-se ao branco como não sendo um espaço passivo a ter algo inserido e que não é afetado pela linha, mas sim energizado ou ativado por ela. A linha preta passa pelo branco como um barco pela água.¹⁹⁶

Além de respiro às palavras, Massao utilizou, como recurso de linguagem editorial, a característica de translucidez do papel. Sutis intervenções são feitas às imagens e textos, a partir desta qualidade, e se mesclam à experiência de leitura. O livro de crônicas *Dia-a-dia* tem na capa e contracapa a imagem da escura e matérica pintura do arquiteto Alvar Aalto. O interior em jogo contrastante mostra, nesta ordem: um pássaro com paisagem de montanhas, visto pelo verso do papel, a continuidade da cadeia montanhosa até o colofão. O Editor brinca com o folhear das páginas finais, e nós ludicamente as percorremos.

¹⁹⁵ SATO, Christine Flint. *Japanese Calligraphy: The Art of Line and Space*. Osaka, Mitsuru Sakui, Kaifusha Co, 1999. Trechos originais: The Western notion of ‘tabula rasa’, a blank page, is of a space waiting to be filled. (...) The calligrapher, facing the blank white page before beginning to write, does not ponder how to fill it, but how best to activate it. (p.55).

¹⁹⁶ Texto de parede da exposição *Sumië e Shodō – Expressividades do momento singular*, Biblioteca da Fundação Japão, de 18 de setembro a 30 de outubro de 2018.

Novamente Massao entra em simbiose com a proposta. O texto de orelhas, de sua autoria, fala sobre a obra: “A crônica pode ser considerada talvez o mais sutil e requintado dentre os gêneros literários a que se dá um escritor. É o exercício do relato poético-humorado proveniente da observação do cotidiano”¹⁹⁷. Não há nada do que foi dito nesse trecho – sutil, requintado, poético-humorado – que não possa ser aplicado ao projeto gráfico do livro. Massao escreve com a edição.

Em outras propostas que já chegam prontas, como é o caso de *Poemas numéricos*¹⁹⁸, do artista plástico Alex Flemming (1954) – conforme confirmou o artista por mensagens trocadas em 2019 –, além do encaminhamento para a gráfica, Massao favoreceu a proposta precisamente por meio da escolha do formato e do papel. A baixa gramatura deixa entrever o verso da imagem impressa, que compõe com o texto e se descortina ao virar a página.

¹⁹⁷ CANCELLO, Luiz A. G. *Dia-a-dia: fragmentos*. Capa: Alvar Aalto, óleo, s/tít, 1972. São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/11/1995.

¹⁹⁸ FLEMMING, Alex. *Poemas numéricos*. São Paulo: Massao Ohno, Editor, 1979.

Poemas numéricos, 1979

A questão deste livro
é o problema do RITMO.

199

¹⁹⁹ OHNO, Massao. Detalhe da página manuscrita a respeito de original não identificado do publicitário, jornalista e escritor Enio Mainardi (1935). Nele, o Editor propõe a reordenação dos capítulos. Arquivo M.O.

Desenhar com texto, Escrever com imagens

A partir da experiência de virar as páginas no texto introdutório do livro *Ramalhete de Haikais*, Marisa Sarmiento nos conduz, por uma poesia em prosa, a um parque no norte do Japão, onde vive o cientista Prof. Dr. Takahashi, que se dedica à “Ave Símbolo do Japão”, o grou. Mais do que um pesquisador e estudioso, a autora vê no professor um indivíduo dotado de extrema sensibilidade, que zela, cuida, se comunica com as aves e até as ensina a voar. Então, na narrativa do homem que ensina os pássaros a voar, Massao escreve ao seu modo, com a paginação e a colocação precisa da imagem:

E assim sucessivamente, dia após dia, semanas, ele vai promovendo uma série de tentativas de decolagem (em várias alturas, desde 10centímetros, 20, 30, 40...) e entre ensaio e erro, após uns cinco meses,

[Paisagem em página dupla, sangrando as margens]

Com avaliações progressivas, eis que chega o grande dia:

O pequeno grou alça vôo.

Seu pequeno vôo solo, decolando pra valer, sustentando-se no ar, vôo de cruzeiro, uma alegria só, planando, livre... em todo aquele céu!

Deste momento mágico do primeiro vôo, o Editor interrompe o texto e nos lança em uma paisagem de página dupla, sangrando as margens, nos lança ao ar com o grou, escreve com a edição, ampliando nossa chegada ao texto.²⁰⁰

Neste estado de voo que o Editor nos coloca ao lançar a paisagem no meio do texto, começam os haikais. Centenas deles, em ziguezague, fazendo a leitura flunar pelos poemas curtos, cada um cuidadosamente intercalado de forma a não sobrepor, pela translucidez do papel, os poemas impressos na página seguinte.

²⁰⁰ Uma interpretação audiovisual deste trecho de *Ramalhete de Haikais* está presente em *Editor por Editor* (2019).

O material processual do livro mostra que os originais, manuscritos, já possuíam uma configuração semelhante à publicação final, mas, no processo de digitação do texto, ele se desconfigura, tornando-se corrido, sem identidade. Massao decide retornar a diagramação inicial, manuscrita, com os poemas intercalados, porém dispostos precisamente, de acordo com a linguagem do papel.

O ritmo da leitura dado pela edição é uma questão extensamente trabalhada nas publicações de Massao. Ordenação de capítulos, de poemas, paginação, diagramação, nada é aleatório. O Editor, que não dispensou o xerox para fazer um livro nem nos anos 2000, planejava página a página, prevendo onde o texto quebraria e, assim, em um segundo plano, escrevia com a edição.

Caso exemplar do poema que depende completamente do ritmo é o do livro *Sonhos do Pondji*, da artista plástica Jeanete Musatti (1944), publicado em 1979. A experiência do livro se configura aí insubstituível por outra mídia. De versos diminutos e fartas aquarelas, é o folhear que propicia sentir o poema. Massao diz sobre ele: “Qualificá-lo-ia de conto zen, uma lição de mestre para os sentidos de quem quer sentir”²⁰¹.

Além de compor o ritmo do texto com a edição, o Editor também desenhava com as palavras. São várias capas que brincam com as possibilidades de leitura: *A Vida imPressa em dólar*, de 1961²⁰²; *Ivald Granato art performance*, de 1979²⁰³; *Lavra, lavra*, de 1962²⁰⁴; entre outros.

²⁰¹ OHNO, Massao. Texto de apresentação. In: MUSATTI, Jeanete. *Sonhos de Pondji*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/01/1979

²⁰² TEATRO Oficina. Texto original: Clifford Odets. *A Vida imPressa em dólar*. *Cadernos de Oficina*, I. São Paulo: Massao Ohno Editora, ago. de 1961.

²⁰³ GRANATO, Ivald; WAKAHARA, Júlio Abe. *Ivald Granato art performance*. Edição: Ivald Granato, Massao Ohno; produção: Massao Ohno-Ruy Pereira-Ivald Granato. São Paulo: J.J.Carol Editora, 1979.

Capa e detalhe de contracapa de *Lavra, lavra*, 1962

²⁰⁴ CHAMIE, Mário. *Lavra, lavra: poema-praxis*, 1958 a 1961; *Poema-praxis* (manifesto didático). Capa: Cyro Del Nero. São Paulo: Massao Ohno Editora, jan.de1962.

Da mesma maneira que conferiu ritmo ou desenhou o texto, Massao também escreveu com as imagens.

Quando vemos a capa de *O Nikkei e sua americanidade: temas apresentados na III Convenção Panamericana Nikkei* ²⁰⁵, é difícil, à primeira vista, não rememorar as bombas atômicas de 1945, que marcam o fim da Segunda Guerra Mundial. Somente quando checamos a ficha técnica do livro, vemos que se trata do “crepúsculo na superfície de Marte”²⁰⁶. A imagem da bomba no contexto da proposta do livro (debates sobre o nipo-brasileiro) poderia ser demasiado explícita e desalentadora, mas a escolhida por Massao remete à lembrança do trágico evento, ao mesmo tempo em que aponta para o futuro, em uma esperança trazida pela ciência.

Com o mesmo acréscimo de sentido e ressignificar da imagem (entre o que sabemos e o que podemos agregar), vemos a capa de *Bosco*, com uma imagem de foco de luz direta, que parece genérica, mas, segundo a descrição, “A capa é uma foto do Sol, tirada em Londres, por Antonio Bosco Gaspar Scarton e aproveitada para esta edição, em sua homenagem, pelo Editor”, ganhando especificidade. Talvez seja a única escolha de imagem confessamente assinada por Massao. Antonio Bosco é o filho falecido da autora Maria do Carmo Gaspar de Oliveira, e esse é o motivo para a obra. Nas orelhas do livro, Massao ainda lhe dirige uma apresentação pessoalíssima:

Em algumas décadas de trabalho gráfico-editorial não deparei com nenhum trabalho semelhante a este *Bosco*, de Maria do Carmo Gaspar de Oliveira. O contato editor-autor é sempre uma revelação surpreendente, mas este foi particularmente notável e me provocou profundas reflexões sobre o relacionamento filial que, se bem interessantes, fogem ao escopo de um comentário rápido de apresentação.²⁰⁷

²⁰⁵ O NIKKEI e sua americanidade: temas apresentados na III Convenção Panamericana Nikkei. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/86.

²⁰⁶ Fotografado pela sonda Viking I (by courtesy USIS).

²⁰⁷ OHNO, Massao. Apresentação. In: OLIVEIRA, Maria do Carmo Gaspar de. *Bosco*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1986.

folha de rosto e seu verso de *Ramalhete de Haikais* com notas do Editor (em vermelho), da Autora (em verde), arquivo M.O.

A folha de rosto (fronstipício) do *Ramalhete de haikais* traz as informações que lhe são próprias – nome da autora, título, Editor – e também a inserção do local, do ano e do logo da editora parceira, encarregada da impressão. No verso da folha-de-rosto há as informações técnicas: ficha catalográfica, crédito de capa, equipe técnica e dados da editora que não se vê nos livros dos anos 1960 e 70 (livres das padronizações de propósito mercadológico, patrimonial, científico que eram). Além destes dados, há uma pequena nota de capa, que aponta para o motivo da escolha da imagem em uma quarta versão, de acordo com o material encontrado no arquivo M.O.

Versões de capa de Ramalhete de Haikais

As três propostas de imagens diferentes para capa, além da final, são: *sumiê*²⁰⁸ de bambuzal²⁰⁹; *sumiê* de pássaro voltado para lua do artista Masao Okinaka (1913-2000); e uma imagem fotográfica de cisnes. Cada proposta possui esboços manuscritos de tipografia e diagramação feitos pelo Editor. A do bambuzal apresenta inclusive uma prova de gráfica, com registro de impressão, datada de 19 de dezembro de 2003, apontando a proximidade da conclusão que se deu apenas em 2008.

As imagens em *sumiê* – bambuzal e pássaro – seriam resultados de sucesso certo no projeto já que o conteúdo do livro é haikai²¹⁰. Em ambos os casos, texto e iconografia pertencem a mesma seara, e embora hibridizadas – a autora de haikais brasileira, sem ascendência japonesa e o artista Okinaka, imigrante japonês radicado no Brasil –, são originados a partir da mesma tradição cultural. A imagem *A garça e a lua*, de 1990, de Okinaka, havia inclusive sido capa de outro pequeno livro intitulado *Lua Imaginária*²¹¹, de 1994, o que leva a crer que ela fazia parte do acervo de imagens²¹² do Editor. Algumas vezes, Massao utilizava as mesmas imagens em mais de uma publicação, recontextualizando-as, valendo-se da capacidade polissêmica da imagem, de forma a sempre ampliar o sentido do texto para lugares singulares.

O estudo que contempla a imagem fotográfica dos cisnes, por sua vez, se trata de uma proposição inédita e mostra Massao experimentando algo novo, criando junto da autora, certamente envolvido que estava na poética editorial do livro. De acordo com fotocópia colorida encontrada no arquivo Massao Ohno, a imagem dos cisnes é uma

²⁰⁸ *Sumiê* 墨絵 ou *Suiboku-ga* 水墨画 é uma pintura bastante desenvolvida no Japão, sua origem é chinesa e data do século II da era cristã onde é chamada de *Shuimohua* 水墨畫. Nela predomina a economia de traços, o gesto, o momento e a linguagem da tinta aquosa preta sobre o branco do papel.

²⁰⁹ Na prova da gráfica havia o nome Mizuki constando como nome do arquivo, porém não foi possível verificar a autoria da imagem.

²¹⁰ Conhecido no Brasil como haikai, o estilo de poesia segue a métrica de três versos, de 5-7-5 sílabas. Os versos, segundo Massao Ohno trazem “o intemporal (a natureza eterna, as estações), o temporal (o efêmero da condição humana) e o *insight*, o casual (a circunstância em que se detona o mecanismo da *poiesis*).” Texto de orelha in BASHO, Matsuo, 1644-1694. *Primavera*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1988

²¹¹ Calixte, Marien. *Lua imaginária*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 09/05/1994.

²¹² Na categorização do Arquivo Massao Ohno, uma caixa armazena apenas imagens, que foram separadas em: originais, fotocópias e estudos de capa.

ampliação de uma pequena imagem de um guia de viagem²¹³ que ilustra a baía de Akkeshi, em Hokaido, ilha setentrional japonesa, para onde anualmente cisnes migram nas estações mais frias e os grou durante as mais quentes, segundo o próprio guia. O grou é figura importante do livro de Marisa, porém usar a imagem do grou para a capa poderia ser muito óbvio para o estilo do Editor. A relação texto-imagem sem mistérios, reduziria as possibilidades de leitura da imagem e de imaginação do texto por redundância, consequentemente, tornaria a participação do leitor para completar a relação praticamente nula. Ao Editor lhe agradava expandir o leque de significações e potencializar a interpretação, contando com a inteligência do leitor.

Finalmente, a identificação na ficha técnica da capa do Ramalhete de Haikais revela que a imagem eleita para capa se trata de uma “reprodução de um quadro-montagem-colagem, atribuído aos Ainu,²¹⁴ “primitivos povos que habitaram as costas do norte do Japão nos séculos XII a XVIII. Arquivo pessoal do Editor.” Assim como na proposta dos cisnes, Massao cria uma associação texto-imagem, apesar de diacrônica, nada banal. A paisagem do Japão setentrional, é morada dos grou, dos Ainu e do sentimento poético da autora, Marisa Sarmiento da Silveira, . A relação imagem-texto fica ainda mais inextricável quando se vê uma informação manuscrita de Massao, omitida na publicação: “Mestre Bashô amava esta região.”²¹⁵ Ao lado dos cineastas Kurosawa Akira (1910-1998) e Andrei Tarkovsky (1932-1986), o poeta Bashô Matsuo (1644-1694) consta como referência da autora, que segundo o Editor é “discípula e seguidora.”²¹⁶

²¹³ Guia visual da Folha de São Paulo: Japão, Publifolha, Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A, 2ª edição brasileira, 2005, p.273, 284 by Dorling Kindersley Limited, Londres, Inglaterra.

²¹⁴ A palavra foi grafada no livro como Ainos mas é comumente aceita em português como Ainu, Massao deve ter seguido a grafia encontrada no Guia visual da Folha, onde assim constava.

²¹⁵ In Arquivo Massao Ohno no que parecem recomendações a Matheus S. Faccio, que assina a composição do livro.

²¹⁶ OHNO, Massao in texto de conclusão *Mais uma Palavra, Ramalhete de Haikais*, p.159.

Massao Ohno Editor

ISBN 978-85-7727-160-3

9 788577 271603

Marisa Sarmiento da Silva
RAMALHETE DE HAIKAIS

Editor Independente

Massao Ohno em dia de lançamento: comemorando o ressurgimento da poesia, a proliferação dos poetas estreantes e um novo momento da nossa literatura

Desde o início dos anos 70, com a geração mimeógrafo, no entanto, algo mudou nesse panorama. Há quem continue procurando editoras só para ganhar seu selo. Mas há jovens poetas que criaram editoras cooperativas para veicular suas obras. E a geração mimeógrafo, que não só dispensa editores como recusa a forma do livro tradicional. E o pessoal da poesia mural: basta-lhes uma parede para pichar um verso. A poesia dura enquanto o dono do muro não mandar repintar a parede.

Mas nem todos sabem que editar não é um bicho-de-sete-cabeças para quem está disposto a gastar um pouco e dominar todo o processo de produção — desde criar o poema até sua distribuição em forma de

EDITAR É FÁCIL

O livro de autor é uma longa tradição no Brasil, principalmente em se tratando de poesia. Desde os versejadores eventuais até os poetas premiados, sempre houve quem, desejando passar os manuscritos para a letra de fôrma, ouvisse um sonoro não da boca dos editores. Que remédio? Procurar uma gráfica, preparar os originais da melhor maneira, rodar. Depois, distribuir entre amigos, parentes, vizinhos, e tentar a divulgação em jornais e revistas. Não é fácil: o pessoal da imprensa não vê com bons olhos as edições de autor. Pareceriam refugos das editoras que os autores insistiriam em imprimir. Tanto isso é verdade que alguns poetas produzem toda a edição e tentam obter só a chancela de uma editora. Assim, mesmo pagando tudo, parece que o livro ganha mais respeitabilidade.

livro. Por isso, Massao Ohno pretende editar, até abril próximo, um manual, juntando sua experiência para contar como se deve fazer para editar um trabalho em qualquer cidade do Brasil. Ele adianta alguns conselhos: verificar o parque gráfico da cidade; ver o tipo de papel disponível na região; estudar a tiragem viável. Depois, exercer a criatividade sobre esses dados. Ele ensinará como e também indicará o que fazer para promover a obra junto à imprensa, além de sugerir contatos com as microeditoras do país, para intercâmbio. Com o livro pronto, ele procurará incentivar o surgimento de novos editores, dispondo-se até a ajudar quem precisar de socorro. "Quero que aumente o número de editores de poesia no Brasil. Para mim, nunca será uma concorrência, mas um companheiro a mais para colaborar nessa prestação de serviços."

—. Brinde à poesia — Um gênero em plena ascensão, (detalhe). Revista Visão, 8/12/1980.

Massao Ohno não chegou a publicar um manual de editoração, mas acabou por ensinar o *metier* a todos os que o cercaram. José Castilho, que recém-inaugurava a editora *Kayrós*, relata a contribuição de Massao em 1978: “Ele criou essa capa²¹⁷, me mostrando como criava”²¹⁸. João Affonso, gráfico que trabalhou com Massao no início dos anos 1960, diz: “O Tide, ele praticamente nasceu lá”²¹⁹, referindo-se ao designer e artista gráfico Tide Hellmeister. Ricardo Redisch, aos 22 anos, se iniciou na atividade pelo convite que Massao lhe fez em 1981²²⁰: “você é um editor, você não quer vir trabalhar comigo?”²²¹.

A elevada desburocratização, informalidade e generosidade do exercício editorial de Massao quebravam barreiras como as que existem nos grandes modelos empresariais, cuja ampliação acompanhou a profissionalização e a formatação da área. Para localizar, a transmissão do conhecimento editorial que se dava informalmente, por *savoir faire*, na época em que Massao começou, foi formalizada pela primeira vez em 1971 na Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ) e em 1972 na Universidade de São Paulo (USP). O desenho industrial, mais fortemente atrelado ao mobiliário, surge de forma incipiente em iniciativas pontuais de educação formal, desde os anos 50, ou como disciplina de faculdades de arquitetura, sendo reconhecido como exercício profissional apenas em 2013, com a aprovação do projeto de lei PLC 24/2013²²².

Há variações de metodologia caso a caso, a depender dos colaboradores e das propostas, porém Massao, como Editor independente, se mantinha em proximidade com todas as etapas do processo de edição. Recebia os autores, lia, escolhia e revisava os originais, sugerindo alterações; escolhia imagens, desenhava o projeto gráfico da capa, fazia o planejamento de diagramação e paginação; em alguns períodos, acompanhou ou realizou o trabalho de gráfica e, em outros, organizou lançamentos em conjunto com os

²¹⁷ MARX, Karl. *A questão do partido*. Capa: Massao Ohno. São Paulo: Kayrós, 1978.

²¹⁸ MARQUES NETO, José Castilho de. Informação verbal em *Editor por Editor* (2019).

²¹⁹ AFFONSO, João Damasceno. Informação verbal em *Editor por Editor* (2019).

²²⁰ Ricardo Redisch trabalhou com Massao, de dezembro de 1981 a janeiro de 1983.

²²¹ REDISCH, Ricardo. Informação verbal em *Editor por Editor* (2019).

²²² Mais sobre a história do design, Cf. ALMEIDA, Andrea de Souza et al. *A trajetória do Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie: 45 anos de ensino*. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/xrrzx/pdf/alvim-9788582937266-08.pdf>> Acesso em: 28/02/2019.

autores. Pelo que ficou registrado nas correspondências remanescentes no arquivo M.O., o processo se dava em diálogo muito próximo com os autores, enviando esboços de capa e projeto antes mesmo de firmar qualquer tipo de acordo.

uma conversa sempre era necessária²²³

Para manter a escala diminuta que lhe permitia o diálogo com os autores, Massao recusou muitas ofertas de trabalho. “Se trabalhasse em muitas coisas eu perderia o sentido de definição de um setor. E trabalhar em agência eu não quero. Já recusei a chefia de vários departamentos de arte”²²⁴ – preferiu estabelecer as inúmeras parcerias. Fiel ao modo independente de trabalho, o que lhe trouxe momentos de dificuldades e flutuações financeiras, garantiu a liberdade artística e autonomia editorial, dificilmente alcançáveis nos modelos de negócios das grandes empresas.

Isso é muito importante, eu não abro mão da minha liberdade. Da Hilda Hilst, por exemplo, editei, de 1962 até hoje, diversos livros, ditos de “sacanagens” – dentre eles destacam-se *O Caderno Rosa de Lori Lamb* – e fui muito criticado por isso, mas quero que a Hilda se manifeste da maneira como quiser e, como editor, eu assumo isso.²²⁵

²²³ OHNO, Massao. Informação verbal pertencente ao *Projeto Memória Oral* da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, 03/04/2009.

²²⁴ OHNO, Massao apud ALMEIDA, Sergio Pinto de. *O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros*. Folha de São Paulo, Ilustrada, São Paulo, 15/07/1978.

²²⁵ OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008, p. 88.

Massao Ohno e Hilda Hilst na Casa do Sol, Campinas, c.1999
foto: Marjorie Sonnenschein, arquivo M.O.

Na história da editoração brasileira, evidentemente, os editores apostam em escritores desconhecidos. Monteiro Lobato (1882-1948), por exemplo, investiu para que Lima Barreto (1881-1922), desconhecido no começo do século XX, ganhasse projeção; Jorge Amado (1912-2001) foi editado com exclusividade pela Livraria Martins Editora por 32 anos. Massao Ohno e Hilda Hilst (1930-2004) eram unidos pelo que lhes era mais caro: a Poesia. E, nela, não é difícil afirmar que compartilhavam sentimentos poéticos próximos. Ambos tinham um ao outro como um dos melhores Poetas.

O Caderno Rosa de Lori Lamb foi lançado em 1990, na mesma noite de *Amavisse*. Ambos mostram o domínio da linguagem pela Poeta e o amplo espectro que era capaz de atingir, deslizando pelo profano e pelo sagrado. Na mesma noite chuvosa do lançamento,

Massao concede entrevista a Gutemberg Medeiros, em companhia de algumas doses de uísque, e diz: “Isto é um equívoco que me persegue há anos. Nunca fui editor”²²⁶.

Não sou editor, sou designer gráfico. Vivo disso. Há anos vejo ótimos poetas sem editora. Os editores dificilmente publicam poesia, alegam dar prejuízo. Então eu publico para o poeta apresentar a sua produção impressa nas editoras. Causa bem melhor figura mostrar a obra em livro do que em cópias datilografadas.²²⁷

O trabalho textual e a concepção editorial dos livros não permitem dizer que Massao Ohno não fosse um editor, mas frente à pergunta de Gutemberg sobre a distribuição deficitária, ele admite: não era homem de negócios, era um homem das artes. Anos mais tarde, em 2008, sóbrio, reafirma sua missão como Editor independente: “a minha ideia foi lançar pessoas de algum talento, e a minha velha pretensão é que elas ganhem uma certa aura, uma certa fama, e depois sejam absorvidos por um esquema maior e estejam aptas a trabalhar, mesmo porque eu não tenho e nunca tive uma máquina forte para projetá-los”²²⁸.

Massao sabia exatamente seu nicho e sua função enquanto editor independente. A própria assinatura que adotou a partir dos anos 80, “Massao Ohno Editor”, uma editora de um homem só (com colaboradores sazonais), abandonava a ideia de empresa (que ele nunca chegou a constituir), contida em “Massao Ohno Editora”, dos anos 1960, passando pela transição em alguns livros dos 1970 tardios, onde assina: “Massao Ohno, Editor”.

Renata Pallottini (1931) atesta: “Ele gostava, ele cuidava, ele se preocupava com a feitura do livro, depois ele não se preocupava mais”. Segundo a poeta e dramaturga, Massao respondia às ansiedades de distribuição por parte dos autores, dizendo: “Não

²²⁶ OHNO, Massao apud MEDEIROS, Gutemberg. *Massao Ohno, Hilda Hilst e três triplos*. Jornal da USP, 08/04/2019.

²²⁷ OHNO, Massao apud MEDEIROS, Gutemberg. *Massao Ohno, Hilda Hilst e três triplos*. Jornal da USP, 08/04/2019.

²²⁸ OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

importa. Estão feitos. Eles estão feitos e estão bem feitos. Agora isso é outro caminho, vamos ver como vai ser”²²⁹.

Então porque que a gente chama de editor independente? Apenas porque está fora dos padrões de mercado financeiro e econômicos, de grandes empresas? Não. Eu acho que tem junto com isto uma postura. Uma postura de editor, né?²³⁰

A partir da sua perspectiva livre para escolher, a Massao Ohno Editor acabou por se especializar nos escritores diletantes, a partir dos 1980 em diante. Se, na produção inicial de Massao, ele já abarcava tantos estilos de poesia, até dissonantes, além de expressões artísticas como o cinema, o teatro, a fotografia, as artes plásticas e gráficas, motivo pelo qual foi chamado “editor interface”²³¹, na fase de grande produção, amplia a ação independente e publica a poesia feita por advogados, atores, artistas plásticos, publicitários, médicos, professores, estudantes, psicanalistas, mães, pais, irmãos, políticos, membros da elite, militantes, alguns que provavelmente não tinham a intenção de seguir carreira literária, mas que haviam, afinal, escrito.

Porque as pessoas precisam exercitar-se no fazer poético.
Ao longo do tempo, o material se depura e a qualidade só pode melhorar.
Não há pressa.²³²

²²⁹ DIAS que abalaram o Municipal. Direção: Guilherme Ziggy. São Paulo: TCC de Jornalismo da Faculdade Presbiteriana Mackenzie, 2018. 21 min, documentário.

²³⁰ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal em *Editor por Editor* (2019).

²³¹ DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

²³² OHNO, Massao In: BRINDE à poesia – Um gênero em plena ascensão. Revista Visão, 08/12/1980.

Primeira página de *Bié*, de Myrtha Rosato. Massao Ohno Editora, 1962, 20 x 11,5 x 0,8 cm

Mesmo com acesso a outro formato e escala de trabalho – e em períodos mais pragmáticos, como o Editor aponta²³³ –, continuou firme em seu propósito de editor independente, criando visibilidade em edições muito bem feitas, para quem dificilmente a teria. A sua opção não lhe forneceu uma estrutura de divulgação mas permitiu a manutenção da escala 1:1 com o autor. Procurado por escritores ‘não profissionais’, conduzia um trabalho quase extraeditorial: “Quando um original não apresenta um nível desejado, a gente orienta o poeta até mais tarde ele surgir com um original já bem elaborado”²³⁴.

A gente sempre pede que mande um xerox do original para dar uma avaliação. Quando a coisa está de sofrível para regular a gente se comunica e dá a entender que é necessário trabalhar um pouco mais aquilo, que seria muito bom o autor se aconselhar com sicrano, fulano ou beltrano (...) E com isso a gente trabalha o original até deixa-lo assim, razoável né. Então, com esse mínimo, a gente já pode lançar um trabalho, sim, sem grandes esperanças de retorno.²³⁵

²³³ DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs). *Criação Gráfica 70/90: Um Olhar Sobre Três Décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008, p.89.

²³⁴ OHNO, Massao In: *A AVENTURA de Editar Poesia*. Vitória, A Gazeta, 23/09/1990.

²³⁵ OHNO, Massao. Massao: as mãos na massa. *Revista Artéria*, ano II, nº 3, ago/1991.

Persisto, apesar dos cinco planos econômicos, mercê de estruturas e amigos que me apóiam, que são muitos.²³⁶

Em São Paulo, a transição dos anos 1990 para os 2000 traz a adoção da tecnologia digital em vários âmbitos do cotidiano. Nesse período, a fotografia digital substitui quase totalmente a tecnologia analógica em escala doméstica pela popularização comercial das pequenas câmeras que dispensavam o processo de compra de material sensível, revelação, ampliação em papel. As grandes companhias de foto – Kodak, em 2004, Nikon e Canon, em 2006 – param de produzir câmeras de filme, os celulares começavam a se difundir, a internet, apesar de lenta, já tornava o e-mail um meio de comunicação indispensável, os estabelecimentos comerciais, mesmo os pequenos, se informatizam. Na área gráfica, o fotolito começa a ser dispensado e a impressão digital se torna muito aparente pelo barateamento do processo gráfico. O começo dos anos 2000 foi marcante pelo fechamento dos negócios ligados à tecnologia mecânica e analógica, tais como laboratórios fotográficos, gráficas tipográficas e, mais adiante, vídeo-locadoras, salas de cinema, pequenas gráficas de offset. Havia um grande encantamento com as possibilidades do digital: a aparente economia e a praticidade, de fato, fornecida.

Massao Ohno, talvez o derradeiro editor intelectual independente brasileiro.²³⁷

Proporcionalmente, poucas pessoas buscavam a qualificação, o *savoir faire*, diferencial dos muitos expertos profissionais da tecnologia mecânica. Muitos desses profissionais que não se conformaram à linguagem do computador não eram procurados, pois uma nova geração, que já a dominava, estava entrando no mercado de trabalho, com expectativas de remuneração muito mais baixas. Mais do que uma mudança tecnológica, a relação entre ser humano e sua produção se modificava. A eficiência de desempenho das máquinas vem em um crescente, exigindo uma resposta mais rápida às demandas de

²³⁶ OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

²³⁷ DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008, p.83.

produção. Com isso, a percepção do trabalho, das relações interpessoais e dos valores se altera drasticamente. Godfrey Reggio (1940), estadunidense diretor do documentário *Koyaanisqatsi*, pertencente à trilogia *Qatsi*²³⁸, dispensa o recurso da fala na construção da narrativa do filme e realiza uma sequência de paisagens da natureza e da civilização.

estes filmes nunca foram sobre o efeito *da* tecnologia, *da* indústria *nas* pessoas. Foi que todos: políticos, educadores, coisas de estrutura financeira, a estrutura da nação, linguagem, a cultura, religião, tudo existe dentro de um conjunto de tecnologias. Então, não é o efeito *de*, é que tudo existe *na* tecnologia. Não é que nós *usamos* tecnologia, nós *vivemos* tecnologia. Tecnologia se tornou tão ubíqua quanto o ar que respiramos.²³⁹

Massao reflete sobre a era digital, em seu último depoimento, concedido à Biblioteca Mário de Andrade em 2009:

É uma espada de dois gumes, porque a internet ao mesmo tempo que massifica e esbanja em difusão, eu acho que ela enfraquece um pouco, os textos são pouco trabalhados. Isso pode dar ao autor do texto uma sensação de criação, mas em verdade eu acho que o que está havendo é uma diluição do mérito. No final das contas, eu acho que é prejudicial. Não creio que esse vai ser o caminho.²⁴⁰

A mídia impressa tem deixado o lugar de protagonismo para as mídias digitais. As notícias e as imagens que se difundiam do globo para o âmbito doméstico passam a ter essa relação invertida, isto é, a escala doméstica agora difunde imagens para o globo. As consequências ainda estamos experimentando, mas é fato que, sem o devido olhar crítico e preparo, há consequências graves, tanto na esfera sócio-política como na subjetivo-individual. Por um lado, há a manipulação da informação e a consequente facilidade para se criar simulacros²⁴¹ de situações ou de si. Por outro, as iniciativas independentes ganham representatividade, tanto na imprensa quanto no meio editorial.

²³⁸ A Trilogia Qatsi é composta por *Koyaanisqatsi: Life Out of Balance*, 1982; *Powaqqatsi: Life in Transformation*, 1988; *Naqoyqatsi: Life as War*, ainda não filmado. Para mais, Cf. <https://www.qatsi.org/films/film.php>

²³⁹ KOYAANISQATSI: Life Out of Balance. Direção: Godfrey Reggio. Estados Unidos: MGM, 1982. 87 min, cor.

²⁴⁰ OHNO, Massao. Informação verbal pertencente ao *Projeto Memória Oral* da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, 03/04/2009.

²⁴¹ BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

Desde o princípio dos anos 2000, pode-se notar que as linguagens artísticas têm amplificado sua atuação de diversas maneiras, visando o exercício de uma coletividade por meio do contato maior com o público, ou da abordagem de temas que extravasam a metalinguagem ou assuntos exclusivamente artísticos, colocando, no centro da discussão, questões acerca da nossa civilidade. Essa busca resulta em formas de apresentação, mediação e produção que divergem da forma como os espaços institucionalizados – o museu, a galeria, o teatro etc. – atuaram ao longo do século XX. Aos poucos, as instituições têm absorvido o movimento das iniciativas de origem independente. Os governos representativos, por sua vez, entram em crise pois não atendem às demandas da população. A iniciativa independente é um diferencial do período atual, quando comparado ao período moderno (século XX), caracterizado pela comunicação de massa, pela institucionalização, pela autoridade dos governos.

Em diferentes graus de permeabilidade com o entorno, as artes promovem diversos eventos. No teatro, arte coletiva por excelência, por exemplo, houve uma busca profusa por espaços públicos. Espetáculos teatrais, como os do grupo *Teatro da Vertigem*, desde o início de suas atividades em 1995, ocuparam hospitais, barcas, ruas; montagens da companhia *Teatro de Narradores*, formada em 1998, foram realizadas nas vias públicas do bairro do Bixiga²⁴²; peças como *Barafonda*, criada em 2012 pela *Companhia São Jorge de Variedades*, que percorre o bairro central durante 4 horas; e vivências profundas e identitárias, como as do *Coletivo Estopô Balaio*, que, desde 2012 até a atualidade, promove o encontro de diversas classes sociais e culturais distintas no bairro periférico Jardim Romano, através de saraus, residência artística e da peça *A Cidade dos Rios Invisíveis*²⁴³, cuja

²⁴² Em 2012, o *Teatro de Narradores* montou, no bairro do Bixiga, que os sedia, *A Resistível Ascensão de Arturo Ui*, texto de Bertolt Brecht (1898-1956), cuja diluição do espaço cênico e da fronteira entre atuação e cotidiano se dava em parte pelo não anúncio do início da peça e pela improvisação na atuação, ao incluir passantes e situações imprevisíveis, como a reação dos carros que continuavam a trafegar durante as cenas.

²⁴³ Em 2019, *A Cidade dos Rios Invisíveis* faz sua oitava temporada. A peça tem início nos trens da CPTM, a partir da estação Brás, onde o público recebe fones para escutar a faixa de áudio e os atores intervêm com post-its. No Jardim Vila Romano, a quase uma hora da estação, onde o *Coletivo Estopô Balaio* estabeleceu a sua sede, a peça incorpora histórias e expressões artísticas, música principalmente, das pessoas que integram o elenco. Esta edição aglutinou muitas crianças residentes do local, que acompanhavam e participavam atentamente durante as três horas aproximadas do percurso.

equipe de produção e elenco são formados por atores (em sua maioria migrantes) e moradores locais.

Para além das expressões artísticas de criação coletiva, o teatro, a dança e o cinema, também há exemplos de coletividade entre artistas plásticos e escritores, muitas vezes reunidos por um período, ora para dividir espaço de trabalho, ora para produzir conjuntamente, para promover eventos ou mesmo para, sazonalmente, compartilhar experiências. Talvez um dos mais célebres encontros brasileiros desse tipo seja o *Sabadoye*, que juntava escritores no apartamento do bibliófilo Plínio Doyle (1906-2000) em Ipanema, Rio de Janeiro, de 1964, ano em que Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) o visitou na noite de Natal, inaugurando os encontros que ocorreram, sempre aos sábados, até 1998. “Trata-se de uma confraria de pessoas de boa vontade”, segundo apresenta Olímpio Matos nas orelhas de *O Natal do Sabadoyle*²⁴⁴, publicado por Massao em 1994. É “Apenas um grupo de cidadãos que se encontram habitualmente, com o único interesse de cultivar aquele ‘suave convívio’ a que se referia Andrade Murici”. Na ata-poema de número 500, datada de 1972, delegada a Drummond, é possível notar o tom informal e a variedade de pessoas que frequentava os *Sabadoyes*:

500 tardes... Plínio recebendo
com o mesmo jeitão paciente gregos e goianos:
o vasto bigodudo que vem da Bahia,
o douto sociólogo que vem de Brasília,
o vago poetinha que vem de Deus-me-Livre
e traz na algibeira um infame poema
que não ousa mostrar.²⁴⁵

Em São Paulo, os poetas da geração de 1960 publicados por Massao – Roberto Piva, Claudio Willer, Rodrigo de Haro, Eunice Arruda, Décio Bar, Jorge Mautner etc. – frequentaram muito o filósofo e matemático Vicente Ferreira da Silva (1916-1963) e a

²⁴⁴ MATOS, Olímpio José Garcia. *O Natal no Sabadoyle*. Capa: Adoração dos pastores, Michelangelo Caravaggio (1573-1610), acervo do Museu Nacional de Messina, Itália; apresentação: Homero Senna. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1994.

²⁴⁵ DRUMMOND apud BEZERRA, Elvira. *Sabadoye: o último salão literário*. Blog Instituto Moreira Sales, 10/11/2014.

poeta e tradutora de Artaud (entre outros), Dora Ferreira da Silva (1919-2006)²⁴⁶, em sua casa na rua José Clemente. Segundo Eunice Arruda (1938-2017), “Foi um ambiente propício para a pesquisa e divulgação de questões literárias. E continuou sendo para as gerações posteriores”²⁴⁷.

Ponto de encontro importante para a formação de todos os artistas na cidade, desde 1945 até fim da década de 60, foi o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, ou “Clubinho”²⁴⁸, como era chamado. Neste meio, uma figura ativa e importante, pouco falada atualmente, foi o crítico cinematográfico, diplomata adido cultural, tido por Massao como “guru”, Francisco Luís de Almeida Salles²⁴⁹ (1912-1996). “Digamos que o meu grande guru (de letras e copos) foi Francisco Luís de Almeida Salles (1912-1996), que venero até hoje. Ele era o presidente do Clube dos Amigos da Arte, que funcionou em diversos pontos do centro de São Paulo”²⁵⁰.

Nas artes plásticas, desde o começo do século XXI, há inúmeros grupos de artistas espalhados por todo o Brasil, chamados de “coletivos”, e há o surgimento crescente de espaços de gestão independente, entre eles: Associação Fotoativa (Belém, 1984), Casa da Xiclet (São Paulo, 1997), Estúdio Dezenove (Rio de Janeiro, 1997), Ateliê Aberto (Campinas, 1997), Ateliê 397 (São Paulo, 2003), Atelier Subterrânea (Porto Alegre, 2006), Casa Contemporânea (São Paulo, 2009), Casa Tomada (São Paulo, 2009), Península (Porto Alegre, 2009), Atelier do Porto (Bahia, 2008), Barracão Maravilha (Rio de Janeiro, 2008), MauMau (Recife, 2009), JA-CA Centro de Arte e Tecnologia (Belo Horizonte, 2010), Condomínio Cultural (São Paulo, 2010), Espaço Fonte (Recife, 2011),

²⁴⁶ Para mais sobre Vicente e Dora Ferreira da Silva, Cf. HUNGRIA, Camila; D’ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p.36 a 44.

²⁴⁷ ARRUDA, Eunice In: HUNGRIA, Camila; D’ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p.37.

²⁴⁸ Para mais sobre o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, Cf. <https://www.centralgaleria.com/clubinho> Acesso em: 18/05/2019.

²⁴⁹ Para mais, Cf. ANDRADE, Rudá de. *Papel de Almeida Sales na cultura começa a ser reavaliado*. São Paulo: Folha de São Paulo, Especial, 05/09/1996.

²⁵⁰ OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

Casa da Lapa (São Paulo, 2012), Grafatório (Londrina, 2012), Elefante Centro Cultural (Brasília, 2013), Chão Slz (São Luís, 2015), Espaço Saracura (Rio de Janeiro, 2016-2018), Breu (São Paulo, 2017), para citar alguns.

A iniciativa chamada “independente” pode ser caracterizada por indivíduos da sociedade civil e pequenos grupos, desvinculados de setores com fins empresariais, que buscam vias diversas de veiculação da própria atividade. Marília Loureiro²⁵¹ diz que, mais do que determinar o espaço independente pelas atividades que ele promove ou pela sua diferenciação com os espaços expositivos tradicionais – museus e galerias – e com os locais privados – ateliês de artistas –, esses espaços “não se deixam capturar, limitar, ou circunscrever dentro de um conceito que o agarre” e “ao escaparem da conceitualização, ficam no descampado do indefinido. E por não sabermos bem o que ele é, não podemos lhe atribuir nenhuma função de antemão”. Portanto, são espaços do devir²⁵², de amplas possibilidades, a despeito dos limites financeiros que normalmente enfrentam. Loureiro ainda diz: “independente evoca a autonomia da dúvida, a disfunção, o tempo descontínuo, o incerto, o transitório”²⁵³.

A atividade “independente” poderia parecer contraproducente, se os parâmetros de avaliação fossem os mesmos dos adotados na regência do mercado ou do sistema econômico capitalista, pois estes estão fundamentalmente comprometidos com a eficácia, o rendimento e a produtividade. Portanto, não podemos deixar de notar que a fecundidade das iniciativas independentes é um aceno de despedida a um modelo de valores que já não está fazendo sentido e que, de fato, tem demonstrado falhas. O grande interesse por compartilhamentos, coletividade e autonomia que essas várias ações independentes demonstram estão como numa balança, subindo à medida que a esfera pública, conduzida pelo Estado, se esvazia. Conforme relata Flávia Vivacqua, que há oito

²⁵¹ LOUREIRO, Marília. Lastro transitório: a navegação imprecisa dos independentes. In: ATELIÊ397 (org). *A alma é o segredo do negócio*, 2012, p. 14.

²⁵² *Devir* surgiu como conceito na Grécia antiga, pelo filósofo pré-Socrático Heráclito (535-475a.C) de Efeso, para quem a existência é a mudança perpétua (LEWIS, 1962).

²⁵³ LOUREIRO, Marília. Lastro transitório: a navegação imprecisa dos independentes. In: ATELIÊ397 (org). *A alma é o segredo do negócio*, 2012, p. 14.

anos se dedicava ao trabalho não institucionalizado à época deste depoimento, o que se ganha são bens imateriais.

A gente compartilha trabalho, espaço, tempo, ideias, visão. A gente está trabalhando, muitas vezes, com bens imateriais, que são indivisíveis, mas são multiplicáveis. Se você põe uma ideia aqui, você não tem como dividir um pedaço da ideia, mas você tem como multiplicar. Ela passa, então, a ser de todos. É um exercício de equilibrar os compartilhamentos. Quanto mais a gente consegue dar essas qualidades para as nossas relações de trabalho, melhor. O importante, no fim das contas, deixa de ser somente o que retorna pra mim a partir do que eu faço, e passa a ser o que retorna pra mim e reverbera para o outro a partir da minha ação. Você começa, nesse ponto, a ter outra consciência, mais poderosa, mais responsável, mais potente.²⁵⁴

Enquanto as ações culturais vêm suprir as necessidades de convívio e de troca de valores não materiais, as erupções na esfera social continuam (o que indica que as primeiras tendem a se ampliar). Passada uma década do início do século XXI, principalmente, manifestações de cunho social constantes e em escala global vão se intensificando, talvez tendo como mais emblemática a Primavera Árabe²⁵⁵, de 2011, além dos protestos *Occupy*²⁵⁶, cuja primeira tomada do espaço público se deu em setembro de 2011, no centro financeiro de Nova York, endossada por protestos simultâneos em outras cidades norte-americanas, na Espanha, Grécia, Itália, Portugal, entre outros. Em São Paulo, além dos movimentos sociais e sindicais que protestam de forma constante, no mesmo período há uma numerosa diversidade de manifestações descontentes com a condução da esfera política. Dois momentos destacadamente notáveis, pois atingiram

²⁵⁴ VIVACQUA, Flávia In: TOLEDO, Daniel (org.). *Indie.gestão: práticas para artistas/gestores ou como assobiar e chupar cana ao mesmo tempo*. Belo Horizonte: JA.CA, 2014. p. 84.

²⁵⁵ Protestos generalizados no Oriente Médio e norte da África, pela insatisfação com a situação política ditatorial e as duras condições sociais e econômicas. Os protestos foram impulsionados na Tunísia, com a autoimolação do vendedor de frutas Mohamed Bouazizi, de 26 anos, após ter seu carrinho confiscado por fiscais e por ter sido vilipendiado na tentativa de reavê-lo com o governo local.

²⁵⁶ O protesto de sábado, 17 de setembro de 2011, que ficou conhecido como *Occupy Wall Street*, reuniu, segundo Daily Mirror, 5mil pessoas em marcha pelo centro financeiro de Nova Iorque, sendo que centenas acamparam para aguardar pela segunda-feira. Como slogan, utilizavam a frase “nós somos os 99%”, que faz menção à má distribuição de renda e o descontentamento com o desemprego. Os manifestantes foram removidos em 15 de novembro, então se deslocando para bancos, sedes corporativas e universidades.

escala nacional, foram: o *Movimento Passe Livre*²⁵⁷, em 2013, e as Ocupações nas escolas da rede pública²⁵⁸ de ensino, em 2015; ambos, de articulação estudantil universitária e secundarista, rechaçaram decisões governamentais que os prejudicavam e a vida coletiva social como um todo. Recentemente, após o conturbado segundo turno das eleições, em outubro de 2018, e a política adotada pelo Executivo, presidido por Jair Bolsonaro, as manifestações em prol dos direitos à educação se intensificam, ganhando grandes proporções nacionais, a destacar os dias 15 e 30 de maio de 2019, em que milhares de pessoas protestaram contra os cortes na educação.

Dentro deste contexto, há um fenômeno que não se enfraquece, mesmo em meio à instabilidade econômica – pelo contrário, tem a cada edição um crescente número de frequentadores e de participantes –, que são as feiras de publicação independentes. Esses eventos se conformam sazonalmente, quando os organizadores estabelecem parcerias com instituições – centros culturais, bibliotecas e museus (que se viam por vezes com público reduzido ou com escassez de recursos financeiros) –, para abrigarem, por cerca de dois dias, mesas repletas de livros, foto-livros, revistas, zines, gravuras e muito do que se chama de “livro de artista”. Todos esses são objetos caracterizados por partirem de iniciativa própria, geralmente autopublicações de baixíssima tiragem (na casa das dezenas), em processos bastante artesanais e com formatos muito variados, fora de padrões. Cada grande centro urbano do mundo que segue um sistema democrático possui suas versões de feiras locais, em um verdadeiro movimento de autopublicações. Como uma precursora, há a *New York Art Book Fair*, realizada desde 2002. Em São Paulo, as principais feiras dessa natureza são as feiras Tijuana (2009), Plana e Mioslos (2014); inúmeras outras iniciativas ocorrem.

²⁵⁷ Segundo o site do próprio movimento, o Movimento Passe Livre (MPL) é social autônomo, apartidário, horizontal e independente, e luta por um *transporte público de verdade*, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada.

²⁵⁸ As Ocupações estudantis de 2015 e 2016 tiveram início na Escola Estadual Diadema, em 10 de novembro de 2015, e ganharam projeção com a ocupação da Escola Estadual Fernão Dias Paes, motivadas pela oposição às medidas do governo do Estado, que privilegiavam um processo de privatização do ensino público. A ação se estendeu em todo o território brasileiro, e reivindicava melhorias no sistema educacional.

A feira Mioslos de 2016 ocorreu na Biblioteca Mario de Andrade, São Paulo, e prestou homenagem a Massao Ohno. Seu modelo de editora, basicamente de um homem só, com colaboradores eventuais, precede um esquema que se tornou comum atualmente. À época do início da carreira de Massao, os recursos gráficos eram mais inacessíveis financeiramente e tecnicamente mais exigentes, comparados com os atuais da tecnologia digital; portanto, as ilustrações, cores e inventividade na diagramação eram raros. Sobre alguns que o antecederam, Massao diz: “guardo com o maior respeito os nomes dos editores que povoaram com sua produção livresca a minha infância e juventude: José Olympio, já venerado, Martins Editora, Brasiliense, Globo, Saraiva, Mário Graciotti do Clube do Livro e tantos outros”²⁵⁹.

“Quando começou a editar livros, entre 59 e 60, Massao foi obrigando os editores a mudarem gradativamente o comportamento que mantinham em relação aos livros que lançavam ao mesmo tempo que foi impondo seu próprio estilo.”²⁶⁰

Em 2009, a entrevistadora do Projeto Memória Oral da BMA pergunta ao Editor se existe alguma editora que havia assumido esse papel de lançar novos autores com qualidade.

Não só uma como trinta! (...) Isso é ótimo. Eu acho que foi esse o grande resultado do meu trabalho, porque eu incentivei essas criaturas a se lançarem nesse mercado. Então há editoras primorosas no Rio, aqui em São Paulo, até em Brasília, em Campinas sabe. Eu acho que todos viram que não é um negócio tão da China assim, que não se possa realizar, e com trabalhos muito bons, muito bons mesmo. Eu acho que no fundo é esse o grande legado que eu vou deixar, essa sequência de editoras pequenas, novas.²⁶¹

²⁵⁹ OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

²⁶⁰ ALMEIDA, Sergio Pinto de. *O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros*. Folha de São Paulo, 15/07/1978.

²⁶¹ Depoimento de Massao Ohno para o projeto Memória Oral, da Biblioteca Mario de Andrade, gravado em 03/04/2009. Parte 01 de 02. Acesso em: 23/01/2019.

Ars longa, vita brevis, evoé.²⁶²

263

²⁶² OHNO, Massao. Texto para ocasião de lançamento da edição fac-similar de *Paranóia*, pelo Instituto Moreira Salles. PIVA, Roberto; LEE, Wesley Duke (fotografia, desenho) *Paranóia*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1963.

²⁶³ Última página do livro *Bié*, de Myrtha Rosato, publicado pela Massao Ohno Editora, 1962, 20 x 11,5 x 0,8 cm.

Editor-Poeta

Poesia é vida, é o início e fim, é essência.²⁶⁴

Agosto de 1986. Casa do Sol. Hilda Hilst olha a correspondência.

Destacava-se um pacote em papel pardo. Hilda logo viu o remetente, Massao Ohno, e ficou muito ansiosa. Esperava a edição de seus poemas intitulados *Sobre a tua grande face*. Medindo 23 x 21 cm, a capa branca destacava negro grafismo de Kazuo Wakabayashi. Massao jamais mostrava provas para avaliação de Hilda. Ela sempre enviava a cópia datilografada e, tempos depois, recebia o livro impresso.

A ansiedade deu lugar à contemplação. Por certo tempo, ela ficou ali em pé, ao lado da mesa da sala de jantar, olhando fixamente para a capa. Algo completamente fora dos padrões de Hilda. Paralisada. Imantada. Aos poucos, suave sorriso se desenhava. O rosto se iluminou intensamente. Júbilo. Êxtase. Tudo muito intenso, mas calmo. Começou a virar página por página e se detinha em cada uma com a mesma rutilância silenciosa. Após fitar a quarta capa, voltou seu rosto iluminado para o meu e disse em voz baixa, calma, firme:

– Massao é um poeta.

Em 19 anos de convivência com Hilda, foi o maior elogio que já a ouvi dirigir a alguém. (...)

Extremamente rigorosa em suas leituras, apenas a poucos dirigiu o mesmo termo quase sagrado. Jorge de Lima, Carlos Maria de Araújo, Carlos Drummond de Andrade, Ezra Pound, Lupe Cotrim Garaude, Marly de Oliveira. E mais alguns poucos que Hilda realmente chamava de poeta. Massao foi o último.²⁶⁵

De maneira recíproca, o Editor tinha em sua amiga de longa data, Hilda, “o maior poeta vivo em língua portuguesa. Jamais digo não a Hilda quando me envia originais”²⁶⁶. Os treze livros que publicaram juntos comprovam a parceria.

²⁶⁴ OHNO, Massao. *Massao Ohno*: um livro aberto. Entrevista concedida ao jornal Diário da Manhã. Goiânia: 11 de julho de 1987.

²⁶⁵ OHNO, Massao apud MEDEIROS, Gutemberg. *Massao Ohno, Hilda Hilst e três triplos*. Jornal da USP, 08/04/2019.

²⁶⁶ OHNO, Massao apud MEDEIROS, Gutemberg. *Massao Ohno, Hilda Hilst e três triplos*. Jornal da USP, 08/04/2019.

A postura de Editor de poesia, os livros em si e os textos de apresentação de autor e obra escritos por Massao mostram reflexões sobre o fazer poético e sobre a poesia que lhe valeu, dos autores e amigos, o título de “Artista” ou “Poeta”²⁶⁷.

algumas palavras de Gaston Bachelard em “O Direito de Sonhar”: “Mas por esse olhar de chama, o poeta, ele também transforma o mundo. O mundo não é mais tão opaco desde que o poeta o olhou; o mundo não é mais tão pesado desde que o poeta lhe deu mobilidade; o mundo não está mais tão acorrentado desde que o poeta leu a liberdade humana nos campos, nos bosques e nos pomares; o mundo não é mais tão hostil desde quando o poeta devolveu ao homem a consciência de sua valentia. A poesia, incessantemente, nos remete à consciência de que o homem nasceu.”²⁶⁸

O Editor

Massao sabia sobre a dimensão e significância da produção poética na vida do autor e, por isso, a defendeu em suas mais variadas formas. A atenção dada aos jovens autores de sua geração, por exemplo, perdurou mesmo em meados de 1990, quando publica a jovem Christine Fontenele Eksterman, de 15 anos de idade. É interessante notar que a jovialidade da autora não é colocada por Massao de modo sensacionalista, isto é, a alavancar vendas; nem mesmo é nomeada. Damo-nos conta do fato apenas pela foto de rosto com ares de criança na quarta-capa, subscrita pela citação de Octavio Paz: “Os poetas não têm biografia./ Sua obra é a sua biografia”. Bem como pelo poema *Solidão*, em que a autora diz:

Estranho:
Acordo e não te tenho;
Tenho apenas quinze anos
Estranhos.²⁶⁹

²⁶⁷ Exemplos: em dedicatória feita pelo autor Antonio Carlos Osório, no seu livro *Bestiário Lírico* (Uniprom, 1997), lemos: “Ao caro amigo, Massao Ohno, talentoso editor-artista, feita da estima constante e da admiração do A.C. Osório DF 10/97”; em dedicatória feita pelo crítico literário Fabio Lucas, em seu livro *Vanguarda, história e ideologia da literatura* (Ícone, 1985), lemos: “Para Massao Ohno, editor e poeta, toda a estima e a fraterna amizade do Fábio Lucas” – ambos na coleção Massao Ohno, da Biblioteca Mário de Andrade.

²⁶⁸ OHNO, Massao. Texto de orelhas. In: FARIA, Hamilton. *Cidades do ser*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/10/1988.

²⁶⁹ EKSTERMAN, Christine Fontenele. *Enquanto*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996, p. 33 (poema: *Solidão*, jun/1991).

Informação que, se quisermos, podemos completar pelas datas que ladeiam os títulos dos poemas no sumário. Assim, o exercício da atividade editorial sutil de Massao e a sua filosofia a respeito da poesia são íntegros. Em sua obra, ideia e prática são admiravelmente coerentes.

A poesia está presente em toda atividade humana, desde a mais sórdida a mais sublime, donde a minha predileção por poesia, basicamente. Praticamente todas as obras, até no jornal cotidiano, você nota que existe uma carga de poesia. (...) No jornal mais comum pode haver uma carga de poesia na própria notícia, enfim, é uma questão de ponto de vista aí no caso. O próprio ato de viver talvez seja o resultante máximo de tudo que se possa pensar em termos de poesia. Enfim, o homem e a poesia são inseparáveis, são inalienáveis. (...) Desde a criança ao mais velho ancião, passando pela juventude, eu creio que todos somos colecionadores de instantes e vivemos disso sim. Isso seria um substrato, que nasce com a criatura e pode perdurar muito além dela.²⁷⁰

Notas e depoimentos seus mostram o diálogo diacrônico que a arte, mais especificamente a poesia, é capaz de alcançar, para além da existência do próprio autor. “Alguma coisa resta”²⁷¹, dizia. “(...) a literatura tem um efeito residual. O tempo dirá se a obra fica ou não”.²⁷²

A thing of beauty is a joy forever, como disse Keats. Vamos nos esforçar para chegarmos a um bom produto final, que possa ser apreciado e respeitado por todos. É difícil porém não impossível, tendo sempre em vista que *verba volant, scripta manent*.²⁷³

Em conformidade com essa temporalidade da poesia, Massao atesta a sua predileção pelo gênero: “noto que a maioria das obras consideradas importantes são em

²⁷⁰ OHNO, Massao. Informação verbal em *Poesia Presente* (2015).

²⁷¹ OHNO, Massao. Informação verbal em *Poesia Presente* (2015).

²⁷² OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

²⁷³ Trecho pertencente a uma carta manuscrita, de Massao Ohno à autora Sonia Salmerón, como uma espécie de contrato de trabalho, datado de 17 de abril de 2002; arquivo Massao Ohno. É lida pelo Editor Ricardo Redisch em *Editor por Editor* (2019). A primeira citação em inglês que Massao faz se refere ao poema *Endymion* (1818), de John Keats (1795-1821), traduzido para o português por Augusto de Campos (2009): *O que é belo, há de ser eternamente / Uma alegria, e há de ser presente*. A segunda citação, em latim, foi traduzida para *Editor por Editor* por Juliana Kase, Daniel Grizante e Gabriel Kolyniak, da seguinte maneira: *Ditas, as palavras voam; escritas, permanecem*.

forma de poesia. A poesia é uma linguagem paralela à linguagem habitual. Ela tem seu código, e esse código perdura mais”²⁷⁴.

A máxima “só poeticamente se pode viver” ganhou forma por meio dos livros prodigalizados pela Massao Ohno Editor e pelas ações vinculadas à poesia corpo-a-corpo. Igualmente, em sua face interna, revela o seu compromisso com a vida.

Mais do que catarse, exegese, este livro significa. É um recado geral: a vida é um dom precioso e insubstituível; salvaguardêmo-la, portanto, do infortúnio com a melhor de nossas forças.

O Mon âme
N’aspire pas à la vie immortelle.
Mais épuise le champ du possible

(Píndaro, Pípticas, III, in Cimetière Marin, de Paul Valéry)²⁷⁵

²⁷⁴ OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

²⁷⁵ OHNO, Massao. Apresentação. In: OLIVEIRA, Maria do Carmo Gaspar de. *Bosco*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1986.

Tradução nossa para o poema de Píndaro:

Oh, minh'alma
não aspira à vida imortal
mas esgota o campo do possível.

O livro de Valéry foi publicado por Massao. Cf. VALÉRY, Paul; VASCONCELOS, Edmundo. *Cemitério Marinho*. Grafismos: Mira Schendel; contracapa: Livio Abramo [não creditado]. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, c.1980.

Ariana e Catulo, luxuriantes

Pretendem eternidade, e a coisa breve
A alma dos poetas não inflama.
Nem é justo, Dionísio, pedires ao poeta

Que seja sempre terra o que é celeste
E que terrestre não seja o que é só terra.²⁷⁶

²⁷⁶ Trecho de poema de Hilda Hilst, pertencente à *Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio*, série de poemas que compõe o livro *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*. São Paulo: Massao Ohno, 1974.

Poeticamente viver

Como vimos em texto de Massao no livro *Síssi: A Menina Iluminada* (30/08/1997) “A Vida é finalidade em si, não meio ou circunstância”. Este valor dado a vida atrela-se inevitavelmente a condição de sua finitude. Além do já mencionado *Bosco*, há diversos livros implicados com a morte, para os quais o Editor se mostra compassivo, seja por meio de texto ou pela publicação. Destarte, o livro *Idem Ibidem* de Raul Roviralta, acondicionado na caixa em cruz, de papel, leva na contracapa um dos textos mais poéticos de Massao:

Na poesia, lugar geométrico da felicidade, ego alternativo, tempo zero e espaço mágico, paraíso perdido da memória, a gravidade inexistente. Flutua-se, pois. Embriaguez eterna, sem culpa ou medo. O poeta, pássaro de si mesmo, não se dimensiona - não existe a barreira matemático-categórica do infinito, existem o sonho e a pausa, alegorias sensoriais do eterno, a poesia sendo o único efêmero consentido - o poeta faz incursões ao cotidiano dos homens (por vezes é capturado) e do antitético das situações retira o liquor polinizador, o que irá consagrar, no recôndito da condição humana, vilipendiada e embrutecida, o gineceu da sensibilidade.²⁷⁷

Pela explicação ao final do livro assinada pelo autor, tomamos conhecimento que sua trajetória como escritor está fundamentalmente atrelada à perda do irmão, cujo conto intitulado “O vôo” incluiu nesse livro de poemas. “Se algo consegui com meus dois primeiros livros e com este, com o qual dou por encerrada minha produção imatura, contestativa ou seja lá o que for, é a Teodoro Roviralta que devem ser creditados os eventuais méritos, pois foi sua morte que modificou minha vida despertando-me para a poesia e para a vida”²⁷⁸

A arte não é a imitação
da vida. A vida é que é
a imitação de qualquer
coisa transcendental

²⁷⁷ OHNO, Massao. Quarta-capa. In: ROVIRALTA, Raul. *Idem, ibidem*. Capa e ilustrações: Silvia Furmam. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978.

²⁷⁸ ROVIRALTA, Raul. *Idem, ibidem*. Capa e ilustrações: Silvia Furmam. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978.

com a qual a arte
nos repõe em comunicação²⁷⁹

Massao não apenas se mostra solidário observando a condição de seus autores, mas parece-lhe essencial lidar com os projetos dessa forma. Como citamos anteriormente, seus “critérios são totalmente abertos e pessoais”. Assim, dois livros da parceria entre Hilda e Massao chamam a atenção.

O primeiro, publicado em julho de 1980, *Da morte. Odes mínimas*.

280

Ao abriremos o livro, deparamo-nos com a larga orelha tomada pela foto de Hilda em cor monocromática, semelhante ao detalhe colorido da capa. Na segunda orelha, menor, a reprodução pequena da mesma imagem, porém sem recortes, onde vemos escrita

²⁷⁹ ARTAUD, Antonin apud LIMA, Jorge da Cunha. *Véspera de Aquarius*. Col. Literatura e teoria literária, vol.VIII. Arte da capa: Elifas Andreato; diagramação e coord. técnica: Massao Ohno. São Paulo: Paz e Terra, 08/12/1976, p. 91.

²⁸⁰ HILST, Hilda. *Da morte, odes mínimas*. Capa: Augusto Rodrigues. Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 15/07/80.

no topo a dedicatória do desenhista Augusto Rodrigues: "para Christina Figueiredo carinhosamente". Maria Christina Figueiredo foi esposa de Massao Ohno. Nasceu em 1936 e faleceu no mesmo ano da publicação desse livro. Da união, tiveram uma filha, Beatriz Ohno (1972), campeã mundial de paraquedismo, que tem uma irmã do primeiro casamento de Christina, a atriz Isabel Kovarik (1966). É à memória de Christina Figueiredo e de Ernst Becker (1924-1974), seu estimado escritor, que Hilda dedica o livro.

Da morte possui uma parte inicial de poemas curtos, acompanhados de desenhos coloridos, afixados no método utilizado com frequência por Massao de forma a reduzir os custos: manualmente colados, um a um. Os desenhos de autoria de Hilda, são anunciados orgulhosamente logo no início do livro – “desenhos de Hilda Hilst” – em fonte pequena, na grande página, inteira em branco. Gutemberg Medeiros, amigo de Hilda, conta sobre:

Hilda me disse que foi devido à extrema obsessão de Massao. Ele conhecia várias ilustrações de Hilda, feitas por mero passatempo, sem pretensão alguma. Ele queria reproduzir peças assim em publicação e a autora negava sempre com o mesmo argumento: se não conseguia ser reconhecida como escritora, que dirá artista plástica.

Até que, em 1977, ela enviou os originais de *Da morte, odes mínimas* e Massao voltou à carga, pedindo ilustrações. Hilda negou, como sempre. Logo ela percebeu que Massao ficara evasivo aos seus telefonemas, perguntando sobre a edição. Pela primeira vez, mostrava-se vago e voltava ao assunto das ilustrações. Um dia, o editor propôs que ela fizesse algumas ilustrações acompanhadas de poemas pequenos. Hilda percebeu que ele não desistiria, e se pôs a trabalhar na proposta, resultando no que foi editado ²⁸¹.

²⁸¹ Depoimento de Gutemberg Medeiros, cedido à autora em 27/05/2019.

Fui pássaro e onça
Criança e mulher.
Numa tarde de sombras
Fui teu passo.

Mais uma obra da dupla indica a relação entre realidade e trabalho poético: *Cantares do sem nome e de partidas*, de 1995. A impressão que temos é que Hilda e Massao elaboram juntos, tamanho é o diálogo entre texto, imagem, ritmo dado pela paginação e as áreas em branco. Mas sabemos que, entre Hilda e Massao, o trabalho se dava à distância, graças à confiança e à compreensão do que importava na obra. Uma sequência de leitura: capa com pintura abstrata, minimalista, de Arcângelo Ianelli, com o título impresso em reserva de dourado (recorrente nas capas de Massao dos anos 1990); páginas pré-textuais – entre elas, Hilda escreve a dedicatória em letras miúdas, página dupla em branco: “A André Pinotti e à memória de Mirella Pinotti”; Massao coloca imagem, sangrando as margens, da menina jovem que supomos ser Mirella, na página à esquerda; à direita, Hilda cita Camões: “Ó tirânico Amor, ó caso vário/ Que obrigas um querer que sempre seja/ De si contínuo e áspero adversário...”; e John Webster: “Cubram-lhe o rosto, meus olhos ofuscam-se;/ ela morreu jovem”; os poemas, que tratam da morte, do amor e, como diz o título, de partidas; após o último canto, imagem não creditada, mas que acreditamos ser de Matisse.

282

Mirella Pinotti morreu precocemente, aos 19 anos de idade, em acidente de carro. André (Luiz) Pinotti era seu irmão. Ela era filha de José Aristodemo Pinotti, médico ginecologista, que tinha como bandeira a saúde da mulher; também era político e reitor da Universidade Estadual de Campinas. Tem dois livros de poesia publicados pela Massao Ohno²⁸³. O Editor fez a ponte entre Hilda e Pinotti, quem concedeu a ela uma bolsa, para que ministrasse aulas na Unicamp entre 1985 e 1986. Um manuscrito inconcluso de Massao sobre Hilda cita o médico.

Uma pessoa de especial relevância nesse período foi o Dr. Aristodemo Pinotti, nomeado Reitor da UNICAMP, que a nomeou Professora Emérita, o que contribuiu para amenizar muito as dificuldades financeiras com que se deparava

²⁸² HILST, Hilda. *Cantares do sem nome e de partidas*. Capa: Arcangelo Ianelli, *Sinfonia em Azul*, têmpera; prefácio: Antônio Farias; orelhas: Luís Augusto da Franca Crispim, jun/1994 (Academia Paraibana de Letras) São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/11/1995.

²⁸³ PINOTTI, José Aristodemo. *Suave Presença*. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 13/02/1982 (ao final, apresentação assinada pelos Editores); PINOTTI, José Aristodemo. *Espiral*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

a nossa autora. Todo o mérito também para Dante [Casarini] e Mora Fuentes que a cercaram de todos os cuidados possíveis.²⁸⁴

O processo de escrita de *Cantares*, segundo reportagem da jornalista Juliana Maringoni²⁸⁵, levou 15 dias, e a notícia do acidente da jovem chegou a Hilda contemporaneamente, fato que a levou a dedicar o livro para Mirella. Apesar de Massao não inserir nota de explicação, todo contexto é indiciado pelos elementos colocados pelo Editor, com delicadeza.

Vemos que Massao constantemente repensa sua vida-e-obra. Aquela que elegemos como símbolo dessa relação na fase final de sua vida, *Ramalhete de Haikais*, condensa todos os predicados do Editor. Sua visão sobre a obra coincide com a nossa: “*Ramalhete* transcende de sua condição de livro, para a de uma obra de arte, marcando assim o seu lugar no tempo e no espaço, para uma apreciação *per saecula seculorum*”²⁸⁶.

Enquanto Massao Ohno se referia ao trabalho de Marisa Sarmiento da Silveira, refiro-me ao de ambos, da autora e do nosso Editor, pela forma e conteúdo unívocas²⁸⁷ em que se apresentam. Um trabalho *constructo* a quatro mãos, que nos alcança, completando o seu primeiro decênio.

²⁸⁴ Manuscrito de Massao Ohno a Ana Lucia Vasconcellos, em resposta ao e-mail da jornalista, este datado de 6 de maio de 2005. O documento não havia sido remetido, o que foi feito pela autora, via e-mail, em 11 de agosto de 2017, após contato telefônico.

²⁸⁵ Disponível em: <http://casadosolhildahilst.blogspot.com/p/livre-parafracassar-geoges-bataille.html> Acesso em: 10/05/2019.

²⁸⁶ Este trecho consta na versão integral do texto intitulado “Mais uma palavra”, escrito por Massao Ohno, que encerra o livro *Ramalhete de Haikais*. Ele me foi enviado como adendo, colado ao exemplar do livro que recebi da autora por correspondência, em junho de 2018.

²⁸⁷ Mais sobre a importância dos meios de comunicação em Marshall McLuhan, filósofo canadense que cunhou a conhecida expressão “o meio é a mensagem”, no livro *Os meios de comunicação como extensões do homem*, 1964, editado no Brasil pela Cultrix.

Estudo de imagem para *Ramalhete de Haikais*, arquivo M.O.

À apresentação de *Ramalhete*, feita por Massao, foi adicionado algo não usual nos seus livros: uma dedicatória assinada pelo Editor. Geralmente, como vimos, ele se expressava pela linguagem editorial e fazia os autores protagonizarem. “De minha parte e com anuência da autora, quero dedicar este trabalho ao insigne Professor Doutor Yukio Moriguchi”, e cita o artigo²⁸⁸ que o fez tomar conhecimento desse médico. Massao também escreve: “Exemplos como o seu me incentivam a continuar no meu ofício editorial por mais um bom tempo. Muito obrigado pelo incentivo, estava precisando mesmo. Considere-me seu admirador”.

Ao pé da página, ele dá a indicação do artigo. Trazemos um trecho dele (cuja fotocópia estava no arquivo M.O.), uma vez que o acesso a jornais de baixa circulação é difícil, e para contextualizar a aparição inusitada da dedicatória ao médico (era mais comum pessoas do meio artístico serem citadas pelo Editor).

²⁸⁸ **Yukio Moriguchi**, médico pioneiro da Geriatria no Brasil, continua na ativa. Artigo publicado no *Jornal da 3ª Idade*, nº 33, São Paulo.

Ele se formou em Medicina (em) 1957. De 1964 a 1967 foi o consultor médico do Papa Paulo VI, no Vaticano. De 1968 a 1971 foi professor titular da Universidade de Tóquio, no Japão. Em 1971 veio para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, para implantar a Geriatria na América Latina. Está lá até hoje como professor da Faculdade de Medicina. Desde 1988, é o principal pesquisador brasileiro na área de prevenção primária das enfermidades cardiovasculares da OMS – Organização Mundial de Saúde.

Ele conhece 22 países e fala 7 línguas e não pensa em parar de trabalhar. Ele também é responsável por uma pesquisa de identificação, realizado com 20 colônias de japoneses, habitantes no Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Ele conta com orgulho que rodou mais de 5 mil km, numa ambulância, para ter contato com as pessoas que imigraram, depois da II Guerra Mundial. Nas suas pesquisas descobriu que os “japoneses daqui” morrem muito antes dos seus familiares, no Japão.

Ainda no artigo, o Dr. Moriguchi diz: “Quando cheguei no Brasil, a expectativa média de vida era de menos de 50 anos. Todo mundo achava ridícula a iniciativa da PUC. Fui chamado de japonês maluco”²⁸⁹.

Nesta vida, morrer não é difícil, difícil é viver a arte e o seu ofício.²⁹⁰

Em 2008, quando foi publicado o *Ramalhete de Haikais*, contendo a dedicatória que foi inserida em um dos últimos momentos de preparo para a edição²⁹¹, o Editor passava por um momento de dificuldades materiais. Um bilhete com a caligrafia de Massao, que atribuímos a este período, sintetiza²⁹².

²⁸⁹ Dr. Moriguchi veio ao Brasil para implantar a primeira cadeira latino-americana de Geriatria, a convite, em 1971, do reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, conforme informa o mesmo artigo do Jornal da 3ª Idade.

²⁹⁰ Massao faz esta citação de Maiakovski em seu texto de apresentação do livro de ODRIOZOLA, Raulita. *Livro de Amor/Poemas*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978.

²⁹¹ Concluí que ele foi inserido desta forma, pois Massao costumava escrever primeiro a mão (um original quase sem erros), e depois passava para outro meio: no caso de preparo de livro, pedia para que alguém digitasse no computador (nesta época final de sua carreira, era assistido por Matheus Sonnenschein Faccio) ou, no caso de projetos e encaminhamentos de livros em forma de cartas aos autores, datilografava na máquina de escrever e, às vezes, passava este por fax, restando ambos (alguns dos manuscritos e datilografados) no Arquivo M.O. Aqui só havia uma nota feita a mão, junto a outras recomendações endereçadas à gráfica.

²⁹² Estimo que a nota date deste período, já que utilizou outro haikai, de Ryu Mizuno, como epígrafe na Apresentação (p.13 do *Ramalhete de Haikais*).

293

²⁹³ Ignorando o rigor da estação
despontou hoje, um crisântemo branco
geada no jardim
(sobre o crisântemo que floresce em pleno inverno)

Haikai de Ryu Mizuno (†14 agosto 1951)

Mizuno Ryō (Sagawa, Kochi, 1859 - São Paulo, 1951) foi figura chave no processo de imigração japonesa para o Brasil. Pioneiro, foi presidente da Kōkoku Shokumin Gaisha (Companhia de Emigração Imperial), que providenciou alterações legislativas para viabilizar a vinda do primeiro navio de imigrantes, o Kasato Maru, em 1908. Surpreendido pela Segunda Guerra Mundial, quando estava em viagem ao Japão, perdeu quase todo o patrimônio e reencontrou a família somente em 1950.

Olho do livro de haicais de CALIXTE, Marien. *Lua imaginária*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 09/05//1994. Desenho de Aldemir Martins, não creditado, originalmente feito para o livro sobre o sertão nordestino, de JAPIASSU, Celso. *O itinerário dos Emigrantes*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1980

Só o guerreiro pode entender a beleza da flor.²⁹⁴

“*Um samurai da sombra*”: assim o chamou o poeta Álvaro Alves de Faria²⁹⁵ e alguns outros que adotaram a metáfora, como o jornalista Geraldo Mayrink (1942-2009), no título do texto que abre a brochura publicada pelo Instituto Moreira Salles em 2004²⁹⁶; também o jornalista Ricardo Peruchi (1978), na ocasião do falecimento de Massao em 2010²⁹⁷, entre outros. A palavra utilizada pelos japoneses para se referir ao guerreiro feudal provido de códigos éticos, na realidade, é *bushi* 武士, mas a imagem parece lhe cair bem de qualquer maneira. Entre os motivos que podem ter levado seus amigos a identificá-lo como *samurai*, estão suas características físicas (a postura, o caminhar), como também o tratamento aristocrático que tinha a maior parte do tempo, ou o próprio fato de ter travado lutas firmando sua posição de Editor independente. “*Samurai*” 侍, literalmente, também é aquele que guarda e serve a outro.

Na realidade eu trabalho como escora, suporte de um processo que pode determinar o florescimento de um talento.²⁹⁸

²⁹⁴ OHNO, Massao. Texto de contracapa. In: RAMADAN, Ebrahim. *Vida Comprometida*. São Paulo: Massao Ohno, 19/08/1982.

²⁹⁵ FARIA, Álvaro Alves de. In: *O Editor*. Disponível em <https://acervomohnoeditor.wordpress.com/o-editor/>. Acesso em: 01/06/2019.

²⁹⁶ MAYRINK, Geraldo. Um Samurai da Sombra. In: *Homenagem a Massao Ohno: 45 anos de atividade editorial*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 6/12/2004.

²⁹⁷ PERUCHI, Ricardo. Morre o “*Samurai da sombra*” da literatura brasileira. 12/06/2010.

²⁹⁸ OHNO, Massao apud O TRABALHO editorial de Massao em uma retrospectiva. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23/09/1982, p. 22.

内 UCHI

A cultura nipo-brasileira começa a ganhar contornos mais definidos neste começo de século XXI, através de estudos, produções audiovisuais e debates. Na trajetória de Massao Ohno, o caráter específico da cultura nipo-brasileira se destaca, em alguns momentos seja pelo relato do próprio Massao a respeito dos momentos marcantes de sua vida, seja pelas publicações, cujo hibridismo cultural pode ser identificado pelo assunto dos títulos publicados – haikais e tankas, imigração japonesa, cultura japonesa, dicionário japonês-português, material didático para o ensino de língua japonesa–, como também pela forma muito particular adotada nas publicações. Esta última foi seletamente comentada nas obras do capítulo anterior, porém vemos que a relação causal entre a apreensão de princípios estéticos, fundada sobre a sensibilidade da cultura japonesa, e a expressão na linguagem gráfica é de difícil argumentação, já que se trata de um processo artístico, ocorrendo em grande parte por meandros muito particulares, orgânicos e silenciosos.

No entanto, é fato que a obra de Massao Ohno extravasa o próprio contexto histórico originário (o seu meio social). Diversas vezes, ele publica em sentido diverso ao que se está produzindo contemporaneamente como vimos em *Sete Cantos do Poeta para o Anjo* de Hilda Hilst. A própria insistência na poesia como algo vital, acima do próprio conforto material, demonstra um estro poético, que consideramos indissociável de sua formação, e assim consequentemente, de sua ancestralidade familiar caracteristicamente associada a cultura insular japonesa em hibridismo a aspectos culturais adquiridos pelo modo de vida dos trópicos e dos fatos aqui vividos.

Na cultura japonesa, há uma marcação muito clara entre o âmbito íntimo e o social, entre o dentro e o fora, *uchi* 内 e *soto* 外, respectivamente.

Mais que uma simples oposição dicotômica entre duas dimensões arquitetônicas, que está presente em todas as culturas com uma importância inegável, a oposição *uchi/soto* possui um lugar de destaque na espacialidade japonesa, que estrutura não somente o espaço habitado, mas igualmente as relações sociais, a língua, o pensamento, de maneira essencial e não somente metafórica.²⁹⁹

Busquei, portanto, concentrar aqui momentos que parecem fundamentais na formação e na vida de Massao, tendo em vista a esfera do *uchi*, cujos efeitos inevitavelmente reverberam na obra. O Editor sempre foi reservado para comentar sobre o primeiro, então abordaremos as questões com cautela, lembrando da advertência: “O poeta não tem biografia. Sua obra é sua biografia”³⁰⁰.

A infância e o adolecer de Massao incluem diversas atividades que criaram repertório e fomentaram o desenvolvimento da sua percepção singular. É importante observar que as artes japonesas têm papel formador na vida de um indivíduo. A partir de práticas, calcadas durante muitos séculos no Japão, a arte serviu à apreensão de habilidades, perspectivas e uma filosofia própria. Assim, a acepção-prática de arte japonesa – *dō* 道, caminho – deve ser considerada como mais do que a ideia de passatempo, conforme o entender das culturas ocidentais. Não há no *dō* a ideia de profissão descolada da esfera pessoal, pois o exercício leva ao conhecimento encarnado do mundo e de si. A arte/prática *dō*, de raízes ligadas ao Zen, faz do desenvolvimento pessoal e do desenvolvimento da atividade fatos coincidentes.

Massao Ohno divide seu tempo entre o *design* e a editoração, sua “menina dos olhos”, quase um hobby. “Não sobrevivo da editoração, muitas vezes tenho de tirar dinheiro de outras áreas para manter uma regularidade de publicações”.³⁰¹

²⁹⁹ BONNIN, Philippe; MASATSUGU, Nishida; SHIGEMI, Inaga. *Vocabulaire de la spatialité japonaise*. CNRS Editions, Paris, 2014, p. 517. Tradução nossa. Texto original: *Plus qu’une simple opposition dichotomique entre deux dimensions architectoniques, qui est présente dans toutes les cultures avec une importance indéniable, l’opposition uchi/soto tient une place remarquable dans la spécialité japonaise, qui structure non seulement l’espace habité mais également les relations sociales, la langue, la pensée, de manière première et non seulement métaphorique.*

³⁰⁰ PAZ, Octavio. A inserção desta citação ocorre em mais de um livro, de autores diferentes, o que nos leva a assumir que Massao a inseriu.

³⁰¹ O TRABALHO editorial de Massao em uma retrospectiva. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23/09/1982, p. 22.

Em contexto de pleno capitalismo, há a desvalorização da atividade não remunerada – o hobby. Lógica de mercado à parte, vemos que a dedicação apaixonada a uma atividade apenas evidencia que o fazer é guiado por algo muito essencial àquele que a pratica.

Minha experiência no campo é tímida. Limitei-me à edição de poesia, senão porque a consumisse avidamente, pelo fato de notá-la vilipendiada ou relegada ao esquecimento, num momento de grandes massificações e fracionamento cultural. E também porque as outras áreas estavam razoavelmente supridas pelas diversas casas editoras. Mas essencialmente por gosto.³⁰²

De acordo com a atividade designada como hobby, o gosto, o envolvimento afetivo ou a implicação existencial são insubstituíveis por qualquer justificativa que motive o fazer, seja ela de ordem compensatória, remuneratória ou outra que hoje comumente guia as atividades humanas. Como o artista Kazuo Wakabayashi diz, conseguir vender quadros é muito perigoso, pois pode desvirtuar o sentido artístico, poético. O “artista plástico tem que viver. Como Massao Ohno”³⁰³.

As informações reunidas aqui tomaram por base, mais uma vez, os livros publicados por Massao; os depoimentos audiovisuais³⁰⁴ do Editor, seus manuscritos com dados biográficos publicados³⁰⁵ e inéditos³⁰⁶; a entrevista que realizei com a sua irmã, Sumiye Ohno Maeda (1927); a própria convivência com Massao, além de outras referências que surgirão ao longo do texto.

³⁰² OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

³⁰³ WAKABAYASHI, Kazuo. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

³⁰⁴ Depoimento de Massao Ohno para o projeto Memória Oral, da Biblioteca Mario de Andrade, gravado em 03/04/2009;

OHNO, Massao In: MASSAO Ohno: Poesia Presente. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.

³⁰⁵ DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

³⁰⁶ Manuscrito de Massao Ohno a Ana Lucia Vasconcellos, em resposta ao e-mail da jornalista, este datado de 6 de maio de 2005. O documento não havia sido remetido, o que foi feito pela autora, via e-mail, em 11 de agosto de 2017, após contato telefônico; e manuscrito à documentarista Paola Prestes, s/d (escrito provavelmente em 2006 ou 2007), com dados biográficos para contribuir em projeto de documentário.

há sempre que distinguir entre o social e o individual, entre o que é experiência comum, passível de ser compartilhada e teorizada, e o que é trajetória particular ou singular, que pode ser apenas registrada, narrada.³⁰⁷

³⁰⁷ Texto de orelha não creditado, provavelmente de Massao Ohno. GOTO, Tomekiti. *Como uma erva silvestre*. Tradução de Yoshio Yasuda. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor, 10/07/1995.

Os dois primeiros ideogramas em japonês, 大野(Ohno), significam "campo grande" os outros dois, 正夫 (Massao), marido verdadeiro; caligrafia do Editor, arquivo M.O.

Uma experiência nipo-brasileira

Massao Ohno nasceu na cidade de São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1936. Filho de imigrantes japoneses, até os 7 anos de idade só se comunicava em língua japonesa. Aos 6, como relata sua irmã Sumiye, atualmente com 91 anos, ele gostava de acompanhar seu pai e um amigo deste, também japonês no jogo de tabuleiro japonês Shōgi, com peças identificadas por ideogramas, *kanji*. Massao, em 2006, ainda mencionava o jogo e parecia apreciá-lo. Na casa muito movimentada, onde cresceu como caçula de nove irmãos³⁰⁸ (com um deles não chegou a conviver, pois faleceu aos 11 anos de idade), havia uma biblioteca com títulos em japonês e português, e uma discoteca com discos de música clássica, principalmente. Não havia televisão; o entretenimento familiar era, sobretudo, a leitura e a música. Conta Sumiye Ohno que, aos 16 anos, Massao, possuidor de muita iniciativa, passou em um concurso de repartição pública para ser office boy, onde trabalhou por cerca de um ano. Lá, havia muitas senhoras, com quem Massao conversava sobre música; elas se admiravam, devido à pouca idade do garoto.

Em 1943, aos 7 anos, Massao ingressa no Grupo Escolar Taishō, escola de referência para a colônia nipônica na cidade de São Paulo. Fundada pelos imigrantes vindos do Japão, a escola se formou a partir da preocupação com a educação dos filhos e por se verem desassistidos pelo governo brasileiro em suas necessidades culturais. O desejo da grande maioria dos imigrantes era “incutir nas crianças — tanto aquelas que vinham para cá com pouca idade como as que já nasciam aqui — os costumes e o modo de pensar japoneses, bem como capacitá-los a expressar-se habilmente no idioma, para que quando retornassem ao Japão não tivessem maiores problemas”³⁰⁹.

³⁰⁸ Irmãos de Massao Ohno: Hajimu (1917-1987), Kaoru (1919-1930), Toyoko (1921), Tsuya (1923-1964), Kazuko (1925-1984), Sumiye (1927), Mitsuo (1930-2014), Harumi (1923-2012).

³⁰⁹ NEGAWA, Sachio. Capítulo 2, Rua Conde e arredores: o nascimento da Escola Primária Taishō - parte II. Trad. Kenji Matsuzaka. 05/04/2007. Disponível em: <http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2007/4/5/brazil-nihonjinmachi/> Acesso em: 24/04/2019 apud COMISSÃO de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil, *Burajiru Nihon imin hachijūnen-shi* [Uma epopéia moderna — 80 anos da imigração japonesa no Brasil]. São Paulo, 1991, pp. 60-61.

Um ano após a entrada de Massao na escola Taishō, o Brasil, cujo posicionamento na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), desde 1942, era de relativa neutralidade³¹⁰, entra de fato na guerra, enviando homens para combater na Itália em 1944. Além dos cerceamentos que o governo Vargas já vinha impondo aos imigrantes e seus descendentes aqui instalados, ou seja, as medidas para a “assimilação” forçada – fechamento de instituições criadas pelos imigrantes para o ensino de línguas estrangeiras desde 1938-1939, proibição do uso de língua japonesa, alemã e italiana, em 1942, extinção da imprensa em língua estrangeira, suspensão do serviço postal entre Brasil e Japão, rompimento com as relações diplomáticas etc. –, o tratamento entre as pessoas no cotidiano também se torna mais tenso, sobretudo para japoneses e alemães, uma vez que eram mais evidentemente identificáveis por suas características físicas.

Neste período da Segunda Guerra, o pai de Massao, Choichi Ohno (1886-1964), que trabalhava como engenheiro civil na região de Registro – tendo construído a estrada de ligação desta cidade a Sete Barras –, ficou desempregado, em decorrência da política do Estado, e se juntou à família que já estava estabelecida na cidade de São Paulo, ficando o sustento da casa a cargo dos irmãos mais velhos de Massao, Hajimu e Toyoko. Sobre o período, diz Massao em 2009: “O único período que eu me lembro de um total desatino foi o período da Segunda Guerra (...) a repressão não foi pequena. Eu me lembro claramente de situações extremamente conflitivas e constrangedoras”³¹¹. Em 2006: “A gente não entende, quando pequeno, o porquê da discriminação, o porquê da rejeição ou de qualquer forma de *apartheid* que haja. (...) Foi uma perda de convívio”³¹².

Os conflitos bélicos refletiram não só entre os civis de etnias distintas como também ocasionou uma crise dentro da própria colônia japonesa. O pai de Massao lia

³¹⁰ Neutralidade relativa, pois o Brasil havia aderido à Carta do Atlântico, que o colocava ao lado dos Aliados (Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha, China), assim abrigando bases aeronavais norte-americanas na costa ao norte e nordeste do país, e tendo navios mercantes atingidos por torpedos dos países do Eixo (Alemanha, Itália, Japão).

³¹¹ OHNO, Massao. Informação verbal pertencente ao *Projeto Memória Oral* da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, 03/04/2009.

³¹² OHNO, Massao In: MASSAO Ohno: Poesia Presente. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.

muito bem em português e estava bastante ciente da situação de derrocada iminente japonesa na Segunda Guerra, acompanhando pelos jornais locais. Alguns japoneses imigrantes, no interior do estado de São Paulo, menos informados e fiéis ao imperialismo nacionalista do seu país de origem, não aceitaram a derrota, julgando os divergentes como traidores e, assim, efetivaram execuções e atentados dentro da colônia. O grupo perseguidor era chamado *Shindō Renmei (Liga do Caminho dos Súditos)*³¹³. Massao dizia que seu pai estaria entre os visados pelo grupo.

Mesmo para as gerações nascidas no pós-guerra, esses conflitos na esfera civil demoraram a ser diluídos. Para Jiro Takahashi, nascido em 1948, “sempre havia uma certa preocupação de você não ser muito japonês”³¹⁴, e assim perdurou este ar por muitas décadas, talvez dissipado ao passo da prosperidade econômica e imagem internacional do Japão.

Aos sete anos de idade, Massao se viu, então, obrigado a aprender a língua portuguesa repentinamente, uma entrada certamente brusca na cultura brasileira: “tive que aprender na amarra”³¹⁵. Admiravelmente veio a sobrepujar essas dificuldades, tornando-se um ávido leitor, a ponto de optar pela atividade de editor, para além de diferenças linguísticas.

Milhares de livros que li com sofreguidão, volúpia mesmo. Um prazer que persistirá para sempre.³¹⁶

Massao lança durante a sua carreira, principalmente nas décadas de 1980 e 1990 títulos diversos relacionados a cultura japonesa.

(...) à medida que se aprofunda na observação dessa “alma japonesa”, é possível que o leitor não mais a veja como exótica ou estranha: em meio às suas

³¹³ Para mais sobre o conflito, Cf. YAMI no Ichinichi: o crime que abalou a Colônia Japonesa no Brasil. Direção: Mario Jun Okuhara. Documentário, 2012; MORAIS, Fernando. *Corações Sujos: A história da Shindō Renmei*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

³¹⁴ TAKAHASHI, Jiro In: MASSAO Ohno: Poesia Presente. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.

³¹⁵ OHNO, Massao In: MASSAO Ohno: Poesia Presente. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.

³¹⁶ OHNO, Massao. Apêndice. In: OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

singularidades, adivinhará um substrato comum o bastante para fazer desse japonês um homem como muitos outros, de qualquer nacionalidade – alguém que se impõe como tarefa voluntária, instintiva, tenaz, o assumir e suportar a vida, o viver como uma erva silvestre, teimosamente, humanamente.³¹⁷

p. 375 do livro *O Nikkei e sua americanidade*. Massao Ohno Editor, 1986; foto da palestra da Profa. Julia Kubo Saito, psicóloga clínica da PUC-SP, sobre o tema “Perfil psicológico do Nikkei”; mesa sob a presidência do Prof. Minoru Naruto, da USP. Massao não está creditado na publicação, mas aparece ao centro.

Sobre a experiência do período de infância durante a Segunda Guerra, Massao fala publicamente no encontro de ex-alunos do grupo escolar Taishō³¹⁸, em 1988:

Entrei na escola Taishō em 1943 e, em 44, o Brasil começou a participar da guerra. Tendo o Japão como um dos países do eixo, sofremos várias represálias, e inclusive a professora Yonaka (sic)³¹⁹ muito nos orientou nesse período, é uma pessoa a quem eu sou inteiramente grato e a quem devo toda a minha formação. Atualmente estou ocupando uma função de editor e, na medida do possível, tenho tentado fazer traduções do japonês para o português, incrementar o haikai, enfim, tento assim modestamente estabelecer uma ponte cultural, quero

³¹⁷ GOTO, Tomekiti. *Como uma erva silvestre*. Tradução de Yoshio Yasuda. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor, 10/07/1995.

³¹⁸ O Grupo Escolar Taishô se localizava na Rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, e em outubro de 1928 se mudou para Rua São Joaquim, onde hoje se encontra a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa – Bunkyo.

³¹⁹ Não foi possível confirmar o nome da professora.

dizer que eu devo tudo isso a esta maravilhosa, minha primeira professora, e eu queria concluir dizendo que a primeira professora a gente nunca esquece.³²⁰

Assentadas sobre bases culturais muito diversas, a cultura brasileira e a cultura japonesa se encontram nos nipo-brasileiros das formas mais variadas e hibridizadas. Encontro singularmente rico, conformando-se como um sincretismo entre o que o indivíduo pode apreender do ocidente e do oriente; indistintamente, não deixa, por outro lado, de ser conflituoso, quando a cultura e valores familiares por vezes não correspondem à cultura fora da casa. No período de escolha profissional, antes de ingressar na faculdade, Massao Ohno vivenciou profundamente esse impasse: em seu caso, o desejo da família de que cursasse odontologia e o seu próprio, pelas letras ou filosofia. Nesse momento, cede ao desejo familiar e frequenta o cursinho preparatório Brigadeiro, ingressando no ano seguinte na faculdade de odontologia da Universidade de São Paulo, situada então no bairro do Bom Retiro. Paralelamente, manteve as atividades de confecção de apostilas e fascículos pré-vestibular, que havia iniciado desde que era estudante do cursinho, “o que era suficiente para sustentar os vícios”³²¹. O ofício gráfico, realizado então com mimeógrafo, foi, segundo Sumiye Ohno, introduzido pelo marido de Tsuya (1923-1964), sua irmã graduada em filosofia. Era Takeo Kimura, estudante de medicina, que veio a ser prefeito de Bastos entre 1983 e 1988, cidade adotada pelo casal. Quando Massao se uniu ao cunhado no trabalho das apostilas, contratou dois assistentes, e instalaram-se na espaçosa edícula aos fundos da casa da família Ohno, localizada na Rua Urano, bairro da Aclimação.

³²⁰ Depoimento de Massao Ohno no encontro de ex-alunos do grupo escolar Taishō, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJO8xKV2YFI> Acesso em: 07/06/2019.

³²¹ Dado informal. Afirmação feita em conversa com a autora da pesquisa.

Massao Ohno no final dos anos 1950. Foto cedida gentilmente por Guilherme Ziggy.

Nascemos de repente, qual filhos inesperados. Têm seus próprios desígnios, são voluntariosos. Exigem-nos apenas tudo e dão-nos muito mais. Ensinam quanto sabemos. Além de filhos, são pais amorosos. Trazem-nos o mundo ao qual não sabemos ir. Um mundo em que viver é uma dádiva preciosa. Acolhem-nos como a terra em que vivemos, ultrapassam-nos como o céu que contemplamos.³²²

Graduado em odontologia, Massao abre e equipa, com o apoio financeiro do pai, duas clínicas – uma para atender o público mais abastado, dos contatos da colônia japonesa, na Rua Barão de Itapetininga, centro de São Paulo, e a outra para um público com menos recursos, na Vila Prudente. Em 1957, aos 21 anos, casa-se com Delcia Matsumoto (1937), 20 anos, com quem teve três filhos: Roberto (1959), Lucila (1964), e Ricardo (1963). Havia a predileção para o casamento com uma pretendente japonesa por parte da família³²³, segundo Massao, mas ele se casa com a brasileira descendente, contrariando expectativas a uma idade considerada demasiado prematura.

³²² PINTO, Gustavo Alberto C. (Gustavo Alberto Corrêa). *Gotas de orvalho*, 108 haikais. São Paulo: Massao Ohno 27/09/1990. Texto de orelha não creditado (supomos que seja do autor).

³²³ OHNO, Massao In: MASSAO Ohno: Poesia Presente. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.

Durante dois anos, clinicou nos seus consultórios e manteve a produção de material didático preparatório para o vestibular de medicina, engenharia e direito, dos cursinhos Anglo Latino e Brigadeiro (agora extinto). Apesar do investimento feito pelo pai na carreira de odontologista, Massao diz, em depoimento à Biblioteca Mário de Andrade, em 2009: “a vocação realmente não despontou”. “Foi o prazo suficiente para saber que não era para aquilo exatamente que eu servia, então vendi meus consultórios, na cidade e no bairro, e comprei máquinas gráficas.” Assim, em 1959, teve início a gráfica da Rua Vergueiro, 688, bem como uma grande frustração paterna. Massao e o pai, Choichi Ohno, cessam o diálogo.

*Jovens autores reunidos nas oficinas da
“Massao Ohno — Editôra”. Da esquerda para à
direita: Otávio Silva F.^o, Humberto Kinjô, Léa
Mott, Cláudio Willer, Décio Bar, Roberto Piva,
Paulo Celso, Eduardo Alves da Costa e Carlos
Felipe Moisés.*

Frequentadores da gráfica de Massao Ohno, na Rua Vergueiro, 688, São Paulo. Foto
gentilmente cedida por José Armando Pereira da Silva. Publicada originalmente no jornal
Leitura, n.34/4, janeiro de 1961.

(...) a medida que se aprofunda na observação dessa “alma japonesa”, é possível que o leitor, não mais a veja como exótica ou estranha: em meio às suas singularidades, adivinhará um substrato comum o bastante para fazer desse japonês um homem como muitos outros, de qualquer nacionalidade – alguém que se impõe como tarefa voluntária, instintiva, tenaz, o assumir e suportar a vida, o viver como uma erva silvestre, teimosamente, humanamente.³²⁴

Desde o início de sua carreira como Editor, Massao Ohno prodigalizou títulos relacionados à cultura japonesa. Uma obra marcante que publicou no começo dos anos 1960 foi o livro *Rashomon e outros contos*³²⁵, de Akutagawa Ryunosuke (1892-1927), parcialmente adaptada para o cinema feita por Kurosawa Akira (1910-1998) em 1950. O cinema, parte vital da vida cultural paulistana nos anos 50 e 60, contava com salas de projeção espalhadas em diversas regiões da cidade. Segundo Massao, o cinema japonês, antes restrito à colônia japonesa, se difundiu a um público mais amplo após a premiação do filme *Rashomon* com o Leão de Ouro, no Festival de Veneza, em 1951³²⁶. O cine Coral, na Rua 7 de Abril, 381, exibia com frequência filmes japoneses, bem como as salas no bairro da Liberdade – cine Niterói, Jóia, Nippon – que começaram a legendar os filmes para atender ao público não descendente. A classe artística – jovens cineastas, como Ugo Giorgetti, Rogério Sganzerla; diretores de teatro, como Antunes Filho; os poetas que circulavam com Massao neste período, como Claudio Willer, Roberto Piva (1937-2010), Antônio Fernando de Franceschi etc. – torna-se frequentadora dos filmes japoneses.

Os filmes não eram vistos por esses artistas apenas uma vez, mas diversas, pois, conforme Franceschi, assistir a um filme se configurava como “uma experiência vital”: “aquilo entrava no nosso repertório de modo tão visceral que o fato de alguém não ter vivido aquilo o tornava, de um certo modo, um pouco distante”³²⁷. Notamos, então, nesse princípio dos anos 60, que havia em São Paulo um forte interesse pela produção cinematográfica vinda do Japão, cuja transposição para o mundo literário Massao soube

³²⁴ Texto de quarta capa que atribuímos a Massao Ohno In GOTO, Tomekiti. *Como uma erva silvestre*. Tradução de Yoshio Yasuda. Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor. 10/07/1995.

³²⁵ AKUTAGAWA, Ryunosuke. *Rashomon e outros contos*. Trad. Antônio Nojiri. Ilustrações de Manabu Mabe. São Paulo: Edições Massao Ohno, s/d.

³²⁶ OHNO, Massao. Informação verbal pertencente ao *Projeto Memória Oral* da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, 03/04/2009.

³²⁷ FRANCESCHI, Antonio Fernando. Informação verbal em *Uma Outra Cidade* (2000).

habilmente realizar na edição em português de *Rashomon e outros contos*, traduzida por Antônio Nojiri (1930-2004) e ilustrada pelo artista plástico Manabu Mabe (1924-1997), colaborador e amigo de Massao também nos anos subsequentes. O Editor tinha a intenção de que este fosse o primeiro de uma coleção intitulada *Clássicos Orientais volume 1*, mas o projeto acabou não tendo prosseguimento nos anos 1960. Em parceria com a Civilização Brasileira, conseguiu apoio da *Japan Foundation*, para lançar mais uma obra de referência do século XX, *Pôr-do-sol*, de Dazai Osamu (1909-1948), dentro de uma coleção chamada Coleção Literatura Japonesa, convidando novamente o amigo Antônio Nojiri para editar e traduzir; é dele o prefácio:

Na queda, ele foi construindo o seu universo literário, povoado de gente humilde e fraca, a quem unicamente amou. Só que a identificação com os infortunados não o levou a lançar gritos de protesto de caráter político. Nele, o protesto era o amor, de súplica a que fosse reconhecido o amor dos que caem no abismo. (...) pelo fato mesmo de viver disposto sempre a morrer, paradoxalmente foi a figura mais ativa e quem mais lutou pela dignidade da arte no Japão mergulhado nos horrores da guerra e do pós-guerra (...) mesmo na queda, no ato de sucumbir, há o belo.³²⁸

³²⁸ NOJIRI, Antônio. Prefácio. In: DAZAI, Osamu. *Pôr-do-sol* ("Shayoo"). Tradução Antonio Nojiri. Capa: Yuji Tamaki; Editor: Antonio Nojiri. Col. Literatura Japonesa São Paulo: Civilização Brasileira-Massao Ohno/ Editores, s/d (data provável 1981).

Já não havia a mesma dinâmica cultural, ficando tudo no marasmo.³²⁹

O ano de 1964 é impactante na história do país e na de Massao Ohno.

Caminhando para empreender reformas de base na sociedade brasileira – a demarcação de terras no setor agrário, a reforma fiscal, a valorização do ensino público e combate ao analfabetismo, com base no método Paulo Freire, entre outros – o presidente João Goulart (1919-1976) é deposto por golpe militar, liderado pela ala mais conservadora do exército brasileiro, em 1º de abril. Em 16 de junho, a irmã Tsuya Ohno Kimura, treze anos mais velha que Massao, morre inesperadamente em um acidente de carro na cidade de Bastos, onde vivia e lecionava na escola estadual que atualmente leva o seu nome. Segundo a irmã, Sumiye Ohno, “Aqueles cartõezinhos de agradecimento de missa de sétimo dia, eu e meu pai que fizemos tudo. Eu ia escrevendo em português e meu pai ia colocando dentro dos envelopes. Ele sentiu muito a morte da Tsuya”. Em 9 de setembro, passados três meses do acidente, Choichi Ohno, o pai, falece.

³²⁹ OHNO apud ALMEIDA, Sergio Pinto de. *O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros*. Folha de São Paulo, Ilustrada, 15/07/1978.

Lançados em 1964 no Bar Barroquinho, no subsolo da Galeria Metrpole, em So Paulo WILLER, Claudio. *Anotaes para um apocalipse*: poemas; *As fronteiras e dimenses do grito*: manifesto / PIVA, Roberto. *Piazzas*. So Paulo: Massao Ohno Editora, 1964 (ambos)

Em outubro de 1964, Massao Ohno lana dois livros de proposta editorial casada: *Anotaes para um apocalipse* e *Piazzas*, reflexo da relao entre poetas to distintos e fraternos, Claudio Willer e Roberto Piva. Em seguida, no mesmo ano, Massao vende os equipamentos grficos da Vergueiro para Wilson Siviero, que abre a Grfica Editora Hamburg, em 1967, no bairro do Cambuci. A partir de 1965, tem incio um hiato na produo editorial da Massao Ohno, que se estendeu por sete anos.

Procura em meio aos peões
presença
salpicando a estrada verde
vida nova pranto e sombra³³⁰

³³⁰ROSATO, Myrtha; VASQUES, Alfredo (fotografias). *Bié*. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962.

Hiato editorial

No período entre 1965 e 1973, Massao, com quase 30 anos de idade, se afasta das atividades que vinha desenvolvendo na área editorial e das pessoas de seu convívio – gente da literatura e da família. Sobre o período, diz: “Não cheguei a sofrer nenhuma agressão. Eu mesmo resolvi me dar umas férias e viajar. Viajei pelo Brasil e me distanciei um pouco da questão política. (...) Porque nos anos 60, a atenção tinha se voltado totalmente para a situação política. Não havia nem tempo para a criação”³³¹.

Até 1964, Massao havia basicamente vivido em uma realidade urbana paulista: a infância, no contexto da colônia japonesa na região dos bairros da Liberdade e Aclimação; a juventude, em meio à efervescência cultural da região central. A partir de 1965, incursiona pelo nordeste, envolvendo-se em produções cinematográfica, e toma contato com realidades de um Brasil que não lhe era muito familiar. Foi produtor executivo de *Riacho de Sangue*, dirigido por Fernando de Barros, lançado em 1966; *Viagem ao fim do mundo* (1968) e *Uma Nega Chamada Tereza* (1970), ambos dirigidos por Fernando Coni Campos (1933-1988). Produziu *Bandido da Luz Vermelha* (1968), do amigo Rogério Sganzele (1946-2004), embora não conste nos letreiros do filme. Segundo a atriz e produtora Aurora Duarte (1955), dirigiu e produziu o documentário em curta-metragem *O Novo Nordeste* (1967), com fotografia de Geraldo Gabriel, e estabeleceu com ela uma parceria que durou de 1967 a 1974, distribuindo filmes clássicos japoneses, como *Contos da Lua Vaga* (1953), de Mizoguchi Kenji (1898-1956), e também nacionais, como *A Margem*, de Ozualdo Candeias (1922-2007).

³³¹ OHNO, Massao In: HUNGRIA, Camila; D’ELIA, Renata. *Os Dentes da Memória*: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011, p. 75.

Sobre esse período, Massao Ohno sempre foi lacônico. Sabemos que foram anos “de deserções e frustrações”, conforme diz no início do livro que marca a sua volta à editoração em 1973 (*Outros Poemas*³³², de Clovis Beznos). Transcrevemos o texto integralmente:

Reencontrei Clóvis casualmente quando atravessava a Avenida São Luís, há dois meses, seis horas da tarde, as buzinas reclamando passagem, não houve tempo senão para ditar-lhe o meu telefone: 80-6340!

Estava então cogitando voltar à atividade editorial, que deixara em 65 por diversas razões.

Marca uma coincidência o fato de que a Massao Ohno começou a editar com o livro *Poemas do Amor Mais Puro*. Do próprio Clóvis, isto em agosto de 59, portanto há catorze anos passados.

Volto agora renovado, disposto e um pouco mais experiente, creio, do que nos idos loucos dos sessenta. Principalmente mais tranquilo e com aquela compreensão que só 7 anos de sobreviver a qualquer custo podem dar. Sete amargos anos desesperados, de deserções e frustrações.

Volto, creio, limpo e renovado e basicamente muito só. Que o trabalho a que me dou agora é de solidão. Começo agora a amar as criaturas e portanto entendê-las.

Torna-me muito feliz o fato de poder prodigalizar-lhes livros. E em modéstia espero que eles sejam aceitos.

M.O.

³³²BEZNOS, Clovis; CARVALHO, Flavio de (desenhos). *Outros Poemas*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 07/06/1973.

Massao Ohno em entrevista ao programa *1º Plano*, da TV Cultura, em 1973, no Especial Flávio de Carvalho

Não cabe mencionar a experiência de Massao nesse difícil período, já que ele mesmo o faz muito discretamente. “Passei, como todo brasileiro, momentos muito delicados, onde foi difícil sobreviver, não só politicamente. E, nesses momentos, a gente confunde coisas, faz algumas besteiras, mas toca o barco. Apesar de tudo”³³³. Porém, é relevante observar que esta fase de ‘sobrevivência’, como chama, pode ter sido determinante para si e, conseqüentemente, para sua experiência (arte-vida). A avaliação dos muitos originais que recebia era atravessada, assim, pelo entendimento desses escritos atrelados à vida de seus autores, e não apenas por mérito literário.

Viver é um ato prodigioso, uma dádiva a ser desfrutada, segundo a segundo, até a finitude.³³⁴

³³³ ALMEIDA, Sergio Pinto de. *O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros*. Folha de São Paulo, Ilustrada, 15 de Julho de 1978.

³³⁴ Página solta impressa, que traz o cabeçalho “textos que Massao escreveu para Tide Hellmeister em 1994”. Material não catalogado, acervo Biblioteca Mário de Andrade.

Em meio ao arquivo M.O., havia um manuscrito com a caligrafia de Massao de duas páginas e meia, quase sem rasuras, e o mesmo texto datilografado e ampliado para quatro páginas. O conteúdo diz respeito a um projeto para o livro de Bell Marcondes, a quem Massao se refere como Maria Isabel, entremeado por uma percepção extremamente pessoal, onde a identificação e a alteridade são evidentes. Os documentos não estão datados e o livro não chegou a ser publicado pela Massao Ohno Editor, mas pela Geração Editorial, em 2006, sob o título *Estou viva, não uso mais drogas: o inferno de Bell*³³⁵.

Além deste projeto, há duas folhas impressas, estudos preliminares do original, sob o título *Bell Bell Bell*. A proposta editorial já parecia incluir a ideia de trazer o nome da autora para primeiro plano, já que o original se tratava de um testemunho da produtora de grandes eventos musicais, sevicada pelo envolvimento com drogas e pela vida nas ruas. Além disso, a metáfora do sino (instrumento inequivocamente associado ao sagrado) traz musicalidade, que aprazia muito ao Editor, leitor entusiasta de T.S. Elliot³³⁶ que era.

O texto-projeto de Massao traz como conteúdo: a apreciação da proposta da autora, as indicações de medidas editoriais necessárias para o livro e o dimensionamento do projeto, levantando custos. Transcrevemos as partes que se referem à primeira, pois nos revela sobre a visão editorial de Massao, que parece relacionada com as contingências deste período (1965 a 1972):

ALGUMAS RAZÕES ATINENTES ÀS PREPARAÇÕES DE UM ORIGINAL QUE SE PRETENDE EDITAR E QUE SE ESPERA TRANSFORME-SE NUM BEST-SELLER LÍDER DE SUCESSO DE VENDAS E DE CRÍTICA FAVORÁVEL

- TEMA. Que se torne de conhecimento público e que atinja grandes parcelas da população, seja no Brasil ou no mundo. O tema abordado no livro atinge no mínimo a metade da população brasileira e grande parte da população mundial: a saber: desassistência em toda a escala – desde educação básica, medicina preventiva e profilática, alimentação minimamente equilibrada, transporte,

³³⁵ MARCONDES, Bell. *Estou viva, não uso mais drogas: o inferno de Bell*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

³³⁶ Massao publicou livros de Elliot (1888-1965) por iniciativa própria, promovendo tradução e edição bilíngue. Cf. ELIOT, T.S.; FARIA, Idelma Ribeiro de. *Corais de "O Rochedo"*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/11/1996. ELIOT, T.S.; FARIA, Idelma Ribeiro de. *Poemas (1910-1930)*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1985.

segurança, moradia, lazer, política não demagógica, enfrentamento da questão do alcoolismo e drogas (que é decorrência e não causa) e de outras “patias” ou idiosincrasias que ocorrem no submundo da miséria total e que não são facilmente resolvíveis por decretos demagógicos do tipo “fome zero”, “Brasil, celeiro do mundo” e outras tantas fanfarrônicas a que teremos de assistir proximamente.

Quanto à questão de levantar do “fundo do poço” e tentar tudo novamente, desde o início – esta a grande bandeira desfraldada por Maria Isabel – tocará e muito a sensibilidade de todos os brasileiros e por que não de todos os estrangeiros. Como tema de grande alcance, pois, nota máxima à autora desta obra.

(...)

- ALGUMAS PONDERAÇÕES, OBJETIVOS DE UMA EDIÇÃO:

A obra em questão não pode ser encarada como uma cartilha de precauções a serem tomadas, não é uma bula de instruções, não é uma tese de doutoramento ou mestrado, tampouco um trabalho para consultas sócio-políticas ou questionários de consumo. É, *nelsonrodrigueanamente* falando, “A vida como ela é”. É chocante, trágica, triste sim, mas também uma alegoria de vida, de batalha e beleza de conduta humana.

Foram muitas as pessoas que acreditaram e colaboraram na recuperação da autora-personagem deste livro. Sei que constarão na lista de agradecimentos em página adequada, no início do livro. O tema principal, fora tantos outros abordados: a confraternização. Reunindo as últimas forças, superar-se. E tentar o salto, a transcendência. Parece fácil mas é muito difícil. Digo e afirmo baseado em vivência própria. O grau de autoestima desce a níveis tão baixos que se torna quase impossível reagir.

(...)

Não fora isso e tanto, Maria Isabel quanto eu já teríamos sucumbido. Para alegria de uns, muito pesar de outros. Por isso o nosso voto de fé, de esperança na condição humana, de crença na vida e de extremo amor ao semelhante. Essa a mensagem principal, que deve ser colocada num prefácio ou posfácio para melhor elucidar o leitor. Se e quando, terminada a leitura e fechado o livro, o leitor se perguntar: valeu? É tudo. Valeu, sim, muito, pois é uma leitura dadivosa, permanente e construtiva – num tempo de tantos desenganos, desídias e vitupérios. Mas sempre mundo. Vamos em frente todos, com muita fé e toda a esperança. Tempos melhores advirão logo mais.³³⁷

³³⁷Manuscrito de Massao Ohno, s/d. Arquivo Massao Ohno, BMA.

23.5

23.5

338

³³⁸ Foto de Marjorie Sonnenschein, notas em caligrafia de Massao.

大野

De que árvore florida
chega? Não sei.
Mas é seu perfume...³³⁹

O pai de Massao, Choichi Ohno, nascido em 10 de julho de 1886, na recém-nomeada capital (Tóquio), vem para o Brasil a bordo do navio *Wakasa Maru*, em 14 de maio de 1913. Um ano depois, em 12 de maio de 1914, a mãe de Massao, Chiyo Ohno, nascida na cidade de Hiroshima em 24 de agosto de 1896, desembarca no porto de Santos. À data da imigração, portanto, Choichi e Chiyo contavam respectivamente com 27 e 17 anos de idade. Isso quer dizer que um período importante de suas formações se deu no Japão do período Meiji, iniciado em 1868 (menos de duas décadas antes do nascimento de Choichi).

Tido como o período de modernização do país, o período Meiji é caracterizado pela forte influência do ocidente na estrutura social, econômica, e no modo de vida dos japoneses. O arquipélago havia ficado fechado por mais de dois séculos durante o período anterior, Edo(1603-1868), para as relações internacionais, com exceção da China e da Companhia Holandesa das Índias Orientais, que tinham acordo comercial restrito à baía de Nagasaki. Consequentemente, a experiência no Japão durante os anos da chamada Restauração era radicalmente diferente da que encontramos na atualidade³⁴⁰.

Durante Meiji, o governo, então imperial, rejeitou a cultura desenvolvida durante muitos séculos no Japão, pois estava atrelada à memória xogunal, da qual tinha intenção de se afastar. A noção que se criou, por meio de propaganda, imprensa e adoção por parte

³³⁹ BASHŌ, Matsuo apud SAVARY, Olga. *O Livro dos Haikais*. São Paulo: Massao Ohno – Roswitha Kempf/ Editores, 30/06/1980, p.48. Diz a nota do livro: "Escrito em 1688. O poema alude ao Grande Templo de Amaterazu Okinami, a Deusa do Sol, em Ise, e à sugestão de um perfume que pode ter emanado não necessariamente nesse instante".

³⁴⁰ Sobre o contraste da experiência no Japão a partir de relato, buscar o artigo da autora, a ser publicado em 2019, na edição de bolsistas de 2017-2018. The Research Center for Nonwritten Cultural Materials, 非文字資料研究センター, Kanagawa University. Para ver, o desdobramento em artes plásticas, Cf. FONSECA, Raphael et al. Catálogo da exposição *The sun teaches us that history is not everything*. Hong Kong: Osage Art Foundation, 2019.

da população, era a do império sinônimo de desenvolvimento e futuro, enquanto a do xogunato se relacionaria ao velho, de recursos limitados (o que de fato era), e ao atraso. São promovidas velozmente mudanças abruptas nos âmbitos mais básicos da vida³⁴¹. O calendário oficial passou do lunar para o gregoriano, conseqüentemente a percepção das estações e da natureza se desatrelou das datas comemorativas; o sistema de ensino mudou e as disciplinas se ocidentalizaram, adotando, por exemplo, outro sistema de cores nas artes e outra escala tonal na música; a educação física adotou oficiosamente os esportes de origem estrangeira; a medicina japonesa, desenvolvida a partir da chinesa, depois de grande impasse entre os médicos, deixa de ser a oficial, para dar lugar ao diagnóstico e tratamento alopáticos; o mobiliário ocidental começa a ser adotado, alterando o sentar-se e a relação do corpo com o solo; o sistema métrico oficial e os materiais adotados na arquitetura se alteram, influenciando o modo de transmissão de conhecimento; a vestimenta, a alimentação e, com elas, a percepção do corpo, da postura, do mover-se e do gesto se modificam; a luz elétrica muda as formas de apresentação das artes desenvolvidas para as sombras, bem como inevitavelmente a sua percepção e a estética³⁴² etc.

O período Meiji foi, enfim, uma fase de grandes transformações, mas ainda não havia passado pela massificação da modernidade, nem pela presença cultural norte-americana, que ocupou de forma contundente o Japão, depois da Segunda Guerra Mundial. Desse modo, o grande afluxo dos imigrantes japoneses para o Brasil, principalmente os que vieram antes da Primeira Guerra Mundial, como os pais de Massao Ohno, e mesmo os que vieram durante o período entre guerras, trouxe uma cultura japonesa do período Meiji.

³⁴¹ As mudanças mencionadas se basearam no texto que indicamos: NOGUCHI, Hiroyuki. *The Idea of the Body in Japanese Culture and its Dismantlement*. Seção Paper: Philosophy, Japanese Culture and the Body. International Journal of Sport and Health Science, Vol.2, p. 8-24, 2004.

³⁴² Recomenda-se a leitura de: TANIZAKI, Junichiro. *Em louvor da sombra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

a toda uma estuante terceira geração, que vem invicta, brasileira, para que não esqueçam que nos bolsos pobres de seus avós vieram também as sementes de um sentimento poético eterno³⁴³

A partir de então, a história cultural dos japoneses do Japão e dos japoneses do Brasil tomam rumos diversos, embora os últimos tenham resistido, em um primeiro momento, à ideia de se estabelecer aqui permanentemente, devido às “dificuldades naturais de aculturação e de assimilação”³⁴⁴ encontradas.

Meu tempo de estudante no grupo escolar foi o primeiro período da Era Taishō³⁴⁵. Nessa época as crianças não usavam roupas europeias. Todos vestiam quimono de algodão xadrez e usavam chinelo feito de palha de arroz trançada. Os livros eram embrulhados num pedaço de pano. Usávamos chapéus com o emblema da escola.³⁴⁶

³⁴³ OHNO, Massao. Dedicatória. In: SAVARY, Olga. *O livro dos Haikais*. 1ª ed. São Paulo: Massao Ohno/Roswitha Kempf, 30/06/1980.

³⁴⁴ OHNO, Massao. Texto de apresentação. In: KEMPF, Roswitha Gary. *Reflexos, Reflexões*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1979.

³⁴⁵ Taishō (1912-1926), correspondente ao reinado do imperador Yoshihito, sucedeu a Era Meiji (1868-1912), época do imperador Matsuhito.

³⁴⁶ GOTO, Tomekiti. *Como uma erva silvestre*. Tradução de Yoshio Yasuda. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor. 10/07/1995. O autor se refere à infância no Japão.

CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA 31

Chiyo Ohno, mãe de Massao, imagem (não creditada) integrante do livro *Centenário da imigração japonesa no Brasil 1908-2008*. São Paulo: Editora Escala, 2008. Edição: Massao Ohno

A poesia é uma linguagem paralela à linguagem habitual. Ela tem seu código, e esse código perdura mais. Não apenas no Ocidente, mas também no Oriente, todas as grandes obras foram escritas em forma de poesia.³⁴⁷

³⁴⁷ OHNO, Massao In: DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

O desenvolvimento da poesia no Japão se deu historicamente por vários meandros da sociedade, primeiramente desenvolvida por religiosos e por aristocratas. Talvez possua um diferencial em relação à cultura europeia, por ter sido considerada indispensável a pessoas que desempenhavam outras atividades, como os militares de alta patente, os *bushi*, cuja capacidade de escrever dizia tanto quanto o manejar da espada. A lógica era: quem comandava e falava a pelotões em situações de vida ou morte deveria ser capaz de manejar bem as palavras, não só as armas. A alta classe dos guerreiros no período xogunal não suspendeu a tradição poética dos precedentes – império do período Heian (794-1186) – quando ascenderam ao poder, mas a adequaram à sua maneira.

Muito antes da imprensa existir ou da fotografia, a poesia e sua forma de arte correlata, *shodō* (caligrafia), eram mais do que expressão ou comunicação; mostravam-se como balizas de avaliação do outro. A depender das habilidades poéticas, podia-se ascender socialmente (através de relações interpessoais) ou ser beneficiário de créditos. Nas narrativas de Genji (*Genji monogatari*)³⁴⁸, de Murasaki Shikibu (c. 973 or 978 – c. 1014 or 1031), por exemplo, o príncipe da era Heian conquista damas pela escrita ou se favorece monetariamente em razão de seu bom desempenho em concurso de poesia.

A própria língua japonesa de ideogramas, o *kanji*, cujo sistema funciona por associação e lógica imagética, propicia derivações poéticas dentro de um único ideograma. Não é sem motivo o encanto pela língua japonesa por parte de poetas como Haroldo de Campos. O alfabeto silábico *hiragana* é fonético, mas a ordem “abc” segue a de um poema, conhecido por *iroha* いろは, escrito pela primeira vez como sutra no ano de 1079, em que cada som aparece sem repetições. Pouco a pouco, a poesia permeou a cultura em diversos estratos, como o texto teatral, as canções, os jogos – até recentemente um dos costumes do ano novo era jogar cartas em família, sendo um dos baralhos mais conhecidos o *Hyakunin ishuu* (cem poemas de cem poetas). Assim, podemos dizer que ‘displícitamente’ e sem a necessidade de identificá-la como “arte”, a cultura japonesa

³⁴⁸ MURASAKI, Shikibu. *O Romance de Genji*. 2ª ed. Vila Nova de Gaia : Exodus, 2009. [1º v.]: Primeira época. Tomo 1. Editora Exodus, 2009.

exercitou a atividade poética nas mais variadas formas. Para se ter uma breve ideia do estatuto da arte no Japão pré-Meiji, do ponto de vista do receptor, Rimer diz:

Os museus foram criados na Europa praticamente dois séculos antes do Japão; tais espaços públicos, até em Tóquio e Quioto, não existiam até o fim do século XIX. (...) muito da arte criada até então, nunca foi destinada a ser vista ou apreciada pelo que agora nós chamamos de público geral, que não existiu até passadas várias décadas do período Meiji, que começou em 1868.³⁴⁹

A produção artística, portanto, era endereçada a grupos próximos, a conhecidos, que por sua vez não estavam afastados de algum meio de produção. Mais de duzentos anos de reclusão ao sistema feudal permitiram o desenvolvimento extenso de habilidades artesanais nas artes e nos objetos utilitários (entre os quais não havia contradição) e, com ele, consequentemente o conhecimento que passava pelo corpo. O filósofo francês Bernard Stiegler descreve o advento da mecanização da produção no contexto europeu:

Uma mutação se produz no fim do século XIX e início do século XX, porque aparecem as próteses (fonógrafos, máquinas fotográficas, câmeras...) que substituem, pouco a pouco, a motricidade do artista por um lado, e que não necessitam, por outro lado, mais de nenhuma prática do destinatário – que pode assim se tornar um consumidor. Um consumidor não tem nenhuma prática.³⁵⁰

De forma diversa ao ato passivo de consumir, o olhar pertencente a um corpo que sabe o que é produzir participa e valoriza os objetos e obras de maneira mais semelhante à do produtor e artista, pois consegue refazer, no imaginário, o processo que fica latente no objeto. Nesse sentido, o tradutor e pesquisador Chibbet observa:

³⁴⁹ RIMER, Thomas J. An Afterword Posing as a Foreword: Some comparative and miscellaneous thoughts on talent and training. In: JORDAN, Brenda G.; WESTON, Victoria (orgs.) *Copying the Master and Stealing His Secrets: Talent and Training in Japanese Painting*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2003. Tradução nossa. Prefácio, p.XVIII.

³⁵⁰ STIEGLER, Bernard. *Bernard Stiegler: reflexões (não) contemporâneas*. Maria Beatriz de Medeiros (org. e trad.). Chapecó: Argos, 2007. (Debates)

A história do livro impresso no Japão, como em qualquer outro lugar, é basicamente constituído por dois assuntos: é a história de como o livro foi impresso, sua constituição física e características; e é a história do que foi impresso e por quê. Em última análise, o que foi impresso é tido como mais importante do que o modo com que foi feito, porém no Japão, particularmente, a devida importância foi dada a aparência do livro, que como produto acabado era tido como obra de arte em si, de forma bastante independente do valor de seu conteúdo.³⁵¹

Na cultura local, Jiro Takahashi comenta: “Edição de um livro não é considerada arte, mas, quisesse dar esse padrão para edição, Massao seria praticamente o fundador deste gênero aqui no Brasil”³⁵².

³⁵¹ CHIBBETT, David. *The History of Japanese Printing and Book Illustration*. Tóquio, Nova York, São Francisco: Kodansha International Ltda., 1997. p.13. Tradução nossa.

³⁵² TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

GOTO, Tomekiti. Tradução de Yoshio Yasuda. *Como uma erva silvestre*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor. 10/07/1995. Capa: *Íris*, guache de Hoshun Yamaguchi sobre óleo de Arc'angelo Ianelli

I.

Início dos anos 1980. O editor Ricardo Redisch observa Massao trabalhando, olhando a disposição justaposta verticalmente dos projetos em andamento, e, intrigado, pergunta:

–Massao, como é que você saca essa combinação de cores?

–Ajudando minha mãe com as flores. Essa combinação de cores vem das flores.³⁵³

Aparentemente trivial, Massao, que nunca frequentou educação formal em artes ou visualidade, era exímio em lidar com as relações cromáticas. Conversando com a irmã Sumiye Ohno, após a entrevista, ela comenta que a mãe de Massao, Chiyo, possivelmente a pessoa mais próxima a ele no ambiente da casa, gostava de manejar as flores e a escrita com pincel. Essas atividades, identificadas hoje como artes tradicionais japonesas, respectivamente são o *ikebana* e o *shodō*. Na medida em que os filhos ganharam independência, Chiyo pôde se dedicar mais ao *shodō*. Ela até recebia amigas e um professor em casa.

O *Ikebana* 生け花 ou Kadō 華道 é a arte japonesa de arranjos florais, originada remotamente a partir do hábito de oferecer flores nos altares da Índia. Transmutando-se, foi levada ao Japão no século VII. O ritmo, a forma, a cor e a composição, a escolha das flores, em conjunção com o vaso e o seu entorno, levam a simbologias diversas, que se relacionam com as estações do ano, com o sentimento momentâneo do artista, com seu momento de vida, com referência a obras da literatura etc. A filosofia do zen budismo está imiscuída na prática.

O *shodō* 書道³⁵⁴, a arte caligráfica japonesa, não deve ser comparada à caligrafia ocidental: “no ocidente em geral, associa-se a caligrafia a uma prática educativa para ‘melhorar’ a letra, ou, no máximo, a uma escrita manual bem elaborada, presente em

³⁵³ REDISCH, Ricardo. Informação verbal pertencente ao material bruto de *Editor por Editor* (2019).

³⁵⁴ Referir a nota de rodapé na introdução

convites de casamento e certificados”³⁵⁵. Os parâmetros são muito diferenciados, mas não é uma questão de conceitos pré-estabelecidos; para entender a arte é mais eficiente praticá-la, onde então surgem os predicados: “Não só os caracteres contam nessa forma de arte. O processo da escrita é, pelo menos, tão importante quanto. Há ênfase no uso do corpo inteiro, a mente está focada no aqui e agora, e uma noção de unidade com os materiais de escrita sucedem”³⁵⁶.

³⁵⁵ MIYASHIRO, Rafael T.; LARA, Arthur L.; GOUVEIA, Anna Paula S. *Percursos em definição: a caligrafia japonesa no Japão e no Brasil*. In: SHIODA, C. et al. *Dō – Caminho da arte: Do belo do Japão ao Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

³⁵⁶ OMORI e TERAYAMA, 1990 (1983), p.89 apud WESTGEEST, Helen. *Zen in the fifties- interaction in art between east and west*. Cobra Museum Voor Moderne Kunst Amstelveen, Amsterdam, 1996.

Shokunin

O “mestre” no querer de Guimarães Rosa: “não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”³⁵⁷.

II.

Uma cena no ano de 2006. Massao à mesa de trabalho (período de pleno encanto pela tecnologia digital) faz marcações a lápis com o auxílio do esquadro de acrílico transparente, corta os papéis nas marcas com o estilete preto e o esquadro, fixa os pedaços dos xerox com cola Pritt dentro do desenho retangular, previamente traçado às dimensões exatas da capa do livro que projeta. Olha por sob os óculos, como lhe era costumeiro, analisa. As mãos, fortes, pegam os pedaços de papel e folhas de maneira incomum, não pelas laterais, mas pelo centro, utilizando o dedo médio e o polegar, em forma de pinça. Notei o fato como curioso.

Anos mais tarde, aproximadamente em 2015, vi o mesmo gesto manual, realizado então por um professor de *shodō*. Lembrei-me de Massao. Desta vez, pude atribuir algum sentido ao manuseio peculiar do papel. Diferente do papel offset (sulfite), o *washi* (papel japonês) não fica amassado ou vincado facilmente, pois é constituído por fibras longas e gramatura baixa, o que lhe confere simultaneamente resistência e maleabilidade. O fato corriqueiro não se configura, de maneira nenhuma, como uma relação direta biunívoca, isto é, o Editor não aprendeu o ofício gráfico com um japonês ligado à atividade. Porém, como o aprendizado se dá por caminhos menos literais e mais tortuosos, ele pode ter ‘de repente aprendido’.

Massao, recortando e colando textos de um original para construir a capa de um livro que editava, mostra o modo como lidava com as suas edições. Não se tratava de um

³⁵⁷Citação feita por Massao, no apêndice de MUSATTI, Jeanete. *Sonhos de Pondji*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/01/1979.

*past up*³⁵⁸ mecânico. Vê-se, ali, um artista distribuindo imagens sobre o suporte de sua obra, imaginando figuras, desenhando sentidos.

III.

As imagens (não veiculadas) em vídeo, feitas pela cineasta Gabriela Greeb em outubro de 2008³⁵⁹, mostram Massao em visita a um sítio em Caucaia do Alto, Cotia, onde ficou temporariamente guardado o seu material de trabalho. Nas imagens, vemos o Editor observando calmamente sua filha, Beatriz, e a enteada, Isabel Kowarik, curiosas, manuseando o material. Ele, tranquilo, sem apego aos originais, projetos, livros, nem os de Hilda (que havia deixado para que ele sugerisse o título), só se mobiliza para levar uma única coisa da visita: uma caixa, contendo suas ferramentas de trabalho – tesoura, estilete, cola etc. Para esses simples objetos, Massao olha com atenção, por sob os óculos.

³⁵⁸ *Past up* é o processo de recorte e colagem de materiais gráficos sobre um suporte físico (filme ou papel), através do qual a imagem final é composta, de modo a permitir sua reprodução.

³⁵⁹ Material bruto pertencente à autora (2008).

IV.

Jiro Takahashi:

O Massao, ele ia pra gráfica e uma coisa que eu percebia, que pra ele que fazia livros tão bonitos, a gráfica não precisaria de ser uma gráfica de primeira linha. Ele fazia uma gráfica comum fazer um belo livro. Então, eu acompanhava o Massao em algumas gráficas pelo Cambuci ou Brás, umas grafiquetas assim. E ele ia lá, eu acompanhava, e ele falava: “vamos lá que depois a gente vai pro bar e vamos beber”. Aí ele chamava o montador, ele chamava o impressor pra tomar, ele ficava com o maior respeito pelo pessoal que normalmente os editores não ligavam muito. Ligavam em geral pra reclamar. Ele não. Ele ficava junto com as pessoas lá. E como ele era jeitoso no trato com as palavras, com o pessoal, ele pegava aquelas folhas sendo impressas e ele dava toques: “olha, se você calibrar dessa forma, eu tenho impressão que vai ficar um pouco melhor”; aí o pessoal experimentava e falava: “ficou muito melhor!”. Quer dizer, no fim, até esses impressores de pequenas gráficas com certeza aprenderam coisas. Não que como se ele estivesse dando aulas, na prática, então isso eu achava o máximo.³⁶⁰

³⁶⁰ TAKAHASHI, Jiro. Informação verbal em *Massao Ohno – Poesia Presente* (2015).

É sabido que o Editor não mantinha relação de apego com a obra, nem sequer guardava um exemplar dos livros que publicava, como contou o poeta Carlos Felipe Moisés³⁶¹. Ao recolher suas ferramentas de trabalho, aparentemente simples, parece estar visionando apenas o que ainda deveria ser feito.

Não posso vender minhas ferramentas,
porque seria como vender minha mão.³⁶²

Entendemos que quem está focado no *savoir faire* não se importa tanto em deter os objetos resultantes do seu trabalho em si. Impossível não lembrar do exemplo do santuário de Ise, na província de Mie, Japão. A construção é refeita sazonalmente (a cada 20 anos) há cerca de um milênio: as gerações se alternam, aprendendo as antigas técnicas de construção. Não é a edificação enquanto objeto que importa, então não empregam técnicas de restauro. Refazem por completo, mantendo o lugar e o conhecimento imaterial vivos. É fácil notar a diferença também no manusear exigido pelo sistema onde se inserem os trabalhos de artistas do *shodō* e de artistas da designada arte contemporânea. São critérios diferentes e naturezas bastante distintas.

O ensino-aprendizado no Japão feudal tinha como figura central o *shokunin* 職人 o experto-artista-artesão. Seu conhecimento/expertise acumulado por anos de prática conferia eficiência e beleza aos objetos manufaturados. Sabe-se que, para desenvolver as habilidades almejadas e o real entendimento da técnica/arte, deve ser empregado muito tempo, senão toda a vida. Assim também ocorre com as artes *dō*.

eu acho que é uma atividade assim, em *road-show* (turnê), não é uma
atividade *splash*. É uma carreira, enfim, e uma carreira implica em 20, 30, 40
anos de trabalho.³⁶³

³⁶¹ MOISÉS, Carlos Felipe. Informação verbal em Massao Ohno- *Poesia Presente* (2015).

³⁶² José Ferreira da Silva (1937-2000), solicitado a vender seus instrumentos para figurarem em mostra de arte popular. SILVA, José Ferreira In: MACHADO, Alvaro (org.). **Mestres-artesãos**. Catálogo. São Paulo: SESC, 2000.

³⁶³ OHNO, Massao. Massao: as mãos na massa. Entrevista. *Revista Artéria*, ano II, n.3, ago/1991.

Massao Ohno, no adolecer, foi praticante de judô 柔道 (literalmente caminho suave ou caminho da suavidade). Aluno do professor Ryuzo Ogawa, segundo sua filha, Beatriz, ele teria conquistado a faixa marrom, que precede a preta.

Existe uma velocidade na informação que não corresponde a um trabalho vagaroso, lento, de trabalho literário ao longo dos anos. As pessoas querem conquistar riqueza e fama do dia para a noite. Não pode, é demorado. Um Drummond se faz em 40 anos. Uma Cecília Meirelles levou 40 anos fazendo o trabalho dela, pesquisando, lendo todo dia, lendo coisa boa, se exercitando. É muita ansiedade por parte de um moleque querer ficar famoso em um ou dois anos.³⁶⁴

Por se tratar de uma metodologia de ensino, ou melhor, de transmissão não retórica, para melhor entendê-la, seria melhor praticá-la. A prática mais difundida para internalizar uma tradição artística no Japão é da cópia, mesmo para a poesia. O crítico literário e professor da Universidade de Stanford, Makoto Ueda (1931), fala sobre o intelectual Motoori Norinaga (1730-1801).

Apesar de extremamente difícil, há um caminho para o homem moderno alcançar um verdadeiro coração e, assim, um bom poema. Isto é, pela investigação de bons poemas da Antiguidade e pelo aprendizado da língua em que foram escritos. Um poeta moderno não deveria tentar imitar os sentimentos dos mestres antigos; isso seria uma falsificação de seus próprios sentimentos. Pelo contrário, ele deveria aprender a linguagem poética deles e fazê-la sua. “Assim, seu coração seria gradualmente transformado por poesias antigas e livros”, diz Norinaga, “até que se torne uno com a antiga arte do mestre. Assim, ele pode expressar seus próprios sentimentos”. De maneira diversa da visão que se tem tradicionalmente, de que se deve obter um coração puro para se escrever um bom poema, Norinaga argumenta que um coração puro pode ser obtido apenas pela boa poesia, pois, de acordo com ele, não há pensamento ou sentimento sem a linguagem. As palavras são organizadoras da mente humana, dão forma ao amorfo.³⁶⁵

³⁶⁴ OHNO, Massao. Massao: as mãos na massa. Entrevista. *Revista Artéria*, ano II, n.3, ago/1991.

³⁶⁵ UEDA, Makoto apud RIMER, Thomas J. An Afterword Posing as a Foreword: Some comparative and miscellaneous thoughts on talent and training. In: JORDAN, Brenda G.; WESTON, Victoria (orgs.) *Copying the Master and Stealing His Secrets: Talent and Training in Japanese Painting*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2003. Prefácio, p.XXI e XXII. Tradução nossa.

Não podemos estabelecer uma relação causal entre a criação de livros em Massao e a figura do *shokunin*. Seria também necessário conviver com esses mestres do ofício artístico, pois só assim se aprende devidamente sobre o assunto. No entanto, o Editor manifestava noções de arte, de estética e de método de trabalho que não pareceriam tão raros no Japão pré-Segunda Guerra como pareceram aqui, no Brasil. A obra-vida do Editor, arguto autodidata, parece ter recebido as reverberações dessas práticas em diversos momentos da vida, seja no convívio familiar ou pelos livros que publicou, principalmente durante os anos 1980 e 1990, incluindo os feitos em parceria com a Aliança Cultural Brasil-Japão.

O ajuste fino especular de Massao Ohno deriva, em parte, deste método artesanal com que criava seus livros, mesmo em épocas posteriores, de tecnologia digital.

É fácil remeter ao exercício artesanal, quando os detalhes dos livros são observados, pois as decisões do processo criativo se baseiam enormemente na intuição, em comunhão com a linguagem utilizada. Na linguagem computadorizada, os processos ganham mais velocidade e, portanto, diminuem o tempo de feitura; o resultado também evidencia as fortunas e os infortúnios característicos.

A metodologia manual de criação de Massao permitia antever a experiência do Leitor com o livro, já que, trabalhando o boneco manualmente (com frequência, no tamanho final), o Editor conseguia dimensionar os recursos gráficos durante a execução do projeto, na mesma escala em que o Leitor iria recebê-lo, ou seja, transformava a experiência do Leitor na sua própria. Tal proximidade é muito mais difícil no processo digital, pois a natureza imaterial do código exige a faculdade de adequação à linguagem programada por outra pessoa. Tornam-se, então, o trabalho mais abstrato e a relação com o resultado mais indireta, simplesmente por exigir menos do nosso corpo como um todo, e mais do intelecto e dos olhos.

Mais uma vez, a experiência de Massao Ohno é a do Editor-Leitor, mediado pela realidade física do corpo, comum a ambos, em toda sua dinâmica. Dizia ele: “o livro é mais do que tridimensional, é um objeto interativo”³⁶⁶.

Escrever: um esforço físico

Eu acho que a poesia, dos gêneros é o mais aberto à construção. Não há obra mais difícil de ser feita do que a obra literária. É um esforço descomunal, é um trabalho mesmo físico, que demanda grande esforço.

Taí uma tese que pode chocar muito, mas é um esforço físico antes de ser intelectual. Você é levado a utilizar a última fibra, da sua composição, da sua musculatura pra poder finalizar bem literariamente. Coisa que não acontece em nenhuma outra obra de arte, nenhum outro gênero.

Eu acho que a mais árdua das profissões artísticas é a literária³⁶⁷

³⁶⁶ DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). *Criação Gráfica 70/90: um olhar sobre três décadas*. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008.

³⁶⁷ OHNO, Massao. Informação verbal em *Massao Ohno- Poesia Presente* (2015).

FINAL

Massao,

Somente espero que, em tempos de materialismo e realismo pragmático atroz, uma existência singular como a sua seja rememorada. Sendo essa, então, a maior pretensão deste trabalho. Espero também que um dia, essas categorias que hoje definem a arte, para a maioria, como objeto supérfluo e elitista se diluam um pouco, e o ser humano volte a sonhar, desejar, sentir e chorar com o belo, como o Abujamra gostava de perguntar.

Já sabemos, Camus disse: “nenhum golpe será o último. Saber como sofrer, saber como amar e, quando tudo cair, retomar tudo ainda uma vez, enriquecidos pela dor, felizes quase na consciência de nossa miséria”³⁶⁸.

Quisera eu ter seu otimismo e o do escritor argeliano, inquebrantáveis, mas penso que a hora predita por você em 2006 chegou.

Eu acredito que, ainda neste século, vá haver uma insurgência muito grande e novas posições vão ser tomadas, não entre ricos e pobres, nem entre esquerda e direita, mas entre pessoas conscientes e programadas contra a ignorância bruta. Deve haver algum meio termo nisso, que leve a um sentido de interação, de compreensão, senão é o caos.³⁶⁹

Mas também me lembro da sua lição de humildade – “enfim, a gente vai tentando fazer o que pode”³⁷⁰ – e do sentimento histórico que nos traz alguma sensação de pertencimento: “se isso vai restar ou não, vamos ver. Eu acho que nenhum ato, ele se perde, entende. Ele pode não ter a necessária repercussão no momento, mas pode ter daqui a duzentos anos”³⁷¹.

Confio que seja assim.

³⁶⁸ CAMUS, Albert. A Perda apud VELECICO, Nereu; ARBEX, Marcelo; BONASSI, Fernando. *Fibra ótica*. Capa de Antônio Vitor. Projeto gráfico: Elisabeth Iliescu, prefácio: Claudio Willer; orelhas: apresentação por Gabriel Priolli. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987.

³⁶⁹ OHNO, Massao. Informação verbal em *Poesia Presente* (2015).

³⁷⁰ OHNO, Massao. Informação verbal em *Poesia Presente* (2015).

³⁷¹ OHNO, Massao. Informação verbal em *Poesia Presente* (2015).

No ato de auto preservação ganhei imensamente nesta empreitada em companhia da graça e do sentido, que a sua obra me trouxe.

Sinto que o futuro agora me leva a pessoas que estão envolvidas com atividades primordiais. Há pouco, conheci moradores do Acre. Nunca havia encontrado gente para a qual absolutamente tudo tem um sentido espiritual e religioso (no sentido de religar), ou cuja face exprimisse exatamente o que sentem, ou cujos pés se movessem como as mãos. Há muito o que aprender.

Finalizando, penso que as palavras e as imagens que deixei a seu respeito podem agora se mover em passos dados por outras pessoas.

Oh Grande Plano
de ter vivido pleno
estrelas negras

olhos que não veem com
os olhos que veem por

jun/2019

Um dia qualquer, perdido nas brumas do tempo e no segredo das eras. O homem percebeu que poderia organizar os ruídos quase-instintivos que emitia, com sua voz deseducada e rude. Percebeu que poderia atribuir significados próprios às cadeias de sons vocais que era capaz de constituir. E criou, dessa forma, as palavras.

Criou-as para comunicar-se com seu grupo, para expressar sentimentos e ideias, para transmitir informações sobre tudo aquilo que ocorria no pequeno mundo hostil e selvagem que ele começava a dominar. E o homem descobriu, de repente, a força incontável de sua própria criação. Objeto mágico, misto de arma e de brinquedo, tocando as raias do sagrado e do diabólico, a palavra é, a um tempo, a encarnação antagônica do bem e do mal. Ensina e destrói. Perdoa e acusa. Muda comportamentos e provoca reações inesperadas. Injuria e bajula. Elogia e difama. Ilude e satisfaz.

Por meio da palavra, o homem espalha as sementes da verdade e os fogos da guerra. Cria a fantasia de mundos impossíveis e arma os engodos que provocam as perdas irreparáveis. Reinventa a vida e proclama a condenação. Castiga e suplica. Calunia e lisonjeia. Convence e dissuade. Formula votos e profere imprecações. Augura e vaticina. Blasfema e ora. Ordena e pede.

Um dia qualquer, perdido nas brumas do tempo e no segredo das eras o Poeta tomou a palavra em suas mãos. Tomou-a como quem toma, do ninho abandonado, o ser implume e frágil que anseia por viver. Que deseja desabrochar, no auge da plenitude, num festival de cores e numa orquestra harmoniosa de sons. O poeta recriou a palavra em todas as dimensões possíveis. Manipulou-lhe a textura fônica e construiu o verso. E assim como o escultor extrai uma deusa alada da rocha bruta, o poeta arrebatou uma mensagem de beleza, arrancando-a do som de sua voz. Joga com ritmos e cadências, com pausas e melodias. E lapida a pluralidade dos signos, procurando, a todo momento a nova faceta significativa.

O poema nasce. Nasce enfrentando aqueles medos aos quais André Gide se referiu, uma vez: medo do novo e do antigo, medo de assemelhar-se a todos, medo de parecer banal. Nasce com a fragilidade decorrente de sua própria natureza - simples vibração sonora, a enfrentar a resistência do ar. Mas com o imenso poder de que se reveste, graças ao material de que se fez: o poder de agradar, de agredir, de comover, de ludibriar, de violentar, de tocar as cordas íntimas do outro.

E com a possibilidade milagrosa de durar, de viver como o mármore, como o bronze, mais do que eles, arrostando o desafio do tempo e preservando, incólume, na roupagem fulgurante ou sóbria, o recado distante que traz.³⁷²

O Editor

³⁷² OHNO, Massao. Texto publicado nas orelhas dos livros:

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Tríptico*. Massao Ohno Editor: São Paulo, 28/02/1987

MENDONÇA, Lucia Cortez. *comoVida*. Massao Ohno Editor: São Paulo, 18/04/2000

REFERÊNCIAS

A AVENTURA de Editar Poesia. Vitória, A Gazeta, 23/09/1990.

AKUTAGAWA, Ryunosuke. **Rashomon e outros contos**. Trad. Antônio Nojiri. Ilustrações de Manabu Mabe. São Paulo: Edições Massao Ohno, s/d.

ALCÂNTARA, Beatriz; MARTINS, Aldemir (capa). **Daquém e Dalém-Mar**. São Paulo: Massao Ohno- Raimundo Gadelha/ Editores, 1993.

ALMEIDA, Andrea de Souza et al. **A trajetória do Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie: 45 anos de ensino**. Disponível em:
<<http://books.scielo.org/id/xrrzx/pdf/alvim-9788582937266-08.pdf>> Acesso em: 28/02/2019.

ALMEIDA, Sergio Pinto de. **O editor nanico que mudou o rosto dos nossos livros**. Folha de São Paulo, Ilustrada, 15/07/1978. Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6642&keyword=ilustrado&anchor=4248200&origem=busca&pd=1dfc22b24e2dff7c2f9cf09e63fc538d> Acesso em: 08/01/2019.

ANDRADE, Rudá de. **Papel de Almeida Sales na cultura começa a ser reavaliado**. São Paulo: Folha de São Paulo, Especial, 05/09/1996. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/bio/biosalles.htm> Acesso em: 18/05/2019.

ARAUJO, Emmanuel. **A Construção do livro: princípios da técnica de editoração**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1986.

AS INCRÍVEIS Artimanhas da Nuvem Cigana. Direção: Claudio Lobato e Paola Vieira. Rio de Janeiro: Paola Vieira, 2016. 80 min, documentário.

ÁVILA, J. Antonio d'; GRACIANO, Clóvis (capa e ilustrações); MARTINS, Aldemir (ilustrações). **Pastor de temporais**. São Paulo: Massao Ohno, Editor, 13/02/1979.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEZERRA, Elvira. **Sabadoye: o último salão literário**. Blog Instituto Moreira Sales, 10/11/2014. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/sabadoye-o-ultimo-salao-literario/> Acesso em: 22/08/2017.

BEZNOS, Clovis; CARVALHO, Flavio de (desenhos). **Outros Poemas**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 07/06/1973.

BONNIN, Philippe; MASATSUGU, Nishida; SHIGEMI, Inaga. **Vocabulaire de la spatialité japonaise**. CNRS Editions, Paris, 2014.

BRINDE à poesia – Um gênero em plena ascensão. Revista Visão, 08/12/1980.

CALIL, Helena. **Mêdo**. Col. Tempo Moderno, n.2. São Paulo: Massao Ohno Editora, nov/1959.

CAMPOS, Geir; GRACIANO, Clovis (capa: Bombardeio, 1943, óleo s/e tela, acervo MAB Faap). **Tarefa**. col. Poesia Sempre v.5. São Paulo: Massao Ohno-Civilização Brasileira/Editores INL, 09/12/1981.

CANCELLO, Luiz A. G. **Dia-a-dia**: fragmentos. Capa: Alvar Aalto, óleo, s/tít, 1972. São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/11/1995.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Tríptico**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 28/02/1987.

CHIBBETT, David. **The History of Japanese Printing and Book Illustration**. Tóquio, Nova York, São Francisco: Kodansha International Ltda., 1997.

COSTA, Franz Rulli; PENTEADO, Darcy (capa e ilustrações). **Porto das damas**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/10/1991.

COTRIM, Lupe; MARTINS, Aldemir (ilustrações). **Cânticos da terra**. São Paulo: Massao Ohno Editora, dez/1963.

DENSER, Márcia; MARANI, Márcia (orgs.). **Criação Gráfica 70/90**: um olhar sobre três décadas. Col. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: CCSP, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/420392/Cole%C3%A7%C3%A3o_Cadernos_De_Pesquisa Acesso em: 04/06/2019.

DIAS que abalaram o Municipal. Direção: Guilherme Ziggy. São Paulo: TCC de Jornalismo da Faculdade Presbiteriana Mackenzie, 2018. 21 min, documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7vslCztR14&fbclid=IwAR2Ru9A3T6mxhq4A--RrWv44zpQsKjARL2AgnK1f7quqqJqlioGrQ_Gs_RY> Acesso em: 22/04/2019.

DIAS que fazem temer o futuro do Teatro Municipal. Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 20/11/1976. Disponível em: <http://www.art-bonobo.com/ivaldgranato/artperformance02.html>. Acesso em: 21/05/2019.

DZI Croquettes. Direção: Tatiana Issa e Raphael Alvarez. NY, RJ: TRIA Productions e Canal Brasil, 2009. 110 min, documentário.

ECHAIME, Leila. **Poesia-Poesia**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/03/1986.

ECHAIME, Leila; PENTEADO, Darcy (ilustrações). **Flauta silente**. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/Editores, 1981.

EDITOR por Editor. Direção: Juliana Kase. São Paulo: Wasurezuni, 2019. 75 min, documentário, HD, cor.

EKSTERMAN, Christine Fontenele. **Enquanto**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996.

FARIA, Álvaro Alves de. **Editor da Esperança**. São Paulo: Agência Fapesp, 10/12/2014.
Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/editor-da-esperanca/2986/> Acesso em:
04/06/2019.

FARIA, Álvaro Alves de. **Motivos Alheios**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1983.

FARIA, Hamilton. **Cidades do ser**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/10/1988.

FARIA, Idelma Ribeiro de. **Emoção e Memória** – obra poética reunida: 1949-1999. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/10/1999.

FERNANDES, José Roberto. **Tempos diversos**. Massao Ohno-Stefanowski/ Editores, 27/10/1990.

FERRAZ, Geraldo; DEL NERO, Ciro (layout). **Guernica**: poema vozes do quadro de Picasso. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962.

FINATTO, Jorge Adelar. **Grupo Sanguinovo**. Disponível em:
<<https://ofazedordeauroras.blogspot.com/2010/03/grupo-sanguinovo.html>> Acesso em:
20/05/2019.

FLEMMING, Alex. **Poemas numéricos**. São Paulo: Massao Ohno, Editor, 1979.

FONSECA, Raphael et al. Catálogo da exposição **The sun teaches us that history is not everything**. Hong Kong: Osage Art Foundation, 2019.

FRAGETTI, Lucila; PENTEADO, Darcy (capa e ilustrações). **Esse amor cada vez mais raro**. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 16/09/1982.

GASPARI, Elio. **Prisão de Ênio Silveira irrita Castello Branco**. APGCS/HF, 26/05/1965.
Disponível em: <<http://arquivosdaditadura.com.br/documento/galeria/prisao-enio-silveira-irrita-castello#pagina-4>> Acesso em: 25/05/2019.

GOLDMAN, Sara. **Da Noite à Aurora**. col. Prata vol.1. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985.

GOOSSENS, Janine. **Beleza Sempre**. São Paulo: Massao Ohno Editora, 09/12/1981.

GOTO, Tomekiti. **Como uma erva silvestre**. Tradução de Yoshio Yasuda. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor, 10/07/1995.

GUIMARÃES, Geraldo. **América, Latina**: o trabalho fotográfico de Geraldo Guimarães. São Paulo: Massao Ohno/ Miriam Strauss Studio, mai/1978.

GUINSBURG, Jacó. O editor e o projeto: uma proposta editorial In: BOCCHINI, Maria Otília; FERREIRA, Jerusa Pires; FILHO, Plínio Martins; GUINSBURG, Jacó. **Livros, Editoras & Projetos**. São Paulo: Ateliê Editorial-Com-Arte, São Bernardo do Campo: Bartira, 1997.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Edusp, 1985.

HILST, Hilda. **Amavisse**. Orelhas: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Massao Ohno Editor, 14/01/1989.

HILST, Hilda. **Cantares do sem nome e de partidas**. Capa: Arcangelo Ianelli, Sinfonia em Azul, têmpera; prefácio: Antônio Farias; orelhas: Luís Augusto da Franca Crispim, jun/1994 (Academia Paraibana de Letras) São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/11/1995.

HILST, Hilda. **Da morte, odes mínimas**. Capa: Augusto Rodrigues. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 15/07/1980.

HILST, Hilda; LEE, Wesley Duke (imagens), 1931-2010. **Sete Cantos do Poeta para o Anjo**. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962.

HILST, Hilda. WAKABAYASHI, Kazuo (desenhos). **Sobre a tua grande face**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/10/1986

HUNGRIA, Camila; D'ELIA, Renata. **Os Dentes da Memória**: Piva, Willer, Francheschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2011.

JAPIASSU, Celso; MARTINS, Aldemir (desenhos). **O itinerário dos Emigrantes**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1980.

KEMPF, Roswitha Gary. **Reflexos, Reflexões**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1979. LEONARDOS, Roberto. **Alguma andança**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/09/1995.

KOYAANISQATSI: Life Out of Balance. Direção: Godfrey Reggio. Estados Unidos: MGM, 1982. 87 min, cor.

LEX, Nieta; GRACIANO, Clóvis (capa e ilustrações). **Novamente é chegado o amor**. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 17/11/1980.

LIMA, Jorge da Cunha. **Véspera de Aquarius**. Col. Literatura e teoria literária, vol.VIII. Arte da capa: Elifas Andreato; diagramação e coord. técnica: Massao Ohno. São Paulo: Paz e Terra, 08/12/1976.

LISBOA, Luiz Carlos. **Ante-sala**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988.

LOPES, Aluisio Dias. **All: a língua luz A**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/10/1989.

LOUAFI, Alain; CUNHA, Juliana Carneiro da; FRANCO, Hugo (ensaio fotográfico). **Possession**: espetáculo baseado na vida e obra de Santa Tereza D'Ávila e São João da Cruz. Massao Ohno/João Farkas/Editores, 1977.

LOUREIRO, Marília. Lastro transitório: a navegação imprecisa dos independentes. In: ATELIÊ397 (org). **A alma é o segredo do negócio**. São Paulo: Funarte, 2012.

- LUCRECIO CARO, Tito. **Os seis Livros Sobre a Natureza das Cousas**. Traduzido e transformado em verso solto por Agostinho de Mendonça Falcão. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1890.
- LUDMER, Paulo. **Línguaçodada**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 28/09/1994.
- LUTTI, Leyde Zorovich Ribeiro. **Síssi: A Menina Iluminada**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1997.
- MACHADO, Alvaro (org.). **Mestres-artesãos**. Catálogo. São Paulo: SESC, 2000.
- MAIER, Mathilde. **Os jardins de minha Vida**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981.
- MARCONDES, Bell. **Estou viva, não uso mais drogas: o inferno de Bell**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.
- MARX, Karl. **A questão do partido**. Capa: Massao Ohno. São Paulo: Kayrós, 1978.
- MASSAO lança primeira coleção de poster-poema. O Estado de S.Paulo, São Paulo, 19/09/1981. Arquivo M.O.
- MASSAO não desiste. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17/02/1990.
- MASSAO Ohno: Poesia Presente. Direção: Paola Prestes. Codireção: Juliana Kase. São Paulo: Serena Filmes, 2015. 1 DVD (90 min), documentário, HD, cor.
- MASSAO Ohno: um livro aberto. Entrevista para o jornal Diário da Manhã. Goiânia, 11/07/1987.
- MATOS, Olímpio José Garcia. **O Natal no Sabadoyle**. Capa: Adoração dos pastores, Michelangelo Caravaggio (1573-1610), acervo do Museu Nacional de Messina, Itália; apresentação: Homero Senna. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1994.
- MAYRINK, Geraldo. Um Samurai da Sombra. In: **Homenagem a Massao Ohno: 45 anos de atividade editorial**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 6/12/2004.
- MEDEIROS, Gutemberg A. de. **Massao Ohno, Hilda Hilst e três triplos**. Jornal da USP, 08/04/2019. Disponível em: <jornal.usp.br/?p=235695> Acesso em: 21/04/2019.
- MEDEIROS, Gutemberg A. de. Depoimento cedido à autora em 27/05/2019.
- MELLO, Donaldo. **Véspera de Azul**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 2002.
- MENEZES, Carlos. **Ênio Silveira e Massao Ohno unidos para editar poesia e poster-poemas**. Rio de Janeiro: O Globo, 29/07/1981.
- MIYASHIRO, Rafael T.; LARA, Arthur L.; GOUVEIA, Anna Paula S. Percursos em definição: a caligrafia japonesa no Japão e no Brasil. In: SHIODA, C. et al. **Dō – Caminho da arte: Do belo do Japão ao Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

- MOISÉS, Carlos Felipe. **Histórico**. São Paulo, mar/2014. Disponível em:
<http://www.antoniomiranda.com.br/ensaios/antologia_dos_novissimos_massao_ohno_editor_historico.html> Acesso: 05/09/2018
- MORAIS, Fernando. **Corações Sujos**: A história da Shindō Renmei. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- MURASAKI, Shikibu. **O Romance de Genji**. 2ª ed. Vila Nova de Gaia : Exodus, 2009. [1º v.]: Primeira época. Tomo 1. Editora Exodus, 2009.
- MUSA, Nhô. **Só poesia**. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 10/05/1986.
- MUSATTI, Jeanete. **Sonhos de Pondji**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/01/1979.
- NADER, Wladyr. **Vejam só, o Municipal**. Folha de S. Paulo, Ilustrada, São Paulo, 10/11/1976. Disponível em:
<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=6030&anchor=4267796&origem=busca&pd=b47e06006587cefebcb3b44f33582018> Acesso em: 22/05/2019.
- NEGAWA, Sachio. **Capítulo 2, Rua Conde e arredores**: o nascimento da Escola Primária Taishō - parte II. Trad. Kenji Matsuzaka. 05/04/2007. Disponível em:
<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2007/4/5/brazil-nihonjinmachi/> Acesso em: 24/04/2019.
- NEJAR, Carlos. **A idade da aurora**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 21/08/1990.
- NETO, Juvenal. **O silêncio da flauta**: Abordagem crítico-exegética sobre a "Flauta Silente" de Leila Echaime. Capa e ilustrações de Darcy Penteado. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/ Editores, 09/11/1983.
- NOGUCHI, Hiroyuki. **The Idea of the Body in Japanese Culture and it's Dismantlement**. Seção Paper: Philosophy, Japanese Culture and the Body. International Journal of Sport and Health Science, Vol.2, p. 8-24, 2004.
- NOJIRI, Antônio. Prefácio. In: DAZAI, Osamu. *Pôr-do-sol ("Shayoo")*. Tradução Antonio Nojiri. Capa: Yuji Tamaki; Editor: Antonio Nojiri. Col. Literatura Japonesa São Paulo: Civilização Brasileira-Massao Ohno/ Editores, s/d (data provável 1981).
- O NIKKEI e sua americanidade: temas apresentados na III Convenção Panamericana Nikkei. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/1986.
- O TRABALHO editorial de Massao em uma retrospectiva. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23/09/1982.
- ODRIOZOLA, Raulita. **Livro de Amor/Poemas**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978.
- OHNO, Massao. **Manuscrito à Sônia L. Salmerón**. 17/04/2002. Arquivo M.O. Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo.

OHNO, Massao. Massao: as mãos na massa. Entrevista. **Revista Artéria**, ano II, n. 3, Santos, ago/1991.

OHNO, Massao. **Resgatar os Olhos da Descoberta**. In: TIDE Hellmeister – Design Gráfico. São Paulo: SESC Pompéia, 1994, P. 8. Catálogo da exposição Obras Públicas, de Tide Hellmeister –23 de junho a 24 de julho de 1994, São Paulo.

OLIVEIRA, Inocência; PENTEADO, Darcy (capa: desenho, 1978, acervo da Editora). **O caminho do social-liberalismo**. Massao Ohno Editor, out/1999.

OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. **Poemetos**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Gaspar de. **Bosco**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1986.

PARENTE, Lilian. **Aconchego**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 06/12/1989.

PENNACCHI, Fúlvio; FIALDINI, Romulo (fotografia da capa). **Pennacchi**. São Paulo: Massao Ohno-Fabio Porchat/ Editores, abr/1973.

PERUCHI, Ricardo. **Morre o “Samurai da sombra” da literatura brasileira**. 12/06/2010. Disponível em: <http://aedoscuritibanos.blogspot.com/2010/06/morre-o-samurai-da-sombra-da-literatura.html> Acesso em: 10/03/2019.

PINOTTI, José Aristodemo. **Espiral**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986.

PINOTTI, José Aristodemo. **Suave Presença**. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 13/02/1982.

PIVA, Roberto. **Ciclones**. São Paulo: Nankin Editorial, 1997.

PIVA, Roberto; LEE, Wesley Duke. **Paranoia**. Col. Novíssimos vol.13. São Paulo: Editora Massao Ohno, 1963.

PIVA, Roberto; PIRAHY, João (capa e ilustrações). **20 poemas com brócolis**. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/Editores, 1981.

POMMERANTZEFF, Alexis. **Impressões**. Coleção não intitulada n.18. São Paulo: Massao Ohno Editora, Jul-59.

PROJETO Memória Oral. São Paulo: Biblioteca Mario de Andrade, 03/04/2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qw25wWzayOk&t=2251s> Acesso em: 09/04/2019.

RAMADAN, Ebrahim. **Vida Comprometida**. São Paulo: Massao Ohno, 19/08/1982.

RIMER, Thomas J. An Afterword Posing as a Foreword: Some comparative and miscellaneous thoughts on talent and training. In: JORDAN, Brenda G.; WESTON, Victoria (orgs.) **Copying the Master and Stealing His Secrets: Talent and Training in Japanese Painting**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2003.

ROSA, João Guimarães; TOLEDO, Marcelo de Almeida; MARTINS, Aldemir (capa). **Grande Sertão: Veredas** – as trilhas de amor e guerra de Riobaldo Tatarana. Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 05/12/1982.

ROSATO, Myrtha; VASQUES, Alfredo (fotografias). **Bié**. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1962.

ROVIRALTA, Raul. **Idem, ibidem**. Capa e ilustrações: Silvia Furmam. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978.

SALLES, Francisco Luiz de Almeida; CARNEIRO, Dulce. **Rebolo**: quarenta anos de pintura. São Paulo: Massao Ohno-Antonio Gonçalves de Oliveira/ Editores, abr/1973.

SATO, Christine Flint. **Japanese Calligraphy**: The Art of Line and Space. Osaka, Mitsuru Sakui, Kaifusha Co, 1999. Trechos originais: The Western notion of ‘tabula rasa’, a blank page, is of a space waiting to be filled. (...) The calligrapher, facing the blank white page before beginning to write, does not ponder how to fill it, but how best to activate it.

SAVARY, Olga. **O Livro dos Haikais**. São Paulo: Massao Ohno – Roswitha Kempf/ Editores, 30/06/1980.

SAVARY, Olga; MARTINS, Aldemir (desenhos); COELHO, Nelly Novaes. **Sumidouro**. Massao Ohno/João Farkas/ Editores, 20/09/1977.

SAVARY, Olga; NETO, Calasans (ilustrações). **Altaonda**. Prefácio de Jorge Amado. São Paulo: Edições Macunaíma/Massao Ohno/Editores, mar/1979.

SILVEIRA, Marisa Sarmiento da. **Ramalhete de Haikais**. São Paulo: Massao Ohno, primavera/2008.

STIEGLER, Bernard. **Bernard Stiegler**: reflexões (não) contemporâneas. Maria Beatriz de Medeiros (org. e trad.). Chapecó: Argos, 2007.

TAKAHASHI, Jiro. **Poesia de corpo a corpo com a vida**. Texto inédito de 09/11/2017, cedido à autora.

TANIZAKI, Junichiro. **Em louvor da sombra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TOLEDO, Daniel (org.). **Indie.gestão**: práticas para artistas/gestores ou como assobiar e chupar cana ao mesmo tempo. Belo Horizonte: JA.CA, 2014.

TOLENTINO, Bruno. **Anulação e outros reparos**. Prefácio de José Guilherme Melquior. Fotos de Wesley Duke Lee. Planejamento de Tide Hellmeister. São Paulo: Massao Ohno Editora, 1963.

TRICÂNICO, Marina; MARTINS, Aldemir (capa e ilustrações). **Taça da noite**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 16/09/1982.

UMA FEIRA para Massao Ohno vender poesia e arte. Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, São Paulo, 05/10/1976.

UMA OUTRA cidade. Direção: Ugo Giorgetti. São Paulo: SP Filmes de São Paulo e TV Cultura, documentário, 58 min., cor, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r3izgty1GmM> Acesso em: 29/04/2019

VALÉRY, Paul; VASCONCELOS, Edmundo. **Cemitério Marinho**. Grafismos: Mira Schendel; contracapa: Livio Abramo [não creditado]. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/Editores, s/d.

VELECICO, Nereu; ARBEX, Marcelo; BONASSI, Fernando. **Fibra ótica**. Capa de Antônio Vitor. Projeto gráfico: Elisabeth Iliescu, prefácio: Claudio Willer; orelhas: Gabriel Priolli. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987.

WAKAHARA, Júlio Abe; GRETТА; WAKAHARA, Julio Abe (fotos). **Gretta**. São Paulo: Massao Ohno, Editor; Massao Ohno/ Miriam Strauss, 20/04/1978.

WAKI, Akemi. **Aldeia de Arcozelo**. Fotos do acervo de Orlanda Carlos Magno, Armando Pinto Martins, Fundacen. São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/07/1988.

WESTGEEST, Helen. **Zen in the fifties**: interaction in art between east and west. Cobra Museum Voor Moderne Kunst Amstelveen, Amsterdam, 1996.

WILLER, Claudio. **Massao Ohno, Hilda Hilst e a busca da poesia total**. Revista da Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, v. 69, nov/2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/14384940/Massao_Ohno_Hilda_Hilst_e_a_busca_da_poesia_t](https://www.academia.edu/14384940/Massao_Ohno_Hilda_Hilst_e_a_busca_da_poesia_total) otal Acesso em: 19/05/2019.

WILLER, Claudio. Texto publicado na brochura **Homenagem a Massao Ohno**: 45 anos de atividade editorial. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 06/12/2004.

XAVIER, Livio; MARTINS, Aldemir (capa e ilustrações). **Infância na granja**. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1974.

XAVIER, Lívio; MOURÃO, Noemia (desenhos). **Dez poemas de Livio Xavier**. São Paulo: Editora Cultura Brasileira/Massao Ohno, 15/04/1978.

YAMI no Ichinichi: o crime que abalou a Colônia Japonesa no Brasil. Direção: Mario Jun Okuhara. Documentário, 2012, 80min., cor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QDf_egB3MG4 Acesso em: 05/07/2016.

ANEXO

Escritos Massao Ohno

Esta é uma compilação formada pela transcrição dos textos escritos por Massao Ohno no período de 1973 a 2008. Eles se encontram dispersos pelas orelhas de livros, quarta-capas, anexos, notas iniciais e finais¹, publicados pela Massao Ohno Editor. Embora a totalidade dos livros não tenha sido acessada, cerca de oitocentos foram. Setecentos pertencem à Coleção Massao Ohno, sob a tutela do acervo de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e foi consultada até 2019. Estimamos que a produção da Editora (de 1959 a 2010), ultrapasse o total de mil títulos². Ainda assim, este documento deve ser complementado se houver necessidade.

Alguns textos, não creditados originalmente, foram adicionados a essa compilação, pois atribuímos ao Editor pelas características da escrita, dentre as quais: a voz destinada ao leitor; a ocorrência de citações relacionadas à poesia; a clareza e o ritmo na redação, em parte devido à construção de frases curtas e ao uso de conjunções conclusivas— *enfim, pois, portanto*—; e pelo conteúdo, tão qualitativamente envolvido com a obra, que só poderia ter sido elaborado pelo autor ou pelo Editor, sendo esses discerníveis pelo pronome que utilizam ou pelo estilo.

¹ O Editor nunca chamava os textos de sua autoria de prefácio ou posfácio, disse que os mesmos deveriam estar “à guisa de orelhas ou 4ª capa, jamais prefácio ou posfácio, já que não sou douto nem capacitado para tanto” (orelha do livro GOLDMAN, Sara. *Da Noite à Aurora*. col. Prata vol.1. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985).

² José Armando Pereira da Silva, afirma a existência de 800 títulos em seu livro “Massao Ohno Editor”, a ser lançado em 2019 pela Ateliê Editorial. Pode-se estimar que a produção de Massao Ohno ultrapasse mil se considerarmos os trabalhos comerciais (assuntos relacionados a política e outros). O Editor ainda realizou o planejamento gráfico para o catálogo de muitos artistas e galerias de arte, bem como para editoras como a Hipocampo e a Cortez e Moraes, alguns deles não creditados mas facilmente identificáveis pelo seu estilo editorial.

Além dos textos de Massao, inserimos outros selecionados por ele para figurar em orelhas de livros, pois consideramos que seja uma escolha autoral. Por vezes, o mesmo texto reincidente nas orelhas de diversos títulos, portanto, constam no sumário pelo nome do autor deste, não pelo nome do autor do livro. Ao final, incluímos um artigo, pois foi preponderantemente escrito por Massao e é de raro acesso. Observações estão entre colchetes.

Os escritos de Massao Ohno têm a função de apresentar o autor e a obra, porém, muito além disso, deixam que nos acerquemos das ponderações do Editor-Poeta a respeito do seu momento histórico, do fazer poético e da natureza da poesia, além dos sentimentos e considerações que o conduziram a cada empreitada livresca. Assim, em conjunto com a obra, esses escritos são a lídima expressão poética de Massao. Por meio deles, a ponte autor-editor-leitor se realiza, a despeito das distâncias geográficas, temporais, culturais e indiossincráticas.

Massao Ohno, *scripta manent*.

ORDEM DO CONTEÚDO

BEZNOS, Clovis. <i>Outros Poemas</i> . Massao Ohno Editor: São Paulo, 07/06/1973	246
SAVARY, Olga. <i>Sumidouro</i> . São Paulo: Massao Ohno/João Farkas/Editores, 20/09/1977	247
GUIMARÃES, Geraldo. <i>América, Latina: O trabalho fotográfico de Geraldo Guimarães</i> . São Paulo: Massao Ohno/ Miriam Strauss Studio, __/05/1978	248
ODRIOZOLA, Raulita. <i>Livro de Amor/Poemas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978	249
ROVIRALTA, Raul. <i>Idem, ibidem</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978	250
MUSATTI, Jeanete. <i>Sonhos de Pondji</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/01/1979	251
KEMPF, Roswitha Gary. <i>Reflexos, Reflexões</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1979	252
CAVALCANTE, Joyce. <i>Livre & Objeto</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1980	253
SAVARY, Olga (trad.). <i>O livro dos Hai-kais</i> . 1ª ed. São Paulo: Massao Ohno/ Roswitha Kempf, 30/06/1980	254
MADUAR, Alberto. <i>Uma história em quadrinhos</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/12/1980	255
MAIER, Mathilde. <i>Os jardins de minha Vida</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981	257
OSÓRIO, Antônio. <i>Emigrante do Paraíso</i> . 2ª ed. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 1981	258
OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. <i>Poemetos</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982	259
RAMADAN, Ebrahim. <i>Vida Comprometida</i> . São Paulo: Massao Ohno, 19/08/1982	263
MEIRELLES FILHO, João Carlos. <i>Licença poética</i> . São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 27/08/1982	264
LEVITCH, Pedro. <i>Zás</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 09/11/1983	265
MUTTO, Odete. <i>Alienação</i> . São Paulo: Massao Ohno-Ismael Guarnelli/ Editores, 23/04/1984	266
SIQUEIRA, Priscila. <i>Genocídio dos Caiçaras</i> . São Paulo: Massao Ohno-Ismael Guarnelli/Editores, 02/05/1984	267
YAMAMOTO, Katsuzo. <i>Toda uma vida no Brasil</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/09/1984	268
GOLDMAN, Sara. <i>Da Noite à Aurora</i> . col. Prata vol.1. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985	270
PORTO, Marlene. <i>Os Brasileiros – Uma tragicomédia</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/08/1984	272
BUMAJNY, Mariselda. <i>Para lembrar o irmão menor</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 18/11/1985	274

RIBEIRO, Anna Maria Costa e outros. <i>Astrologia Hoje – Métodos & Propostas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 21/11/1985	275
YOSHIMASU, Gozo. <i>Doido da manhã</i> . trad. TAKAHASHI, Jô. Numen Editora Espaço Cultural, 1985. [Arte: Estúdio Massao Ohno]	277
PAZ, Octavio. <i>O Poeta e o Mundo</i>	279
ECHAIME, Leila. <i>Poesia-Poesia</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/03/1986	282
<i>O nikkei e sua americanidade</i> . col. Métodos. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/1986	284
MUSA, Nhô. <i>Só poesia</i> . São Paulo: Massao Ohno- M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 10/05/1986	286
GINSBERG, Allen. <i>Portais da Tradição</i> . Trad. Augusta Vono. Coleção Estudos Universitários. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/06/1986	289
OLIVEIRA, Maria do Carmo Gaspar de. <i>Bosco</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1986	290
HONÓRIO, José Carlos. <i>Em breve outra noite</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/09/1986	292
ANTUNES, Sérgio. <i>Primeira Vez</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/12/1986	293
PINOTTI, José Aristodemo. <i>Espiral</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986	294
ATILANO, Sergio. <i>Vermelho Rápido</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987	295
CARDOSO, Zélia de Almeida. <i>Tríptico</i> . Massao Ohno Editor: São Paulo, 28/02/1987	296
MENDONÇA, Lucia Cortez. <i>comoVida</i> . Massao Ohno Editor: São Paulo, 18/04/2000	296
CARDOSO, Neusa. <i>Safadezas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/08/1987	298
FRAGETTI, Lucila. <i>Paixão</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/08/1987	300
CAVALHEIRO, Célia Regina et al. <i>Filosofemas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 17/11/1987	301
LISBOA, Luiz Carlos. <i>Ante-sala</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988	302
METRAN, Márcia. <i>Cuidado frágil</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988	304
RUSSO, Anna Maria. <i>Domingo à tarde</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/07/1988	305
FARIA, Hamilton. <i>Cidades do ser</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/10/1988	306
BASHO, Matsuo, 1644-1694. <i>Primavera</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1988	308
NEVES, Amílcar. <i>Movimentos automáticos</i> . AESC-Funcex-Massao Ohno/Editores. 1988	311
Andrade, Roberto Fernando de. <i>Viagens no tempo</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 31/03/1989	312
PEREIRA, Abel. <i>Mármore Partido</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 14/01/89	313
PEREIRA, Abel. <i>Haikas vagaluminosos</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/11/1989	314

OLIVEIRA, Marly. <i>Obra Poética reunida 1958-1988</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989	315
MAGALHÃES, Maria Elisa. <i>Canto aprisionado 1956-1989</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989	316
MOTTA, Baby. <i>Vida em 2 tempos: tempo de reticências : tempo de crônicas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/03/1989	317
Goldberg, Jacob Pinheiro. <i>Ritual de clivagem</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 22/10/1989	318
LOPES, Aluisio Dias. <i>All, a língua luz A</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/10/1989	319
RAMADAN, Ebrahim. <i>O beijo da chuva na aurora azul</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 08/11/1989	321
PARENTE, Lilian. <i>Aconchego</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 6/12/1989	322
PAGANO, Otávia. <i>Histórias de você</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/06/1990	323
GIL, Olga. <i>Resgate</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 13/06/1990	324
SCLIAR-CABRAL, Leonor. <i>Romances e canções sefarditas</i> (do séc. XV ao XX) traduzidos do judeu-espanhol. São Paulo: Massao Ohno Editor, 27/06/1990	325
ROJAS, Sérgio. <i>Improviso para silêncio e sopros</i> . Mário Margutti-Massao Ohno/ Editores, 21/08/1990	326
NEJAR, Carlos. <i>A idade da aurora</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 21/08/1990	327
WEY JÚNIOR., Clóvis. <i>Pátina</i> . São Paulo: Massao Ohno, 30/07/1989	329
CEDOTTI, Walmir. <i>Eco lógico</i> . São Paulo: Massao Ohno, 12/11/1990*	329
FERNANDES, José Roberto. <i>Tempos diversos</i> . São Paulo: Massao Ohno/Stefanowski/Editores, 27/10/1990	331
COSTA, Franz Rulli. <i>Porto inseguro</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/10/1990	332
GAIA, Seleno. <i>Entre dois espelhos</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/03/1991	333
SETTE, Luiz Paulo Lindenbergl. <i>A revolução samurai</i> . São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão- Massao Ohno/ Editores. 09/07/1991	334
IVO, Lêdo. <i>O Aluno Relapso</i> . São Paulo: Nemar-Massao Ohno/Editores, 1991	335
IVO, Lêdo	337
PORTO, Marlene. <i>Cícero – cartas a Marco</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/09/1991	339
COSTA, Eduardo Alves da. <i>Para que serve a poesia?</i>	340
BOGO, Luís. <i>Pequenas causas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 12/10/1991	343
OLIVEIRA, Franklin de	344
MOTTA, Baby. <i>Amor hai-kai</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 02/12/1991	345
SILVA, Luiz Roberto Nascimento. <i>Arco da Manhã</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/05/1992	346

RUSSO, Anna Maria. <i>Lua descabida</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 17/03/1992	347
PIRES, Delores. <i>Haicaístas brasileiros</i> . São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão- Massao Ohno/ Editores, 17/03/1992	348
GADELHA, Raimundo. <i>Um estreito chamado horizonte</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1992	349
SAMPAIO, Aluysio Mendonça. <i>Ainda é noite</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/08/1992	350
PAZ, Octavio Paz	352
IVO, Lêdo. O que é Poesia?	354
SIMON, Mauro. <i>O tempo todo</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 26/04/1993	356
MUÑOZ, Carlos Augusto. <i>O lorde</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/1993	357
COSTA, Franz Rulli. <i>Porto Surubim</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/05/1993	358
RIBEIRO, Ésio Macedo. <i>E Lúcifer dá seu beijo</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/10/1993	359
GONDIM, Cláudia. <i>Cronos: Memória e Paixão</i> . São Paulo: Massao Ohno, 24/11/1993	360
LÚCIA, Telma. <i>Levanta, meu povo</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 06/12/1993	361
SAIGYŌ. <i>Poemas da cabana montanhesa</i> – seleção de poemas. COHEN, Nissim (trad.). São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-Massao Ohno/Editores, 20/12/1994	362
MATOS, Olímpio José Garcia. <i>O Natal no Sadoyale</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1994	363
LÚCIA, Telma, <i>Grito calado</i> . São Paulo: SN Scala Gráfica-Massao Ohno/Editores, 18/09/2000	365
ROMERO, Leila. <i>Poemas para navegar</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1993	366
PERON, Teresinha. <i>Pão & circo</i> (crônicas). São Paulo: Massao Ohno Editor, 08/06/1993	367
CASELLA, Paulo. <i>Ciclo de vida</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/05/1993	368
GOGA, H. Masuda; HANDA, Francisco; SAITO, Roberto SENEAL; Humberto. <i>Antologia do haikai latino-americano</i> . São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-Massao Ohno/Editores, 15/11/1993	369
MATSAS, George. <i>O espírito da floresta</i> . São Paulo: Paulo Jacques-Massao Ohno/Editores, 15/08/1993	370
ANJOS, Maria dos. <i>Portugal-Japão: mares navegados</i> . Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes/ Aliança Cultural Brasil-Japão, 22/11/1993. [Coordenação editorial: Massao Ohno]	371
Ludmer, Paulo. <i>Línguaçodada</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 28/09/1994	373
ODA, Teruko. <i>Relógio de Sol</i> . São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-Massao Ohno/ Editores, 15/07/1994	375

YOSHIOKA, Reimei. <i>Por que migramos do e para o Japão</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 29/08/1995	376
CANCELLO, Luiz A. G. <i>Dia-a-dia: Fragmentos</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/11/1995	378
GOTO, Tomekiti. <i>Como uma erva silvestre</i> . Tradução: Yoshio Yasuda. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor, 10/07/1995	379
<i>Real, Ano 1: o dia-a-dia do Plano Real</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/09/1995	381
LEONARDOS, Roberto <i>Alguma andança</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/09/1995	382
CUNHA, Ayres. <i>Ponto de Partida</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996	383
MORAES, Ivan Wrigg. 3 x 4 (poesia). São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/06/1996	385
ANNUNZIATA, Mauisa. <i>Virações</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/12/1996	386
LIMA, Diógenes da Cunha. <i>Livro das Respostas</i> (Face ao Libro de Las Preguntas de Pablo Neruda). São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996	387
FERRARINI, Flávio Luis. <i>A Captura das Águas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996	389
CARDOSO, Neusa. <i>Cantigas de amor, sem escárnio e maldizer</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, outono de 1996	390
VON KOSS, Monika. <i>Hera: Um poder feminino</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997	392
MARÉS GONZÁLEZ, Judith Domingues. <i>Véspera</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/1997	393
LUTTI, Leyde Zorovich Ribeiro. <i>Síssi: A Menina Iluminada</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997	394
SANTA MARIA, Eduardo Bueno de. <i>Estros em Prosa</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 22/08/1998	395
SCLIAR-CABRAL, Leonor. <i>De Senectute Erotica</i> . Versão: Marie-Hélène C. Torres. São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/03/1998	396
ECHAIME, Leila. <i>Poemas do Encantado</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/06/1998	398
OLIVEIRA, Teresa Cristina Meireles de. <i>Cantares de Marília</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 13/05/1998	399
PÉRES, Vera. <i>Loucura e transcendência: da Ignorância à Luz</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/10/1998	400
LUDMER, Paulo. <i>Outrarias</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/12/1998	401
LIMA, Diógenes da Cunha. <i>A Memória das Cores</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 26/04/1999	403
HILST, Hilda. <i>Do Amor</i> . São Paulo: Massao Ohno Estúdio-Edith Arnhold/Editores. 30/03/99	404
SBRAGIA, Lourenço. <i>Olhar do retrovisor</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/04/1999	405
CESTAC, Veronica. <i>Neste Verão</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/05/1999	406

ALLEGRO, Djalma, <i>Retomada</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/09/1999	407
WIS, Luciana. <i>viDa</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/11/1999	408
LEIRNER, Giselda. <i>A filha de Kafka</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999	409
LUDMER, Paulo. <i>Alcinhas</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/09/2001	410
MELLO, Donaldo. <i>Véspera de Azul</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 2002	411
SALMERÓN, Sonia L. <i>Saudade Cidade</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/11/2003	412
Fonseca, Ana Luíza. <i>Luas de papel</i> . São Paulo: Massao Ohno, 30/07/2004	414
SEABRA, Carlos. <i>Haicais e que tais</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/10/2005	416
<i>Centenário da imigração japonesa no Brasil, 1908-2008</i> . São Paulo: Editora Escala, 2008 (Direção: Massao Ohno)	417
SILVEIRA, Marisa Sarmiento da. <i>Ramalhete de Haikais</i> . São Paulo: Massao Ohno Editor, primavera de 2008	419
RESGATAR os Olhos da Descoberta. In: Tide Hellmeister: Design Gráfico. São Paulo: SESC, 1994.	422

BEZNOS, Clovis. *Outros Poemas*.
Massao Ohno Editor: São Paulo, 07/06/1973

[nota inicial]

Reencontrei Clóvis casualmente quando atravessava a Avenida São Luís, há dois meses, seis horas da tarde, as buzinas reclamando passagem, não houve tempo senão para ditar-lhe o meu telefone: 80-6340!

Estava então cogitando voltar à atividade editorial, que deixara em 65 por diversas razões.

Marca uma coincidência o fato de que a Massao Ohno começou a editar com o livro “Poemas do Amor Mais Puro”. Do próprio Clóvis, isto em agosto de 59, portanto há catorze anos passados.

Volto agora renovado, disposto e um pouco mais experiente, creio, do que nos idos loucos dos sessenta. Principalmente mais tranquilo e com aquela compreensão que só 7 anos de sobreviver a qualquer custo podem dar. Sete amargos anos desesperados, de deserções e frustrações.

Volto, creio, limpo e renovado e basicamente muito só. Que o trabalho a que me dou agora é de solidão. Começo agora a amar as criaturas e portanto entendê-las.

Torna-me muito feliz o fato de poder prodigalizar-lhes livros. E em modéstia espero que eles sejam aceitos.

M.O.

SAVARY, Olga. *Sumidouro*.

São Paulo: Massao Ohno/João Farkas/Editores, 20/09/1977

[contracapa]

SUMIDOURO reúne poemas líricos e conceituais e registra a aventura de ser-Poeta, aquele que faz do ato de viver o ato essencial de escrever poesia: o ato de nomear o Real e o Possível e que, mais do que arrefecer uma forma de vida ou uma imagem-se-mundo, propõe ao homem uma convivência mais íntima e gratificante com o mundo que lhe cabe viver. Foi exatamente essa funda conscientização do ser-Poeta, cerne problemático de SUMIDOURO, o elemento-chave que nos permitiu perceber com mais facilidade a evolução (ou mutação) que se deu em sua palavra poética.

Poeta que não tem pressa e que constrói, lenta e lucidamente, seu universo poético, Olga Savary, como criadora, define-se pelo difícil espírito de síntese que está na natureza da verdadeira poesia.

Os poemas de Olga Savary são, pois, dos que revelam com nitidez o jogo das forças culturais/existenciais que vem dinamizando a criação poética contemporânea.

A poesia de SUMIDOURO dá voz ao pensamento criador mais atual o que vê no poeta o ser-que-cria, a mediação essencial entre o caos e o novo cosmos em gestação.

Massao Ohno/João Farkas/Editores

GUIMARÃES, Geraldo. *América, Latina:*
O trabalho fotográfico de Geraldo Guimarães.
São Paulo: Massao Ohno/ Miriam Strauss Studio, __/05/1978

[contracapa]

Geraldinho é o amigo de todas as horas, que fotografa nas horas vagas. E como. Procurado, requisitado, admirado porque a sua fotografia não mente nunca. É vida.

Creio que começou nos tempos vibrantes de Última Hora de Wainer. E continua até hoje coerente e uno, um dos últimos exemplares do jornalismo-vibração, do instante do momento ômega do acontecimento, nada de estúdios e de estudos muito elaborados. A América Latina deve ter sido um prato gigantesco, uma feijoada completa, para a sua câmera voraz. Dezenas de milhares de fotos feitas, a serviço das principais agências, restaram algumas da sua maior predileção. Que são estas que compõe este livro-relato.

Oh, América Latina.

Massao Ohno

ODRIOZOLA, Raulita. *Livro de Amor/Poemas*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978

[inicial]

Da edição de “Poemas do espelho” (1959) até a “Livro de Amor/Poemas” medeiame vinte anos do meu conhecimento de Raulita. À parte os dados rebarbativos, presumíveis, assusta-me o fato de que há duas décadas esteja me dedicando ao ofício de fazedor de livros; e que os poetas continuem poetando, apesar de todos os pesares.

Repasso então centenas de nomes, de situações e tensões vividas. Lamento os que se foram tão cedo, oh Lupe, Carlos Maria, Milliet, Krahnenbul, Sylvio da Palma, Apocalipse, Ovalle, Luiz Lopes, Arnaldo, tantos. Todos vivos na estante da minha memória. Outros, distantes, alguns esquecidos, alguns mortos. Definitivamente. Temporariamente. Há os que começam, persistem, os que bandeiam, há de tudo. Insisto eu também, com insegurança, denodo, desespero, paciência. Permitam-me. Ou, então, Maiakovski: nesta vida, morrer não é difícil, difícil é viver a arte e o seu ofício. (É bem assim?)

Do “Livro de Amor/Poemas”, posso dizer que é um livro todo de Raulita, escrito letra-a-letra. Coube-me apenas acionar os botões de uma engenhoca e, fiat!

São Paulo, 14 de novembro de 1978

M.O

ROVIRALTA, Raul. *Idem, ibidem*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1978

[contracapa]

Maneira de ver Raul Roviralta

Na poesia, lugar geométrico da felicidade, ego alternativo, tempo zero e espaço mágico, paraíso perdido da memória, a gravidade inexistente. Flutua-se, pois. Embriaguez eterna, sem culpa ou medo. O poeta, pássaro de si mesmo, não se dimensiona - não existe a barreira matemático-categórica do infinito, existem o sonho e a pausa, alegorias sensoriais do eterno, a poesia sendo o único efêmero consentido - o poeta faz incursões ao cotidiano dos homens (por vezes é capturado) e do antitético das situações retira o liquor polinizador, o que irá consagrar, no recôndito da condição humana, vilipendiada e embrutecida, o gineceu da sensibilidade.

É o poeta um fingidor? Não creio mais.

Às quartas-feiras de sol, incursiona o poeta Roviralta, vampiro ávido da condição humana. Aos sábados, de lua nova, gera magicamente um poema. Muitos sábados, muitos poemas, um livro. Leia atentamente.

O Editor.

MUSATTI, Jeanete. *Sonhos de Pondji*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/01/1979

Mais vale sonhar a vida do que vivê-la
Embora vivê-la seja ainda sonhá-la
Marcel Proust¹

[inicial]

Com absoluto rigor na fatura, sequer uma concessão, Jeanete Musatti apresenta-nos este “Sonhos de Pondji”, alegoria poética de fino labor - círculo elevado a espiral rumo ao zênite de nossa sensibilidade.

Qualificá-lo-ia de conto zen, uma lição de mestre para os sentidos de quem quer sentir. Mas o “mestre” no querer de Guimarães Rosa: “não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

E a autora aprendeu, nos vários mergulhos rumo ao insondável, que a arte verdadeira é isso: um pressentimento das coisas próximas ao Mistério, uma infância plena, posteriormente reencontrada enfim, uma lídima expressão da alma.

Pondji - substrato instintivo, fórmula-mínima do Amor. Identificar-se com ele, possibilitar sua invasão branda, é preciso. Misteriosos, mágicos desígnios o desse gnomo da consciência, pleno, intransitivo, eterno. Seja bem-vindo.

Grande responsabilidade a da feitura deste livro, a nível da proposta da autora. Que me compreendam qualquer imperfeição na realização. Risco que prazenteiramente corro, porque a messe, asseguro-lhes, será surpreendente.

O Editor

São Paulo, 13 de fevereiro de 1979

¹ [na página que antecede a apresentação]

KEMPF, Roswitha Gary. *Reflexos, Reflexões*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1979

[inicial]

Roswitha Gary Kempf edita seu primeiro livro de poemas. Aos 51 anos. Não se trata, tenho certeza, de qualquer acesso momentâneo de criação e afirmação, mas um relicário de profundas sensações sorvidas lentamente.

As circunstâncias devem ter pautado seu procedimento, desde a sua chegada ao Brasil, com oito anos, direto de St. Ingbert, Alemanha, para Rolândia, Paraná, onde seus pais se instalaram pioneiros. As dificuldades naturais de aculturação e de assimilação devem ter pautado sua primeira infância. Posso imaginá-la infante, adolescente, mulher, acompanhando o trabalho da família no amanho da terra, da sementeira à colheita, dia após dia numa respeitosa consagração da Natureza magnânima. Esta, com certeza, a origem do seu estro poético.

Cumprindo seus desígnios, Roswitha administra sua fazenda em Rolândia, e repassa no tempo e na memória a vida plena que levou neste livro, registro de suas mais lídimas evocações. E se pergunta se valeu a pena. E eu diria, como Fernando Pessoa, que “sempre vale a pena, desde que a alma não seja pequena.” *Reflexos, Reflexões* comprova isto.

O Editor

CAVALCANTE, Joyce. *Livre & Objeto*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1980

[final]

Esta é Joyce, a autora. De seu dentro ela tirou estes textos, partindo da premissa de que seu dentro estende-se ao de todas as mulheres. Esta é Joyce, dando uma nova dimensão poética ao que até agora tinha sido estigmatizado como violência e submissão. Aqui temos a mulher livre, revivendo livremente suas vivências, exorcizada de todas as cadeias, sejam elas da província ou da metrópole. Mulher gostando de ser mulher, Mulher por opção.

Livre & Objeto não é simplesmente um livro, é uma filosofia. Um modo de vida, balanço dos dias. Ele encerra uma balança maior do que a que transparece numa primeira leitura: ele vem para mudar a tonalidade de seu tempo, para documentar a formação de uma geração de mulheres plenas de amor e de homens dispostos a também assumir essa ruptura com o imobilismo e a rigidez. Pessoas novas acompanhando atentamente seu ritmo orgânico, sem restrições.

Este é o terceiro trabalho de Joyce. Anterior ao presente livro foi o romance *Costela de Eva*, lançado a pouco pela Global. Segundo a crítica, ele é a saga da subcultura feminina. Seu primeiro livro, lançado em 1978 pela Editora Referência, foi o apocalíptico *De Dentro Para Fora*. Ambos polêmicos, eróticos e políticos, na medida em que o simples fato de ser mulher numa sociedade patriarcal já é um ato político. E Joyce leva esta afirmação às últimas conseqüências, participando ativamente de grupos feministas. Indo à luta.

Há dois anos a autora vem tendo seus contos premiados no concurso de literatura da revista *Status* consolidando uma obra de raro valor que certamente não passará despercebida neste país de muitos escritores e, supremo contraste, milhões de analfabetos.

O Editor

SAVARY, Olga (trad.). *O livro dos Hai-kais*.
1ª ed. São Paulo: Massao Ohno/ Roswitha Kempf, 30/06/1980

[inicial]

Da parte de Olga Savary, este livro é dedicado a Tomie Ohtake, Kaminagai, Tizuka Yamazaki - depois da deslumbrada leitura que fez do seu *Gaijin*, junto comigo.

Mabe, creio, dirige o seu afeto, vigor, a toda uma colônia que o incentivou e aos amigos que conquistou nessa odisséia plástica rumo ao pódio dos melhores artistas do século.

E eu o ofereço a toda uma estuante terceira geração, que vem invicta, brasileira, para que não esqueçam que nos bolsos pobres de seus avós vieram também as sementes de um sentimento poético eterno; muito em particular eu o dedico a Beatriz - fruta-temporã, segundo Nojiri - e à memória de Christina Figueiredo.

Massao Ohno

MADUAR, Alberto. *Uma história em quadrinhos*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/12/1980

[inicial]

O AUTOR

Nascido em Santos num 1º de janeiro, atribui ao seu signo de Capricórnio a lentidão para realizar as coisas. Mesmo assim, já fez um bocado delas. Nos anos 50, foi ator profissional, tendo participado dos primeiros teleteatros da TV brasileira. Nessa mesma época, começava como jornalista na Editora Abril, traduzindo as revistas de Walt Disney. Batizou, em português, personagens como: Tico e Teco, Zé Grandão Lobo, Maga Patalójika e foi um dos primeiros a criar as histórias nacionais do Zé Carioca. Criou também dezenas de roteiros para histórias em quadrinhos de Oscarito e Grande Otelo, Mazzaropi, Fuzarca e Torresmo.

Em 1957 Alberto Maduar publicou um livro de poesias da juventude que conquistou Menção Especial no Prêmio Internacional de Poesia Simón Bolívar realizado em Siena, Itália, para poetas de línguas neo-latinas. Título: “Ciranda – cantigas de rodas para adultos”.

Iniciou sua outra carreira, a de publicitário, na Lintas, como redator de comerciais, em 59. Foi redator na Itapetininga Propaganda, voltando à Editora Abril para ser diretor de criação do seu primeiro Departamento de Propaganda. Nos anos 60 criou o logotipo da revista “intervalo”, da qual se tornou diretor.

De 1967 a 68 esteve nos Estados Unidos escrevendo roteiros em inglês para histórias em quadrinhos de Walt Disney. De regresso ao Brasil trabalhou na Editora Bloch, onde, entre outras coisas, dirigiu inúmeras fotonovelas.

Nos anos 70 estava de novo em São Paulo, redigindo os Manuais Disney da Editora Abril. Nessa época escreveu duas novelas românticas publicadas pela Abril: “A ilha do mar revolto” e “A dama do crepúsculo”.

Voltou a escrever histórias em quadrinhos: “O sítio do pica-pau amarelo” e “Os trapalhões”/ Finalmente retornou à publicidade, na DPZ, onde trabalha até hoje como redator de propaganda.

O Editor

MAIER, Mathilde. *Os jardins de minha Vida*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981

[contracapa]

Jardins do velho e do novo mundo assumem na vida de Mathilde Maier um papel tão significativo que este seu encantador livro de memórias se constitui uma autobiografia. Mathilde e seu marido, o advogado Max Hermann Maier, puderam escapar ainda na última hora em 1938 da perseguição dos nazistas na Alemanha e, numa experiência totalmente nova, formaram uma fazenda de café no Paraná.

De modo extremamente imaginativo e rico em cromatismos ela fala de jardins tão diversos de sua vida. O arco se estende desde a infância até os jardins encantados dos beija-flores, em Rolândia. De permeio, os jardins e os acontecimentos de sua juventude e adolescência em Trier e Frankfurt - anos de formação no seio de uma família judia arraigada nas tradições culturais germânicas burguesas - os jardins em München no tempo da Universidade durante a Primeira Guerra Mundial, quando mulheres ainda não eram bem vistas nas Faculdades, e os primeiros anos de seu casamento em Frankfurt, sob um horizonte cada vez mais anuviado, e finalmente as paisagens tão diferentes no Brasil, a formação e o crescimento de seu próprio jardim e de outros, relacionado sempre com todos os eventos de sua vida.

Desnecessário explicar que a terra de Goethe e Schiller e tantos lumiares do espírito humano não mereceria ser conspurcada com as vilezas de um militarismo faccioso e atroz. Período negro da História que a autora sublimemente olvidou. Humanismo, sabedoria e um grande amor são os ingredientes desta pequena jóia literária que tocará fundo a sensibilidade dos leitores. Um livro enfim, para os que amam jardins, assim como para os apreciadores de crônicas de cunho pessoal, numa tradução primorosa de Roswitha Kempf, imigrante também, radicada em Rolândia, Paraná.

São Paulo, maio de 1981.

O Editor

OSÓRIO, Antônio. *Emigrante do Paraíso*.
2ª ed. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/ Editores, 1981

[contracapa, s/crédito, acima do nome/logo dos editores]

Lançar Antônio Osório no Brasil, num momento de alta tensão na poesia e na vida nacional, é um passo decisivo para a recuperação do narrativo, do instante poético resgatado a cada minuto, contemporâneo em sua maneira barroca.

A investigação que o lusitano Osório realiza na medula da vida vai além de um mero preciosismo. Ela revela uma falta sempre presente. A tarde abrindo seus leques ao poeta, que a decifra minuciosamente e parte, ultramarino e cambiante.

Massao Ohno-Roswitha Kempf Editores

OLIVEIRA, Jandyra Sounis Carvalho de. *Poemetos*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982

[Apêndice ao final composto por: 1. Carta da autora ao editor; 2. Carta do editor à autora; 3. Perfil da autora assinado pelos editores, páginas não numeradas]

{1.}

Mas voltando a você, Massao, entusiasmei-me ao ouvi-lo contar sobre a maneira como foi educado, numa severidade imensa, e como atingiu a sua meta na arte, por você mesmo, com o seu valor próprio. E que importante trabalho você vem desenvolvendo para a nossa Cultura!

Retornando aos meus versos, eles exprimem o que de melhor trago de mim, ambicionando num amanhã o **Algo**. Entreguei-me um pouco à corrente simbolista de Cruz e Souza e de outros filiados a ela, mesmo sentindo o antagonismo formal e irreversível entre matéria e espírito, “Mesmo vendi/ o lodo/ vejo que a Natureza/ é parte bela/ de um todo/ de esplendores/ de Beleza”.

Quanto à arte de meus avoengos, mecenas que foram, trago a devoção para a música, pintura, escultura, literatura, que transmiti às minhas filhas: Jocy-pianista-compositora e Josely-artes gráficas-designer, ambas pelas suas carreiras, sempre distantes no estrangeiro, e aos meus queridos netos Eleazar Filho e Emiliano Alphonso, os dois alma-de-artista por atavismo.

Sonho, sonho rios, nascentes... Outra estória entrelaçada de chuvas de verão, as manhãs transbordando versos e as luzes de um outro dia!

Mesmo sem dramatizar o meu coração já no inverno, sinto a beleza do Mundo, desse mundo onde poucos seres se entendem. **“Houve antes/ quem afirmasse/ que o mundo /é um formigueiro/ de esplendores/ a dourar-se/ no cosmos/ azul/ inteiro! Os vivos/ são mais fantasmas/ do que os mortos/ o são/ mesmo envoltos/ nos miasmas/ há o perfume/ de um botão!”**

Obrigada, Massao.

Jandyr

z2.] [1ª pág.]

Jandyra, linda carta a sua, tão espontânea e elucidativa, que resolvi inserir como apêndice de seus Poemetos. Também porque acho importante que o leitor se inteire do intenso relacionamento biunívoco que se estabelece entre Autor & Editor durante o processo gestatório do livro, desde o momento da concepção até a obra acabada e entregue. Fascina também o imaginar a quantos atinge uma edição e a inter-relação livro (fomites) - leitor (consumidor); por quantos meandros capilares a seiva criadora irá percorrer até fecundar a imaginação do receptor qualificado. A tantas, se perde absolutamente o controle desse alcance mágico. E é inevitável e bom que assim seja.

O livro é um objeto medieval, da Galáxia de Gutemberg, como já o disseram: Guardo com o maior respeito os nomes dos editores que povoaram com sua produção livresca a minha infância e juventude: José Olympio, já venerado, Martins Editora, Brasiliense, Globo, Saraiva, Mário Graciotti do Clube do Livro e tantos outros. Milhares de livros que li com sofreguidão, volúpia mesmo. Um prazer que persistirá para sempre.

Minha experiência no campo é tímida. Limitei-me à edição de poesia, senão porque a consumisse avidamente, pelo fato de notá-la vilipendiada ou relegada ao esquecimento, num momento de grandes massificações e fracionamento cultural. E também porque as outras áreas estavam razoavelmente supridas pelas diversas casas editoras. Mas essencialmente por gosto.

[2ª pág.]

Os novos que editei, a partir de 1959, já não são tão novos, outras safras surgem, promissoras, e então vamos lá, pra ver no que dá. Não posso esperar que todos os editados sejam gênios - alguns os há - tomados porém de tantos problemas, que sobreviver atualmente é tarefa árdua - que a produção é escassa e temporária. Mas como “de tudo resta um pouco”, segundo C.D.A., dou-me por satisfeito e bastante.

Num sentido amplo, amo o poeta e seu desvario, a sua dualidade martir-herói, o sacro e o profano nele contidos, “Pan e Cristo, Cristo e Pan”. A poesia é inalienável da condição humana, “só poeticamente se pode viver” no dizer de Pessoa. Jovens ou velhos, estilos e modismos à parte, importante é sentir o mundo e as coisas através da ótica da poesia. Gosto de românticos, simbolistas, parnasianos, modernistas, concretistas, vanguardistas, sem preconceito algum, desde que a proposta e a formulação sejam bem

elaboradas. Assim, interessa a poesia em todos os níveis, porque é nos diversos níveis que ela vai sensibilizar as diversas pessoas. E o círculo se fecha e pode se elevar em espiral “desde que a alma não seja pequena.” Vale a pena, pois, sempre.

Jandyra, creia, foi maravilhoso editar você.

Afetuosamente, o

Massao

[3.]

A autora é de origem francesa pelo lado paterno (seus avós são os Sounis, dos Alpes Chamberry) e dos desbravadores, pelo lado materno (os Rocha Loures de Guarapuava, Paraná).

Fez seu curso de humanidades no Instituto Lafayette, Rio de Janeiro, e o curso de piano no Instituto Nacional de Música, Rio de Janeiro, com o Prof. Custódio Goes. Diplomou-se pela Academia Paulista de Música.

Ainda muito jovem, foi uma das fundadoras do “Centro Paranaense Feminino de Cultura” de Curitiba”. É membro da “Academia de Letras José de Alencar (Paraná), ocupando a cadeira número 36: do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico paranaense: da União Brasileira dos trovadores. Faz parte da Associação Internacional de Escritores Jornalistas (AGEBE-PR) e foi uma das fundadoras da “Associação de Musicoterapia” (PR), entidade pioneira no Brasil, onde criou a Revista de Musicoterapia, a primeira da América Latina. Iniciou a “Página Literária” num periódico paranaense, pela qual foi responsável durante muitos anos.

Pela publicação de seu livro “O Nada” prefaciado pelo acadêmico Vasco Taborda, foi eleita “Personalidade-Escritora do Ano” em 1976. Sua “Missa em Trovas”, “tocada” pelos poetas acadêmicos, foi levada na Capela da Secretaria de Cultura do Estado e oficiada pelo Bispo Auxiliar do Paraná.

Esta “admirável mulher”, que “se realiza profundamente como poeta transcendental, sendo suas sínteses brilhantes”, conforme a descreveu o grande poeta Menotti del Picchia, é autora ainda de “Uma Vida é Um Fragmento”, prefaciado pelo acadêmico Walfrido Piloto e apreciação crítica de Temístocles Linhares, e de “Policromia”, ambos da editora paranaense Formigueiro. Seu livro “O Nada””, que teve indicação de Cassiano Cordi, chefe do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, mereceu a seguinte análise da titular da Cadeira de Letras da mesma Universidade, Miguelina Soifer: “a inspiração da autora se acentua a partir da percepção imediata do concreto natural rumo à recriação essencial do universo externo e do eu que o conhece, num processo dialético que a autora define em sua primeira página: “Morta a Natureza/ quando a Ideia/ não a sustenta”, e que tem, na ciência, formulação coincidente: “o homem encontra-se a si mesmo”, afirma o físico Heisenberg, ao procurar qualidades objetivas no mundo e no universo. O que importa nesta obra é a busca, o interrogar-se do espírito que nos versos de Jandyrá se opera na nudez de um primitivismo verlaineano: *Le ciel pardessus le toi/ si bleu/ si calme...*”

Este é um rápido perfil da Autora de “Poemetos” que ora apresentamos, prefaciado pelo eminente Temístocles Linhares, e que levamos à apreciação de críticos e leitores.

Os Editores

RAMADAN, Ebrahim. *Vida Comprometida*.
São Paulo: Massao Ohno, 19/08/1982

[contracapa]

Parece uma pessoa de não se dar muito a conhecer, de inquieta brandura, sobrecenhos de indagação, romântico jornalista-guerreiro, dedos nervosos a tamborilar o caos da mesa, a própria redação ao-vivo, amargurado como todo jornalista de verdade, perscrutador dos bastidores da condição humana, a morte quente, manchete, o boudoir econômico, os impasses da Oposição, a Situação à esquerda da esquerda, a retranca, o fechamento compulsório, as rotativas zuum, a cabeça zunindo, doze horas no aquário da Redação, pensando, pensando.

Só mesmo amando. O jornalismo suado, pulsátil, a vida impressada. Haja neurônios, que te quero. Só o guerreiro pode entender a beleza da flor. Só. O jornalista é o panfletário da Grande Solidão, divide com o mundo a fatia da iniquidade, da desesperança, do estupor. E da pouca ternura que lhe resta, fabrica algum furtivo poema.

M.O.

Primavera de 1982

MEIRELLES FILHO, João Carlos. *Licença poética*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 27/08/1982

[contracapa, s/ crédito]

João Carlos Meirelles Filho nasceu em São Paulo, há 22 anos, e atualmente vive entre a Metrópole e o Sertão.

É formado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e atua na área de colonização e desenvolvimento integrado na Amazônia.

É um sertanejo por opção, um caboclo apaixonado que vive, desde a primeira infância, a aventura dos grandes rios, Amazonas, Tapajós, Juruena, das serras distantes da Bodoquena, conciliando, numa visão nova, um afinado senso cosmopolita e o amor pelas vastidões, verdes.

Participante de uma nova geração esperança, lança este “Licença Poética”, expressão sincera de seu fundo humanismo e apego pela Vida, tendo como respaldo pictórico nada menos que o melhor da fase figurativa do deslumbre Arcângelo Ianelli.

Finalmente, “chove no terceiro mundo”.

LEVITCH, Pedro. *Zás*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 09/11/1983

[orelhas]

O lugar geométrico da felicidade aqui-agora-sempre, *Zás*, assim decreta Pedro Levitch o seu êxtase, acompanhado de um bom séquito que lhe assegura tal ousadia.

Questão de ofício e de opção, determinação mesmo, perante a situação vigente, de poucas graças e mau humor crônico – antevéspera do caos.

Que tudo vai mal todos sabemos; difícil é, com engenho e suspicácia, conduzirmo-nos pelos subterrâneos da felicidade encarando a vida com dignidade e amor plenos. Mas nem tudo está perdido, há ótimos corações batendo em surdina, atentos ao mínimo sinal de ternura. “General da força humana – Verbo – marche”* contra a iniquidade, a pusilanimidade, a escrotidão. Avante, marchem pois soa a hora dos venais, conspurcadores, corruptos e vendilhões que já se digladiam em luta mortal. É chegada a hora e a vez dos justos e ternos, síndrome de Aquarius.

Zás é o poema do instante, do flagrante, haicai de circunstância, do cotidiano analisado com sutileza e precisão. Um segundo “Os meninos da Rua Paulo” de Ferenc Molnar?

A desconcentração formal de *Zás*, das cartas, recados e poemas, é pura ascese, despojamento intencional. Diria mesmo: *eu bem que poderia ser prolixo, mas prefiro a simplicidade: uma canção é mais bela quando todos podem cantá-la*.

Assim é Pedro Levitch *Zás*, sua fala correndo mansa, envolvente, lasciva, dionisiaca, sempre alertando: “Sábio não é aquele que sempre ensina, mas quem de repente aprende”, como diria o Rosa.

Zás é um lindo recado, corroborado pela sensibilidade maior de Olney Krüse, pelo vigor do eterno militante P.M. Bardi e pelo talento de Clautozzi. Um aparato relevante pronto a ser desfrutado. Boa sorte.

M.O.

*Maiakovski

MUTTO, Odete. *Alienação*. São Paulo: Massao Ohno-Ismael
Guarnelli/ Editores, 23/04/1984

[contracapa]

A condição humana encerra situações que a própria ficção não consegue imaginar, por vezes. Certos dramas, alguns estados alienatórios são esmagados pela engrenagem do cotidiano, um Moloch que exige horário, trabalho forçado, vítimas e expele discórdia, miséria, desengano, sofrimento enfim.

Este o cenário onde decorre a ação dos personagens de Odette Mutto, arguta observadora do caos cotidiano. Personagens anônimos, resignados ou rebeldes ao imperativo categórico que lhes reserva a condição de párias, lobotomizados por um sistema cruel e impassível.

A natureza humana, porém, tem suas defesas e reage surpreendentemente a tal fatalismo determinista, sob forma de uma alienação esquizofrênica coletiva, um estado de “encantamento” só passível de ser “quebrado” via conscientização da verdadeira condição de homem, com seis direitos assegurados, oportunidades igualadas, acesso à vida, enfim, com um mínimo de dignidade, sob a tutela de um estado mais afetivo.

Odete Mutto é, pois, a cronista deste caos, sem panfletarismo e extrema sensibilidade.

Uma leitura profícua, cremos, que irá tocar a fundo o âmago do leitor inteligente.

Massao Ohno-Ismael Guarnelli/Editores

SIQUEIRA, Priscila. *Genocídio dos Caiçaras*. São Paulo: Massao Ohno-Ismael Guarnelli/Editores, 02/05/1984

[contracapa]

O problema do genocídio dos caiçaras, ampliado, é o da maioria do povo brasileiro, espoliado, vilipendiado, vitimado pela sanha dos oligarcas que impunemente tripudiam sobre o que resta de esperança nestes brasis. A incompetência administrativa, a venalidade política e a corrupção institucionalizada transformavam o provável “futuro celeiro do mundo”, em poucos decênios, no maior e mais insondável devedor de toda a história da humanidade, com todas as indesejáveis consequências que tal fato acarreta: sacrifícios cada vez maiores à população já combalida, carente, miserável, desesperançada, famélica, e principalmente indignada com o “status quo”, que a impede ainda de definir o seu próprio rumo.

É neste cenário que a atuação de Priscila Siqueira, mais que denúncia, se faz sentir, resgatando ao oprimido, ao humilde, ao inocente os elementares direitos a que faz jus: o de viver, o de se associar, o de se manifestar, o de ir-e-vir e que tais. Verdadeira paladina-guardiã de tais princípios, não arredando pé e fazendo valer de todos os recursos de que dispõe, põe-se à luta com tanta e inabalada convicção que até multinacionais já chegaram a recuar em seus propósitos, dada a contundência de sua atuação.

Mais do que prestigiá-la, urge é colaborar com todas as nossas forças nessa sua luta que é, em última instância, a luta de todos os brasileiros.

Os Editores

YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. São Paulo:
Massao Ohno Editor 23/09/1984

[orelhas] Consideramos Katsuzo Yamamoto – empresário, humanista, homem de ação, jornalista – o mais ilustre “ex-japonês” do País. Aos setenta e cinco anos, cinquenta de Brasil, entre as tantas funções que exerceu ou exerce, destacamos basicamente: o estreitamento das relações comerciais entre os dois países; a implantação definitiva do Projeto Cerrado, um sonho seu que vem se afigurando como a solução definitiva para o abastecimento alimentar brasileiro das próximas décadas; e também a criação de uma Fundação, certamente para dar continuidade à complexa gama de funções que vem assumindo com tanta eficácia, principalmente nas últimas décadas.

Figura máxima viva da sociedade japonesa local, incontestavelmente, profundo conhecedor da mecânica comercial e industrial, não obstante é na atuação jornalística que a sua presença mais se fez sentir, ao longo de quarenta anos, seja contando episódios rotineiros ou analisando fatos econômicos e sociais de interesse aos japoneses, então pouco familiarizados com o idioma português.

Esta coletânea é uma amostragem desse seu desempenho jornalístico, muito bem captada e traduzida por outro jornalista de grande sensibilidade – José Yamashiro, autor, entre tantos livros, da “História do Samurais”, que para surpresa nossa interessou mais aos brasileiros do que aos ‘nisseis’ e ‘sanseis’, ainda um pouco impermeáveis às coisas do Japão, o que constatamos com muito pesar.

Os leitores poderão notar a afabilidade quase paternal no tom dos artigos aqui transcritos, o vigor atenuado pela ternura com que transmite os seus recados, o tom coloquial que imprime às crônicas, mesmo tratando de complexos assuntos econômicos ou políticos. Assim, durante anos seguidos, a sua palavra cordial chegou aos mais distantes rincões, instruindo o mais desassistido lavrador, dando-lhe alento e confiança no porvir.

Um homem de tal porte, de inabaladas convicções, já não pode retroceder mais, nem que o queira, pois o seu compromisso não é mais com a vida, mas com a História. Que belo exemplo de honradez, atuação plena e amor! Dignidade e ação são o lema desse

guerreiro que emerge da era Showa para a da informática, com o lastro de sua grande experiência e toda a alegria no coração.

Massao Ohno. Outubro de 1984

GOLDMAN, Sara. *Da Noite à Aurora*. col. Prata vol.1.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985

[orelhas]

Aproveitando a circunstância desta edição, meu primeiro livro de 1985 (comecei a editar em 1960), e a convite da autora, atrevo-me a algumas linhas à guisa de orelhas ou 4ª capa, jamais prefaciou posfácio, já que não sou douto nem capacitado para tanto.

Amei trabalhar com S.G., muito aprendi com a sua firme determinação de fazer, com a sua deliberação de amar intransitivamente, de existir e compartilhar sem desigualdades o seu *mundus* com o mundo que aí está, do jeito que ele é – cru, sem fantasia, cotidiano, bárbaro e belo.

Entendi que o seu compromisso é com a vida, e a dos seus pares – eu que pactuei sempre com a memória, com a marca, *vanita vanitatis*, olímpicamente desprezando o comezinho diuturno inglório e designificativo. Muito aprendi.

Acho oportuna a transcrição de alguma fala de Octavio Paz, sobre o fato da poesia:

“As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por um lado, são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datável.... O poema é um tecido de palavras perfeitamente datáveis a um ato anterior a todas as datas: o ato original com que principia toda história social ou individual: expressão de uma sociedade e simultaneamente fundamento dessa sociedade, condição de sua existência. Sem palavra comum não há poema: sem palavra poética tampouco há sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma... A linguagem que alimenta o poema não é, afinal de contas, senão história, nome disto ou daquilo, referência e significação que alude a um mundo histórico fechado e cujo sentido se esgota com o de seu personagem central: um homem ou um grupo de homens.... O poema é mediação entre uma experiência original e um conjunto de atos e experiências posteriores, que só adquirem coerência e sentido com referência a essa primeira experiência que o poema consagra....

Condenado a viver no subsolo da história, a solidão, define o poeta moderno. Embora nenhum decreto o obrigue a deixar sua terra, é um desterrado.... O exercício da poesia pode ser uma distração ou uma enfermidade, nunca uma profissão: o poeta não

trabalha nem produz. Por isso os poemas não valem nada: não são produtos suscetíveis de intercâmbio mercantil. O esforço que se gasta em sua criação não pode ser reduzido ao valor trabalho. A circulação comercial é a forma mais ativa e total de intercâmbio que nossa sociedade conhece e a única que produz valor.

Como a poesia não é algo que possa ingressar no intercâmbio de bens mercantis, não é realmente um valor. E se não é um valor, não tem existência real dentro de nosso mundo. A volatilização se opera em dois sentidos: aquilo de que o poeta fala não é real – e não é real, primordialmente, porque não pode ser reduzido à mercancia e além disso a criação poética não é uma ocupação, um trabalho ou uma atividade definida, já que não é possível remunerá-la... A situação de desterro, de si mesmo e de seus semelhantes, leva o poeta a adivinhar que, só ao tocar o ponto extremo, o ponto da condição solitária, cessará a condenação. O poeta, lançado nessa noite que não sabemos se é a da vida ou a da morte, perdidos todos os liames, descendo interminavelmente, é o homem original, o homem real, a metade perdida...”

Dessa noite, à aurora, o árduo caminho de Sara Goldman. Aprendam com ela.

M.O.

PORTO, Marlene. *Os Brasileiros* – Uma tragicomédia.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/08/1984

[orelhas, s/ crédito]

“OS BRASILEIROS – UMA TRAGICOMÉDIA”, de Marlene Porto, não é propriamente um tratado de sociologia, uma história do Brasil, um estudo de caráter nacional ou uma análise político-econômica da realidade brasileira; no entanto, tudo isso é bastante acessível.

Sem grandes fórmulas mágico-científicas, do tipo usado pelos estudiosos da área das ciências do homem, a autora descreve, conta e comenta, com muito humor, a realidade de seu povo e seu país.

O livro funciona, assim, como um espelho onde todos os brasileiros podem se olhar, para descobrir, ou mesmo redescobrir, a verdadeira imagem do Brasil.

Todos sabemos que os espelhos refletem coisas que nem sempre nos agradam mas nunca deixam de nos surpreender com detalhes novos. O importante é que, feias ou bonitas, as imagens estão lá.

Ao finalizar o livro, o leitor certamente questionará a fidelidade do que lhe foi mostrado por Marlene Porto, em seu estilo fácil, erudito, porém despretensioso.

O estrangeiro, para quem o livro não funciona como espelho, poderá melhor conhecer, através de suas páginas, a complexidade desta nação, com seus contrastes, mistérios, encantos, diversidade cultural, realidade sócio- econômica, problemas raciais, etc., enfim, tudo aquilo que não lhe é dado saber via informação turística, onde se salienta o Carnaval, o Futebol e o Samba.

Este livro é, em resumo, uma tentativa, um esforço, uma maneira entre tantas outras de ver, pensar e analisar o Brasil e os brasileiros.

Um dos fatores que tornam o livro de agradável leitura é a omissão de citações e referências complicadíssimas, que só tem seu papel natural nas obras científicas.

A substituição de uma linguagem hermética por uma linguagem aberta é reforçada pelos desenhos de Negreiros, que acentuam o lado cômico desta tragicomédia da qual, querendo ou não todos fazemos parte.

Aquele que se olhar no espelho brasileiro de Marlene Porto irá descobrir a própria realidade. Caso a imagem pareça espantosa ou distorcida, sugerimos ao leitor um exame imparcial do “como” e do “porque” o Brasil é o país que, apesar dos pesares, tanto amamos.

BUMAJNY, Mariselda. *Para lembrar o irmão menor*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 18/11/1985

[em frente ao olho]

Mariselda Bumajny é paulista, reside em São Paulo, onde trabalha. Estudou desenho na Escola Paulista de Belas Artes, Desenho e Pintura com Luigi Zanotto na F.A.A.P. e História da Arte com José Roberto Teixeira Leite. Participou de inúmeras exposições coletivas em Salões Nacionais, com diversos grupos, bem como em performances e Bienais de Arte. A quatro anos Mariselda vem aliando ao seu trabalho de artista plástica uma militância em favor da ecologia, mais especificamente em defesa dos animais, sendo membro de diversas entidades tais como a UIPA – União Internacional Protetora dos Animais, Associação Protetora de Animais “Quintal de São Francisco”, UDCAJE e outras.

Este livro vem a lume com o apoio do Grupo Quacker que sistematicamente vem prestando ajuda às entidades filantrópicas e de defesa do meio ambiente, e a quem muito agradecemos.

O Editor

RIBEIRO, Anna Maria Costa e outros.
Astrologia Hoje – Métodos & Propostas.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 21/11/1985

[orelhas]

A Astrologia no Brasil já tem o que mostrar; no entanto, a não ser que se recorra às apostilas dos diversos cursos, não se tem acesso ao que está sendo produzido nos consultórios e salas de estudo dos profissionais atuantes dessa antiga-nova ciência.

Esta é a primeira publicação realmente ampla no gênero, capaz de dar, inclusive ao leigo, noções de como é feito o exercício astrológico no Brasil. Trata-se de uma amostragem das várias maneiras de compreender e exercer a Astrologia, através de textos que expressam o pensamento e a maneira de atuar de cada profissional. Aqui o astrólogo-autor ficou totalmente livre para criar, demonstrar e colocar em discussão o seu ponto-de-vista sobre determinado tema. A Astrologia é suficientemente ampla para abrigar todas as tendências, pois já possui uma codificação segura, embasada, podendo acolher propostas e expressões as mais diversas.

Não houve um fio condutor temático nesse trabalho. A meta era a qualidade dentro da diversificação. O objetivo, mostrar que há muitos profissionais fazendo uma astrologia de alto nível no país.

Não se trata de um livro técnico, voltado somente aos *experts* e estudiosos da matéria. A linha conferida é mais para o didático-expositivo, cobrindo em arco, desde os tradicionalistas à pura vanguarda, passando pelos terapeutas, psiquiatras, homeopatas e demais correntes.

Astrologia Hoje – Métodos e Propostas vem a lume por ocasião, e muito em função, do 1º Congresso Internacional de Astrologia do Rio de Janeiro, realizado nessa cidade em novembro de 1985, sob os auspícios da SARJ – Sociedade de Astrologia do Rio de Janeiro, uma entidade sócio-cultural sem fins lucrativos que congrega astrólogos, estudiosos, pesquisadores e amigos da Astrologia.

A Beatriz Vilela Dima coube a difícil tarefa de coordenar, revisar e fazer editar o presente livro, com o necessário *imprimatur* de Maria Eugênia de Castro, diretora da SARJ.

O EDITOR

YOSHIMASU, Gozo. *Doido da manhã*.
trad. TAKAHASHI, Jô. Numen Editora Espaço Cultural, 1985. [Arte:
Estúdio Massao Ohno]

[apresentação]

SOBRE O AUTOR

Gozo Yoshimasu, 46, considerado pela crítica um dos melhores poetas japoneses contemporâneos, laureado com o grande Prêmio Rekitei (equivalente ao Prêmio Pulitzer), outorgado pelo Imperador ao seu Neppu (O Vento do Diabo), um poema-longo de 1.000 linhas, e com os Prêmios Takami Jun (equivalente ao National Book Award), e o Fullbright Travel Grant (poetas-em-residência na Universidade de Iowa), nasceu em Tóquio, em 22 de fevereiro de 1939. Doutorou-se em Literatura Japonesa, Universidade de Keio, 1963, onde atualmente leciona; é editor-chefe do Sansui Fine Arts Magazin e colabora intensamente com as revistas Bungei, Umi, Eureka, Bungakukai, Gendaishi Techo e também com os jornais Mainichi, Yomiuri, Asahi e Tokyo. Além de membro da Associação de Escritores do Japão e do Japan Pen Clube, faz parte do Comitê de Seleção do Prêmio Takami Jun.

G.Y. é um emérito declamador-performer e vem se apresentando assiduamente, desde 1965, com acompanhamento jazzístico, nas universidades de Keio, Waseda, Tóquio, Doshida e Hiroshima, bem como nos Estados Unidos e Europa, e agora, muito provavelmente, no Brasil.

Os esforços para a edição, em português, de uma seleção de seus poemas, devem-se à atriz Marília, sua mulher, e à sua admiradora Maria Isabel, ambas brasileiras, residentes em Los Angeles. De Marília recebemos o tape gravado das leituras-performance e os originais em japonês que constam in appendix, nesta edição; a tradução, confiâmo-la a Jô Takahashi, pessoa sensível, dedicada e, o que é mais importante, perfeitamente capacitada para tal mister e a quem muito agradecemos.

A conscientização de sua vinda ao Brasil, para leituras-performance e lançamento de seu livro, deve-se ao apoio da The Japan Foundation, que vem prestando notáveis serviços na divulgação da arte e cultura japonesas em todo o mundo, e mais significativamente em nosso

país já que se trata da maior colônia japonesa outside Japan: cerca de 1 milhão, se considerados os imigrantes e seus descendentes.

Sobre a aceitação da obra de Gozo Yoshimasu, tanto pelos japoneses aqui radicados como pelos nossos scholars, permanecemos na incógnita. Aceitarão os primeiros uma literatura de pós-guerra, de um Japão devastado e totalmente renovado, uma postura e proposta de além-vanguarda, tão dessemelhante da literatura tradicional; haverá abertura e compreensão, preparo e disposição para tanto? E os nossos estudiosos, aceitarão uma poesia que extrapola do texto para chegar ao som-ritmo-sequência-vibração, numa estonteante sucessão de imagens-texto não necessariamente articuladas, uma proposta multi-midia-sensação, espetáculo de impacção-ofereenda, poesia ôntico-sideral galopante, delirante loucura ou genialidade? Aguardemos. Kazuo Wakabayashi, o autor da capa e das ilustrações, e Tomoshige Kusuno, pintor, que conhecem a fundo a obra de Gozo, crêem firmemente que aceitarão. Como editores, cabe-nos apenas a primazia de estabelecer esta ponte: autor-público, autor-crítica, ligação esta tão mais intrincada quando há de permeio as águas sediciosas da tradução-traição, da interpretação errônea de signifiés e signifiants tão diversos quanto antípodas e assemióticos. Valem intenção e gesto, cremos.

Massao Ohno

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. *Fonte*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985

FARIA, Ivone Pedro. *Porta entreaberta*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 31/03/1986

KRYNSKI, Vera. *Na curva do azul*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 31/03/1986

GOMES, Diva. *Brinquedos*. Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 15/03/1986

GARCIA, Pedro. *Índice de percurso*. Coleção Jubileu vol.2, Fundação Catarinense de Cultura-Massao Ohno/Editores, 30/07/1986

HONÓRIO, José Carlos. *Em breve outra noite*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/09/1986

FONSECA, Dagoberto. *Lírios Cálidos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987*

HAZAN, Andrée, Verdevida. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988*

CAVALIERI, Ruth Vilela. *Beira Vida*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/09/1989*

*[ao final, inserção do texto: “Octavio Paz (in O Arco e a Lira)”]

[orelhas]

PAZ, Octavio. *O Poeta e o Mundo*

Achamos oportuna a transcrição de alguns excertos da dissertação de Octavio Paz, esse eminente poeta e estudioso da Literatura, quando de sua visita a São Paulo, sobre o poeta e o mundo: “Creio que a reflexão se nutre sempre da criação e, por sua vez, a criação se nutre da reflexão. Não é certo que o pensamento é inimigo da poesia, e que os poetas tenham que ser, forçosamente, instrumentos cegos da criação, sem nenhuma consciência. Não concebo a poesia sem metáforas, a própria linguagem é uma metáfora e não fazemos senão metáforas de metáforas. A linguagem é inventora do mundo mas também sua dissipadora – este é o fundamento da poesia. Sem a poesia o mundo não existiria totalmente. Quer dizer que nunca nem a poesia nem a linguagem refletem o mundo e nada mais... Creio que toda obra literária é uma obra histórica, está datada. Está claro que a fez um homem, numa determinada sociedade, e que neste sentido ela se inscreve numa história determinada, numa sociedade precisa, mas também essa obra se desprende de sua

época, é lida de modo diferente dez, vinte, cinquenta anos depois; cada leitura é uma modificação da obra, cada leitura é uma recriação da obra. Assim, pois, os leitores sucessivos, as gerações sucessivas, de um lado continuam a obra, a repetem, repetem o gesto original do poeta ao escrever a obra, ao mesmo tempo a mudam: há continuidade e há variação, há invenção e há repetição. A literatura está feita, na minha opinião, dessas duas forças.”

“As palavras do poeta, justamente por serem palavras, são suas e alheias. Por um lado, são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datável. (...) O poema é um tecido de palavras perfeitamente datáveis a um ato anterior a todas as datas: o ato original com que principia toda história social ou individual: expressão de uma sociedade e simultaneamente fundamento dessa sociedade, condição de sua existência. Sem palavra comum não há poema: sem palavra poética tampouco há sociedade, Estado, Igreja ou comunidade alguma... A linguagem que alimenta o poema não é, afinal de contas, senão história, nome disto ou daquilo, referencia e significação que alude a um mundo histórico fechado e cujo sentido se esgota com o de seu personagem central: um homem ou um grupo de homens. (...) O poema é mediação entre uma experiência original e um conjunto de atos e experiências posteriores, que só adquirem coerência e sentido com referência a essa primeira experiência que o poema consagra. (...)

Condenado a viver no subsolo da história, a solidão, define o poeta moderno. Embora nenhum decreto o obrigue a deixar sua terra, é um desterrado.... O exercício da poesia pode ser uma distração ou uma enfermidade, nunca uma profissão: o poeta não trabalha nem produz. Por isso os poemas não valem nada: não são produtos suscetíveis de intercâmbio mercantil. O esforço que se gasta em sua criação não pode ser reduzido ao valor trabalho. A circulação comercial é a forma mais ativa e total de intercâmbio que nossa sociedade conhece e a única que produz valor.

Como a poesia não é algo que possa ingressar no intercâmbio de bens mercantis, não é realmente um valor. E se não é um valor, não tem existência real dentro de nosso mundo. A volatilização se opera em dois sentidos: aquilo de que o poeta fala não é real – e não é real, primordialmente, porque não pode se reduzir `` mercancia e além disso a criação poética não é uma ocupação, um trabalho ou uma atividade definida, já que não é

possível remunerá-la... A situação de desterro, de si mesmo e de seus semelhantes, leva o poeta a adivinhar que, só ao tocar o ponto extremo, o ponto da condição solitária, cessará a condenação. O poeta, lançado nessa noite que não sabemos se é a da vida ou a da morte, perdidos todos os liames, descendo interminavelmente, é o homem original, o homem real, a metade perdida...”

ECHAIME, Leila. *Poesia-Poesia*. São Paulo:
Massao Ohno Editor, 15/03/1986

[orelhas]

UMA TRAJETÓRIA POÉTICA

Três linhas sinuosas, prolongadas até o infinito, incessantemente reaproximadas e divergindo sem cessar: o que o homem julgou ser; o que ele quis ser; o que ele foi.
Marguerite Yourcenar

Leila Echaime, com *Poesia-Poesia*, completa a trilogia, iniciada com *Flauta Silente* e *Aveávida*. Pressentia-se, já no seu primeiro livro, a chama da grande criação poética, o dizer que se “inicia como silêncio, esterilidade e secura (...) uma carência e uma sede, antes de ser uma plenitude e um acordo (Octavio Paz). *Aveávida*, o segundo livro de L.E., já é a plena inquietação, a busca angustiada da plenitude amorosa, o grito estertorado sem resposta ou eco. *Poesia-Poesia* é a experiência do sagrado do amor, da perscrutação do mistério, sondagem decorrente das experimentações já ensaiadas nas obras anteriores. Assim, a flauta *desperta* como um canto maior: Pã; a ave-ávida recolhe-se a meditação, ao sagrado: Cristo. Portanto, Pã e Cristo, o sacro e Dionisos, *yin-yang*, faces da mesma moeda, louvação do amor: *Poesia-Poesia*.

São, pois, três linhas sinuosas que convergem, divergem e se completam. Amor, religião, poesia – unidade tripartite indissolúvel, solene, navegando entre o eterno e o efêmero, finito e infinito, macro e microcosmo. “O que é já foi, o que será já foi”, mas a fé pode remover montanhas – isso é Poesia.

O fato do advento poético é sempre alvissareiro. Saudamos, pois, este *Poesia-Poesia*, obra que eleva Leila Echaime à condição de poeta-maior, dentro da constelação dos grandes valores literários brasileiros. Poucas e tão óbvias palavras diante do enorme esforço obreiro dispendido pela A. em sua geração.

Mas L.E. não descansa sobre os louros – já se devota a um novo trabalho – pois sabe que “o poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser contemplada e vivida por um novo leitor”, no dizer de O. Paz. Não se pode pretender nada final ou definitivo; uma mesma obra pode cair no esquecimento, numa época, para ser reassumida posteriormente e então ser devidamente apreciada. Não há uma leitura única, insofismável; há várias, perante a História. E será este o momento azado para a leitura de Poesia-Poesia? – nos indagamos, ao mesmo tempo em que convidamos o prezado leitor para uma apreciação nutrida do mesmo, e pelo que agradecemos.

O.EDITOR

março de 1986

O nikkei e sua americanidade. col. Métodos.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/1986

Temas apresentados na III Convenção Panamericana Nikkei
Convenção Panamericana Nikkei (3. : 1985 : São Paulo, SP)

[orelhas]

No âmbito de um Congresso, dezenas de teses são apresentadas por profissionais de diversas áreas, alguns dos quais levaram anos para a observação e elaboração de seus temas, que são expostos no decurso de poucos dias e com horário limitado para a discussão dos trabalhos, descontado ainda o tempo do social de conagração e as atividades extra-congressuais.

Para o participante ou observador os fatos correm muito céleres: não há tempo para uma apreciação mais demorada dos temas propostos, assuntos em debate dispersam-se no próprio calor das discussões e, por mais dedicado que sejamos, não já a possibilidade de uma cobertura total do temário.

Assim, os organizadores da III Convenção Panamericana Nikkei resolveram pela publicação deste livro, que pode mostrar com grande abrangência e necessária profundidade os estudos realizados e propostos pelos nikkeis nas diversas áreas de exatas e humanas, em todo o continente americano.

O termo “americanidade” pode surpreender, a princípio, pelo neologismo, mas explica-se pelo “signifiant” que encerra. Com a devida vênica dos puristas, ela expressa melhor o sentimento, ao mesmo tempo de emoção e de responsabilidade histórica, de que somos possuídos quando procuramos encarar a nossa problemática da identidade cultural e do desenvolvimento.

Este livro representa um documento histórico para as próximas gerações. Há escassez de material nessa área até agora poucas obras, mesmo assim de circulação restrita a estudiosos, foram elaboradas, não ensejando um farto material para os pesquisadores, futuramente. Esperamos que a situação se reverta, doravante, antes que faixas de gerações desapareçam sem deixar o testemunho de suas lutas, abnegações, infortúnios e glórias.

Portanto, qualquer ajuda na difusão cultural, deste e dos demais trabalhos que venham a ser publicados sobre o tema, é para nós motivo de satisfação e júbilo, pelo que agradecemos de antemão.

O Editor

MUSA, Nhô. *Só poesia*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 10/05/1986

[apresentação, p.5]

João Francisco Soares (Nhô Musa) nasceu aos 24 de junho de 1900, em plena noite de São João, na cidade de Lençóis Paulista, filho de Isabel e de Severiano Soares, também conhecido como Silvério Musa, de quem herdou o gosto pela Natureza; veio para o município de Avaré muito criança.

Nhô Musa foi, ao longo dos 83 anos de vida, fazendeiro, tropeiro, retireiro, boiadeiro e barbeiro, completando agora 53 anos nesse ofício.

A saudade da roça, do campo, da vida caipira, inspirou-o a escrever, desde 1945, no “O Avaré” e no “A Comarca de Araçatuba”, com o pseudônimo de Chico Trova. Comandou, ainda, durante 35 anos, o programa “Luar do Sertão” e “Rancho Alegre”, na ZYS-3 Rádio Avaré, o que lhe valeu diversos troféus estaduais.

Só poeticamente se pode viver, dizia Fernando Pessoa, e Nhô Musa o conseguiu. Aí a razão desta edição-homenagem que fizemos imprimir sob orientação de sua neta, Regina Andrade, estudiosa de Letras e professora de Avaré.

Os editores

[ao final do livro p.141 e 142]

Entrevista ao Semanário “O Avaré”

1. Por que editar Nhô Musa?

Editar é um ato de amor – na perfeita acepção da palavra.

É o je sème a tout vent, muito se desperdiça mas as benesses são compensadoras, médio-longo prazo. Lembra-se de Castro Alves? Oh! Bendito o que semeia/ livros, livros, à mão cheia/ e deixa o povo pensar./ O livro caindo n’alma/ É germe que faz a palma,/ É chuva que faz mar.

Documentar a obra poética de Nhô Musa é tão importante quanto a edição de um Cornélio Pires, tão a gosto dos *experts* de literatura da USP, ou de um Sousândrade, canonizado post-mortem pelos concretistas. Os dividendos, em se tratando de trabalho

editorial, tardam mas não falham. Avaré está para Nhô Musa como Palmeira dos Índios para Graciliano, como Barreirinha para Thiago de Mello.

2. Qual a importância da repercussão da edição Nhô Musa fora de Avaré?

Isso é uma questão de tempo. A difusão, num país de extensão continental e com problemas crônicos de educação básica, é lenta. Mas a gente faz o que pode. Creio na linguagem universal da poesia. Se a música genuinamente sertaneja goza de tanta aceitação, porque não a poesia?

3. Como vê o poeta regionalista/sertanejo hoje?

Cumprindo sua função junto ao público. Existe, é claro, uma literatura *oficial*, propalada pelos grandes centros; não se nega a sua autenticidade, a sua relevância. Mas a literatura de *bureau* não goza de nenhum prestígio popular.

Queiram ou não, o Brasil é conhecido: pelo futebol, sua feijoada e seu samba, expressões tipicamente populares. Não creio que Drummond goze de popularidade na Suécia, além da faixa dos *scholars*. Entretanto, Teixeira é popular até na China.

Então o poeta regionalista é fundamental, já que não está apenas *inserido*, mas é o *próprio* contexto.

4. Como vê a falta de chance dos escritores jovens do interior?

Começemos com um breve preleção: a comunicação é uma espada de dois gumes. Ela informa, mas não forma. Ela é deletéria para os elementos ainda não formados, necessária, e imprescindível para os que tem alguma coisa a oferecer. A TV arruína os núcleos culturais em formação, com a sua invasão poderosa, e não recoloca nada no lugar. E pode levar o esclarecimento, o debate, a notícia até aos confins do Amapá.

Nesse debate, o escritor, jovem, de comunidade interiorana, leva uma desvantagem total. Como resolver o assunto, se o quadro brasileiro atual é de um país que sai do primitivo à decadência, sem ter passado por um apogeu? Estamos no meio de uma crise de identidade, de valores, de competência, de idoneidade, de liderança, enfim, o caos total.

Mas acredito no ideal jovem, na possibilidade de reformulação. É preciso ser muito jovem e muito poeta para acreditar-se num real milagre brasileiro.

5. Qual o resultado ao editar poetinhas?

Nenhum, aparentemente, a curto prazo. Mas sensibilidade e sabedoria são essenciais para a condução, seja de um lar, de um negócio, ou de uma nação. O ofício poético é nossa própria razão de ser. Portanto, o poetinha de hoje, superlativado, será o grande executivo de amanhã, desde que não perca a ternura. É o que mais urge agora.

Concluindo, devo dizer que muito me orgulho da edição Nhô Musa, a quem respeito, pois nesta vida, *morrer não é difícil; difícil é viver a vida e seu ofício* (V. Maiacóvski).

Agradeço a todos que colaboraram para a realização desta edição; muito especialmente à direção do Semanário “O Avaré” e a Lucia e Geraldo Bannwart pelo estímulo.

Massao Ohno

GINSBERG, Allen. *Portais da Tradição*.
Trad. Augusta Vono. Coleção Estudos Universitários.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/06/1986

“O poeta laureado do protesto, um moderno rebelde americano, está alcançando novo público sem deixar de permanecer fiel à visão básica de sua poesia”.

É assim que Francis X. Clines define Ginsberg em seu artigo para o *New York Times Magazine*. Esta posição de reconhecimento, no entanto, não é compartilhada por alguns críticos, tanto americanos como brasileiros.

Comprovamos em 1985, ano em que o público leitor brasileiro começou a tomar conhecimento da obra *beat* traduzida (Kerouac – *Pé na Estrada* e *Os Subterrâneos*, Bukowsky – *Cartas na Rua* e *Mulheres*, Ferlinghetti – *Vida Sem Fim* e Ginsberg – *Uivo*, *Kaddish* e outros poemas), que alguns críticos apresentavam uma visão bastante controversa a respeito da obra de escritores *beat*. Discuta-se a validade literária do material, as posições revolucionárias, as rejeições às convenções, a abordagem linguística.

Agora, estamos diante de um livro que oferece ao leitor elementos que comprovam a presença de valores estéticos na obra de Allen Ginsberg, um dos principais escritores do movimento *beat* iniciado nos anos 50.

O espírito da tradição, presente na essência poética do autor americano é examinado com seriedade e conhecimento.

O momento é bastante oportuno pois comemora-se o 60º aniversário do poeta, hoje não mais o inconformado rebelde da sua juventude mas o professor e escritor que ostenta uma paz nostálgica, advinda de suas meditações budistas diárias.

Seu trabalho foi recentemente reunido numa edição de capa dura (*Collected Poems*. 1947-1980) e publicado pela *Harper & Row*, que prossegue oferecendo aos leitores seu mais recente trabalho, *White Shroud* (Mortalha Banca).

O EDITOR

OLIVEIRA, Maria do Carmo Gaspar de. *Bosco*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/08/1986

[orelhas]

UMA REALIZAÇÃO SINGULAR

Em algumas décadas de trabalho gráfico-editorial não deparei com nenhum trabalho semelhante a este *Bosco*, de Maria do Carmo Gaspar de Oliveira. O contato editor-autor é sempre uma revelação surpreendente, mas este foi particularmente notável e me provocou profundas reflexões sobre o relacionamento filial que, se bem interessantes, fogem ao escopo de um comentário rápido de apresentação.

Ao propor este *Bosco*, Maria do Carmo vai muito além de um relicário de emoções, onde viesse a propor uma ladainha de lamúrias ou protestos contra o *status quo* vigente de violências e transgressões. Ecoa longe este seu grito sufocado que vem do recôndito da alma, das vísceras, do âmago de todo o seu ser. E é este grito que me importa analisar – uivo que brada aos céus: – Por quê, Deus meu, por quê? O que fizemos para merecer tão grande desdita! Fatalidade atroz que a mente esmaga, que Fagundes Varela tão pateticamente expôs no seu “Cântico do Calvário”, em decassílabos da melhor lavra e significação.

Ao acreditar ser *dor a dor que deveras sente* e a tentativa de disciplinar o jorro da emoção, ao meu ver, nasce este livro, testemunho singelo de uma perda irreparável. Concedem que é difícil a assunção “social” da dor. Cobra-se sempre uma atitude de resguardo, de íntima reserva e superação, conquanto a vontade é de deblateração, e a sensação, de inconformismo contra os altos desígnios, tão pouco misericordiosos com a humana dor.

Pois então que fique o registro, o protesto, a memória consignada para o conhecimento das gerações, *ad saecula saeculorum*. Assim deve ter pensado Maria do Carmo quando resolveu pela realização deste livro. Mais do que catarse, exegese, este livro significa. É um recado geral: a vida é um dom precioso e insubstituível; salvaguardêmo-la, portanto, do infortúnio com a melhor de nossas forças.

O *Mon âme*

N'aspire pas à la vie immortelle.

Mais épuise le champ du possible

(Píndaro, Pípticas, III, in Cimetière Marin, de Paul Valéry)

HONÓRIO, José Carlos. *Em breve outra noite*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/09/1986

[orelhas, texto abaixo sem crédito]

Canção, não digas mais
E se teus versis à pena vêm pequenos
Não queiram de ti mais
Que dirás menos

L.V.Camões

José Carlos Honório faz atualmente Letras na PUC São Paulo. Tem 22 anos e além de literatura, da fotografia, trabalha como relações-públicas, há mais de quatro anos, numa das mais conceituadas livrarias paulistanas. Gosta de cinema, teatro e dentre os autores que mais cultua estão Clarice Lispector, Rilke e Rimbaud. Também Ginsberg e os poetas emergentes da sua geração. Certamente este seu primeiro livro, ansiosamente aguardado pelos seus pares, servirá de modelo aos jovens autores. Já é tempo de começarmos a renovar os quadro literários, desfalcados por duas décadas de autoritarismo e insensibilidade às coisas da cultura. Saudêmo-lo, portanto.

[excerto de O poeta e o mundo, de Octavio Paz]

ANTUNES, Sérgio. *Primeira Vez*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/12/1986

[orelhas]

Conta Sérgio Antunes, o autor deste *Primeira Vez* (mas é o 5º livro dele), que levava a vidinha em Lins, interior paulista, estudante do Salesiano e, depois, da Faculdade de Direito. Nunca deixou de escrever, mesmo que timidamente, nem acreditava que pudessem ser publicadas aquelas poesias tipo *pra mãe* (não no sentido edípico, claro).

Daí o amigo de infância Mário Prata (não pensem nada, é amizade mesmo) escreveu o *Estúpido Cupido* para a Globo e nele inseriu um personagem: um poeta que dizia versos pra namorada. Aí é que entra Sérgio. E então o João da Gráfica, um precursor da Massao Ohno, lá em Lins, publica o seu *24 Poemas diversos e 1 poeminha de Amor*. Do precursor ao próprio foi um pulo; o Prata, amigo em comum, se incumbiu do contato, o encontro se deu no portão do Editor excêntrico, um espaço caótico e tal, mas saiu o *Casa da Infância*, com capa de Ianelli e tudo, que deu até notícia em jornal, lançamento no Pirandello e *cositas más*. Crítica que é bom, necas. Só a sacativa Fanny Abramovitch, que gostou e iniciou o poeta na vida artística paulistana, incluindo-o n' *O Mito da Infância Feliz* (Summus), um livro sério pacas.

E então veio o *Era um dia assim*, uma edição com apoio cultural e tudo, as com uma estrutura meio precária de distribuição. Agora, porém, editor e autor, aquele já não tão excêntrico, nem este tão principiante, ou seja, devidamente escaldados, esperam o melhor para este *Primeira Vez*. É pra valer. A poesia é da boa, a vendagem, ao que tudo indica, será ótima e a crítica finalmente descobrirá o quanto é bom o nosso vate, de terno e gravata, baratinha *Merça* e que paga IR direitinho e tudo.

E somos ambos ótimos, até prova em contrário.

O Editor

Em tempo: Tem ainda *O Relógio da Sala*, uma seleção de poemas do Sérgio, editado pela Salesiana para um público adolescente, um belo livro.

PINOTTI, José Aristodemo. *Espiral*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1986

(ao final do livro s/n de página)

José Aristodemo Pinotti é médico, Professor de Ginecologia e Obstetrícia e Reitor da Universidade Estadual de Campinas. Nascido em 1934, em São Paulo, dedicou-se à carreira científico-profissional, tendo acumulado extensa obra, onde se destacam cerca de 200 trabalhos científicos, 9 livros e inúmeros programas de cunho médico-social, organizados no Brasil e outros países da América Latina e África. Hoje é conhecido nacional e mundialmente como um dos maiores nomes na sua área de conhecimento, ocupando posições relevantes tais como: Presidente Eleito da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia (FIGO – 1988-91) e Presidente do seu Comitê de Mastologia, Assessor Temporário por inúmeras vezes da Organização Mundial de Saúde e Membro do *Board Editorial* de inúmeras revistas científicas, entre outras.

Cultor de literatura, e em especial de Poesia, brinda-nos agora com este “Suave Presença”, precioso relicário de lídimas sensações vividas a “pari passu” de sua intensa atividade profissional, certo de que “só poeticamente se pode viver”, como afirmou Fernando Pessoa. Exemplo de amor e fidelidade à Arte que emolduram e completam sua imagem de profissional renomado e Homem amantíssimo, tão estimado e respeitado como só raros conseguiram ser.

O Editor

[Nossa nota: José Aristodemo Pinotti, médico ginecologista e político, reitor da Unicamp, tinha como bandeira a saúde da mulher. Sua filha Mirella Pinotti morreu precocemente aos 19 anos, em acidente de carro. Hilda Hilst dedicou *Cantares do sem nome e de partidas*, publicado em 1995 por Massao, em sua memória e à de André (Luiz) Pinotti, seu irmão, médico vascular. Massao fez a ponte para que Hilda desse aulas na Unicamp.]

ATILANO, Sergio. *Vermelho Rápido*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1987

[orelhas]

“Não há paz
Sem amor
não há sono
Sem sonhos
de amor –
Seja louco ou frio
obcecado por anjos
ou máquinas,
o desejo final
é o amor.”

Allen Ginsberg

Nos tempos difíceis que atravessamos, o advento de um novo poeta é fato alvissareiro, digno de atenção. Não bastassem os desmandos dos piratas do poder instituído, a degradação do nível de vida e consequente caotização do extrato social, o pior começa a acontecer: o povo, como um todo, começa a perder a esperança, já que se vê condenado ao limbo vivencial, ao degredo em si-mesmo.

A função maior do poeta é exatamente intervir nesse processo, da maneira que estiver ao seu alcance, tocando o indivíduo naquilo que ainda lhe resta de sensível, de vida. E essa intervenção tanto pode ser uma sutil sugestão ou um choque de alta amperagem no corpo empedernido do paciente.

[2ª]

Sergio Atilano, poeta, e Fernando Fernandes, pintor, se completam em “Vermelho Rápido”, uma sonata para violino e piano “a Kreutzer”. Perfeita interação, interpretação virtuosíssima, impecável. Constate o leitor.

O mesmo deslumbramento tive, 25 anos atrás, quando li os originais de “Paranóia” (Roberto Piva) que tive o mérito de editar, apesar de sérias pressões de época. Está aí, para gáudio de todos. O poeta não precisa *fingir* mais, nem acreditar na dor que deveras sente. A realidade está aí, escancarada: *This is the way the world ends; not with a bang but a whimper*. (Eliot, T.S.)

M.O.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Tríptico*.
Massao Ohno Editor: São Paulo, 28/02/1987

MENDONÇA, Lucia Cortez. *como Vida*.
Massao Ohno Editor: São Paulo, 18/04/2000

[orelhas]

Um dia qualquer, perdido nas brumas do tempo e no segredo das eras. O homem percebeu que poderia organizar os ruídos quase-instintivos que emitia, com sua voz deseducada e rude. Percebeu que poderia atribuir significados próprios às cadeias de sons vocais que era capaz de constituir. E criou, dessa forma, as palavras.

Criou-as para comunicar-se com seu grupo, para expressar sentimentos e ideias, para transmitir informações sobre tudo aquilo que ocorria no pequeno mundo hostil e selvagem que ele começava a dominar. E o homem descobriu, de repente, a força incontável de sua própria criação. Objeto mágico, misto de arma e de brinquedo, tocando as raias do sagrado e do diabólico, a palavra é, a um tempo, a encarnação antagônica do bem e do mal. Ensina e destrói. Perdoa e acusa. Muda comportamentos e provoca reações inesperadas. Injuria e bajula. Elogia e difama. Ilude e satisfaz.

Por meio da palavra, o homem espalha as sementes da verdade e os fogos da guerra. Cria a fantasia de mundos impossíveis e arma os engodos que provocam as perdas irreparáveis. Reinventa a vida e proclama a condenação. Castiga e suplica. Calunia e lisonjeia. Convence e dissuade. Formula votos e profere imprecações. Augura e vaticina. Blasfema e ora. Ordena e pede.

Um dia qualquer, perdido nas brumas do tempo e no segredo das eras o Poeta tomou a palavra em suas mãos. Tomou-a como quem toma, do ninho abandonado, o ser implume e frágil que anseia por viver. Que deseja desabrochar, no auge da plenitude, num festival de cores e numa orquestra harmoniosa de sons. O poeta recriou a palavra em todas as dimensões possíveis. Manipulou-lhe a textura fônica e construiu o verso. E assim como o escultor extrai uma deusa alada da rocha bruta, o poeta arrebatou uma mensagem de beleza, arrancando-a do som de sua voz. Joga com ritmos e cadências, com pausas e melodias. E lapida a pluralidade dos signos, procurando, a todo momento a nova faceta significativa.

O poema nasce. Nasce enfrentando aqueles medos aos quais André Gide se referiu, uma vez: medo do novo e do antigo, medo de assemelhar-se a todos, medo de parecer banal. Nasce com a fragilidade decorrente de sua própria natureza - simples vibração sonora, a enfrentar a resistência do ar. Mas com o imenso poder de que se reveste, graças ao material de que se fez: o poder de agradar, de agredir, de comover, de ludibriar, de violentar, de tocar as cordas íntimas do outro.

E com a possibilidade milagrosa de durar, de viver como o mármore, como o bronze, mais do que eles, arrostando o desafio do tempo e preservando, incólume, na roupagem fulgurante ou sóbria, o recado distante que traz.

O Editor

CARDOSO, Neusa. *Safadezas*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/08/1987

Um livro gostosíssimo de ler: esta foi a primeira impressão que me causou a obra *Safadezas*, de Neusa Cardoso, volume que surge em um momento da vida nacional em que só a arte é capaz de reativar a aparentemente perdida dimensão humana: corpo, dimensões, liberdade, percepção e inteligência intuitiva.

Entretanto, esse caminho lindo da libertação não caiu dos céus às mãos do poeta: foi deliberadamente perseguido. E para encontra-lo, além de refazer o caminho dos clássicos que a antecederam – dentre os quais rende homenagem à Safo –, Neusa Cardoso deixou seu país por mais de dois anos e, vivendo no Canadá escreveu esse livro de poemas que trazia guardados, como uma segunda pele.

“A poesia sempre perto de minhas atitudes, sempre parte de minha vida, minha segunda pele.”

Aliás, seu “exílio” voluntário no Canadá foi uma opção inteligentíssima para viver e criar numa terra de poetas, onde é até possível imaginar que um poema como *Go, Gol, Gal* se transforme em realidade, isso é, sonhar que um dia desses, a mesma galera que aplaude futebol, e o considera uma arte, goste também de pintura, poesia e outras formas de arte.

Poeta paulista (da Capital como gosta de frisar), capaz de oferecer uma contribuição marcadamente paulista à poesia brasileira, conforme observou Fernando Py, crítico carioca, Neusa Cardoso, num segundo – e também inteligente “exílio” voluntário, deixa São Paulo e vai morar no Rio de Janeiro onde redescobre que não dá para viver sem escrever e afirma: “Escrever me livra de morrer”.

Mas será que São Paulo não ama seus filhos poetas? Será que é preciso partir e começar tudo de novo como na canção de Piaf, *Non, je ne regrette rien*?

E como, apesar de estar há mais de 20 anos editando escritores, ainda não entendo a força que move os poetas em direção à Poesia, recorro a Octávio Paz para tentar compreendê-la:

“Condenado a viver no subsolo da história, a solidão define o poeta moderno. Embora nenhum decreto o obrigue a deixar sua terra, é um desterrado.”/.../

Convém salientar que desterro, nesse caso, não significa desamor à terra que se deixou. O que não falta em Neusa Cardoso é amor à cidade de São Paulo e Procissão no Village Caboclo para Nossa Senhora da Achiropita são provas significativas dessa afeição:

“Adesso, Signora
rezo particularmente
pela mocidade alegre do Bixiga
Perche hai paura dell’amore...

E talvez seja mesmo o amor a grande solução que os poetas podem oferecer ao mundo.

Amemos, pois, os poetas e a Poesia.

FRAGETTI, Lucila. *Paixão*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/08/1987

[orelha]

A PAIXÃO SEGUNDO L.F.

O que caracterizaria a paixão, num primeiro relance, seria o seu estado de exceção, uma “febre” transitória que se dissiparia assim que eliminada a causa.

Menos para os amantes, observa Lygia Fagundes Telles, aconselhando muito cuidado ao tatear esse terreno minado, perigoso, é o círculo onde gravitam os apaixonados.

Olga Savary já defende “o rigor da ordem/sobre o ardor da chama”, magníficos versos de uma postura quase monástica, em poema dedicado ao saudoso Carlos Drummond de Andrade.

“Love, Love, my season”, diria Sylvia Plath, referindo-se a um cio permanente/estado definitivo de amor, ou um pleno “satori” na terra dos bem aventurados.

Em seu arrebatamento místico-orgástico, Tereza d’Ávila, antes de ser canonizada declara: “Vivo sin vivir en mí/ y de tal manera espero que muero porque no muero”. Também todo o repertório do jovem Neruda, aos 19 anos, em “Veinte poemas y una Canción desesperada”, é um só canto de paixão. Também os transbordamentos misóginos de Mishima e cinematográficos de Oshima em “Império dos Sentidos”. Tudo é Paixão, exacerbação dos sentidos, a glória do efêmero contra o tédio eterno.

Lucila Fragetti aborda, pois um tema já muito trabalhado, mas o faz com maestria e fino labor. Por vezes lírica. *Se me amas, tudo bem/se te amo, te cuidas*. Altaneira: *Não quero saber de portos/sim de oceanos a cruzar*. Patética: *Falhei na razão/acertei com a paixão*. Dramática: *Não sei se terei tua mortelou se morro eu a cada dia*. Soberba: *O amor é servil/a paixão é soberba*. Trágica: *Ardo latejo queimole sempre em holocausto/consagro minhas emoções*. O livro é todo um relicário de poemas mínimos, verdadeiros haikai, que nos tocam fundo a sensibilidade. Desfrutêmo-lo, pois. Apaixonadamente.

M.O.

CAVALHEIRO, Célia Regina et al. *Filosofemas*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 17/11/1987

[orelha, s/crédito]

Estudantes e professores de filosofia, embora opostos e complementares por definição, igualam-se democraticamente em um denominador comum. É aquilo que Bento Prado Jr. descreve como “uma relação complicada com a linguagem” – e que faz par com a “perda da inocência do olhar”. Entre palavras e coisas, perdeu-se, para eles, aquela aparente transparência, a pacífica biunivocidade com que, para os outros, cada nome vem pousar suavemente sobre sua respectiva coisa e condignamente a representa; e instalou-se, no lugar dela, um intrincadíssimo xadrez. Por isso os primeiros procuram os bancos acadêmicos, na esperança de ilustrar-se, e os segundos tentam coexistir com seus desvalorizados salários, para poder continuar a estudar. E é por isso, também, que ambos encontram, no dizer literário, tão movediço, uma forma de expressão que lhes é co-natural.

A primeira antologia poética dos alunos e professores do Departamento de Filosofia da USP (Autogestão, 1985; 500 exemplares) não chegou, por suposto, a fazer sucesso, nem o pretendia. A publicação desta segunda é teimosia.

LISBOA, Luiz Carlos. *Ante-sala*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988

[contracapa]

Espaço, lembranças, sonhos. Dessa matéria é feita a realidade – e naturalmente, a ficção. Luiz Carlos Lisboa tentou na vida profissões e saídas práticas diversas, como advogado, professor, funcionário do Tribunal Regional Eleitoral, e um dia aportou no jornalismo. Após dois longos anos no exterior, começou no *Jornal do Brasil* ajudando a criar o departamento de pesquisa, então uma novidade. Foi depois para São Paulo, onde trabalhou n’*O Estado de São Paulo* e no *Jornal da Tarde*, onde fez editoriais, artigos e matérias especiais, e onde está até hoje. Há um ano faz os textos do programa “Música da Nova Era”, para as rádios Eldorado (SP) e Jornal do Brasil (Rio).

Ao longo dos últimos quinze anos, viajou por ideias e perdeu ilusões. Encantou-se com a literatura, com História, ecologia, comportamento, psicologia, com os mitos e o sagrado. Para ele, estar disponível é melhor que deitar raízes em certezas. Por isso, seus livros de ensaios e de artigos publicados na imprensa têm como nota fundamental a desconfiança em relação às conclusões definitivas, aos compromissos que evitam exames, à rigidez em geral. Nos seus contos – alguns dos quais, de tempo diferente, estão contidos nesta coletânea – aquilo que parece ceticismo é logo revelado como procura, e finalmente como disponibilidade espiritual. Os personagens que ali se misturam são sempre inclinados à reconsideração e ao recomeço, flor estranha numa época de homens orgulhosos de sua certeza, de sua fé, de sua ideologia. Mas esses personagens nada têm de instabilidade e vocação para o caos, porque são principalmente ávidos de transcendência, e conhecem a esperança e o amor, embora não saibam disso.

Nos contos que escreveu desde muito cedo o autor coloca isso tudo em relevo, de uma forma indireta e apenas aludida. E esse é o seu segredo: a preferência pela abordagem reflexa, percebida pelo leitor através de impressões, de imagens reproduzidas e de opiniões de circunstantes. A realidade é construída, assim, por mero acaso – conceitos e mensagens diferentes. Há uma delicadeza nas histórias curtas de Luiz Carlos Lisboa, que de certa forma propõe, a quem mergulha em sua narrativa, um enigma: como é possível conciliar

intensidade e leveza, a um só tempo? É ao leitor que cabe descobrir essa compatibilidade, porque a obra publicada já não pertence ao autor, se é que lhe pertenceu alguma vez.

Massao Ohno Editor

[orelhas]

Nos contos de ANTE-SALA, Luiz Carlos Lisboa move devagar seu texto, como o iogue executando a *vipassana*, ou o alquimista às voltas com os filtros e o crisol. No fio da navalha, caminha a narrativa entre o sagrado e o profano, no fundo do conhecimento da alma, passando do êxtase vazio de pensamento às fantasias da depravação do espírito. E o autor joga sempre com todas as possibilidades de cada história, desiguais e harmoniosas nas antecâmaras da intimidade e no avesso dos indivíduos, no limite da expressão verbal e fazendo livre o uso dela.

Essa forma intensa de expressão literária faz a abordagem direta dos fatos que apresenta, envolvendo o leitor pelo que omite e pelo que manifesta. Assim, o autor renuncia à narrativa para se permitir apenas a alusão, quando o narrador parece ter morrido. Seus personagens somos nós, nas circunstâncias e com todos os rituais da década de 50/60, que de algum modo são os de todos os tempos. Há uma história de Jorge Luís Borges, no *El Hacedor*, que fala de um homem que se propôs desenhar o mundo, e ao longo dos anos somou reinos, montanhas, casas, homens, cavalos, astros, e ao concluir o trabalho descobriu que aquele labirinto de linhas traçara seu próprio rosto. Não é muito diferente com ANTE-SALA, nem é diferente em nossa vida.

METRAN, Márcia. *Cuidado frágil*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988

[ao final da orelha]

Márcia Mertrau é arquiteta, artista plástica e leciona na Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás,

Cuidado Frágil é o seu livro de estréia, que prenuncia, a meu ver, a poesia corrente da próxima década, juntamente com os novíssimos poetas Luís Sérgio Bogo, Adadia Silva, Chandal Meirelles Nasser e Anna Muylaert.

Confirmam proximamente.

Massao Ohno

RUSSO, Anna Maria. *Domingo à tarde*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/07/1988

[contracapa]

Anna Maria Russo é formada pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Sempre trabalhou como tradutora e intérprete, realizando trabalhos para grandes editoras e empresas multinacionais. Domingo, à tarde é o seu livro de estreia, no qual aborda os diversos temas do seu universo cotidiano de forma concisa e direta. Um auspicioso início.

FARIA, Hamilton. *Cidades do ser*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/10/1988

[orelhas]

Hamilton José Barreto de Faria, *Hamilton Faria*, nasceu em Curitiba e reside há 10 anos em S. Paulo. A partir de 1976 participou de várias antologias e publicou 2 livros. Este é o seu 3º livro. Desde a década de 70 participa ativamente de movimentos culturais. Foi um dos fundadores da Editora Cooperativa de Escritores (ECE) que reuniu dezenas de importantes poetas e contistas brasileiros. O movimento ganhou dimensão nacional e está registrado nos estudos sobre a poesia dos anos 70.

Em 1983 publicou *Estações*, seu segundo livro, que mereceu alguns comentários que devem ser mencionados. O crítico Fábio Lucas disse que “impressionou-me a consistência de sua linguagem, seu forte lirismo, seu jogo verbal astucioso. Palavras contidas, ampla disposição à descoberta do cerne da poesia...”. Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira, disse que “Não tenho dúvida, pois, em afirmar que muito em breve, *par droit de conquête*, você ocupará relevante posição no quadro de nossa literatura contemporânea”. O poeta Sérgio Rubens Sossélla publicou no jornal “Raiz”, em 1987: “Com estas estações do corpo amoroso, Hamilton Faria publica a sua temporada (no inferno) do paraíso transformante”.

Em 1985, quando da publicação em cartaz do poema “Alguma Coisa no Ar”, que integra o presente livro, a poetisa Helena Kolody escreveu: “Vibra em “Alguma Coisa no Ar” um convite para a revisão e a renovação. Pulsa, nos versos, a inquieta procura de algo inaugural. Seu poema é cachoeira de palavras, tempestade de beleza, vento primordial, varrendo todos os quadrantes da poesia. Seus versos trazem aquela luz mágica que aureola o que você escreve. Além disso, corre, subterrâneo, um rio sutil de ternura.”

E agora, o que dizer destas “Cidades do Ser”? Estas cidades que nos levam às estrelas passando pela magia, pelo sol, pelo fogo, pelo vôo? Tudo é mágico, tudo dança, tudo voa nestas cidades. Tudo se transforma magicamente em ritmo, música, luzes. Tudo é animado, desde o chorão gigantesco em que me fiz: / meu traje de tempo” até o pássaro

que ensina cantando que “é necessário a rua se perder de ti”. Tudo Eros. Mas Eros de quem sabe Tanatos; luz de quem conhece o escuro.

“Cidades do Ser” é plural em todos os sentidos. Do verso lírico ao concreto, do verso branco à métrica rígida; do soneto ao haikai. Com maturidade poética e linguagem elaborada Hamilton Faria constrói estas Cidades, da procura e da dor de ser inteiro ao resumo de tudo – O Amor. E visitaremos mágicos, planetas, bailarinas, fontes, pássaros, signos, papoulas, borboletas, damas de azul, mercadores, amantes, corpos, almas, vida e morte, sagrado e profano, as faces múltiplas do rosto humano.

Antes de convidar o leitor a atravessar os umbrais das cidades, algumas palavras de Gaston Bachelard em “O Direito de Sonhar”: “Mas por esse olhar de chama, o poeta, ele também transforma o mundo. O mundo não é mais tão opaco desde que o poeta o olhou; o mundo não é mais tão pesado desde que o poeta lhe deu mobilidade; o mundo não está mais tão acorrentado desde que o poeta leu a liberdade humana nos campos, nos bosques e nos pomares; o mundo não é mais tão hostil desde quando o poeta devolveu ao homem a consciência de sua valentia. A poesia, incessantemente, nos remete à consciência de que o homem nasceu.”

O Editor

BASHO, Matsuo, 1644-1694. *Primavera*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1988

[orelhas]

Enobrecer os sentimentos do homem e enriquecer-lhe a vida, proporcionando-lhe alegria e sentido, é a missão da Arte. Os entendidos no assunto sentem indizível prazer em apreciar as flores, na primavera, e as paisagens campestres ou marítimas. Não é exagero dizer que o Paraíso Terrestre, que temos por ideal, é o Mundo da Arte, o qual não é outro senão o mundo da Verdade, do Bem e do Belo, a que costumo me referir.

(...)

Meishu Sama

O *haikai* representa para a degustação auditivo-literária o que o *ikebana* significa para o deleite contemplativo: concisão, harmonia, universalidade. Duas formas primas e uma só intenção: o toque além da armadura, o instante em que a alma se extasia. Sábio é o colecionador destes momentos, i que acrescenta ao seu cotidiano vivencial estes finos cristais e se ilumina, alcançando o *satori*, o nirvana existencial.

Alguns conceitos comuns prevalecem, tanto numa como noutra manifestação e são fundamentais para o seu entendimento. No *ikebana* um triângulo virtual aponta sempre o Céu, a Terra e o Homem.

No *haikai* teríamos: o intemporal (a natureza eterna, as estações), o temporal (o efêmero da condição humana) e o *insight*, o casual (a circunstância em que se detona o mecanismo do *poiesis*). Nestas vertentes, espaço-tempo, claro-campo, habita o homem com seu amor intransitivo.

Fenômeno universal, a poesia confirma a proposta de Brodzky: a estética precede a ética, é-lhe anterior e determinante, pautando os seus códigos. Quando esta relação se inverte, o homem emaranha-se no cipoal de suas próprias regras, exaspera-se, tenta doutrinar, destrói e se destrói. Na inversão, pois, a própria condição do pecado original e, dela decorrente, o dolo, a culpa.

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”, é um ensinamento *zen* de um mestre bem brasileiro, Guimarães Rosa. Ainda mestre Rosa, nas trilhas do seu Riobaldo, nos fala que a verdade se estabelece é no meio da travessia. Três fatos não têm retorno: a seta disparada, a água que corre e a oportunidade perdida, a menos que se os flagre no ápice. A partir daí serão eternizados, em poesia, no coração dos homens. E somente então seremos belos.

Massao Ohno

[apresentação]

NOTA

O ano que ora se encerra marcou duas comemorações históricas: o centenário da Abolição da Escravatura e o octagésimo aniversário da Imigração Japonesa para o Brasil. Sobretudo a este último não faltaram manifestações de apreço e simpatia, por parte de entidades de caráter privado e público.

A realização do projeto “Primavera” deveu-se à empresa H.Stern e à Fundação Mokiti Okada: um grande evento saudando a primavera de 1988, ao mesmo tempo encerrando o ciclo de comemorações do octagésimo da Imigração.

O ano que desponta é também alvissareiro em matéria de efemérides: o bicentenário da Revolução Francesa, o centenário da Proclamação da República e o vigésimo aniversário da instauração da Fundação Mokiti Okada no Brasil.

Assim sendo, com a devida vênua, decidimo-nos por uma segunda edição de “Primavera”, que esperamos seja do agrado dos leitores de sensibilidade.

As gravuras reproduzidas, todas pertencentes ao acervo do Museu MOA do Japão, são do Gênero “ukiyo-ê”. Foram estas gravuras que, introduzidas na Europa no século passado, desencadearam o movimento impressionista nas artes plásticas.

Os haikais apresentados, de autores tradicionais japoneses e brasileiros, provam cabalmente que a arte não tem fronteiras étnicas ou linguísticas e que a sensibilidade é algo comum a todos os povos, em todas as épocas.

É de se ressaltar o empenho dos autores brasileiros na adoção do haikai como forma poética. Abel Pereira, por exemplo, de há muito deixou o soneto para dedicar-se inteiramente ao haikai. Ressalte-se que não é nossa pretensão, nesta amostragem, uma abordagem histórica do haikai no Brasil, de Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida, Oldegar Vieira até as atuações destacadas de Pedro Xisto, Millôr Fernandes, Abel Pereira e as contribuições novas de Lêdo Ivo, João das Neves, Roberto Saito, Clície Pontes e Silvia Mera. Caberá mais tarde a Olga Savary, certamente, a incumbência de antologia do haikai brasileiro, já que a sua pesquisa nessa área vem de muitos anos. Isto aguardaremos.

Nossa pretensão, neste “Primavera”, não é a de esgotar o assunto e sim a de ressaltar o empenho e carinho dos nossos literatos pela forma japonesa. Isso é o importante. E a partir daí impregnar o cotidiano de todos com lampejos de sensibilidade.

O Editor

NEVES, Amílcar. *Movimentos automáticos*.
AESC-Funcex-Massao Ohno/Editores. 1988

[contracapa]

Movimentos automáticos acompanha a latente sensualidade de uma mulher, reprimida pela educação classe média e pelo casamento de conveniência, e que acaba explodindo sob a benção dos orixás. A novela se inicia e se encerra dentro de um terreiro de Umbanda, cada personagem se identificando com um orixá e agindo de acordo com suas características. Iara, perdida em uma vida vazia, encontra-se consigo mesma após testemunhar uma cena de amor homossexual. A seu lado desfilam Gonçalves Souza, seu marido, um burocrata do alto escalão do governo, preocupado com sua carreira ascendente e tudo fazendo para que a oposição não vença a eleição; Encarnado, ex-jogador de futebol do Avaí, precocemente afastado da profissão; Adolar, *cavalo* do Preto Velho, e Deolin, fracassado malandro dos morros cariocas.

Movimentos automáticos foi finalista do Prêmio Status de Literatura Latino-Americana de 1982, promovido pela revista Status, de São Paulo.

Amílcar Never, nascido em Tubarão (SC) há 39 anos, coleciona alguns prêmios literários nacionais e estaduais, participa de seis coletâneas de ficção e tem dois livros de contos já publicados: *O Insidioso Fato – algumas historinhas cínicas e moralistas* e *Dança de Fantasma (contos de amor)*

Os Editores

Andrade, Roberto Fernando de. *Viagens no tempo*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 31/03/1989

[contracapa]

Roberto Fernando de Andrade, depois de vários anos em contato com a fantasia fictícia, com ilustrações por ele feitas com muita competência, traz agora ao publico esse fascinante trabalho artístico. Seu linguajar é preciso e a sua preocupação maior é transmitir a mensagem viva da natureza do homem de nossos tempos transportando-se entre as dimensões e viajando no tempo e no encanto de sua beleza onipresente em que estamos todos contidos.

Massao Ohno Editor

PEREIRA, Abel. *Mármore Partido*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 14/01/89

[orelhas]

Abel Silva Pereira nasceu na cidade de Ilhéus, na Bahia, em 1908, filho de Felisberto da Silva Pereira e de Emilia Mundi Negrão Pereira. Sua vida literária pode ser acompanhada através das inúmeras instituições especializadas a que pertence, bem como por meio dos vários periódicos com os quais colaborou.

Fundador da Academia de Letras de Ilhéus Bahia, foi também o seu primeiro Presidente. Ainda nesse Estado, pertence ao Instituto Histórico. Abel Pereira é membro de muitas outras instituições culturais, dentre elas a Associação Brasileira de Imprensa, a Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, A Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil, A União Brasileira dos Escritores, a Academia Maçônica de Letras, a Ordem dos Velhos Jornalistas, a Academia Guanabarina de Letras, a Academia Brasileira de Literatura (Rio). Sua colaboração em periódicos abrange o Diário da Tarde (de Ilhéus), o Intransigente (de Itabuna), A Voz de Itabuna e a Atarde (de Salvador), todos no Estado da Bahia. No Rio de Janeiro, foi colaborador da revista Leitura.

Seus livros – “Colheita” – publicado em 1957 e – “Poesia até Ontem” – publicado em 1977, obtiveram sucesso de público e de crítica especializada, em âmbito nacional e internacional. “Mármore Partido”, seguindo a mesma linha *haikaística* de “Colheita” e de “Poesia até Ontem”, pela experiência que revela, de certo será alvo dos sucessos anteriormente conquistados.

O EDITOR

PEREIRA, Abel. *Haikas vagaluminosos*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/11/1989

[contracapa, mesmo texto publicado em *Mármore Partido*, exceto o último parágrafo]

Abel Silva Pereira nasceu na cidade de Ilhéus, na Bahia, em 1908, filho de Felisberto da Silva Pereira e de Emilia Mundi Negrão Pereira. Sua vida literária pode ser acompanhada através das inúmeras instituições especializadas a que pertence, bem como por meio dos vários periódicos com os quais colaborou.

Fundador da Academia de Letras de Ilhéus Bahia, foi também o seu primeiro Presidente. Ainda nesse Estado, pertence ao Instituto Histórico. Abel Pereira é membro de muitas outras instituições culturais, dentre elas a Associação Brasileira de Imprensa, a Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, A Ordem dos Velhos Jornalistas do Brasil, A União Brasileira dos Escritores, a Academia Maçônica de Letras, a Ordem dos Velhos Jornalistas, a Academia Guanabarina de Letras, a Academia Brasileira de Literatura (Rio). Sua colaboração em periódicos abrange o Diário da Tarde (de Ilhéus), o Intransigente (de Itabuna), A Voz de Itabuna e a Atarde (de Salvador), todos no Estado da Bahia. No Rio de Janeiro, foi colaborador da revista Leitura.

Seus livros – “Colheita” – publicado em 1957 e – “Poesia até Ontem” – publicado em 1977, obtiveram sucesso de público e de crítica especializada, em âmbito nacional e internacional.

“Mármore Partido”, seguindo a mesma linha *haikaística* de “Colheita” e de “Poesia até Ontem”, pela experiência que revelou, somou-se aos sucessos anteriormente conquistados.

OLIVEIRA, Marly. *Obra Poética reunida 1958-1988*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989

Marly de Oliveira nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo; passou a infância em Campos, no Estado do Rio, onde fez os estudos primários num colégio religioso e os secundários no Liceu de Humanidades.

Foi com a família para o Rio de Janeiro, onde, como aluna de Letras Neolatinas da Pontifícia Universidade Católica publicou o *Cerco da Primavera*. Passou depois, pouco mais de um ano, em Roma, em cuja Universidade fez os cursos de “Storia della lingua italiana”, baseada no *De Vulgari Eloquentia* de Dante, com Alfredo Schiaffini e Filologia Românica, no *Yvain* de Chrétien de Troyes, com Aurelio Roncaglia. Foi importante nesse período o contato com Giuseppe Ungaretti. Terminou em Roma a *Explicação de Narciso*.

De volta ao Brasil, foi assistente de Mário Camarinha, na cadeira de Literatura Hispano-Americana na PUC do Rio e de Petrópolis e deu aulas de Língua e Literatura Italianas e Literatura Hispani-Americanas na Faculdade das Dorotéias em Friburgo. Publicou nessa época *A Suave Pantera* e mais tarde *A Vida Natural* e *O Sangue na Veia*.

O casamento com um diplomata levou-a algum tempo a Buenos Aires, onde traduziu, com Maria Julieta Drummond, a *Nueva Antologia Personal* de Jorge Luis Borges e começou o *Contato*. Da Argentina seguiu para a Suíça. Em Genebra, traduziu do francês o livro *Verso Universo em CDA* de José Guilherme Merquior.

De volta ao Brasil ficou alguns anos em Brasília, onde colaborou nos jornais locais e escreveu *Invocação de Orpheu*, *Aliança*, *A Força da Paixão*, *A Incerteza das Coisas* e *Retrato*. Mudou-se em maio de 1986 para o Rio de Janeiro, de onde seguiu para o Porto. Está casada com o poeta e embaixador João Cabral de Melo Neto. Tem duas filhas: Mônica, de 21 anos e Patrícia de 14 anos. Pertence à Academia Brasiliense de Letras e ao PEN Club do Brasil. (Nota do Editor)

MAGALHÃES, Maria Elisa. *Canto aprisionado*
1956-1989. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989

Este “Canto Aprisionado” de Maria Magalhães não resume apenas 30 anos de poesia recôndita. “Canto Aprisionado” resgata, sim, a eficácia do verso simples e do poema sem alquimia. As palavras transcritas neste livro deixam de pertencer apenas à poeta e ganham altura, vida e plenitude. E assim é. Num livro de poemas, as palavras são vivas e autônomas porque significam a continuidade no sentido da preservação do instante e a variação – quando se trata da leitura – única, individual, imprevisível.

Mas, o fundamental não é saber a quem pertence a palavra. O importante é que ela seja dita. Porque é ela, a palavra, que justifica o ato, a omissão ou a pura observação anterior. A palavra é o posfácio da vida plena. Portanto, é vida também. E talvez seja eterna. Assim, apesar do longo raciocínio, a eternidade não tem dono e é palavra. E para ser realmente de todos, deve passar pelo crivo poético.

Maria Elisa Magalhães é autêntica poeta. Porque, através da simplicidade, imprime a seus poemas o caráter histórico de quem vive em seu próprio tempo, e o caráter eterno e singular da arte pura. Maria Elisa tece as palavras feito tricoteira.

“Pois,

Se tricotar for silêncio

Se tricotar for verdade

Tricotem, tricotem sempre

Tricotem a eternidade!”

Há, ainda, na poesia de Maria Elisa Magalhães, uma simultaneidade com a vida, o tempo.

“O retrato não sabia

Nem das pedras

Nem das noites

Da luz que só dura um dia

Das ausências

Das partidas”

E por tudo isso Maria Elisa é verdadeiramente uma poeta.

MOTTA, Baby. *Vida em 2 tempos: tempo de reticências : tempo de crônicas*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/03/1989

[orelhas]

A crônica pode ser considerada talvez o mais sutil e requintado dentre os gêneros literários a que se dá um escritor.

É o exercício do relato poético-humorado proveniente da observação do cotidiano. Por ser centrada na realidade, seus limites são mais próximos e palpáveis do que os da poesia e da ficção puras.

A crônica é o produto final de uma alquimia. Processada a partir do fato, transforma-se num texto ligeiro, fluídico, catalisado pela imaginação do autor que lhe confere agilidade, sensação, vida enfim.

O cronista é o ser do olhar multifacetado, abrangente e fertilizador. Ele registra, analisa, resgata fatos que escapariam à maioria dos observadores; e então relata, leve ou contundente, as mazelas do dia-a-dia com o toque mágico do criador.

A crônica é para a ficção o que o haikai representa para a poesia. Parte, como esse, de pressupostos de entendimento e ambiência, de velocidade e chaves de finalização. É arte e ofício.

Baby Motta é “do umbigo do mundo”, Catanduva, interior paulista, filha e neta de fazendeiros, Exerceu funções de relevância em diversas empresas, onde ganhou um largo círculo de amizades. Sempre querida por onde andou, de Paris a Tóquio, de Londres a Ouro Preto, de Nova York a Lapinha, este seu primeiro livro é o próprio espelho da sua personalidade: forte nos momentos difíceis, delicada na sua intimidade, amantíssima que é da vida, dos seus, das artes, do Brasil. Privilégio foi conhecê-la e mais editá-la para gáudio de todos os seus, nossos amigos.

O Editor.

Goldberg, Jacob Pinheiro. *Ritual de clivagem*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 22/10/1989

[orelha, s/ crédito]

Este livro reflete uma viagem moderna do antigo e prosaico (Juiz de Fora concreta e o “Shtetl” imaginário) até o trans-moderno.

Elo entre a literatura, o intimismo psicológico e a r/evolução pessoal.

As duas estações dos tempos cruzados.

Nos espaços da noite, um concerto se executa. O som canoro da ave que se repete. Trinados talvez, quem sabe, fazem o contra-ponto com o silêncio perturbado de automóveis cruzando a avenida.

No leito indormido, o homem recebe a visita de seus fantasmas, em pantomina. O desamparo da fera domesticada, seus pânicos em flor, que rimam com o miado de gatos soturnos, ameaçadores viajantes das trevas.

E o pássaro transformado, insistente, seu canto em hermética mensagem a decifrar.

[2ª]

Jacó Pinheiro Goldberg é – e quem disse foi ninguém menos do que Drummond – uma sensibilidade voltada para o amanhã.

Personalidade original, como terapeuta e intelectual multifacetado, vem produzindo uma obra que se caracteriza pela tradução do choque entre o subjetivo e o objetivo

Em “Ritual de Clivagem” seu mergulho kafkiano assume os contornos de uma *ópera traumática*: o ontem que morreu (e recusa o enterro) e o presente que agoniza enquanto floresce.

É um livro de leitura obrigatória para os que se interessam pelas ciências (e artes) do comportamento.

O Editor

LOPES, Aluisio Dias. *All, a língua luz A*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/10/1989

[a seguir do prefácio feito pelo autor]

Toda obra de arte, para ser válida, tem de ser conflitante.
A. Kurosawa

Das verdades matemáticas a demonstração pelo absurdo é a que mais se aproxima do ôntico poético. Da hipótese à tese, o caminho das pedras é cheio de surpresas, não raro, fantásticas. Suposições-constatações, dúvidas-certezas, tudo faz parte do jogo de probabilidades onde impera absoluto o I Ching. Ninguém é totalmente perfeito, o racional é ilusório, o imponderável existe. Mortais ou imortais, conduzimos ou não, somos conduzidos ou não. Entre virtude e vício o pêndulo do pecado oscila, como “los arados van e ven desde Santiago a Belem”.

Prepare-se, pois, o leitor, para uma inquietante aventura ortofrênica. Este livro de Aluísio Dias Lopes tanto pode parecer um monturo desconexo como uma descoberta beirando a genialidade. Depende do ponto de vista. Se se é crédulo ou incrédulo. Fantasiado ou realista. Pode ser também um eficiente manual de psiquiatria doméstica, embora não pareça. Mas exatamente porque não parece é que é. Deve ser lido também como um tratado de quiromancia antipodal e reversível, pois demonstra que a palma das mãos e a planta dos pés, se não forem ilusão de óptica, são uma e a mesma coisa.

É também um livro de adivinhações, perfeito para o consulente que já seja adivinho e para o que deseje adivinhar alguma coisa, tipos que aliás se confundem, pois acabam sempre sendo adivinhados. É, ainda, uma impressionante recolha de profecias, todas voltadas para o passado – que é, como se sabe, muito mais desconhecido que o futuro. Tem, entre outros méritos, o de ser extremamente dialético. Exemplo: subverte, com inaudita sagacidade, a lei hermética (“o que está em cima é igual ao que está em baixo”), para ensinar, peremptório: “O que está em baixo é igual ao que está em cima”. A mesma coisa? Não se iluda, incrédulo leitor. Experimente ficar em cima. Depois, em baixo. Você verá que a diferença é igual, mas jamais será a mesma coisa. Ou a coisa jamais será a mesma.

Com isso, a questão do ponto de vista fica definitivamente banida das especulações filosóficas e científicas para se reduzir, doravante e doratrás, a mera questiúncula de pontuação gramatical e normativa: um ponto aqui, outro ali, mais um acolá, e você terá, atarantado leitor, uma ideia muito clara, porque icônica, de quão reticente e perdurável é esta primigênia *Língua Luz A* – e perderá de vista a incomensurável, iluminada sabedoria aí contida. Imprimeur.

O Editor

RAMADAN, Ebrahim. *O beijo da chuva na aurora azul*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 08/11/1989

[orelha]

Jornalista e professor universitário, Ebrahim Ramadan é natural do interior de São Paulo. O seu jeito tímido – porém inquieto e rebelde – imediatamente denuncia uma espécie de pacto que tem com a infância. Da infância de longas caminhadas entre cafezais, no meio do mato ou seguindo o curso de um riacho qualquer. Ou ainda dos tempos do seminário, durante a leitura de um clássico obrigatório, escondido no alto de uma árvore. Só. Sempre só. É aí que se apaixona definitivamente pela solidão, de quem até hoje é amante fiel. Como ele mesmo define, “A solidão é a mais autêntica liberdade”.

O Editor

PARENTE, Lilian. *Aconchego*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 6/12/1989

[posfácio]

As manifestações de arte não têm época, data, nem são previsíveis, muito menos catalogáveis. Elas são, simplesmente. Ocorre, porém que nos tempos atuais o sentido original e mais profundo da arte vem sendo desvirtuado por imposições mercadológicas e maneirismos fáceis. Assim caminha a arte em nosso tempo, servil ou alienada demais, sem balizas que a redirecionem ao exercício da virtude maior.

Lilian Parente propõe uma reflexão, muito pessoal e aparentemente ingênua, sobre o caos em que se debate a humanidade. Acredita que seus pincéis e suas palavras possam servir como medidores entre o absoluto marasmo – que somos obrigados a enfrentar a cada esquina ou a cada telejornal – e os anseios momentaneamente reprimidos de um mundo um pouco mais tranquilo e saudável a que teríamos direito.

A editores não cabe colocar o mérito dos títulos publicados no fiel de uma balança. Cabe-lhes, isto sim, o papel de fazer com que cada trabalho, da melhor forma, encontre seu público e ecoe positivamente dentro de seu círculo – às vezes restrito, outras vezes mais amplo – mas sempre ditado pela concepção primeira do artista.

Este é o nosso desejo com relação à obra aqui proposta: que ela encontre resposta entre os leitores, que ela consiga transmitir sua mensagem, já que desde o início sua autora, Lilian Parente, pautou sua proposta de forma virtuosa e plena de elegância.

M.O

PAGANO, Otávia. *Histórias de você*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/06/1990

[orelha]

Otávia Pagano:

Li, encantado, o seu *Histórias de você*. Penso que um legado como esse deve se estender a mais leitores que não apenas o seu círculo de relações, pois a mensagem contida – universal, aliás – é das mais ternas, sensíveis e agradáveis que já tive ocasião de ler.

Se bem não seja o livro infantil a minha especialidade, interesse-me faz tempo pelo gênero. Noto, com pesar, na maior parte das publicações infantis brasileiras em certo descaso com a parte visual, acurada nas edições estrangeiras.

Creio que é tempo de realizarmos alguma coisa boa na área. Os impedimentos, porém, são vários. O livro infantil reclama cores, paginação folgada, tipos adequados, bom papel – elementos que certamente oneram uma edição. Mas vou tentar. Por que vale a pena essa proposta sua de dar perpetuidade, continuação ao legado de amor.

Sinceramente, o

M.O.

GIL, Olga. *Resgate*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 13/06/1990

[1ª orelha]

Olga Gil é Natural de São Paulo, onde cursou Ciências Sociais, USP. Fez Pedagogia na PUC-RJ. Residiu em Paris, Nova York, Caracas, Rio de Janeiro. De formação eclética, portanto.

O contato com a realidade latino-americana explica a sua predileção por Llosa, Garcia Marques, Sábato, Donoso, Borges. Sua estada em Paris despertou-a para as artes: especialmente Matisse, Schiele, Kokosha, Picasso, Miró, entre outros tantos.

[2ª orelha]

Instada a um depoimento sobre *Resgate*, livro inicial, O.G. declara:

“Tento penetrar agora em uma proposta mais essencial, minimalista de forma-conteúdo, para chegar ao essencial. O livro é um começo, início de caminho, descoberta de uma linguagem que acima de tudo reflete a minha percepção de mundo, com que pretendo atingir as pessoas na sua sensibilidade mais fina, na sua emoção mais recôndita. Esse, o meu resgate.”

Entrementes, suas preocupações voltam-se também para a área social. Cobra-se uma atuação mais significativa nesse setor, atentando para a situação dos grupos de baixa renda, marginalizados, órfãos de educação, saúde e direitos – outro resgate que pretende com toda convicção.

Observar, torcer, acompanhar, a trajetória de Olga Gil, é preciso. Sua firme determinação anima, emociona. Aguardemos.

M.O.

28 de junho , 1990

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Romances e canções sefarditas* (do séc. XV ao XX) traduzidos do judeu-espanhol.

São Paulo: Massao Ohno Editor, 27/06/1990

[orelhas]

Leonor Scliar-Cabral é doutor em linguística pela Universidade de São Paulo e professor titular na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Pesquisadora do CNPq, tem estágios na *University College of London*, ICU (Tóquio), *Université de Montreal* e ultimamente estagiou no Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Livre de Bruxelas, com o qual coordena um projeto inter-universitário, no Brasil, sobre Cognição e Leitura.

É também membro do Comitê Internacional da Associação Internacional de Psicolinguística Aplicada (IASCL) e do Comitê de Linguagem da Associação Internacional de Logopedia e Foniatria (IALP) e foi coordenadora, durante dois mandatos consecutivos, do GT de Psicolinguística e Letras (ANPOLL). É ainda membro fundador da revista *Letras de Hoje* e pertence ao seu conselho editorial.

Além das áreas científica e pedagógica, onde têm publicado inúmeros trabalhos no Brasil e no exterior – entre os quais *Introdução à Linguística* (Globo) – seu interesse pela literatura foi coroado com o Prêmio Esso de Literatura, com um ensaio sobre a poesia concreta (1967). Mais recentemente, publicou ensaios como *As ideias linguísticas* de Mário de Andrade (EDUFSC, 1987) e *O método contextual-dinâmico aplicado a poemas de Fernando Pessoa* (EDUFSC, 1989) e *Sonetos*, pela Edoitora Noa-Noa (1987).

Romances e Canções Sefarditas inicia o ciclo de pesquisas agora patrocinadas pelo Instituto de Cultura Judaica Marc Chagall (Porto Alegre) para resgatar o cancionário sefardita no Brasil, ao lado de poemas de sua própria autoria – *Memória de Sefarad* – a sair proximamente.

O Editor

ROJAS, Sérgio. *Improviso para silêncio e sopros*.
Mário Margutti-Massao Ohno/ Editores, 21/08/1990

[orelha, 2ª]

Sérgio Rojas é compositor, poeta, instrumentista e cantor. Carioca, 29 anos.

Publicou três livros de poesia, com apresentações de Ferreira Gullar, Moacyr Félix, Paulo Leminski e Antonio Houaiss.

Lançou dois LP's solo com suas composições, o primeiro com contracapa assinada por Tom Jobim.

Realizou vários shows durante a década de 80, em lugares como: Sala Funarte (Rio, SP e DF), Parque da Catacumba, Jazzmania, Teatro Nacional de Brasília e Teatro Ipanema (sob a direção de Bia Lessa).

Atuou também na Orquestra de Violões do Rio de Janeiro, gravando um disco e se apresentando nos Teatros Municipais do Rio e SP, sob a regência de Turíbio Santos.

A presença de interlocutores de alto nível no trabalho de Sérgio Rojas deve-se ao fato de que, para ele, “o novo é o diálogo com o antes”. Assim como sua música, muitas vezes com uma dicção *pop*, não abre mão de uma sólida formação erudita, sua poesia, quando passeia do experimental ao coloquial, o faz com real domínio de linguagem.

A invenção como necessidade ontológica: eis o ponto de partida para os últimos trabalhos de Sérgio Rojas e para este *Improviso para Silêncio e Sopros*. Uma insólita fricção entre o rigor cabralino e o automatismo psíquico, este livro inaugura uma unidade inédita na obra de S.R. Em 17 improvisos para diversas temas, a poesia “namora” a prosa e os silêncios, revitalizando a língua com o oxigênio próprio e uma fluência jazzística.

Improviso para Silêncio e Sopros, enriquecido pelos sumiês de Masao Okinaka, confirma e amplia a alta tensão criativa do trabalho de Sérgio Rojas.

Os Editores

NEJAR, Carlos. *A idade da aurora*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 21/08/1990

[orelhas]

UM LIVRO PRODIGIOSO

Quando o autor me visitou, com os seus originais, e me falou que este volume era fruto de cinco anos de silêncio, pensei que me entregava a continuação de sua poesia, que o impôs como um dos grandes poetas deste país. Entretanto, constatei que esse livro – A IDADE DA AURORA – não encontra paralelo na sua criação anterior, ou na literatura. Algo novo, surpreendente, prodigiosamente brasileiro e universal, com a indelével marca do inventor.

Seria romance, rapsódia, cosmogonia, fábula da infância do Brasil e do mundo?

Não importa. É preciso lê-lo além dos rótulos e o leitor ficará surpreso, como fiquei, à alegria com que o Brasil se redescobre na palavra que se faz princípio e fim de todas as coisas.

As criaturas (seres e símbolos), envoltas nos mitos primitivos do mundo, criam sua própria convivência, com enredos, revelações, a harmonia mágica do homem com a natureza.

Seria uma *rapsódia*, como o autor, em seu *Prefácio impossível* vislumbra, narração que os *aedos* antigos faziam, desde Homero, desenvolvendo histórias na história, fábulas na fábula?

Seria *romance*, com o tempo tomando feição de personagem entre personagens, a perene luta do bem e o mal, o amor e a morte num espaço virgem, primordial, que se move entre as estações?

A IDADE DA AURORA, de Carlos Nejar, é para ser habitada pela imaginação do leitor, que participará deste universo, viverá com os seres, animais, pássaros, plantas e árvores, como todos nós, hoje, habitamos, mais do que em gêneros determinados, no coração selvagem da palavra.

E é selvagem a força deste texto, a energia, a gênese do Brasil e da história, até o fim dos tempos. Embora haja na linguagem a carga vertiginosa da poesia, não é só poesia, ficção, fábula, cosmogonia, maturidade criadora. É também uma *outra coisa*. Que os leitores descobrirão, cativados.

O Editor

WEY JÚNIOR., Clóvis. *Pátina*.
São Paulo: Massao Ohno, 30/07/1989

CEDOTTI, Walmir. *Eco lógico*.
São Paulo: Massao Ohno, 12/11/1990*

[orelhas]

[*inserido o título *Sobre a Pintura*]

Os Românticos estavam prontos para procurar temas exóticos e viajar para lugares distantes. Entretanto eles falharam em compreender que, embora o transcendental deva envolver o estranho e o não familiar, nem tudo que é estranho e não familiar é transcendental.

É difícil para o artista aceitar a hostilidade da sociedade para com sua atividade. Contudo essa mesma hostilidade pode servir como uma alavanca para a verdadeira libertação. Livre da falsa sensação de segurança e comunidade, pode abandonar seu talão de cheques artísticos, assim como abandonou outras formas de segurança. Ambas, as sensações de segurança e de comunidade dependem do familiar. Liberto delas, suas experiências transcendentais se tornam possíveis.

O instrumento mais importante que o artista forja através da prática constante é a fé na sua habilidade de produzir milagres quando eles são necessários. Quadros devem ser miraculosos: no instante em que é completada, termina a intimidade entre criador e obra. Ele é um estranho. O quadro deve ser para ele, assim como para qualquer outro que o veja mais tarde, uma revelação, a inesperada e inaudita resolução de uma eterna necessidade familiar.

Sobre as formas:

Elas são elementos únicos em uma situação única.

Elas são organismos com vontade e paixão por si mesmas.

Elas se movem com liberdade interna, sem necessidade de se conformar ou de violar o que é provável no mundo familiar.

Elas não tem nenhuma associação direta com qualquer experiência visível particular, mas nelas se reconhece o princípio e a paixão dos organismos.

Eu não acredito que tenha existido alguma vez a questão de acabar com esse silêncio e essa solidão, de respirar e se esticar os braços novamente.

(Mark Rothko, Possibilities No 1 1947/1948).

FERNANDES, José Roberto. *Tempos diversos*. São Paulo:
Massao Ohno/Stefanowski/Editores, 27/10/1990

[orelhas]

José Roberto Monteiro Fernandes, paulistano, 34 anos, é publicitário, apesar de sua formação em economia (PUC-SP).

Sua paixão pela literatura vem dos tempos de adolescente. Aos 13 anos já arriscava os primeiros poemas, passando a escrever sistematicamente desde os 15 anos. Ao longo de sua formação, despontam leituras, entre outros, de Lobato, Quintana, Vinicius, Pessoa, Leminski, Fonseca, Freire; e muita música, foco no *jazz*.

Tempos Diversos é o seu livro de estreia. Como o próprio nome denota, a obra enfeixa poemas de várias fases, da adolescência aos tempos atuais. Um denominador comum a todos eles, porém, é a captação do instante, a “fotografia” do momento que decorre. Chamo a atenção do leitor para esse fato, para uma melhor fruição dos textos apresentados.

A obra de estreia é sempre uma incógnita que o tempo irá decifrar. Talento, no mais das vezes é persistência, estudo, determinação – e nenhuma pressa diante da História.

Creio sinceramente que o Autor tem os predicados todos de um grande poeta. Portanto, deve ser estimulado a prosseguir, a poesia como um todo tem de ser prestigiada, pois, “só poeticamente se pode viver”, no dizer de Pessoa.

O Editor

COSTA, Franz Rulli. *Porto inseguro*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/10/1990

[orelhas]

O homem é ele próprio

e a sua circunstância.

Ortega y Gasset

O fato da regionalidade de uma obra – tornar-se universal ou não, eis a questão – tem fomentado muitas discussões; profícuas ou não tais considerações, o certo é que o homem já nasce um “ser situado” e até certo ponto “sitiado”, como quer o poeta e jurista Miguel Reale.

Não admira, pois, que a obra revele esse condicionamento, já que a sociedade é um bem cultural no qual todos nos achamos situados. Nada se criando ou se perdendo, cabe ao poeta a tarefa da transformação desse mesmo cadinho sócio0cultural, ser ele mesmo a antena do seu povo (Pound), antecipá-lo nos anseios, guia-lo nas decisões e entende-lo nas frustrações. Termômetro, timão e antídoto, cabe ao poeta, ainda assim, tentar o salto, a transcendência, elevando sua obra – flor de lótus – acima das expectativas da condição jacente.

Essa obra, lida e entendida de diferentes formas em épocas diversas (O. Paz – A. C. Osório) só se completa quando assimilada pelo estro que a criou, “fazendo o povo pensar” (Castro Alves).

É com tais pressupostos que apresentamos este *Porto Inseguro* de Franz Rulli Costa. É obra perene, fruto de reflexão e maturidade – humanidade, enfim.

O Editor

GAIA, Seleno. *Entre dois espelhos*. São Paulo: Massao Ohno Editor,
30/03/1991

[contracapa, s/ crédito] ???

ENTRE DOIS ESPELHOS transporta-nos a reinos maravilhosos, simbólicos, míticos e místicos, para fazer-nos assentar à mesa do banquete da sabedoria. Estamos diante de um Romance original, cujas personagens sonham e se aproximam do homem original, do homem matinal, edênico, que nasceu do amor, para amor viver, para viver do amor.

Tado, personagem principal, parece-me centralizar a mensagem do Romance: O Mistério do Amor e da Vida. Tado é sonho, é passado, presente e futuro ao mesmo tempo. Tado é Minas de ontem, é verdade, é família e tradição.

ENTRE DOIS ESPELHOS é um hino ao amor, à vida, na madrugada de sua origem. É a trajetória de um homem – Tado – que parte do interior de si mesmo, sonhador de mundos, criando reinos e habitantes, dimensões de sua própria imagem, para nos ensinar a lição dos mistérios da existência. E retornar depois, para sintetizar, no país do coração, todos os valores, oferecendo-nos a razão de viver: O Amor.

SETTE, Luiz Paulo Lindenberg. *A revolução samurai*.
São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-
Massao Ohno/ Editores. 09/07/1991

[contracapa s/ crédito]

O propósito deste livro é dar ao leitor brasileiro uma ideia do que foi a criação do Japão moderno e de como, tomando instrumentos completamente estranhos ao seu pensamento herdado através de gerações, os japoneses souberam manejá-los como ferramentas para a sua própria reconstrução nacional. Sem entrar na polêmica dos historiadores, mostrar como a Restauração Meiji sacudiu uma estrutura de poder até derrubá-la, acabou com um sistema de classes, modificou fundamentalmente a propriedade da terra, venceu a ameaça do colonialismo e preparou resposta ao desafio da industrialização. Para quem quiser contemplá-la sem preconceitos ou anacronismos, a Restauração demonstra que a vida dos povos não é simplesmente determinada por suas condições materiais do momento, que não há fatalismos geográficos ou étnicos, que não existem superioridades tecnológicas invencíveis. Demonstra também que, dentro das limitações do real, há um largo campo onde os homens podem, quando querem, construir em grande parte o seu futuro. Ignorar um exemplo histórico de tamanha importância seria ignorar a maior das lições japonesas: a de que é possível aprender com os outros.

IVO, Lêdo. *O Aluno Relapso*.
São Paulo: Nema-Massao Ohno/Editores, 1991

[orelhas]

FEITICEIRO E TRANSGRESSOR

O Aluno Relapso: aqui os poemas convivem com a reflexão sobre a arte poética. Numa memória que é verdade e mentira, o passado e o presente se fundem no mesmo tempo criativo. A experiência da leitura alterna com a travessia da vida cotidiana. Impressões de viagens se sucedem a lembranças de infância. Os sonhos são vigílias. As confissões e os segredos avançam entre máscaras e inconfidências. Os textos sem nome reivindicam a sua rotulação genérica entre formas correntias. A fragmentação e a descontinuidade não excluem uma unidade e uma integridade que tanto se manifestam nos poemas como em prosas encantatórias marcadas pela brevidade e exatidão.

Livro de poemas? Ensaio? Fragmentos autobiográficos de um poeta e artista literário que, desde a sua *estreia deslumbrante* (como a caracterizou Mário de Andrade), se destaca pelo sentimento e afirmação de sua personalidade e a proclamação de sua singularidade e diferença? *O Aluno Relapso* é um livro híbrido, um horizonte desdobrável. A sua organização é regida pelas acumulações e montagens, e por um princípio estético que recusa a existência de fronteiras nítidas entre a poesia e a prosa. Para Lêdo Ivo, as portas da imaginação estão sempre abertas, e o universo da criação poética é ao mesmo tempo o universo da ordem e da desordem, da razão e da desrazão, da ambiguidade e da plurissignificação linguísticas.

O primeiro da classe e o aluno relapso são talvez o mesmo protagonista deste livro. A cultura e a competência decorrentes do ininterrupto aprimoramento intelectual se afirmam indispensáveis para que um poeta se realize e converta os seus dons nativos em artefatos verbais válidos e acabados.

“O mais puro e o mais feiticeiro dos seus companheiros poetas” assim Roger Bastide saudou Lêdo Ivo quando de sua estreia.

Em *O Aluno Relapso* ele continua fiel ao seu sortilégio organizado. Feiticeiro e transgressor.

Massao Ohno

[contracapa, s/crédito, abaixo da foto do autor, acima do nome/logo Nemas-
Massao Ohno/Editores]

Poemas, lembranças de infância, reflexões sobre a criação poética, reminiscências literárias, impressões de viagens, confissões, máximas, imaginações, notas de leitura, retratos e outras matérias, híbridas ou sem nome, formam este livro fragmentário e descontínuo que se foi compondo por si mesmo, ao longo do tempo que ama guardar as sobras da vida como o vento ajunta folhas dispersas.

GAMA, Antonio. Diário de um Turista. 25/07/1991

GAIA, Seleno [João Alves Filho 24/01/1940]. Entre dois espelhos. 30/03/1991*

TEIXEIRA, Lúcia Guiomar. Expressão Guaruaíba 03/07/1992

IVO, Lêdo

[de O Aluno Relapso]

[orelhas]

Sei que muitos dos meus confrades procuram inspirar a comiseração dos leitores, assegurando-lhes que a criação poética ou literária é para eles um martírio, um intolerável suplício cotidiano.

Eu estaria mentindo se proclamasse pertencer a essa linhagem aflita. Para mim a criação poética é uma alegria. Escrevo por prazer, um prazer idêntico ao sexual. Quando redijo um poema ou uma prosa, eles já vêm feitos, com toda a sua parafernália retórica e rigor específico. A poesia, para mim, é felicidade, a minha felicidade, e não uma maldição. É a minha razão de ser e viver, e não um estigma, uma condenação a mim mesmo ou de mim mesmo. É o meu exercício de liberdade, a minha respiração espiritual.

Entendo que um método só é válido para aquele que o cria e o utiliza, sendo a diversidade essencial à cena literária. O importante é o resultado, o poema que testemunha uma competência pessoal e profissional. Um poeta ou escritor que enfrente dificuldades de expressão não é esteticamente superior a um outro tipo de escritor ou poeta aparelhado até no subconsciente para a expressão final e definitiva. A fluência (ou espontaneidade) não é um defeito, e sim uma qualidade e uma dádiva. Aliás, pouco importa que o artista crie na frieza ou na efusão, pois essa temperatura psicológica (ou melhor, fisiológica) não tem condições de garantir a qualidade da obra. O que importa é o resultado, – o que os professores de literatura chamam enfaticamente de *obra em si* para atemorizar os alunos – seja qual for o processo criador ou o nível emocional de quem o produz. Se a dificuldade de escrever conduzissem à supremacia literária, Olavo Bilac seria superior a Dostoiévski.

Além disso, penso que todo artista, seja ele poeta, escritor, músico ou pintor, deve esconder do leitor, ouvinte ou espectador o seu esforço. Por mais trabalhada que seja sua

obra, ela deve ostentar, para que, a lê ou a vê ou a escuta, o emblema da espontaneidade – ou melhor, de uma espontaneidade inexistente ou imaginária, que é a gentileza do criador ao seu público. Uma obra de arte deve ser leve como, no ar e na distância, parecem leves os aviões a jato.

[*neste livro, há inserção do parágrafo]

Os poetas e escritores que incomodam o leitor com as suas lamúrias formais ou estilísticas não passam de bons e escandalosos românticos. Um clássico não se queixa; fornece ao leitor a obra acabada e guarda sigilo sobre o seu afortunado sistema de composição. Clássico não chora.

Ledo Ivo

PORTO, Marlene. *Cícero – cartas a Marco*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/09/1991

Nota do Editor

Os temas que povoam a literatura estão longe de ser variados, e de nenhum modo são infinitos. Entre eles, a avaliação de uma vida à luz da experiência é quase uma constante. Quando o autor recebe a graça da maturidade emocional, o olhar sobre o passado tem a força da verdade e o poder de ensinar os atalhos aos que ainda vão a meio caminho. Esse veio riquíssimo da literatura passa pela autobiografia e pelo romance histórico e seu interesse para o mundo consiste na vivência e no aprendizado, que só podem ser oferecidos ao fim de uma etapa ou da própria vida. Poucos autores-personagens tem tanto a dizer a esse respeito quanto o clássico autor do *Orator*, que teve tempo, antes da morte que ele adivinhava próxima, de avaliar a própria existência.

Apesar dos mais de dois mil anos que nos separam de Cícero, dos fatos e dos co-protagonistas da história de sua vida, nesta obra descritos com fidelidade, não cessamos de nos surpreender com a constatação de que o homem, independentemente dos tempos e do cenário em que atua, permanece o mesmo.

Marlene Porto Wentzler é brasileira, autora dos livros *Os Brasileiros – uma tragicomédia*, editado em 1984 e *A Testemunha – Diário de uma Essência*, em fase de preparação.

MACHADO, Antonio B. *Poemas Seletos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981

ARAUJO, Dyrce. Quando a casa dorme. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1982

FRAGETTI, Lucila. *Esse amor cada vez mais raro*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 16/09/1982

MUSA, Nhô. *Sópoesia*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 10/05/1983

ECHAIME, Leila. *Aveávida*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 30/08/83

SANTOS, Nivaldo Menezes. *Mercador de pássaros*. São Paulo: Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque/Editores, 06/12/1983

CALIL, Ruth Mary. *Tempo de névoa*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 07/1984

LUIZ, Airton. *O sonho da vida*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/06/1985

FARIA, Alice. *Meu pão de cada dia*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 18/05/1986

ANTUNES, João Batista. *20 anos de poesia*- Autores premiados nos concursos de poesia de Ubatuba. São Paulo: Fundação de Arte e cultura de Ubatuba/Massao Ohno Editor, 15/04/1988

IGNÁCIO, José Carlos dos Santos. *Verde-amarelo, claros*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/07/1988

WAKI, Akemi. *Aldeia de Arcozelo*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 05/07/1988

CARDACCI, Diva. *Versos d'alma*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/11/1989

GARCIA, Viviane Kahtalian K. *Tudo isso*. Massao Ohno-Ismael Guarnelli/Editores. 28/06/1984

JACINTHO, Silvia. *Lavoura de infinito*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/06/1991

IGNÁCIO, José Carlos dos Santos. *Beiradas de um olhar por dentro*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/11/1991

CAMARGO, José Eduardo Mendes. *Sonhos*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1991

COSTA, Eduardo Alves da. *Para que serve a poesia?*

Para que serve a poesia?

“A possessão e o delírio das musas apoderam-se de uma alma sensível e consagra, despertam-na e extasiam-na em cantos e em toda a sorte de criações poéticas; e ela, enquanto glorifica em inúmeros feitos do passado, educa a posteridade.”

Assim se refere Platão, no Fedro, ao êxtase poético vivenciado pelos aedos, poetas que, na Grécia antiga, declamavam seus versos ou cantavam suas composições ao som da lira. Naquela época distante, a Poesia estava profundamente arraigada na vida cotidiana dos gregos e os poetas não tinham por hábito – como hoje em dia – mendigar um olhar complacente de seus concidadãos. A existência dos aedos estava plenamente justificada, já que a eles cabia manter vivos os feitos humanos e divinos do passado, ou seja, a própria base em que repousavam a cultura e a educação gregas. Ainda segundo Platão, não se fazia necessário sequer, que o poeta desejasse influenciar seus ouvintes, porque o fato de manter viva a glória do passado já bastava, em si, para educar o povo.

Cumprir lembrar que, naquela época, ainda não havia uma sistematização do pensamento ético nem existiam compilação de leis. Assim, o comportamento dos deuses e dos melhores representantes da raça – os heróis – devia ser apresentado com suficiente ênfase, para que os cidadãos pudessem ver nele um exemplo a ser imitado. Por outro lado, só poderemos entender o valor desse exemplo e, em decorrência, a importância da própria Poesia de então, se nos lembrarmos de que a sociedade grega buscava formar um tipo muito elevado de Homem.

O que dizer da Poesia e dos poetas de hoje? Que função desempenham eles na sociedade moderna, tão consumista e tão ávida de novidades? Que chance têm os poetas de se fazerem ouvir nesse mercado efervescente, nesse vasto circo de variedades em que se transformou a agonizante Civilização Ocidental?

Jung afirmou que o homem ocidental corre o risco de se destruir por estar perdendo a capacidade de introspecção. Sentimo-nos fascinados com o aspecto mais superficial do progresso – a produção de bens de consumo – e abrimos mão do que os gregos denominavam “virtudes heróicas” do ser humano. E sem elas, pouco mais somos que animais inteligentes, cuja voracidade insaciável ameaça a sobrevivência dos seres vivos na superfície deste planeta.

A função do poeta, hoje, a meu ver, não difere muito daquela exercida pelos aedos da Grécia antiga. Voltando ao início, creio piamente nas palavras de Platão. Creio que o poeta seja, de fato, uma alma sensível e consagrada, possuída pelas musas, que delira e se extasia em cantos e em toda a sorte de criações poéticas; e creio que essa alma, desperta, mesmo que não glorifique os inúmeros feitos do passado, possa educar a posteridade. Cumprir ao poeta “lembrar” constantemente aquelas virtudes e protestar contra tudo quanto possa reduzir o Homem a uma condição inferior, sub-humana.

Os poderosos deste mundo lançam mão dos mais diversos pretextos para manter o Homem sob o jugo da servidão, da miséria, da doença, do sofrimento, da ignorância. Cabe ao poeta manter desperta a consciência do seu tempo, ser ele próprio essa consciência e compartilhá-la com seus irmãos. Cabe-lhe, com sua intuição visionária, lançar pontes sobre a banalidade cotidiana e arrebatá-lo ao futuro as utopias mais inacreditáveis; e colocá-las diante de olhos cansados, incrédulos, míopes e até mesmo cegos, a fim de que o Homem se sinta motivado a reunir o que lhe resta de força, para tentar mais uma vez o salto, transcender.

Eduardo Alves da Costa

BOGO, Luís. *Pequenas causas*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 12/10/1991

[orelha]

Luís Sérgio Bogo é paulista da capital. Seus pais garantem que logo após seu nascimento, em 14/12/62, foi submetido ao teste do pezinho e nenhuma anomalia foi constatada, mas não consegue explicar o que saiu errado depois. *Writer and ghost-writer*, lançou em 1986 seu primeiro livro de poemas, “Na Direção Exata”. Teve sua candidatura à presidência do *Pen Club* lançada por seu amigo George Ballantines, mas declinou delicadamente. Sonha em escrever um *best-seller* mas anda com preguiça. É pai (co-autor) dos pezinhos impressos na capa deste livro e agradece a Adriana Ferraz de Abreu pela colaboração.

Massao Ohno Editor

HAZAN, Andrée, *Verdevida*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/04/1988

IGNÁCIO, José Carlos dos Santos. *Beiradas de um olhar por dentro*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/11/1991

JACINTHO, Silvia. *Lavoura de infinito*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/06/1991

SILVA, Luiz Roberto Nascimento. *Arco da Manhã*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/05/1992

OLIVEIRA, Franklin de

[contracapa]

Toda poesia é um ato de assombro. De espanto diante da beleza do universo e de terror diante do sofrimento humano. É esta dialética – emoção diante da beleza, indignação diante da dor humana – que nutre o ato poético, elevando-o à altura do ato filosófico, subtraindo-o da mera condição de expressão sentimental. O autêntico poeta é um ser crucificado na angústia de pensar antes de ser embalado no encanto de sentir.

Franklin de Oliveira

MOTTA, Baby. *Amor hai-kai*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 02/12/1991

[nota ao final do livro]

Baby Motta nasceu decoradora, como sempre diz aos amigos. Filha e neta de fazendeiros de Catanduva – “umbigo do mundo”, conforme nos conta em “Vida em 2 Tempos”, o seu livro de estreia.

Baby dirigiu por muito tempo o setor de Relações Públicas do Banco Nacional e da Vemag, quando recebeu o título de “Mulher do Ano”. Viveu em Londres. Viaja frequentemente e no Japão sua extrema sensibilidade deve ter captado o pólen criador do hai-kai.

Prova disso é esta coletânea “Amor Haikai”, plena de ternura – essa matéria-prima tão escassa nestes tempos que atravessamos.

O Editor

SILVA, Luiz Roberto Nascimento. *Arco da Manhã*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/05/1992

[orelha]

O autor nasceu no Rio de Janeiro em 1952. Publicou “O segredo da Lua quem sabe é Clarão do Sol”, Ed. Cátedra, 1975, e participou da Antologia “Águas Emendadas”. Ed. Thesaurus, 1977.

É advogado e professor de Direito Tributário do Rio de Janeiro.

O Editor

RUSSO, Anna Maria. *Lua descabida*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 17/03/1992

[nota ao final]

A autora, Anna Maria Russo, é formada pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com especialização no exterior. Trabalha há vários anos na área de marketing de serviços.

Domingo à tarde, seu livro de estreia, data de 1988 e obteve muita aceitação pelo público leitor.

Lua descabida já nos revela uma autora mais concisa, decidida no fazer poético, que certamente agradará críticos e leitores.

O Editor

PIRES, Delores. *Haicaístas brasilienses*.
São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-
Massao Ohno/ Editores, 17/03/1992

[orelha]

Delores Pires nasceu em Criciúma, Santa Catarina, em 1947. É formado em Letras. Defendeu dissertação de mestrado com *O Universo do Haikai*, em 1984. Membro do Juri do Encontro Brasileira de Hai-kai que se realiza anualmente sob os auspícios da Revista Portal.

Obras na área haicaística: *Crepúsculo*, 1984, *Vôo*, 1988, *Criação*, 1989, *Outono*, 1992 e *Cumplicidade*, no prelo. Organizou a *Antologia dos Haicaístas Brasilienses*, a convite da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Através de palestras tem difundido o haikai sistematicamente em todo o país. Reside em Curitiba. Pertence ao Grêmio Haikai Ipê e à Associação Japonesa de Estudos Luso-Brasileiros de Tóquio.

Os Editores

GADELHA, Raimundo. *Um estreito chamado horizonte*. São Paulo:
Massao Ohno Editor, 1992

[orelhas]

ITINERÂNCIA E CONSAGRAÇÃO

Pouco mais de um ano após a edição inicial, eis que estamos fazendo a 3ª tiragem deste “Um estreito chamado horizonte”, fato inédito por se tratar de um livro de poesia e também pela época recessiva que estamos atravessando.

Tal fato deve-se ao intenso trabalho de divulgação realizado em todo o Brasil, tanto pelo autor dos poemas – Raimundo Gadelha, como pelo responsável pela versão japonesa dos mesmos, o veterano Masuo Yamaki – que realizou uma excelente cobertura promocional para o livro no Japão, de onde retornou recentemente.

Outro fato inédito foi a vinda de um repórter da “Playboy” japonesa, com o fito exclusivo de entrevistar o autor. Três páginas foram dedicadas para essa reportagem, numa revista de tiragem colossal no Japão.

Poeta e fotógrafo *globe-trotter*, Raimundo estudou durante 3 anos no Japão como bolsista Monbusho. Na sua itinerância, esteve por toda a Ásia, Américas, Europa. Recentemente o livro foi lançado no norte e nordeste do Brasil com enorme sucesso.

Eis as razões, pois, para tal êxito: muita perseverança no trabalho e firmeza de propósitos – qualidades que, aliadas a um excelente trabalho literário e de fotografia, fazem de Raimundo Gadelha um autor duplamente consagrado: pela admiração que desperta nos meios culturais da comunidade japonesa e pelo reconhecimento internacional de sua capacidade criativa.

A Aliança Cultural Brasil-Japão atinge uma vez mais, pois, os seus propósitos de aproximar culturalmente os dois países, fazendo publicar autores de reconhecido talento e marcante atuação.

M.O.

SAMPAIO, Aluysio Mendonça. *Ainda é noite*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/08/1992

[orelhas e contracapa, s/crédito]

Apreciando *Os anônimos*, livro de conto publicado em 1974 e com o qual Aluysio Mendonça Sampaio foi laureado com o *Prêmio Afonso Arinos – 1975*, da Academia Brasileira de Letras, observou Tristão de Athayde que o outro tem um estilo “malarmaicamente puro, numa transladação sutil para o domínio poético das emoções mais finas, sem perder entretanto o contato com a realidade e dotado de uma excepcional capacidade de escrever entre as linhas. Conciso ao extremo, talvez como autor de livros técnicos já publicados, parece um espírito levado às abstrações... O conto *O Velho e o Passarinho*, por exemplo, me parece ser uma pequena obra-prima”.

AMS já houvera publicado, em 1971, o poema alegórico *Noite Azul* e posteriormente editou *Areia Branca* (contos), *Letras Um* (contos, crônica, poesia e ensaio), *Zero Três* (romance) e *Efêmero* (poesia).

O autor comparece, agora, com este *Ainda é Noite*. Trata-se de obra ficcional que por sua extensão, pode ser classificada como novela; mas, em vista da complexidade das histórias narradas, qualifica-se como romance.

Compõe-se o livro de histórias que não se entrecruzam, mas no qual se preserva a unidade pela substância das ideias, pelo clima de desencantos e esperanças e pela exaltação da pessoa humana, tão vilipendiada pelos donos da vida.

Zecabumba, seu personagem central, mulato de andar banzeiro, é a exaltação da cultura mestiça e do sincretismo peculiares do Brasil.

A presente obra foi escrita em diversos níveis de linguagem – desde o popular ao erudito, mas sempre com a depuração notada por Tristão de Athayde. Realismo e romantismo; o imaginário e o real; o mágico-fantástico e a concretude de uma realidade crua e, tantas vezes, cruel – são momentos do presente livro no qual, em face das vicissitudes de um cotidiano prosaico e pungente, busca-se o despertar de sonhos e esperanças.

[contracapa, sem crédito sobre o nome da editora]

ALUYSIO MENDONÇA SAMPAIO nasceu em Aracaju, em 1926; bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Bahia em 1952 e a partir de então radicou-se em São Paulo. Dedicou-se à literatura desde os 12 anos de idade. Exerceu o jornalismo em Aracaju, Salvador e São Paulo. Ingressou na magistratura trabalhista em 1957, aposentando-se, em 1991, no cargo de Juiz Togado do TRT da 2ª Região. Seu primeiro livro publicado foi *Brasil – Síntese da Evolução Social* (1961), ao qual se seguiu *O que é reforma agrária* (1962). Depois de escrever várias obras jurídicas, retornou à literatura propriamente dita, com *Noite Azul*, livro de poesia (1971). Com *Os Anônimos*, recebeu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras – 1975.

Massao Ohno Editor

PORTO, Guta Marques. No ombro da noite. São Paulo: Massao Ohno Editor, 18/03/1992

GONÇALVES, Raymundo Amado. *Tharsis*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 07/04/1992

BRENNER, Miriam. Sombra-luz. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1992

CARVALHO, Ronald Zomignan. Olhar girassol. São Paulo: Massao Ohno Editor, 07/04/1992

DUARTE, Aurora. Testamento insensato. São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/12/1993

CARDACCI, Diva. Jardim azul. São Paulo: Massao Ohno Editor, 18/12/1993

RUSSO, Anna Maria. Lua descabida. São Paulo: Massao Ohno Editor, 17/03/1992

NERUDA, Pablo; LIMA, Diógenes da Cunha. Livro das respostas (face ao Libro de las preguntas de Pablo Neruda). São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996

PAZ, Octavio Paz

[orelhas]

Desde a era do romantismo, os leitores de poemas têm sido figuras solitárias e dissidentes, assim como os próprios poetas, aliás. São poetas e leitores burgueses, sim, mas revoltados contra seu passado, sua classe social e a ética de seu mundo.

Com excessão de meia dúzia de aristocratas, todos os poetas modernos pertencera, e pertencem à classe média. Todos eles cursaram faculdade. Alguns foram advogados, jornalistas, médicos, professores e diplomatas, outros foram executivos de publicidade ou relações públicas, banqueiros, empresários, burocratas importantes ou não tão importantes. Alguns poucos, como Verlaine e Rimbaud, foram parasitas e fugitivos da lei. Mas Verlaine tinha uma pequena renda de investimentos e Rimbaud era originário da burguesia provincial.

Estamos vivendo uma mudança dos tempos: não uma revolução mas, no sentido mais profundo e duradouro da palavra, uma revolta – uma volta à origem, um retorno ao início. Estamos testemunhando não o fim da história, como afirmou um certo professor universitário nos Estados Unidos, mas um reinício.

Hoje em dia a literatura e as artes estão expostas a um perigo diferente: estão sendo ameaçadas não por uma doutrina ou um partido político mas por um processo econômico sem rosto, sem alma e sem direção. O mercado é circular, impessoal, imparcial, inflexível. Alguns me dirão que está certo, que é assim mesmo que deveria ser. Talvez. Mas o mercado, cego e surdo, não gosta de literatura, não aprecia riscos, não sabe como escolher.

Num mundo governado pela lógica do mercado, ou pelo planejamento estatal nos países comunistas, a poesia é uma atividade que não traz retorno algum. Seus produtos são praticamente invendáveis e quase inteiramente inúteis. Para a mente moderna, embora ela não admita isto para si própria, a poesia é energia, tempo e talento voltados a objetos supérfluos. No entanto, contrariando toda a lógica, a poesia circula e é lida. Rejeitando o mercado, custando quase nada, ela passa de boca em boca, como o ar e a água. Seu valor e sua utilidade não podem ser medidos; um homem rico em poesia pode ser mendigo. E os poemas não podem ser economizados para formar uma poupança: eles têm que ser gastos.

Trechos do ensaio

“A Poesia e o Livre Mercado”

do poeta mexicano Octavio Paz.

PARENTE, Lilian. *Desiderata*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 14/12/1992
BELFORT, Tania. *Dimensões*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 02/12/1992
ODA, Teruko. *Nos caminhos do haikai*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-Massao Ohno/Editores, 15/06/1993
CASTRO, Edgard Godoy de Almeida. *Máscaras*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/12/1996*
ZERÔNCIO, Águeda. *Uma linguagem para o imaginário*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/04/1998

*[contracapa, mais o seguinte poema:]

Mas a flor nasceu
Nasceu cheia de utopia
Utopia dos privilegiados
Utopia dos grandes heróis

IVO, Lêdo. O que é Poesia?

[orelhas]

O que é um poema? Todos nós sabemos que um poema resulta de um uso especial da linguagem. É uma linguagem engastada dentro do corpo geral ou coloquial da linguagem de todos os dias, e diferenciada da prosa literária. É como se as línguas nacionais sonhassem: esse sonho linguístico seria a Poesia. É como se as palavras participassem de uma festa: esse instante ou encontro festivo seria o poema.

Um poema é ao mesmo tempo verdade e mentira, rigor e desmedida, contenção e efusão, carência e exorbitância, magia e pesadelo, razão e desrazão. Com as suas convenções e transgressões que o tempo institucionaliza, é um sim e um não, e ainda um plácido talvez. É mito e desmito, rosa de inteligência, que desabrocha nas profundezas do ser e fala dos universos pessoais e coletivos que se situam além da razão e só se rendem à voz provida de ambiguidade.

Portador do poema irrepetível e insubstituível, o poeta tem a incumbência de oferecer ao leitor mais desatento o exercício de uma realidade que haverá de ser, sempre, uma prática individual, uma subjetividade tornada linguagem. Cumpre-lhe proclamar que o imaginário não é o antagonista do real, mas o seu sombrio ou luminoso irmão colaço. A lição de iluminação das coisas e dos seres, das paisagens e das emoções, constitui assim a ética e a estética do poema, que é leitura da vida e memória do mundo.

Cabe lembrar, ainda, que o poema é uma estrutura, um artefato verbal, uma magia produzida pela linguagem graças ao conúbio de sons e signos. Nele se associam, indestrinçavelmente, técnica e sentimento, ideia e emoção. Mas esses elementos subjetivos e culturais reclamam, para se exprimirem plena e adequadamente, uma forma específica, e se convertem nessa própria forma. Num poema, o conteúdo é a sua própria forma. Como as bailarinas, a poesia não tem um corpo: é o seu próprio corpo, o mistério da sua exatidão.

Lêdo Ivo

SIMON, Mauro. *O tempo todo*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 26/04/1993

[orelhas]

Parafraseando certo diplomata inglês (instado a definir numa só frase o comportamento do povo japonês), diria sobre Mauro Simon, o autor deste livro: um arrebatado companheiro que durante o dia trabalha até a exaustão total e durante a noite tenta viver até a exaustão total. De quebra, entre exaustão e outra, cultiva uma paixão singular: a leitura. E outra: escrever, mais outra: cavalos.

Diria que M.S. é um apaixonado ativo, *full time*, como o foram Bukowski, Hemingway, Fernando Pessoa, Ginsberg, Kerouac, Miller, Fante, Anaïs Nin, só para citar alguns de seus autores prediletos. Como eles, sofre da síndrome de Mallarmé, problema eterno e comum a todos os escritores: o repto da folha em branco. Decifra-me ou devoro-te.

Fala-se muito, de e sobre, pensa-se muito, porém, na hora de escrever, até L.V. Camões *dixit*: “Canção, não digas mais / E se teus versos / À poema vêm pequenos / Não queiram de ti mais / Que dirás menos”. Coisa é pensar, outra é realizar.

O Tempo Todo é obra verdadeira e repensada. Sua linguagem é despojada e direta, notadamente na prosa. Na parte poética M.S. permitiu-se certos frolilégios, que ninguém é de ferro. Sua leitura invita à reflexão, beirando ao encantatório. Assino em baixo.

Massao Ohno

MUÑOZ, Carlos Augusto. *O lorde*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/1993

[orelhas]

Esta é a história de “Lorde”, o mendigo, que junto com três amigos sobrevive na grande cidade industrial. O universo da tristeza, embriaguez e apatia da vida dos mendigos é mostrado pelo próprio personagem, que conta a sua história em meio a andanças e à luta pela comida e bebida de cada dia.

Como a maioria dos mendigos, “Lorde” é alcóolatra, desiludido e apático: “Bebo para continuar vivo e vivo por não estar morto.” Mas ao mesmo tempo ele é sensível à dor dos que vivem e sofrem como ele, à dor da humanidade sofredora, sensível à amizade e à solidariedade.

Muñoz consegue entrar com sua prosa no universo da tristeza, e lá no fundo encontra a esperança no personagem “Mendigo Escritor”, que divide a parte final da história com “Lorde”.

Miséria, dor, tristeza não são temas agradáveis para a novela de costumes, mas, repetindo Victor Hugo no prefácio de *Os Miseráveis*, “enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão de todo inúteis.”

Carlos Augusto Muñoz nasceu na cidade de São Paulo, em 1966, onde cresceu e vive até hoje. Começou a escrever poesia na adolescência, “por um acaso”, e prosa aos vinte e poucos anos. Estudou engenharia e filosofia, graduando-se engenheiro naval em 1990 pela USP. Tem um livro de poesias publicado – *Ondas no Asfalto*. *O Lorde* é seu primeiro romance.

O Editor

COSTA, Franz Rulli. *Porto Surubim*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/05/1993

[nota final]

O autor mora em Brasília desde 1965. É natural de Monte Alto, São Paulo e médico-sanitarista de formação. *Porto Surubim* encerra brilhantemente a trilogia iniciada com *Porto Inseguro* (1990) e seguida de *Porto das Damas* (1991), também editados por esta casa, fechando um círculo que abarca os mais diversos temas regionais, notadamente do Planalto Central. Uma leitura necessária.

Massao Ohno

RIBEIRO, Ésio Macedo. *E Lúcifer dá seu beijo*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/10/1993

Delícia de irreverência

De minha parte, nada a acrescentar ao discurso de Oscar D’Ambrósio, no prefácio deste livro de estreia de Ésio Macedo Ribeiro, nem tampouco ao de Jorge Mautner, ao seu final.

Saliento apenas o *touch* preciso e o *flavour* delicado que emanam de seus poemas, numa sucessão caleidoscópica, vertiginosa, sensualíssima.

Muito especial este livro. Prende o leitor de início a fim, ao contrário de certas obras enfadonhas que não incitam a uma leitura nutrida, nem convidam à reflexão.

A poesia, nos tempos atuais, tem de procurar novo *approach*, novos ângulos de clivagem, outra roupagem, para chegar ao consumidor, já de *per si* “desligado” ou voltado tão somente à consumeria desenfreada.

Para tanto, nada melhor do que um toque de irreverência inteligentemente dado, ou golpe de mestre.

É o que faz Ésio neste livro superelaborado, resgatando corações e mentes para a poesia. Formidável.

O Editor

[orelha, s/crédito]

Ésio Macedo Ribeiro nasceu em Frutal, Minas Gerais. É um aquariano de 30 anos, apaixonado por música, literatura e fotografia, artes das quais não abre mão. Cursa Letras, Tradutor/Intérprete na Universidade Paulista – UNIP. Vive em São Paulo desde 1980, cidade que adotou para si.

GONDIM, Cláudia. *Cronos: Memória e Paixão*.
São Paulo: Massao Ohno, 24/11/1993

[2ª orelha]

Rubem Braga que está no céu, abençoe este *Cronos* de Cláudia Gondim. Ela faz seu gênero, da mesma forma, aparentemente despretensiosa, de que, não quer nada com a perenidade, mas faz por merecê-la.

C.D.A. que também praticou a crônica de comentário, sorria, como da última vez em que o vi sorrindo, *chez* Plínio Doyle, para este *Cronos* de Cláudia, pois o gênero crônica é eterno e continua preenchendo o cotidiano das pessoas.

O encadeamento das crônicas de Cláudia – como num colar de pérolas, desde as menores até a maior – é perfeito, formando um todo maravilhoso.

Mas a pérola maior deste livro é sem dúvida a crônica *Sem Graça*. Quanta saudade sinto também de Ronoel, do Bertolozzi e do Otto de Araçari. Também lhes peço a bênção para este lançamento que, em homenagem – nossa e de todos os amigos do *Bar do Museu* – faremos aí acontecer.

Os leitores que me perdoem, pois lapelas de um livro não são lugar apropriado para descarrego emocional e sim para colocar as virtudes do autor/obra. Pelo que me redimo.

Finalmente, recomendo este livro, todo emoção e poesia, pois é ótimo.

Boa leitura.

O Editor

LÚCIA, Telma. *Levanta, meu povo.*
São Paulo: Massao Ohno Editor, 06/12/1993

[orelhas]

Telma Lúcia é sinônimo de determinação. Aliada à outras virtudes que a notabilizam – inteligência, caráter firme, disposição de luta em favor da população necessitada – tornam-na uma candidata natural para o pleito próximo, como deputada estadual.

Amigos, correligionários e admiradores não lhe faltam, como se pode comprovar já a partir do prefácio, muito explícito, de Aloísio Nunes Ferreira, homem e político da mais ilibada reputação e de uma capacidade de trabalho impressionante.

Imbuída da ideia de que o trato da *res publica* exige, além de nobreza de caráter, objetividade e espírito combativo, Telma Lúcia escancara, faz transparecer neste livro todo seu currículo, seu ideário – valores que a credenciam plenamente como postulante à Assembléia Legislativa Paulista.

Seu texto é direto, claro e em linguagem de fácil assimilação. As fotos, que emolduram o texto, falam por si só. A simpatia irradiante de Telma Lúcia e da coorte de seus amigos – um universo de artistas, políticos, empresários, homens de letras – cercam esta proposta de muita cordialidade e confiança.

Assino este texto mais na qualidade de seu amigo e admirador do que na condição de editor, convocando a todos para uma frente única a favor de Telma.

Massao Ohno

SAIGYŌ. *Poemas da cabana montanhosa*– seleção de poemas. COHEN, Nissim (trad.). São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-Massao Ohno/Editores, 20/12/1994

[orelha]

Sato Norikiyo (Saigyō) nasceu em 1118 (Período Heian¹) e faleceu em 1190, no início do Período Kamakura².

Durante nove séculos sua obra influenciou a literatura japonesa, notadamente a Bashō³, que o considerava sua fonte permanente de inspiração.

Sua obra permanece viva e atual pela crítica social que encerra e pelo seu conteúdo essencialmente poético.

Uma leitura que consideramos obrigatória para os estudiosos da língua e literatura japonesas.

Os Editores

¹ (794 a 1185)

² (1185 a 1333)

³ Matsuo Munefasa (Bashō) (1664 a 28 de novembro de 1694)

MATOS, Olímpio José Garcia. *O Natal no Sadoyle*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1994

[orelhas, s/crédito]

Reunião de poucos intelectuais, a princípio o Sadoyle ganhou, com o tempo, certa projeção mesmo fora do Rio, onde nasceu numa casa da Rua Barão de Jaguaripe.

“–Mas que história é essa de Sadoyle?” – indagará o leitor menos informado. Trata-se de uma confraria de pessoas de boa vontade, que todos os sábados se reúnem em determinado apartamento de Ipanema, para jogar conversa fora. Trocar figurinhas e comentar os acontecimentos (literários ou não) da semana. Não é um clube, nem um grêmio, nem um centro, e muito menos uma Academia sem *jeton* e sem fardão. Apenas um grupo de cidadãos que se encontram habitualmente, com o único interesse de cultivar aquele “suave convívio” a que se referia Andrade Murici.

Em crônica incluída neste volume, já se procurou estabelecer um elo entre as reuniões no apartamento de Plínio Doyle e as que em outros tempos se realizavam na casa de Álvaro Moreyra – o 99 da Xavier da Silveira – e na de Aníbal Machado – o 474 da Visconde de Pirajá.

Desaparecidos os “cafés sentados”, que faziam parte da paisagem do Rio de Janeiro, onde, “com escasso dinheiro e muita riqueza de tempo”, os intelectuais se encontravam e conversavam horas a fio, e transformadas em bancos ou em lanchonetes as últimas livrarias que eram outros pontos de encontro de escritores, o Sadoyle sobrevive como um espaço todo especial.

As reuniões tiveram início em 1964, e estão fazendo agora trinta anos. A partir de 1972, o dono da casa, a cada ano, passou a encomendar a um dos participantes a feitura de uma ata de Natal. Como disse Luís Vianna Filho, não podendo ir a Belém, os amigos se contentavam em ir, nessa data, ao Sadoyle.

Com isso surgiram excelentes textos natalinos, muitos deles redigidos por grandes escritores, alguns dos quais infelizmente já desaparecidos.

A coletânea que ora se divulga apresenta, em ordem cronológica, esses textos. Alguns deles são em verso; a maioria, em prosa. O calor de um poema de circunstância

sobre a luminosa dará da Cristandade cresce quando se sabe que é de autoria, por exemplo, de um poeta do porte e ressonância de Carlos Drummond de Andrade.

O *Natal do Sadoyle* é, por todos os títulos, uma obra singular. Revela, em si mesma, a altitude em que pairam as reuniões no apartamento de Plínio Doyle, frequentadas até hoje por intelectuais das mais diversas idades e tendências, originários de várias regiões do País.

Ao enfeixar em livro as atas de Natal ali produzidas, estamos certos de entregar ao público em volume destinado a aceitação e difusão muito amplas, não só pelo tema que versam os textos nele reunidos, mas também pelos nomes que os subscrevem.

LÚCIA, Telma, *Grito calado*. São Paulo:
SN Scala Gráfica-Massao Ohno/Editores, 18/09/2000

[bio, s/crédito]

Telma Lúcia, estudou Bioquímica, Comunicação Social, Arte Dramática e Ciência Política. Fez Teatro, TV e Cinema. Foi Líder Sindical/ Foi Comunista, Peemedebista e hoje é Peessedebista “Tucana”/Foi candidata a Vereadora, Deputada Estadual e Deputada Federal por São Paulo. É Paulista de coração. É Kardecista. Esse é seu terceiro livro. Esteve em todas as Lutas e Acontecimentos Democráticos do País, e, é definitivamente uma *Sonhadora Utópica*.

ROMERO, Leila. *Poemas para navegar*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1993

A thing of beauty
Is a joy forever.
Keats

Neste bem elaborado livro de estreia, Leila Romero debruça-se sobre o eterno tema do amor e da morte, feita memória.

Sugeriria, *a la* Guimarães Rosa, que “as pessoas não morrem, elas ficam encantadas”, o que, se não serve de consolo, ao menos justifica a proposta de imortalizar em versos o pacto de amor e vida plenamente vivida.

Ainda Rosa: “Toda saudade é uma forma de velhice” – esta, compreendida como reflexão e sabedoria. Ou: “Sábio não é quem sempre ensina, mas que de repente aprende”.

E Leila cedo aprendeu. Agora, munida de uma varinha encantada, tange os mais empedernidos corações com sua sabedoria feita versos, sonhos e projeções.

Garanto-lhes que se trata de uma leitura transformadora, vital, enriquecedora. A *joy forever*.

O Editor

PERON, Teresinha. *Pão & circo* (crônicas). São Paulo: Massao Ohno
Editor, 08/06/1993

[orelha]

Teresinha Peron Bueno, santaritense é autora de *Rés-do-chão*, livro de crônicas publicado em 1991.

Licenciada em Letras e Pedagogia, realizou cursos de pós-graduação em Literatura Brasileira e Portuguesa, Semiótica e Linguística.

O Editor

CASELLA, Paulo. *Ciclo de vida*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/05/1993

Ciclo da Vida, de Paulo Casella, é para ser lido ao crepúsculo, aquele momento mágico *satie-gymnopédie* que nos convida à reflexão - do dia que se foi, da noite que virá, e mais um dia e mais outra noite. Tudo compassado, certo, dentro de um tempo agrário, de plantios e colheitas nas lunações certas. Um ciclo de vida que a revolução industrial subverteu mas não de todo liquidou, “doces tempos/ tanto mais idealizados/ quanto mais longínquos”.

[2ª]

Incertezas, indagações afirmações - tudo que faz o universo de um poeta sensível - não seriam exatamente uma novidade; todo autor que se preza não dispensa cuidados para com o seu texto amado. Mas no caso deste livro o rigor da fatura, na lapidação da palavra, no *exact cut* dos versos, tudo sob um manto de leveza, tornam sua leitura uma fruição intelectual raramente encontrada, invitando-nos a pensar a condição humana neste difícil momento que atravessamos.

Poesia é isso: aceitação do “eu sou eu mais a minha circunstância”. Um gesto de carinho nos momentos difíceis, uma ajuda no instante do desespero, vida, ciclo.

O clima de alento/desencanto proposto por Casella foi muito bem captado pela sensibilidade do pintor-poeta Helenos, que enriquece sobremodo esta edição. À leitura, pois.

O Editor

GOGA, H. Masuda; HANDA, Francisco; SAITO, Roberto SENEGAL; Humberto. *Antologia do haikai latino-americano*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-Massao Ohno/Editores, 15/11/1993

[orelhas: Massao Ohno, não creditadas, mas é certo]

A história nos revela fatos por vezes singulares. As lacas, os charões, peças de porcelana chegados do Japão após a abertura dos portos – muito disputadas nos grandes centros europeus – eram embaladas com provas de ukiyo-ê descartadas. Esse refugio, estudado e admirado, resultaria mais tarde no movimento impressionista. Um feliz acaso, pois.

O artefato verbal haikai certamente entrou na Europa via diplomática e ganhou mundo. No Brasil atribuem-se a Afrânio Peixoto, Oldegar Vieira, Pedro Xisto, Jorge Fonseca Jr., Waldomiro Siqueira e Millôr Fernandes, entre outros, os primeiros trabalhos no gênero.

Noutra vertente, as histórias do haikai e da imigração japonesa para a América Latina caminham juntas – objeto de pesquisa do Grupo Haikai Ypê, dirigido por H. Masuda Goga. Literatos do porte de Octavio Paz, Jorge Luis Borges e Humberto Senegal incumbiram-se de difundi-lo universalmente.

Com esta Antologia, a Aliança Cultural Brasil-Japão prossegue o trabalho de registro do haikai, em escala ampla, para ulterior consulta por parte dos estudiosos.

MATSAS, George. *O espírito da floresta*. São Paulo:
Paulo Jacques-Massao Ohno/Editores, 15/08/1993

[orelhas]

What is that face
less clear and clearer

T.S. Eliot

Não é simples comentar a respeito de “O Espírito da Floresta” de George Matsas. Escrito ao longo de vários anos, o autor parece querer manter este pequeno livro envolto numa leve bruma, a fim de fundir a ficção e a realidade num uno indistinguível. O leitor é então convidado a penetrar em um mundo de serenidade, vida, morte, retorno, através dos *fragmentos* e *despertares* que vão compondo um mosaico harmonioso. Assim como afirma o próprio autor, *este texto foi concebido para ter o efeito de um crepúsculo, no qual a beleza do todo deve transcender a união de suas partes, e sua mensagem possa apenas ser clara ao coração.*

O Editor

ANJOS, Maria dos. *Portugal-Japão: mares navegados*. Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes/ Aliança Cultural Brasil-Japão, 22/11/1993.
[Coordenação editorial: Massao Ohno]

[Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal); Museu de Arte Brasileira (São Paulo, SP)]

[p. 105]

CAMINHOS DAS ARTES, DAS ONDAS, DO VENTO

Não vale a pena viver,
quando não seja o sol de NIPPON que nos aqueça.”
Wenceslau de Moraes

[p.107, s/ crédito]

A Terra tem a forma de uma circunferência. É um círculo, um cinto, um circo, um anel, um giro. É um traço que se encontra. “A Terra é azul”, afirmou Gagarin. É uma obra de arte. E se ela assim o é, o artista é o embaixador da Terra. “A antena da raça”, como dizia Pound. Para o artista não há fronteiras, divisas, governos, distâncias, idiomas.

Há 450 anos, os portugueses chegara, ao Japão. É este acontecimento que esta exposição de arte quer marcar. O encontro de dois povos distantes, hoje integrados. São Paulo, segunda maior cidade do mundo, abriga as maiores comunidades de portugueses e japoneses fora de seus respectivos países. Aqui eles formam segmentos importantes de uma sociedade que trabalha, que produz, que gera riquezas materiais destes dois povos, há 4 séculos e meio, é a realização de uma exposição de arte, com artistas portugueses, japoneses e seus descendentes que aqui vivem, trabalham e sonham.

Esta mostra reúne obras de 42 artistas. São apenas alguns dos muitos poucos que aqui poderiam estar. Mas os que aqui estão, estão em nome de todos. E com a crença de que, portugueses, japoneses ou descendentes, são artistas do mundo, que acreditam que a Terra toda é a sua Terra. E São Paulo, o seu ateliê. Estão aqui para mostrar o que mais gostam de fazer: Arte. E, mostrando uma gama de tendências artísticas muito rica e diversificada, se confraternizam entre si e com a sociedade.

“Pintor pinta” dizia Cândido Portinari, artista de poucas palavras e muito trabalho. Também Volpi, um dia, durante uma acalorada e longa discussão de artistas, falou: “Gente, por que não vamos todos para o ateliê trabalhar?”. Os expositores comparecem apenas com suas obras, não com seus currículos, que estabeleceriam relações de hierarquia. Elas falam por si só. A exposição fala por todos. Projeta em leque a criação, a vibração, a verdade poética, a alma de cada um. Afinal, como dizia Gandhi, “Toda verdadeira arte é uma expressão da alma”.

[p.17 a 103 imagens das obras dos pintores luso-brasileiros e nipo-brasileiros, p.104 branca; p.108 e 109 “Onda” de Hokusai em preto, rebaixado]

Ludmer, Paulo. *Línguaçodada*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 28/09/1994

[posfácio]

Minha pátria é a língua portuguesa
F. Pessoa

Vilipendiada, descultuada, neologizada – portanto humilhada e invadida – a língua permanece viva. Qual a nação brasileira. Pátria e língua, faces da mesma moeda.

Paulo Ludmer açula, açoda a língua – amante que é dos seis desvãos e mistérios, vórtices e abissais – desenfreadamente. Ora vigorosa, ora melíflua, aspereza de granito ou delicadeza de pétala, sua barca-liguagem navega o amniótico das turbulências entre platôs, selvas, relvas, pântanos, picos, anfractuosidades e vertentes. Língua: a mãe, a fêmea, fascinação e desencanto, espendor e sepultura, flor inculta e bela. Literatura: o maior desafio de todas as artes. Escritor: o inventor, mestre e diluidor de sua própria obra (Pound).

Instigante, seu texto marca a ferro e fundo. Não há como escaparse-lhe. Ludmer seria misógino não fosse guerreiro. Mergulha de topo no caldeirão linguístico, vai ao seu mais recôndito e constata – como Rosa – que a verdade se estabelece é no meio da travessia. Prossegue até mais não poder e torna com a luz de Miraceli, poema de carne e luz, em suas mãos (J. Lima).

Línguaçodada funde de modo lúbrico a língua e a mulher, oralidade e fascínio, razão e senso. Tudo se imbricando, arma-des-armando, permitindo plurissências interpretações, disseções, reconstruções e idiossincrásicas fruições.

De início Ludmer insinua uma concretude que se apressa em revolucionar. Regido pelo som e pela forma, sua matéria resulta enigmática na medida em que significados e significantes afloram simultânea e indestrinçavelmente num conúbio kreutzeriano – quando piano-violino fundem-se num só amplexo orgásmico pleno.

Criados em português, os poemas de *Línguaçodada*, quando proferidos, soam singularmente cristalino espanhol. Ludmer esmera-se no desnudamento deste *melting* ibérico, ao qual devota afeição e gosto.

A sua busca de precisão total procurou0a em Guimarães Rosa e em Dalton Trevisan. Lirismo, no poeta Manoel de Barros. Som, no argentino Girondo. Si mesmo, em Clarice Lispector. O outro, em Oswald de Andrade. Acumulação, em Adélia Prado. A respiração encontrou-a na judaidade do Povo da Escrituta. Conceitos extraiu-os de José Amálio Pinheiro. Vale dizer: o texto ludmeriano refere-se a várias das principais vertentes literárias brasileiras sem delas apoderar-se, contudo. Singularmente a obra resulta pessoalíssima, única, contundente e desfrutável. Solene.

Uma última, airosa citação, de quem tanto amou pátria-língua-mulher. Ao seu jeito.

Quero rever-te, pátria minha, e para
rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo.
Vi minha gumilhante morte cara a cara,
rasguei poemas, mulheres, horizontes.
Não te direi o nome, pátria minha,
teu nome é pátria amada, é patriazinha.
Não rima com mãe gentil.
Vives em mim como uma filha, que és.

Vinícius de Moraes

ODA, Teruko. *Relógio de Sol*.
São Paulo: Aliança Cultural Brasil Japão-Massao Ohno/ Editores,
15/07/1994

[orelhas]

Teruko Fujino Oda nasceu em Pereira Barreto, São Paulo. Formada em Estudos Sociais, trabalha como coordenadora de ensino numa instituição beneficente destinada a crianças carentes.

Alguns de seus haicais estão citados na Antologia *100 Haicaístas Brasileiros e As Quatro Estações*, publicadas em São Paulo e na Revista Literária *Azami – Haiku in English*, publicada em Osaka, Japão, traduzidos para o inglês por Clície M.A. Pontes.

Seus haicais também aparecem na Revista Portal, publicada mensalmente em São Paulo.

Participou do 5º e do 7º Encontro Brasileiro de Hai-Kai, obtendo a 2ª e 5ª colocação, e do Concurso de Haicai do Festival das Estrelas (tanabata Matsuri) em 1991 e 1992, obtendo a 2ª e a 1ª colocação.

Seu primeiro livro, *Nos Cmainhos do Haicai*, teve excelente aceitação de público e crítica. Com *Relógio de Sol*, a Autora firma-se definitivamente no cenário dos melhores haicaístas do país.

Pertence ao Grêmio Haicai Ipê.

Os Editores

YOSHIOKA, Reimei. *Por que migramos do e para o Japão*. São Paulo:
Massao Ohno Editor, 29/08/1995

[contracapa]

Neste livro o pesquisador procurou fixar-se no tema imigração japonesa para o Brasil, especificamente na formação do bairro das Alianças no município de Mirandópolis, no interior de São Paulo.

Ao iniciar o trabalho de coleta de dados, um fenômeno, até então despercebido, começa a tomar vulto entre os descendentes de japoneses radicados no Brasil e em alguns países da América do Sul: o decasségui. Era a ida dos nikkeis para o Japão a fim de serem contratados como trabalhadores temporários, em empresas japonesas, com remuneração bem superior àquela percebida no Brasil, movimento que trouxe e continua trazendo profundas alterações na vida individual e coletiva dos nikkeis, extrapolando o âmbito restrito de sua comunidade.

Nesse período, o pesquisador foi convidado para colaborar com a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa – Bunkyo – na montagem e no funcionamento do Centro de Informação e Orientação ao Dekassegui, que após seis meses, em outubro de 1992 foi transformado em Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE, sociedade civil sem fins lucrativos.

Este estudo, portanto, foi realizado por um observador-participante que vivenciou de perto a evolução desses acontecimentos. Considerou-se relevante estudar as diversas implicações decorrentes dessa evolução, visto que se trata de um processo acelerado, dinâmico e repleto de nuances não perceptíveis ao público em geral.

O intuito do pesquisador é, na medida do possível, verificar o que motivou as migrações e quais as semelhanças existentes quando comparadas àquela ocorrida há mais de 80 anos, posto que atualmente ocorrem em sentido oposto.

Os Editores

[orelhas, s/crédito]

Este livro procura mostrar as semelhanças e diferenças nos processos migratórios de japoneses e seus descendentes. Os primeiros, vindos do Japão para as fazendas de café do Estado de São Paulo e núcleos coloniais, no início do século. Os seus descendentes, nascidos no Brasil, hoje, fazem o caminho inverso, isto é, seguem para o Japão, constituindo-se nos modernos decasségus.

A pesquisa analisa, especificamente, a formação de um núcleo, o bairro das Alianças, no interior paulista, que apresentou uma peculiaridade dentre as diversas colonizações. Foi uma ocupação planejada e dirigida, no seu início, por uma entidade denominada Nippon Rikko Kai, de cunho religioso cristão.

Esse núcleo comemora, neste ano, 70 anos e muitas ideias preconizadas no passado são perceptíveis ainda hoje. Aliás, os portadores dessas características são elementos que têm maior facilidade na adaptação e aceitação no Japão.

O trabalho procura examinar o papel do Estado e do capital e a imbricação dessas entidades em detrimento do trabalhador.

Como última etapa, examina em detalhe o processo de aliciamento, recrutamento de mão-de-obra e o processo espoliador do capital em relação à força de trabalho. O processo empregado na exploração de trabalho é ainda injusto, não cumprindo a plena aplicação da legislação de proteção do trabalhador.

O pesquisador procura mostrar que, apesar de serem trabalhadores de mesma origem étnica, o processo espoliatório é típico de capitalismo selvagem em que, ao país fornecedor de mão-de-obra e a ele retornam os trabalhadores exauridos e sucateados, cuja saída preconizada é a universalização da aplicação das leis trabalhistas, arduamente conquistadas.

CANCELLO, Luiz A. G. *Dia-a-dia: Fragmentos*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 23/11/1995

[orelhas]

Luiz Cancelllo é um artesão da linguagem. Apresenta pessoas, lugares e coisas com que nos deparamos a cada minuto: um diálogo entre namorados, uma festa de aniversário de criança, recados deixados numa secretária eletrônica, desentendimentos de um casal de meia-idade, o drama da mãe desquitada frente ao comportamento dos filhos, a comemoração do Dia dos Pais. Vai trabalhando o tema para que, pouco a pouco, surjam os contornos de algo que já estava ali, mas só agora se mostra, insidioso, denunciando o absurdo, a beleza, a densidade psicológica do cotidiano. Discorrendo sobre os quadros de uma personagem, escreve: “Diante deles era necessário deixar-se ficar em contemplação, para que os detalhes emergissem da delicadeza dos traços. Só deste modo podiam aparecer as expressões marcadas das faces cravadas na aquarela, como um animal já evoluído que se ocultasse sob o caldo primordial.” Este trecho revela o espírito do próprio livro.

O estilo às vezes dá voltas, esmiúça uma descrição, para de repente tornar-se sintético e exato. Mas tal variação nunca se dá de modo gratuito. Através dela o tempo do conto varia sua velocidade, mostrando o espaço dos atores em pormenores ou em rápida visita. Esse recurso subverte a indiferença com que arrastamos o dia-a-dia, levando o leitor a pontos de vista inusitados, onde é convidado a enxergar o mundo com o olhar crítico do autor.

Psicólogo, músico e escritos, Cancelllo já publicou “O Fio das Palavras – em estudo de psicoterapia existencial”, pela Summus Editorial, além de diversos artigos em jornais e revistas. Estréia na literatura ficcional com esta obra que tenho o prazer de apresentar a vocês.

O Editor

GOTO, Tomekiti. *Como uma erva silvestre*. Tradução: Yoshio Yasuda.
São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor,
10/07/1995

[contracapa]

O imigrante é antes de tudo uma categoria social e histórica: é o processo de imigração que faz, que produz o imigrante. Entretanto, isso não elimina as diferenças individuais; há imigrantes e imigrantes...

Este livro permite ao leitor – principalmente aquele para quem, ainda, “japonês é tudo igual” – perceber que, se circunstâncias históricas e sociais possibilitam congregar e mesmo confundir os imigrantes nipônicos numa condição comum, há reações individuais que marcam atitudes, separam trajetórias, obrigam-nos a discernir os rostos na multidão.

Assim, por seu próprio caráter, autobiográfico, *Como uma erva silvestre*, oferece-nos a oportunidade de lançar um olhar ao interior de um mundo que o brasileiro, por desconhecimento, considera “fechado”: aí estão narrados com uma simplicidade a um tempo rústica e sutil, num estilo conciso e substantivo, os movimentos de alma, os desconfortos, comoções e contemporizações de um *issei*, isto é, de um autêntico japonês, nascido no mesmo ano em que se inicia a imigração ao Brasil.

E, por fim, a medida que se aprofunda na observação dessa “alma japonesa”, é possível que o leitor, não mais a veja como exótica ou estranha: em meio às suas singularidades, adivinhará um substrato comum o bastante para fazer desse japonês um homem como muitos outros, de qualquer nacionalidade – alguém que se impõe como tarefa voluntária, instintiva, tenaz, o assumir e suportar a vida, o viver como uma erva silvestre, teimosamente, humanamente.

[orelhas, s/ crédito]

Relato da vida de um imigrante, este livro pode ser perfeitamente tomado como parte de uma reconstituição histórica do processo de imigração. No entanto, por seu caráter propriamente autobiográfico, ele parece nos alertar igualmente para o fato de que, quando se fala em imigração, há sempre que distinguir entre o social e o individual, entre o que é experiência comum, passível de ser compartilhada e teorizada, e o que é trajetória particular ou singular, que pode ser apenas registrada, narrada.

Assim, este livro é instrutivo no sentido de mostrar, contrariamente ao estereótipo brincalhão, que os japoneses, embora possam guardar semelhanças aparentes, não são “todos iguais”. Ao dar relevo ao aspecto pessoal – sem entretanto descurar de suas relações com o social –, ele pode ser lido como um contraponto aos relatos em que avulta uma preocupação “antropológica”, que leva frequentemente o coletivo a predominar sobre o individual.

Por sua própria condição de viajante distante da família e, por certo, principalmente por efeito de sua personalidade, o autor desta narrativa autobiográfica se encontra, não raramente, como protagonista de fatos singulares: enquanto, por exemplo, os companheiros de viagem atiram para fora do trem a peça de mortadela recebida na hospedaria, ele a guarda e troca por bananas numa estação; e, orgulho maior, será ele o primeiro e único nipônico, apesar de sua pouca instrução, a montar uma fábrica de embalagens de polietileno na cidade de Campinas, SP.

Desse modo, o leitor que não possui nenhuma ascendência nipônica ou que vê ainda os japoneses como um povo exótico, tem neste livro um prato, senão farto, bastante consistente para saciar sua curiosidade. No mínimo, trata-se de um honesto convite à abertura: pois, se ainda hoje se ouve dizer que o japonês é “fechado”, aqui se tem a oportunidade de ver um deles abrir-se com franqueza, dando a público algo de sua intimidade, de sua psique, seu *eu* de imigrante.

Aliança Cultural Brasil-Japão/ Massao Ohno Editor

Real, Ano 1: o dia-a-dia do Plano Real.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/09/1995

Real, Ano 1 expõe em linguagem jornalística a concepção, as gestões e os resultados do Plano Real, desde os primórdios do Plano de Ação Imediata (meados de 1993), um ano antes da implantação da moeda. Além dessa retomada cronológica – quase um dia-a-dia – este livro reúne opiniões abalizadas de protagonistas e testemunhas dos acontecimentos, tanto dos doze meses anteriores quanto dos doze meses seguintes ao 1º de julho de 1994, quando o Brasil iniciou a sua primeira experiência bem sucedida e duradoura de estabilidade econômica dos últimos cinquenta anos.

Real, Ano 1 é leitura indispensável para quem pretenda manter-se informado sobre a atual situação econômica do país. Mais ainda para os jovens estudantes, de segundo grau e universitários, que se interrogam sobre as dificuldades e possibilidades futuras, num país pelno de problemas e perspectivas como o nosso.

Massao Ohno Editor

LEONARDOS, Roberto *Alguma andança.*
São Paulo: Massao Ohno Editor, 15/09/1995

[2ª orelha, s/ crédito]

Roberto Barreto Leonardos é engenheiro, militando no setor de papel há mais de quarenta anos.

Nascido em Copacabana, mais tarde radicado em São Paulo, viveu entre as duas cidades.

Carioca de coração, de onde vem seu humor e pose, e paulista por gosto e adoção, de onde vem sua competência, curtiu suas andanças pelo mundo, impostas por sua atividade em comércio exterior.

Sua linguagem, neste *Alguma Andança*, é direta e franca, escrevendo com quem fala, coloquialmente, o que é “uma grande virtude”, segundo Mauro Salles, seu colega dos tempos de ginásio no Rio.

O Autor muito prezaria saber das opiniões dos leitores sobre este ser livro de estréia, mesmo que coincidam com a de Cláudia, sua filha, na apresentação inicial.

CUNHA, Ayres. *Ponto de Partida*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996

Verba volant, scripta manent

Os artigos do deputado Ayres da Cunha (publicados em vários jornais brasileiros, a partir de 1994) nos oferecem alguns caminhos estimulantes para a compreensão do problema. Partindo naturalmente da análise dos fatos concretos para depois chegar à teoria, o Autor acaba por desdobrar uma série de questões de máxima importância para quem pretende compreender as forças que movimentam este complexo e fascinante mundo social chamado Brasil. Analisando, intervindo e propondo soluções para problemas que vão da saúde pública ao comportamento social, Ayres da Cunha traça um amplo painel da vida nacional, que inclui desde as relações possíveis entre Estado e iniciativa privada, até questionamentos a respeito da ética na política, do sistema de organização partidária, da situação da saúde, da qualidade de vida e do amadurecimento da cidadania.

Empenhado em contribuir positivamente na discussão dos grandes temas nacionais, Ayres da Cunha usa sua experiência de homem público para investigar este amplo leque de temas, onde ouvimos não apenas a voz do empresário e do político, mas também a voz do cidadão preocupado com os rumos de seu país e de sua gente. Através dos artigos, o deputado acaba por refletir sobre questões que superam os próprios temas, em si, mas que são inerentes a eles: as relações entre política e cidadania (afinal, não deve ser o político, antes de tudo, um cidadão que trabalha em favor de outros?); os fundamentos básicos da vida social e o papel das instituições reguladoras, como a justiça; os instrumentos éticos na busca do “bem comum”, do qual falava Aristóteles, etc.

Ao final deste conjunto de textos, o leitor certamente terá reforçado a ideia de que, apesar da crise, é justo, legítimo e necessário empenhar-se na defesa do grande contrato social que garante a cidadania a partir da responsabilidade de cada cidadão em particular, esteja ele exercendo ou não o poder.

Dado que, pela própria natureza, o homem não tem outra escolha senão a de organizar-se em sociedade, estes artigos nos apontam que a virtude do político está em

exercer o poder em nome do que é justo, não apenas para si mas para a coletividade que ele representa. Com sua crítica lúcida sobre os poemas brasileiros, o deputado Ayres da Cunha nos oferece um bom exemplo de que o bem comum pode ser alcançado em nosso país, desde que o exercício do poder não seja desvirtuado.

O Editor

MORAES, Ivan Wrigg. *3 x 4* (poesia).
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/06/1996

[orelhas]

Ivan Wrigg Moraes publicou seu primeiro livro em 1974 (Cemitério Geral). Uma das considerações sobre o livro lhe dá o codinome de “Máquina Fotográfica que Sangra”.

Um retrato, uma luz, um poeta. É deste livro a poesia:

ESTORVO

“Sai da frente,
esperança,
você não me deixa enxergar direito!”

Em 1979, Ivan publica *Casa de Pássaros*, onde se encontra:

ABRACADABRA

“A liberdade é um passe de mágica:
respire.”

[2ª orelha]

Em *Caminho do Meio*, seu terceiro livro (1991):

LIVRE ARBÍTRIO

“A maré é que comprova
a força do remador
mas é ele quem decide
se vai contra ou a favor.”

3x4, portanto, já vem sendo escrito, em seus 3 e 4 versos, há muito tempo. Como muito bem observa o insigne Moacir C. Lopes na abertura do livro “Ivan Wrigg de Moraes é um desses mágicos da palavra e do verso (...). Seus poemas são autônomos como forma, estilo e conteúdo.” Ao que acrescentaríamos: plenos de sutileza e vigor criativo. *O Editor*

ANNUNZIATA, Mauisa. *Virações*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/12/1996

[contracapa]

Nasceu mulher. Amor, desamor, quatro filhos a fizeram árvore.

“VIRAÇÕES” são poemas colhidos a tempo, nas estações do corpo. Brotados da infinita capacidade de transformação, mortes e renascimentos que a vida é.

Tudo começa na fusão da sensibilidade e do aprofundamento, no caldo das palavras, das imagens, das experiências pessoais, dos lugares, da liga com a natureza de que se é parte. Como árvore ou peixe-pássaro.

Mauisa Annunziata é orientadora educacional no 2º grau, psicopedagoga, professora universitária da FAAP.

Massao Ohno Editor

LIMA, Diógenes da Cunha. *Livro das Respostas*
(Face ao Libro de Las Preguntas de Pablo Neruda).
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996

[Apresentação do autor páginas 213 e 214]

Diógenes da Cunha Lima, nascido em Nova cruz-RN, em 1937, tem vitoriosa carreira no magistério e na advocacia. Preside atualmente a Academia Norte-riograndense de Letras.

Foi Promotor de Justiça, concursado Juiz de Direito, Procurador da Prefeitura de Natal, Professor de Direito Comercial da UFRN. Desta Universidade foi Reitor quando presidiu o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, tendo sido então chamado por Gilberto Freyre de o *Reitor da Cultura*.

Estreou em poesia aos 31 anos de idade, com *Lua 4 vezes Sol*, livro de um poeta com perfeito domínio do verso. No mesmo ano de estréia, 1968, publicou *Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz*, pesquisa sobre a vida afetiva e literária do grande folclorista natalense, de quem Diógenes foi aluno e com quem conviveu cerca de 20 anos.

Com *Instrumento Dúctil*, 1975, Diógenes da Cunha Lima retoma a sua incursão poética. São versos elaborados, rigor formal, poemas que buscam a apreensão do universo em poucos versos, vãos elegíacos como esse:

Livre o meu coração das
angústias
Porque os amigos estão
morrendo
Todos, um a um. Fica somente
Um silêncio denso, bem presente.

Entre os seus segundo e terceiro livros de poemas, Diógenes publica cinco ensaios sobre a universidade brasileira. Publica ainda *O Homem que Pintava Cavalos Azuis*, uma biografia de Djalma Marinho. Apresentando o livro, Afonso Arinos de Melo Franco afirma que Diógenes Cunha Lima tem atividade e autoridades culturais conhecidas e reconhecidas no seu Estado, no Brasil e nos círculos universitários americanos.

Corpo Breve, seu terceiro volume de poesia, é de 1980. Vinte poemas desse livro foram traduzidos para o francês, por Bernard Alléguède, sob o título *Tendesse/Poèmes d'un Amour Tourmenté* (Edition Sopaic, Charleville).

Seguem-se *Natal, Poemas e Cancões* (1982) e *Poemas Versos Prelúdios* (1983), este último inspirado nos prelúdios do maestro e compositor Oriano de Almeida. O escritor Ivan Maciel de Andrade viu nesses poemas um refinado sabor proustiano e um agreste sabor da literatura oral. “Há um feliz equilíbrio – escreve Ivan Maciel – desses dois ingredientes responsáveis pela construção dos poemas, em forma de contraponto, do qual são extraídos belos e surpreendentes efeitos poéticos.”

Os Pássaros da Memória, de 1994, é saudado por Gilberto Mendonça Teles: “os poemas são pequenos pássaros ou traços de emoção (recolhidos na tranquilidade, diria Wordsworth) voando nas páginas que estamos lendo”. Gilberto retrata o autor como uma das figuras mais expressivas da poesia nordestina.

O Editor

FERRARINI, Flávio Luis. *A Captura das Águas*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1996

[contracapa, s/crédito]

Flávio Luis Ferrarini, 35, Flores da Cunha, RS, vem sistematicamente ampliando a sua já extensa bibliografia. Mereceu de José Paulo Paes, insigne lumiar de nossa literatura e crítico perspicaz, um excelente-elogioso artigo (O Estado de São Paulo, 27/04/91) no qual observa que os minutos interioranos do Autor valem bem horas inteiras de muito poeta de cidade grande. Rigor e método são qualidade essenciais na propositura de uma carreira literária. Estilo, fluência, requisitos básicos para a estruturação de uma Obra que se pretenda universal, perene. Disto se apercebe o mais displicente ao percorrer *A Captura das Águas* que temos o privilégio de editar e que faremos circular nos diversos círculos literários deste país continental, que sabe até no exterior. O processo de consolidação de uma obra demanda tempo e perseverança. Requisitos de que dispõe sobejamente o Autor que ora apresentamos.

CARDOSO, Neusa. *Cantigas de amor, sem escárnio e maldizer*. São Paulo: Massao Ohno Editor, outono de 1996

[final]

Massao não desiste

Fosse este um país sério e alguém, alguma entidade, a Academia Brasileira de Letras, por exemplo, já teria providenciado uma homenagem ao cidadão Massao Ohno, em reconhecimento por aquilo que ele, a fundo perdido, tem feito pela poesia nacional.

Cidadão paulistano, 53 anos de idade, viúvo, pai de quatro filhos, Massao tem por profissão as artes gráficas; mas é como editor de livros que ele vem prestando seus melhores serviços à cultura brasileira. Num cantinho em sua velha casa de fundos, na região paulistana dos Jardins, esse tranquilo descendente de imigrantes japoneses mantém há um quarto de século uma editora semi-artesanal que já colocou em algumas selecionadas livrarias do país cerca de 450 lançamentos, quase todos de poesia – entre eles, dez com assinatura de Hilda Hilst. A autora é por sinal um dos orgulhos do editor, que a considera “a maior poeta viva do país, no nível de Cecília Meireles, se bem que em outra linha.”

Com tiragem máxima de 1 mil exemplares, os lançamentos de Massao Ohno são possíveis porque o editor canaliza para eles 15% do que ganha em seu estúdio de artes gráficas, onde executa projetos mais comerciais – por exemplo, um dicionário japonês-português encomendado pela Fundação Cultural Japão. Das rebarbas materiais e industriais desses projetos muitas vezes se pode tirar um livro de poesia. Tudo sem maiores formalidades, mesmo porque a editora sequer chega a ser uma pessoa jurídica autônoma – é um braço secundário do estúdio de Massao.

“Sempre que é possível”, ele conta, “os autores participam dos custos da edição. Nos outros casos, a gente dá um jeito.”

Entre os editados de Massao Ohno há nomes hoje estabelecidos, como Marly de Oliveira, Olga Savary, Renata Pallotini e Walmyr Ayala, além de Hilda Hilst, muitos deles tendo construído sua reputação literária justamente através dos bem cuidados lançamentos de Massao Ohno. No momento ele prepara uma coletânea de poetas cariocas, a sair em abril, com versos, entre outros, de Affonso Romano de Sant'Anna, Olga Savary e as atrizes Cássia Kiss e Cláudia Alencar. É sempre Massao, guiado por seu faro poético e por indicações de amigos, que, seleciona os nomes. Só não se animou, até agora, a editar sua própria produção poética, parte da qual destruiu num momento de desencanto nos anos 70. “Ainda é muito cedo para mostrar esses versos, não quero cometer essa imprudência”, diz Massao humildemente. Ele acredita que a poesia lírica, confessional, “À medida que você vive, aquilo passa a ser apenas um vestígio do que você foi”, acha Massao Ohno (H.W.)

Nota: Essa matéria foi parcialmente transcrita do JORNAL DO BRASIL, edição de 17 de fevereiro de 1990 e inserida neste livro por Neusa Cardoso.

VON KOSS, Monika. *Hera: Um poder feminino*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997

[orelhas, s/crédito]

Qual é o papel da mulher no mundo? Do que ela precisa, para exercer seu poder pessoal? Em que imagem ela pode se inspirar? Buscando respostas a estas questões, Monika von Koss refaz, neste livro, a trajetória da deusa grega Hera, que no panteão olímpico ficou reduzida a esposa irada e ciumenta do poderoso Zeus. Uma nova leitura dos mitos desta deusa recoloca o poder feminino como uma alternativa para as mulheres modernas, inspirado nos nossos antepassados remotos.

A subordinação das mulheres e dos valores femininos é a tônica da cultura patriarcal que tem prevalecido nos cinco milênios de nossa história. Temos a impressão de que sempre foi assim, baseados na crença de que esta é uma condição “natural”. Determinada sexualmente. Contudo, estudos em diversas áreas do conhecimento têm-nos relevado culturas que se organizavam em torno de uma divindade feminina, sociedades pré-históricas, nas quais os valores femininos eram centrais e que viveram pacificamente e em harmonia com a natureza por muitos milênios.

Questionar a natural submissão e inferioridade da mulher e recuperar a valorização dos poderes femininos é de vital importância para encontrarmos um novo equilíbrio nas relações entre mulheres e homens em especial, e entre todos os seres em geral. Hera- Um Poder Feminino pode nos auxiliar nesta tarefa.

MARÉS GONZÁLEZ, Judith Domingues. *Véspera*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/04/1997

[contracapa]

Nascida na cidade do Rio de Janeiro, onde se licenciou em Letras Neolatinas (PUC) e em Letras Clássicas (UERJ), Judith Domingues Marés González coordena a disciplina Língua Portuguesa (do pré-escolar à 8ª série) e é Supervisora da Coordenação de Apoio Técnico no Centro Educacional Niterói.

Foi coordenadora pedagógica e professora de Língua Portuguesa também no magistério público estadual (Rio de Janeiro).

Frequentou cursos de Linguística e Psicolinguística no exterior (França).

Tem sido agraciada, ao longo dos últimos anos, com diversos prêmios literários.

Publicou, em antologias, poemas e contos, mas **Véspera** é seu primeiro livro solo.

Massao Ohno Editor

LUTTI, Leyde Zorovich Ribeiro. *Síssi: A Menina Iluminada*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997

[orelhas]

Seria aparentemente um livro sobre as tribulações e vivências de uma lépida menina, criada aos moldes de uma aristocracia rural, em bons tempos ainda de convivência afável, de um bucolismo ovidiano e prazenteiro.

No entanto, alerte-se o leitor, o fenômeno Vida e seus desdobramentos: - concepção, geração, nascimento, desarmolo, apogeu, maturidade, senilidade, encantamento - para além de físicas e matemáticas que o nosso vão conhecimento possa abranger. Portanto, hay que sensibilizarmo-nos sob pena de total anulação.

A aceitação da imutabilidade da Natureza, de sua acenstralidade e devir, estão presentes nesse livro de Leyde Zorovich Ribeiro Lutti. Confira, não seja incrédulo, caro leitor. Coisas fantásticas acontecem a cada átimo, sem que nos percebamos, vão desperdício. Estejamos atentos, sensíveis, e seremos plenos.

A Vida é finalidade em si, não meio ou circunstância. Portanto, não pode ser vilipendiada. Tem de ser prestigiada ao máximo, cantada por todos os poetas em e por todo o Mundo. Benditos os sensíveis, os artistas criadores que renovam a cada momento uma realidade que não se condiz.

Este o sentido mágico e maior deste livro que irá sensibilizar os mais pétreos corações, assim creio.

M.O.

SANTA MARIA, Eduardo Bueno de. *Estros em Prosa*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 22/08/1998

[orelhas]

Fazer boa poesia, coisa que valha mesmo: *that's the question*. A palavra exata na construção perfeita, na cadência certa. Corpo do poema: coisa híbrida, metade terra, com o rasgo de genialidade entre as duas órbitas (parafraseando J. Lima). Ou o *exact cut* dos poemas de J. Donne. E teremos a beleza que, no entender de Eduardo Bueno – autor deste surpreendente “Estros em Prosa” – é a proporção em seu ponto de equilíbrio (resta saber se equilíbrio instável, estável ou indiferente).

O leitor (essa espécie em extinção), meio entediado e *blagueurs* das obras de estréia – comumente plena de lugares-comuns, poemas ocos de *hollow poets*, que não acrescentam nada ao seu *nihil, rien de rien*, mais pobres de espírito do que de bolso, tertulianos incapazes de assimilarem bons conselhos – levará um susto à leitura destes *Estros*. É poesia pura, 21 quilates à flor da terra. Nada de concessões. Muito rigor, ordem, conduzindo à criação generosa, tão prazerosa (Pe. Vieira). Ou, citando Savary: “o rigor da ordem sobre o ardor da chama”. Porque chamas há, e muitas, contidas pela redoma do discernimento, do cálculo preciso e confrontador. Plenitude & Arte. Tudo o que pode alcançar um vero artista, convicto do seu instrumento.

Para finalizar, sobra o recado: estamos diante de um Poeta & suas geniais bagatelas. Aleluia.

Sejamos breves, pois são 5:13h da madrugada de 14/8/98, em São Paulo, *and the Devil will come and Faustus will be damned*, e eu não quero perder este espetáculo.

M.O.

Inverno de 1998

SCLIAR-CABRAL. Leonor. *De Senectute Erotica*. Versão: Marie-Hélène C. Torres. São Paulo: Massao Ohno Editor, 25/03/1998

Em *Senectute Erotica*, Leonor Scliar-Cabral atinge a plenitude de sua produção poética, abordando corajosamente em tema talvez tabu, se considerarmos que o alvo é a mulher.

Na realidade, a maior parte das odes versa sobre como a sociedade tem estigmatizado a possibilidade de um espaço aberto à mulher que, ao ter acumulado um saber provindo da percepção de si própria em sua relação com o outro e com o mundo, reivindica o direito a usufruir deste saber e de compartilhá-lo, como na ode “Ilusão perceptual”:

“Faz de conta que os anos não passaram

E a vulva tem aroma de jasmims”

É, pois, na dinâmica entre este espaço negado e conquistado que as odes se desenvolvem, revelando através da lírica uma voz coletiva quase nunca enunciada.

Continuam, no texto de Leonor, a sobressair as qualidades assinaladas pela crítica em outras obras publicadas, a musicalidade e um lirismo que nos remete ao *Cântico dos Cânticos* e à poesia sefardita da península ibérica, da qual é especialista: o tema das sefirot e a busca da décima esfera reaparecem nas odes. Mas a paisagem marinha da Ilha de Santa Catarina é uma constante:

“O mar é leite morno derramado da eterna fonte que jamais se esgota”

ou em:

“Nuvens de chumbo pendem sobre a baía à espreita”

ou neste *flash*:

“Um barco ao longe em meio à tempestade,

Na réstia única de um sol que incide,”

Cabe ressaltar, ainda, o nível excepcional da tradução para o francês, realizada por Marie-Hélène Torres, com revisão de Rosa Alice Mosimann e releitura por Noêmia Guimarães Soares: não só a métrica e as figuras foram preservadas como, graças ao fato de que Leonor acompanhou *pari passu* o trabalho de tradução, foram possíveis recriações que enriquecem, sem dúvida, o texto original.

Como editor de outro livro de Leonor Scliar-Cabral – *Romances e Canções Sefarditas, (Séc. XV ao XX)* – é com satisfação que entrego ao público de língua portuguesa esta obra de rara sensibilidade.

O Editor

ECHAIME, Leila. *Poemas do Encantado*. São Paulo: Massao Ohno
Editor, 10/06/1998

[Posfácio composto por um ou dois parágrafos sobre a autora por Renata Pallotini, Idelma Ribeiro de Faria, Jorge Medauar, Samuel Penido, Claudio Willer e Juvenal Neto (este uma página que também está presente em Flauta Silente; organizados por Massao, ao final o seu]

[final]

Não faltarão outros estudos sobre a poética de Leila Echaime e seu itinerário. Cabe-nos ressaltar, todavia, que *Poemas do Encantado* não encerra e, sim, inicia um novo ciclo de trabalhos de uma autora zelosa, empenhada em dar de si o máximo que a sua arte-ofício possa deslindar.

O Editor

Maio de 1998

OLIVEIRA, Teresa Cristina Meireles de. *Cantares de Marília*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 13/05/1998

[orelha]

Ouvir o canto de Marília, ecoando pelas vertentes e vales das Gerais, – eis a original proposta de Teresa Cristina Meireles de Oliveira sobre as liras de Tomás Antônio Gonzaga.

Não bastassem a lhaneza no tratamento temático e a elegância do discurso, a construção do enredo de *Cantares de Marília* é um autêntico fio de Ariadne a nos conduzir pelos labirintos das tramas e sedições inconfidentes.

Importa, nesta obra, o deslumbramento diante da leitura: a sua invenção, o seu labor poético– fina ourivesaria tecida por Marília-Teresa. Leitura obrigatória.

O Editor

PÉRES, Vera. *Loucura e transcendência: da Ignorância à Luz*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/10/1998

[orelhas]

Este livro de Vera Péres relata a história de um inconsciente soberano que devagar, lentamente, através de um processo psicológico pessoal/transpessoal e espiritual, vai se tornando consciente.

É um trabalho que deve ser encarado cientificamente, por se tratar de um processo interno. É também a construção de uma relação de ajuda.

“É como ir devagar lentamente, me apresentando a mim mesma, conhecendo quem eu pensava que era e indo mais profundamente, declara a autora.

É a dança das máscaras e dos papéis, numa verdadeira representação para os outros, para a sociedade. “Desgastar o ego, para mim, foi um trabalho muito doloroso, em que tive de começar a liberar a criança e o louco internos, sempre a voz do sábio interno repetindo: – Tudo está certo. Não há nada com que se preocupar. Confie!”

A edição de *Loucura e Transcendência*” (Da Ignorância à Luz) pretende-se uma ajuda para a Humanidade, tão carente da descoberta de seus valores primordiais, levando mais e mais pessoas a despertarem para a sua realidade interna. Esta a pretensão maior de Vera Péres ao decidir-se pela edição do livro.

Dados sobre a autora, suas propostas e respostas estão contidas no decorrer do livro. Qualquer comentário construtivo será recebido com muita satisfação, por parte de autora e do editor.

M.O.

Outubro de 1998

LUDMER, Paulo. *Outrarias*. São Paulo: Massao Ohno Editor,
20/12/1998

[orelhas]

Desde 1995, “Escrever é arrumar palavras”, repete-se toda quarta-feira à noite, na oficina literária que o coordenador, poeta e crítico Carlos Felipe Moisés chama de *Ash Wednesday Team* (o time do fim da quarta-feira). Nela se nutre nosso autor, Paulo Ludmer, que nos anos 90 começou a participar de oficinas diversas com os mestres Samir Meserani, Ana Salles, Erson Oliveira e José Amálio, eméritos professores de literatura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ludmer, paulistano de 1944, filho de imigrantes judeus fugidos do nazismo entre as duas guerras mundiais, “arrumava palavras” desde o início da adolescência, no Colégio Estadual de São Paulo. Publicou, ao longo das décadas, esparsos (e poucos) textos avulsos em jornais, revistas e coletâneas. Abandonou sua profissão de engenheiro tornando-se jornalista, a partir dos anos 70, por que queria aprender a escrever para um público maior, tendo por bússola fazer literatura.

Linguaçodada (Massao Ohno) só surgiu em novembro de 1994, quando o autor somava 50anos. A estréia oferecia o requinte de uma longa e penosa investigação na escrita, caracterizada por um duelo (de principiante) entre o hermetismo culto e o sacrifício estético em busca do leitor; entre o uso de uma mitologia particular e símbolos acessíveis a toda gente; entre o virtuosismo de Guimarães Rosa e/ou Manoel de Barros e a discrição fenomenal de Machado de Assis.

Outrarias aparece exatos cinco anos depois. É um livro coroado pela evolução derivada dos embates de Linguaçodada. Vale dizer, Outrarias reconhece que a escolha de palavras resulta de uma guerra intestina, que Ludmer executa mais uma vez com surpresa concisão e rigor. Avança na clareza sem diluir o estranhamento.

Prospera na precisão sem sacrifício da beleza. Reduz a exibição do trato com a língua sem concessão à rarefação da cultura.

Paulo Ludmer nos oferece mais um livro memorável, com sobrevida importante para a língua portuguesa, atingindo com singularidade o amor e a banalidade; a filosofia e o cotidiano; a crise do tempo e da memória; do dentro e do fora. Este livro concilia misticismo com sensualidade, fúria e rigor. Nele, inteligência e poesia não se agriem.

Outrarias permanece para ser lido, reaberto e revisitado para sempre. Jamais será apenas mais um livro na prateleira. A cada leitura, reabre múltiplas perspectivas instigantes para sentir e pensar.

O Editor

[s/crédito]

Paulo Ludmer é Engenheiro, professor, jornalista Músico e artista plástico Psicodramatista. Obras publicadas (...)

LIMA, Diógenes da Cunha. *A Memória das Cores*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 26/04/1999

[s/crédito]

Biografia

Diógenes da Cunha Lima é poeta, mas não em tempo integral. Além do exercício da advocacia, preside atualmente a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e é Cônsul Honorário do Chile em Natal. Foi Secretário de Estado da Educação e Cultura, Reitor da UFRN, presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Consultor Geral dos Estado do Rio Grande do Norte.

Além de ensaios sobre a universidade brasileira e de estudos jurídicos. Diógenes publicou os seguintes livros:

Lua Quatro Vezes de Massa (19730

Câmara Cascudo, em Brasileiro Feliz

1ª ed (1968)

2ª Ed. (1993)

Tradição e cultura de Massa (1973)

Instrumento Dúctil (1975)

Corpo Breve (1980)

Tendresse – Poèmes d'un Amour Tourmenté (1982)

Natal Poemas e Canções (1982)

Poemas Versus Prelúdios (1983)

Perfis Parlamentares – Djalma Marinho (1987)

Os Pássaros da Memória (1994)

O Livro das Respostas (1996)

A crítica tem sido estimulante ao autor. Estamos satisfeitos com esta nova publicação.

Massao Ohno Editor

HILST, Hilda. *Do Amor*. São Paulo: Massao Ohno Estúdio-Edith Arnhold/Editores. 30/03/99

[final, bio, s/crédito]

Hilda Hilst nasceu em Jaú, São Paulo, aos 21 de abril de 1930. Fez os primeiros estudos como interna no Colégio Santa Marcelina em São Paulo. Depois cursou o clássico no Instituto Mackenzie. Em 1948, entrou para a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (largo São Francisco) formando-se em 1952.

Poeta, dramaturga e ficcionista, Hilda Hilst escreve há quase cinquenta anos, sendo considerada pela crítica uma das maiores escritoras brasileiras deste século. Ganhou os mais importantes prêmios literários do país. Participa, desde 1982, do Programa de Artista Residente, da Universidade Estadual de Campinas.

Seu arquivo foi comprado pelo Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos de Linguagem, IEL, Unicamp, em 1995, estando aberto a pesquisadores do mundo inteiro.

Alguns de seus textos foram traduzidos para o francês, inglês, espanhol e italiano. Em março de 1997, seus textos *Com os meus olhos de cão* e *A obscena senhora D* foram publicados pela Ed. Gallimard, com o título *L'Obscène Madame D (suivi de) Le chien*, tradução de Maryvonne Lapouge, que também traduziu *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Atualmente, a escritora prepara a sua Obra Reunida (1950-1999)

SBRAGIA, Lourenço. *Olhar do retrovisor*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 10/04/1999

[orelhas]

Lourenço Sbragia Neto nasceu em São Paulo, Vila Mariana, em 22 de agosto de 1962, formou-se médico pela FMRP-USP, onde completou sua formação como pediatra em 1987. Em 1988, mudou-se para Campinas-SP, onde continuou sua formação, agora como cirurgião pediátrico, na FCM-UNICAMP até completar seu doutoramento.

Hoje, Lourenço Sbragia Neto dedica-se integralmente à universidade no desenvolvimento da cirurgia neonatal e à poesia. Atualmente é professor de cirurgia pediátrica na mesma instituição e escreve poesia há 20 anos. *Olhar do Retrovisor* é o seu livro de estréia e vem prefaciado pelo poeta Carlos Vogt.

O Editor

[contracapa]

Livro de poemas? Ensaios? Fragmentos autobiográficos de um poeta e artista literário que, desde a sua *estréia deslumbrante* (como caracterizou Mário de Andrade), se destaca pelo sentimento e afirmação de sua personalidade e a proclamação de sua singularidade e diferença? *Olhar do Retrovisor* é um livro híbrido, um horizonte desdobrável. A sua organização é regida pelas acumulações e montagens, e por um princípio estético que recusa a existência de fronteiras nítidas entre a poesia e a prosa. Para Lourenço Sbragia, as portas da imaginação estão sempre abertas, e o universo da criação poética é ao mesmo tempo o universo da ordem e da desordem, da razão e da desrazão, da ambiguidade e da plurissignificação linguísticas.

Massao Ohno Editor

CESTAC, Veronica. *Neste Verão*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/05/1999

[orelhas]

Certamente uma estréia auspiciosa a deste livro de Veronica Cestac – “Neste Verão”.

De um rigor formal surpreendente em livro inicial, Veronica alcança níveis de expressivo lirismo, sem resvalar para o lugar comum, evidenciando um estilo todo próprio e seduzindo logo de início o leitor mais recalcitrante e mesmo pouco afeito às coisas da poesia.

“Por mais que as situações sejam difíceis, haverá sempre a chance de uma solução inesperada, desde que se acredite nela firmemente”, afirma a autora.

Os momentos que ora atravessamos não estão difíceis – estão quase impossíveis para as artes plásticas, literatura e demais. Mas a determinação vence barreiras e “é preciso nunca desesperar-se diante dessas circunstâncias” – este o *quid quorum demonstrandum* de Veronica Cestac.

Leiam, pois, com atenção “Neste Verão”, opinem, comuniquem-se com a autora que assim, tenho certeza, se sentirá estimulada a prosseguir em sua carreira literária.

O Editor

ALLEGRO, Djalma, *Retomada*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/09/1999

[orelhas, s/ crédito]

Djalma Allegro (1938) nasceu de fato, em Bebedouro, de direito, em Viradouro, mas era mesmo de Terra Roxa (tudo no estado de São Paulo). Poeta de profissão, nas horas vagas foi jornalista, ator de teatro e televisão e então advogado trabalhista, *hobby* que lhe toma muito tempo. Ativo poeta dos anos 60, quando se desenvolvia em São Paulo os descontraídos movimentos literários da Catequese Poética, com Lindolf Bell, Álvaro Alves de Faria, Carlos Soulier do Amaral, e jovens poetas esparsos: Carlos Felipe Moisés, Roberto Piva, Cláudio Willer, Roberto Biccelli entre tantos outros. Formava a ala dos poetas da Academia dos Treze, da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, ao lado de Alberto Beuttenmüller, Gilberto de Pierro, com os quais publicou *Ciranda*, em 1963. Participou de algumas antologias, shows literários em televisão e universidades, mas sua obra maior ficou mesmo pelas gavetas, que agora foram abertas, após 40 anos de gestação.

WIS, Luciana. *vIDa*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/11/1999

[orelha]

Luciana Wis nasceu em São Paulo, capital. Formou-se em publicidade pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e em Psicologia pela FMU. Após cursar pós-graduação, assumiu a psicanálise, atividade que exerce profissionalmente há dez anos, em consultório próprio.

Fascinada pela mente humana e por seus mistérios, Luciana transformou suas impressões a respeito da existência, do amor e da própria “existência do amor”, em poemas cuidadosamente garimpados no estuário da alma.

Emoção e encantamento é o que sentimos à primeira leitura dos poemas de Luciana Wis, na mesma linha dos livros de Adélia Prado, Mário Quintana e Cora Coralina.

Perspicácia, humor e ironia fazem de *vIDA* uma leitura agradável, acessível mesmo a leitores neófitos no gênero. Uma grata surpresa.

M.O.

LEIRNER, Giselda. *A filha de Kafka*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999

[orelhas]

Interpelada por mim, Sheila Leirner, renomada crítica de arte, curadora internacional de instituições ligadas às artes plásticas e também filha da autora deste “A Filha de Kafka” disse: “Giselda escreve como pinta”.

Nada mais conciso, direto. Como a sua pintura, a narrativa de Giselda Leirner define os personagens com pinceladas fortes, sem meios-tons, os fundos carregados de camadas sobre camadas de um *fatalisme* trágico-solene, espada de Dâmoçles sobre as nossas cabeças de fim de milênio.

Em verdade, trata-se de um conto único, um personagem-eixo com desdobramentos. O duplo é artifício de ver e ver-se, criticar e ser criticado, no que a Autora mostrou-se hábil e extremamente lúcida, coisas de escritor experimentado, conhecedor de métier.

O *kaleidos* de seus contos nos conduz a deslumbrantes imagens de um mesmo mote: a falibilidade da condição humana perante o tempo imutável da História. E dentro dela as oscilações dos personagens, da miséria à grandeza, da mesquinharia à generosidade, do grotesco ao arabesco.

Belo jogo de cena, marcantes personagens, estupenda urdidura–trama–ação. Um livro extremamente elaborado, conclamando a uma leitura aprofundada. Uma estréia que tardava. E muito.

M.O.

LUDMER, Paulo. *Alcinhas*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 30/09/2001

[precede o sumário, chamado de *Ordem do Livro*]

Breve Aposto

De Paulo Ludmer pode-se dizer que seus dias foram imanentes como imagens que brotaram de pinturas abstratas. Palavras o conduziram como curvas guias em florestas e mares, justamente de onde fluem naturezas.

Assim, *Alcinhas* aflora numa estrutura composta por *Linguaçodada* (Massao Ohno, 1994) e *Outrarias* (Massao Ohno, 1999). Alinha o que eram pontos e amplia, com toda certeza, o imaginário.

Alcinhas age mesmo como um porta seios. Suspende o conjunto da trilogia, suporta, une e remete ao sistêmico antes fragmentado nos autos de Ludmer, agregando índices e dando unidade a palavras por ele escolhidas e arrumadas.

Por outro lado, *Alcinhas* se dedica a contingências, a prodigiosas flutuações da fortuna e do amor. *Alcinhas* se associa aos bíblicos Salmos de Saul buscando jumentos esparsos e ao divino acaso de seu encontro com Samuel.

O texto demanda o rapto admirativo e passionai de humores. O teor fabula afetos e engenhos, acréscimos e supressões. Poliniza fé, coragem, reputação. Seduz destinatários quando cumprida sua visão e missão. Trafegando entre profano e prosaico, cuida de demolir conformidades.

O Editor

MELLO, Donaldo. *Véspera de Azul*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 2002

[orelhas]

Porque sempre viu assim. Nas formas, no amor, no labor, na vida enfim. Só poeticamente se pode viver, já dizia o nosso Fernando Pessoa. Azul-otimismo, suave, de amanhecer e de poente, prelúdio e fuga, a vida *pinto di blu*, a terra azul, de céu de brigadeiro, *lápiz-lázuli*, azul mediterrâneo, matiz de céu-mar-infinito. Azul *blues*, um suave sax ecoando pelos nonadas do ocaso.

Deixando de abstrações, o quadro impressionista que a poesia de Donaldo Mello revela é de um otimismo beirando ao tocante: (...) *Tudo flui. Suave. Pacífico estado eterno* (...). Ainda no seu entender: *Há duas palavras/ que a poesia não consegue separar:/ ver e só*. Como na indissolúvel sonata schumaniana que ele exercita com Inês Sarmet, a suprema ilustradora deste livro *princeps*.

Única coisa de que discordo. Bastante pragmático sou, a ponto de sugerir fosse o título “Antevéspera de azul”, já que as circunstâncias ainda são pressagas, não renunciando tempos de bonança. Aziagos dias vivemos.

Aliás, em algum momento, o próprio autor se questiona sobre o tudo azul no poema “Mensagem”: *Uma ilusão feita de cinzas,/que de cinzas faz-se esperanças*.

2002 será todo azul Donaldo. Tomara.

Massao Ohno

SALMERÓN, Sonia L. *Saudade Cidade*.
São Paulo: Massao Ohno Editor, 20/11/2003

[orelhas]

A autora, Sonia Langfeld Salmeron, é médica psicanalista. Além de Psicanálise sempre teve especial interesse pela literatura e pelas artes plásticas.

Nasceu em 1925 em Santa Luzia de Carangola, Minas Gerais, onde passou os primeiros dez anos de sua infância. Diplomou-se em 1953 pela Faculdade de Medicina da ex-Universidade do Brasil (atual UFRJ), no Rio de Janeiro, seguindo para a Inglaterra, com seu esposo e um pequeno filho.

Iniciou a carreira profissional como pesquisadora em Imunologia no Departamento de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Manchester, numa linha de trabalhos que já seguia no Instituto Oswaldo Cruz quando estudante. De Manchester mudou-se para Genebra, na Suíça.

O interesse pela Psicanálise que guardava em si há tempos, levou-a a abandonar a pesquisa em Imunologia e a se converter à Psiquiatria. Em Genebra fez a formação de psicanalista na Sociedade Suíça de Psicanálise e aí exerceu a clínica de Psicanálise durante vários anos.

Em 1963 mudou-se para Brasília com sua família, já com três filhos, tendo sido a primeira psicanalista da nova capital.

Em Brasília, Sonia Salmeron foi uma participante ativa da vida cultural da cidade, que começava a se desenvolver sob a grande influência da recém criada Universidade de Brasília, e mantinha contato com profissionais de campos os mais diversos que organizavam os seus Departamentos.

Brasília, a cidade da esperança, marcou a sua vida. Foi obrigada a deixá-la, devido às convulsões políticas oriundas do regime ditatorial que se instalou na década de 60, e mudou-se para Paris, onde exerce a Psicanálise. Durante 30 anos manteve funções de

ensino e de clínica na “Association de Santé Mentale du XIIIème Arrondissement de Paris”.

Tem mantido através dos anos laços estreitos com o Brasil. Mas a “perda” de Brasília, como costuma dizer, foi irrecuperável. O presente livro, que apresenta como uma carta, foi gerado durante os primeiros anos de exílio e vivido como um hino à cidade que ficou em sua memória.

Somente agora, 35 anos mais tarde, resolveu dar à publicação o que escreveu em Paris, e, 1968.

O Editor

Fonseca, Ana Luíza. *Luas de papel*.
São Paulo: Massao Ohno, 30/07/2004

NOTA INTRODUTÓRIA

“From time immemorial the art of keeping
diaries”... “The readers will find in my diary a random
collection of what I have seen on the road,
views somehow remaining in my heart”...
Matsuo Basho
(1644-1694)
(in “The Narrow Road to the Deep North”)

Ana Luíza Fonseca tem a anteceder-lhe a figura de seu pai, presente em praticamente todo este “Luas de Papel”

Não chore, meu pai
Toda partida
tem um ponto de retorno.

e também a lendária figura de Oldegar Vieira, o introdutor do haikai no Brasil na década quarenta, autor de “O Poeta”:

Amigo da Lua,
um poeta apagaria
as luzes da rua.*

que aqui fica dedicado a Ana Líza, a seu pai e a todos os autores e leitores destes brasis, que assim coloca:

Luar na estrada.
Alva opção
da Via-Láctea.

A discussão sobre forma/conteúdo e a possibilidade de um haikai genuinamente brasileiro – a meu ver não leva a nada. Não há como “traduzir”, adaptar ou assumir algo tão sutil e próprio de uma cultura muito diferenciada da nossa. Não basta que tenham 17 sílabas, acentos na 3ª, 7ª, 14ª sílabas. Um mesmo haikai pode ser interpretado de *n* formas diferentes e traduzir múltiplas significações. Assim sendo, caberia título num haikai, como este, de Guilherme de Almeida, o “Infância”:

Um gosto de amora
comida de sol. A vida
chamava-se “Agora”.**

Eu, como leitor e pesquisador, gostei destas “Luas de Papel”. Como editor estendo aos leitores a possibilidade de uma ampla fruição desta proposta ímpar de Ana Luíza Fonseca que vaticina:

Não se morre.
A vida
torna-se casulo.

Importante é, pois, encarar este inovador trabalho como um novo gênero literário, minuciosamente cuidado, tecido e elaborado fibra a fibra, ponto a ponto, de extrema perfeição. Leiam e verão. Depois, escrevam-nos dando suas opiniões, o que, desde já e antecipadamente, agradecemos.

O Editor

*in “Folhas de Chá: de Oldegar Vieira, livro dedicado a Afrânio Peixoto, Bahia, 1976.

**in “100 Haicaístas Brasileiros”, edição Aliança Cultural Brasil-Japão/Massao Ohno, 1990.

SEABRA, Carlos. *Haicais e que tais*. São Paulo: Massao Ohno Editor,
10/10/2005

Se há versos brancos deverá haver “haicais brancos” onde métrica, acentuação e rimas não precisarão necessariamente ser seguidas à risca. Apenas o espírito, o momento poético deverá existir para que subsista o poema.

Gostaria que todos usufruíssem deste livro de Carlos Seabra.

Para finalizar, cito de Kenzan um haikai que bem o define:

Num grupo de salgueiros
Há sempre um
Que o vento não balança

Este *um* é Carlos Seabra.

Massao Ohno

Centenário da imigração japonesa no Brasil,
1908-2008. São Paulo: Editora Escala, 2008
(Direção: Massao Ohno)

[inicial]

UMA PALAVRA

O que mais ressalta nesta véspera do aniversário do Centenário da Imigração Japonesa, simbolizada pela chegada ao porto de Santos do *Kasato Maru*, foi a imediata adesão das entidades privadas e públicas parabenizando a colônia e descendentes pela data.

Assim, muitos brancos, empresas de variados níveis e afazeres, órgãos públicos, o pequeno lojista, o feirante humilde, institutos de arte, a comunidade em geral e em particular saúdam essa data e não poupam palavras de louvor e carinho para tal efeméride.

Nada disso passa despercebido ou é gratuito. Há um grau de simpatia e respeito que esta comunidade angariou ao longo da caminhada, seja nas escolas, no trabalho, no cotidiano comum ou desgastante ou diante de graves fatalidades. “Homo sum, nihil humanum me alienum puto”^{*} poderia ser o lema desta colônia. Que conheço relativamente bem, pois sou nissei, tenho 72 anos, quatro filhos e sete netos.

Como editor, contribuí com parcela de esforço, aliado a órgãos culturais como a Aliança Cultural Brasil-Japão, Fundação Japão, na difusão da arte e cultura japonesas, razão pela qual me sinto à vontade para dissertar sobre fatos como o presente.

Como todos, espero ver o andar da carruagem, o que está sendo planejado, o que de fato irá acontecer. Muita coisa irá se suceder, inclusive a vinda de sua Alteza Imperial, Príncipe Herdeiro Naruhito fato incomum e de grande significação diante do rígido protocolo japonês.

Inúmeras prefeituras comemoram o acontecimento instalando esculturas, inaugurando logradouros e preparando comemorações locais com grande entusiasmo.

Fato de se ressaltar a grande Exposição Homenagem que está sendo promovida pelo Instituto Tomie Ohtake, sendo que o primeiro de três turnos já foi inaugurado, com grande pompa no dia 20 de maio de 2008 – curadoria de Paulo Herkenhoff e Roberto Okinaka. Comparecimento obrigatório.

Saudações e o muito obrigado de

Massao Ohno

*sou humano, não posso me esquecer de nada que é do homem

SILVEIRA, Marisa Sarmiento da. *Ramalhete de Haikais*. São Paulo:
Massao Ohno Editor, primavera de 2008

[p.13 e 14]

É necessário que se forme uma
sociedade justa, dentro de uma ordem
econômica onde capital e trabalho se
harmonizem e progridam juntos. Só
assim haverá paz no mundo.
Brasil e Japão têm grandes possibilidades de alcançar esse objetivo.
Ryu Mizuno

Dentre as inúmeras festividades que certamente ocorrerão, ao ensejo das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa ao Brasil, em 2008, quero aludir ao fenômeno Haikai como forma literária já assimilada, pesquisada e praticada no Brasil, mérito que de forma inequívoca cabe a Nempuku Sato, seu discípulo Masuda Goga, seus amigos, Guilherme de Almeida, Jorge Fonseca Jr. E praticantes, muitos, de todo o país.

Peço excusas por não mencionar as centenas de poetas, amigos e estudiosos da Arte do Haikai e correlatos mas, creiam – todos – estão no meu coração.

Dos vários livros a que estou me dedicando, atualmente, um me tocou em especial – este RAMALHETE DE HAIKAIS de Marisa Sarmiento da Silveira. É com este livro que iniciarei a série de edições comemorativas do faustoso Centenário.

Seja pelo apuro do trabalho da autora, que tem em Bashô o seu inspirador e mestre-maior, estou certo de que o trabalho será muito bem recebido, dada a riqueza de detalhes e perfeição no trato com os versos.

Opiniões e sugestões serão muito bem recebidas desde que encaminhadas ao endereço constante nos créditos ou diretamente à autora.

Ajudar a difundir a boa literatura é um dever de cidadania.

Finalizamos com Mario Quintana”

“Amar é mudar a alma de casa.”

Grato, o M.O

[p.15]

Basta um momento de Poesia
Para nos dar
A Eternidade inteira
Mario Quintana

De minha parte e com anuência da Autora, quero dedicar este trabalho ao insigne Professor Doutor Yukio Moriguchi que, ao lado de seu filho Doutor Emílio, vem desempenhando – segundo consta em excelente artigo* – um belo trabalho em geriatria de Pós-Graduação da PUC-RS.

Exemplos como o seu me incentivam a continuar no meu ofício editorial por mais um bom tempo. Muito obrigado pelo incentivo, estava precisando mesmo. Considere-me seu admirador,

Massao Ohno

[final, p. 52 e p. 53]

UMA PALAVRA FINAL

Escrever é ver
Arriscar sentir sofrer
Vencer ou perder

Em minha carreira, já quase cinquentenária, poucas vezes me deparei com pessoas tão convictas, obstinadas, obcecadas mesmo por objetivos determinados como Marisa Silveira.

O resultado não poderia ser outro. O produto final – *Ramalhete de Flores* – é uma obra acabada, perfeita, extremamente rica nos menores detalhes para gáudio de uma platéia observadora e sensível.

Pensamento vem
Fogo-fátuo, vertigem
Não caia, escreva!

Sua convicção e firmeza de propósito colocam-na no mesmo nível de Guilherme de Almeida, Pedro Xisto, Carlos Nejar, Oldegar Vieira, Alice Ruiz, Quintana, para citar

apenas alguns nomes que vem à baila no momento. Helena Kolody, Lêdo Ivo, Olga Savary, Osório Dutra, Leminski, Veríssimo.

Escrever dói
Escrever é sentir dor
Sem se perturbar

Não nos enganaríamos se afirmássemos que, de todas as formas de expressão da arte e cultura japonesas- ikebana, sumiê, origami, cha-no-yu, artes marciais esportivas, culinária, religião e outras mais- sem dúvida é predominantemente o haikai como a pátria de maior amplitude e aceitação na sociedade brasileira.

Ler, escrever e
Ler, ler, ler, ler ler, ler, ler
Escrever, reler...

Triste ou boa sina, diga-me o leitor, mas é assim que se forjam os grandes escritores em todo o mundo. Afinal, não seria o gênio uma questão de paciência?

Escrever
Pesar o pesar
Pensar o pensar

Para concluir, sinto-me privilegiado em ser o escolhido para esta singular edição, que muito me enaltece e justifica.

Haikai vive
Em cada partícula
Desvende-o

Muito importante a citação dos mestres Kurosawa e Tarkowski, não bastasse o preito ao mestre-bananeira Bashô. Quero ressaltar que os sete haikais aqui citados me acompanharam durante toda a feitura.

Sei nada
Minha oakavra tudo
Tenho nada.

Seu sempre admirador, Massao Ohno

RESGATAR os Olhos da Descoberta. In: Tide Hellmeister: Design Gráfico. São Paulo: SESC, 1994.

[impresso na ocasião da exposição *Obras Públicas* de Tide, de 23/06 a 24/07/1994, no SESC Pompéia, São Paulo]

[pág.8]

1964 a 1994

O que amas de verdade
permanece, o resto é escória
O que amas de verdade não te será arrancado
O que amas de verdade é tua
herança verdadeira

Ezra Pound

(em “Cantares”, tradução de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos. Editora Hucitec/Editora Universidade de Brasília)

Quem ouve Massao Ohno falar sobre o panorama do país nos últimos 30 anos escuta uma inconfundível voz da década de 60, que precisa ser urgentemente resgatada no que ofereceu de melhor à História: a generosidade, a ética, a integridade.

Esta voz pode ser reconhecida em qualquer parte do mundo e sempre dirá que o que acontece no Casaquistão lhe interessa tanto quanto o que se passa no Negromonte ou nas barrancas do rio São Francisco.

Desta voz, se ouvirão sempre histórias de amor pela arte em geral, pelo livre debate de ideias, pelas experiências de vanguarda em todas as áreas. Pois trata-se de uma voz apaixonada.

Ela te dirá que nada foi em vão. Todos os desvarios, todo o desbunde, todas as derrotas, todas as conquistas, toda a coragem, todo o medo. Porque experimentou de

coração aberto o dizer de um de seus poetas mais caros: tudo vale a pena se a alma não é pequena. E se a voz for de um fazedor de livros brasileiro; um visionário descobridor de talentos literários, plásticos, gráficos (com quem, diga-se, o Tide trabalhou no começo de sua carreira e a quem muito quer bem); que atravessou estas três décadas contribuindo para aumentar a beleza de sua aldeia, essa voz te dirá tudo isso e ainda mais: que este país amado pode se reconstruir, se cada um de nós tiver consciência do seu valor, do seu trabalho, de sua função social. Principalmente os artistas, eles devem manter essa consciência acesa; que estamos à beira do maior caos, mas também da maior maravilha que o novo milênio será florescente para a sensibilidade do homem e, portanto, para as artes. Evoé!

[de Massao Ohno]

Em fins da década de 50, começo de 60, havia uma efervescência muito grande, tanto na área de música quanto de artes plásticas. Na literatura, estudava-se de tudo. Na *beat generation*, o maior destaque era Allen Ginsberg e seus companheiros, que influenciaram muito a literatura de então no Brasil. Era uma época de grande efervescência cultural, tomada de posição política. Debatia-se muita política. Houve o célebre episódio da rua Maria Antônia, em São Paulo, a guerra entre a Filosofia da USP e o Mackenzie. Isso indicava que havia posições assumidas e gente muito decidida a levar bandeiras, tanto de um lado quanto de outro. Isso é muito saudável. É dessa troca de opiniões e de sopapos que se estabelece a verdade.

Quando comecei, praticamente todo o pessoal da pesada na área de artes plásticas estava junto. A comunicação era muito mais fácil. Havia uma consciência de que a gente deveria circular, trocar ideias, as pessoas se frequentavam muito mais. Lia-se muito.

Descobriu-se Fernando Pessoa e tantos outros. Muitos se firmaram como poetas e, mesmo os que hoje se dedicam a outras atividades, têm uma simpatia muito grande pela literatura. São pessoas hoje entre 50 e 65 anos.

Havia uma comunhão muito grande, coisa que não se nota hoje em dia, porque o individualismo está muito atroz, as pessoas pensando somente em si e no seu consumo.

Tudo era descoberta. Havia olhos de descoberta. As pessoas se interessavam muito, coisa que foi substituída hoje por olhos de descaso, de indiferença, de individualismo. As pessoas estão mais preocupadas em comprar um carro zero do que em ler Neruda, Lorca, seja lá quem for. Eu acho que cada pessoa pode ter os seus devaneios de consumo, mas não pode esquecer a outra parte, porque senão se embrutece. E uma pessoa embrutecida e uma pessoa anulada, para mim são a mesma coisa. As pessoas não emitem mais opiniões, não recebem sugestões e há uma estase emocional, criativa. São simples espectadores globais e consumidores ferozes.

1964 é um divisor de águas. Sem entrar no mérito da questão, se o marechal Castello Branco tinha ou não a intenção de moralizar, colocar o país nos eixos, digamos que ele tenha tido essa vontade. Na virada da década de 60, depois da morte de Castello Branco, a questão militar recrudescceu e creio que foi nesse exato momento que se rompeu o interesse pela convivência litero-artístico-musical e as pessoas passaram ferozmente a adotar fórmulas de consumo. Nesse período, o que mais se avantajou no Brasil, no campo das artes, foi a ponte estabelecida por duas criaturas às quais o Brasil deve muito de sua integridade: Chico Buarque e Milton Nascimento.

Nos anos 80, a situação começou a se abrir, mas a mentalidade era diferente. Já havia uma geração despreparada para assumir uma certa liderança. Houve um fosso cultural. E muita coisa está sendo retomada agora. Tenho notado que há uma curiosidade muito grande em se pesquisar o que foram as décadas de 50 e 60, o que pode ser transportado até hoje, perto da virada do milênio. Essa pesquisa é muito importante, há uma nova geração interessada em saber o que houve.

Creio que tudo aponta, inclusive no Brasil, para um ressurgimento natural das artes, da sensibilidade brasileira. Creio que teremos um início de milênio bastante florescente. Difícil foi conservar a própria integridade física e de cabeça até agora. Essa travessia foi terrível.

O ofício editorial implica arte e indústria. É um trabalho programado e dirigido, uma coisa inapartável da outra. A gente tem de criar com pressupostos mais ou menos

rígidos de aproveitamento técnico daquele trabalho. Mas isso não limita, pelo contrário, estimula.

E, se não há grandes invenções nessa área, é porque o interesse pelo livro caiu muito no decorrer das décadas de 70 e 80. Vai voltar, mas caiu muito.

Um período de obscurantismo, aliado a crises internas e externas. Hoje, a criminalidade inibe as pessoas de saírem. Então, elas ficam arredias às coisas do contato social, de dialogar. As pessoas se ensimesmaram.

Todo o país dorme
com as mãos no coldre
e os nervos no despertador
Pálpebras tremem como panos ao vento do deserto
: o medo não dorme.
Nem dorme a ida de nossos tempos

Akemi Waki
Aldeia de Arcozelo
Massao Ohno Editor, 1988

O Brasil está num estado de economia de guerra e pós-guerra, sem uma guerra declarada.

A situação social é a própria guerra. Um gueto social irrecuperável. Uma grande parcela da população não teve os nutrientes necessários para se desenvolver. Então, são anões mentais, subdesenvolvidos fisicamente, sem a menor chance de serem educados

Com todos os desmandos, tudo isso dá um quadro de terra arrasada, sem ter sido arrasada, mas como se tivesse sido. Este é o caos em que a gente vive e tem que atentar para coisas de produção, coisas culturais, mas sempre com o olho nesse social, que está aterrador.

O Brasil está equipado para produzir em escala tanto quanto os países do Primeiro Mundo, mas não tem o mesmo consumo, pelo despreparo da população.

As editoras, as gráficas, estão equipadas para uma produção em larga escala, que baratearia imensamente o custo unitário. No entanto, as tiragens estão se restringindo vertiginosamente. O que está havendo é um desinteresse pela leitura. Acho a facilidade do vídeo uma arma incrível, mas ele cria uma espécie de preguiça intelectual. Porque ler, de qualquer forma, é um esforço. Então, as pessoas preferem apertar o botão, sentar à frente

de uma telinha e ficar recebendo informação, numa posição passiva. Isso também implica problemas outros, de saturação demográfica, transporte, locomoção ao trabalho, achatamento salarial, que afastam – a não ser nos casos de obrigatoriedade de compras de livros – cada vez mais o consumidor das livrarias e bibliotecas. Uma situação de total descalabro. Mas o fenômeno da queda do livro como objeto de consumo tende a se dar no mundo inteiro. O acesso à informação é tão incrível que as pessoas cada vez mais se distanciam do livro. Poderia se dizer: então, é preciso criar novas formas de atrativo para esse produto, que não vai acabar nunca. Veja o cinema, que teve uma queda grande depois da massificação da TV. Mas deu um salto qualitativo, se firmou de um lado como hiperespetáculo e de outro como cinema de arte. São ambos procurados. Acho que uma coisa não anula a outra. É só reciclar. E o livro enquanto proposta está fugindo muito disso.

Sou um fazedor de livros, mas estou absolutamente ligado a todas as outras formas de expressão: artes plásticas, música, isso tudo me interessa.

Estou nesse metiê porque gosto muito dele como proposta. E acho que temos de estar atentos a tudo. O que acontece no Casaquistão me interessa. Uma barbaridade que acontece em qualquer lugar me fere tanto quanto se tivesse sido ao meu lado. Essa é uma antenação para tudo o que ocorra de bom e de horroroso. Estamos entrando numa época de preocupação ampla. O que ocorre na Macedônia, no Negromonte, me interessa tanto quanto o que acontece nos EUA, no Japão. Avançamos maravilhosamente de um lado e retrocedemos furiosamente na área social. Eu creio que a informática pode resgatar esse desnível tão grande. Ainda será uma arma pedagógica, didática, as pessoas podem ter uma complementação de formação escolar dentro de suas casas, através de programas inteligentemente dirigidos. Acho que estamos à beira da maior maravilha e do maior caos. É evidente que há grandes mudanças cíclicas, mas eu sou muito otimista. Basicamente otimista. Eu acredito em uma cultura de massas, sim. Mas gostaria que os artistas sentissem a responsabilidade de cada um deles no exercício de sua profissão. Têm que entender que as pessoas são muito carentes e não basta informar, é preciso formar. Num

universo mais reduzido, é a função do editor. Esta é uma *positio*, que eu acredito, a maioria das pessoas de boa vontade assume. Agora, chega um momento em que você quase desiste de tudo, vai pensar em si mesmo. Mas essa posição é muito individualista e leva a suscitar da outra parte uma reação cada vez mais violenta. A função do artista é sempre manter essa consciência acesa nos circundantes, alertar as pessoas para a nobreza de suas respectivas funções, dignificando em cada uma delas a atividade que elas exercem. Assim, a gente pode tornar esse mundo um pouco melhor.

[olho]

Devaneio ao crepúsculo

Pois é, meu caro. Como diria Drummond, “o primeiro amor passou, o segundo amor passou... et la vie continue”. Trinta anos se passaram e tudo ficou mais caótico. Tivemos que criar técnicas mais sofisticadas de sobrevivência, perder a ternura sem endurecer, aprender a dissimular sem mentir, a responder com perguntas, a proferir sem nenhum eco em resposta. Somos os mistificadores do caos. Que os deuses nos poupem. Somos uma hipótese sem tese. Indemonstráveis, portanto.

Bretch aconselhava: “Quando tudo estiver perdido, monte um bar”. Os bares proliferaram e disso nada resultou. Os bêbados é que mudaram. Não se faz mais ébrios como antigamente, sociais, brilhantes, abertos. A bebida, de dionisiaca passou a apolínea. E nada pior do que um etilista frio, individualista, calculista.

Músicos, poetas, pintores, artistas, no geral e no particular, insurgi-vos! O mundo não é apenas um vasto circo de variedades, de consumo frenético. Viver é um ato prodigioso, uma dádiva a ser desfrutada, segundo a segundo, até a finitude. À la Lispector: “Haverá um dia, em que haverá um mês, em que haverá uma semana, em que haverá um dia, em que haverá uma hora, em que haverá um minuto, em que haverá um segundo, e dentro do segundo haverá o não tempo sagrado da morte transfigurada”. Vida.

Noves fora, zero.

Reiniciaremos tudo novamente?

(De Massao Ohno para Tide Hellmeister, outono de 1994)